

INSTITUTO TRAPACA

ESCOLA DE LADRÕES

J. J. ARCANJO

Rocco
DIGITAL

J. J. ARCANJO

INSTITUTO TRAPACA



ESCOLA DE LADRÕES

Tradução de Rachel Agavino

Rocco
DIGITAL

Para meu avô, que leu cada palavra de todas
as histórias que já escrevi.



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e dois

Capítulo Vinte e três

Capítulo Vinte e quatro

Capítulo Vinte e cinco

Capítulo Vinte e seis

Capítulo Vinte e sete

Capítulo Vinte e oito

Capítulo Vinte e nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e um

Capítulo Trinta e dois

Capítulo Trinta e três

Capítulo Trinta e quatro

Capítulo Trinta e cinco

Capítulo Trinta e seis

Capítulo Trinta e sete

Capítulo Trinta e oito

Capítulo Trinta e nove

Capítulo Quarenta

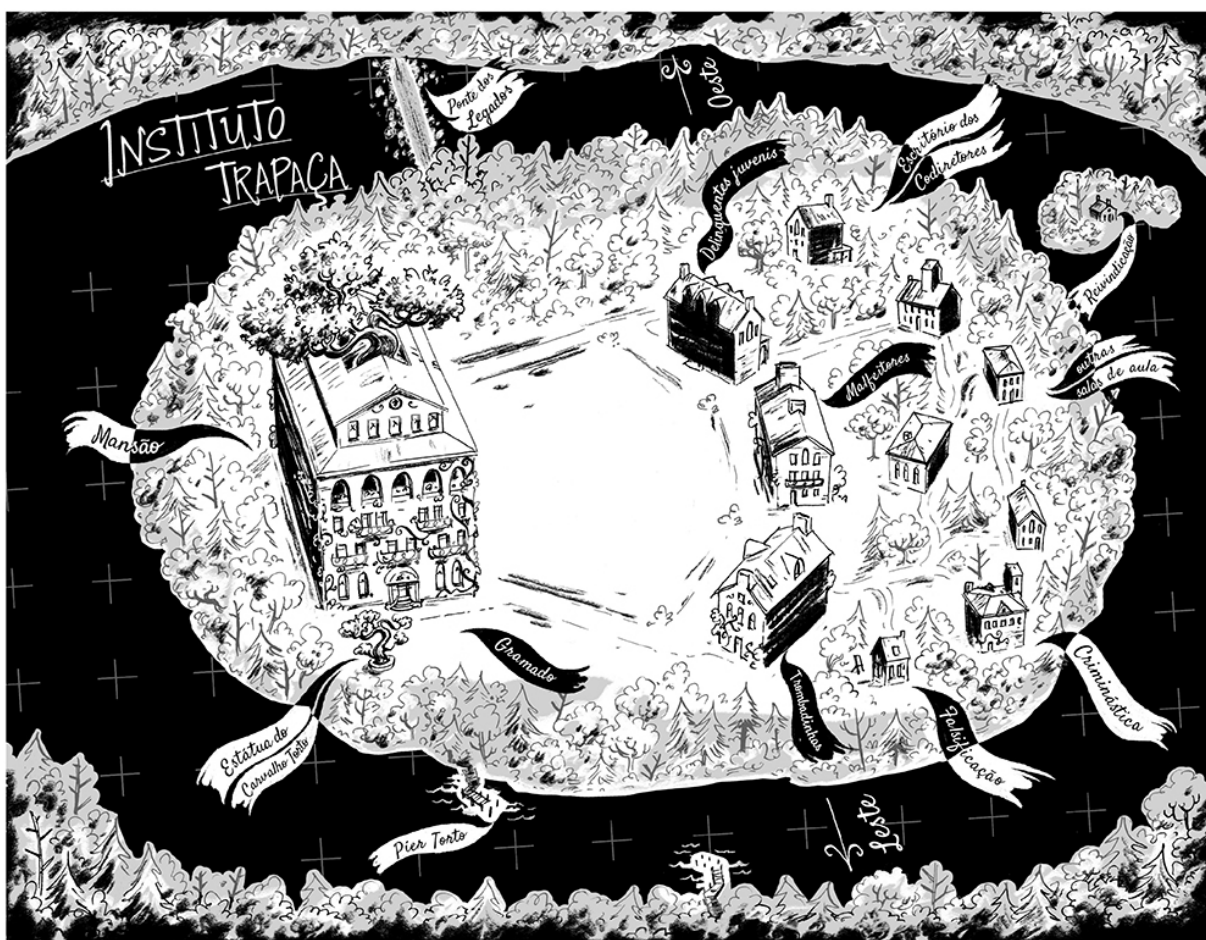
Capítulo Quarenta e um

Agradecimentos

Créditos

O Autor

Índice





CAPÍTULO UM

Gabriel Avery não surrupiava uma carteira havia semanas e seus dedos estavam começando a coçar.

O verão já estava quase acabando e a cada semana menos turistas passavam por Ponte Rochosa, o que significava menos carteiras para Gabriel bater. Os turistas que ainda apareciam não ficavam na aldeia por muito tempo. Afinal, havia um limite de fotos que se podia tirar da atração principal da área — uma horrível ponte de granito — antes de se entediar e partir. Para a sorte de Gabriel, um fluxo constante de pedestres ainda passava por ali todos os dias. Sem dúvida a caminho de lugares distantes, onde aconteciam coisas incrivelmente emocionantes.

Gabriel morava em Ponte Rochosa havia apenas um ano e já sentia que praticamente *qualquer outro lugar* seria mais animado.

Era bem cedo em uma manhã de segunda-feira, e o garoto estava encostado na parede da estação, esperando o próximo trem chegar. Logo a plataforma estaria cheia de pessoas fazendo baldeação para seguir para Exeter, ao norte, ou para a Cornualha, ao sul. Mas, no momento, apenas dois homens de terno escuro esperavam, iluminados pelo sol que nascia atrás deles, então Gabriel não conseguia vê-los muito bem.

Devem ser moradores, pensou, bocejando. Gabriel nunca roubava um morador. Eles o reconheceriam e contariam para a Vovó. E depois de seu último incidente, ela já estava de olho nele.

Pensando bem, Gabriel não tinha certeza se *algum dia* Vovó não estivera de olho nele desde que se mudaram para Ponte Rochosa.

Ainda não eram nem 8h, e todos que saíssem dos trens estariam mal-humorados, cansados e, o melhor de tudo, totalmente desinteressados em Gabriel. O que significava que poderia se mover entre eles como um fantasma de dedos ágeis. Ao pensar nisso, ficou empolgado. Nas últimas semanas, estivera tão ocupado ajudando a Vovó na mansão que não tinha voltado ali e, *cara*, como ele sentia falta.

Gabriel estremeceu com o vento frio da manhã e puxou as mangas do casaco azul sobre as mãos. Dedos frios eram rígidos e desajeitados e, definitivamente, nada úteis. Ele precisava de seus dedos quentes, ágeis e firmes.

À sua esquerda, o Café do Benson vendia bebidas quentes através de uma janela aberta. O aroma doce do chocolate quente e o amargo do café flutuavam em finos fios de fumaça. Lá dentro, o chiado do bacon fritando se juntava ao assobio e ao borbulhar do café sendo preparado.

A barriga de Gabriel roncou.

A primeira coisa que vou comprar com meus ganhos é um sanduíche de bacon, pensou. *E um de linguiça para a Vovó.*

Havia um copo de café para viagem em cima de uma das mesas altas ao lado da janela aberta, ainda um pouco fumegante. Gabriel esperou até o barista desaparecer dentro da cafeteria para se aproximar e pegar o copo. Ele odiava o gosto de café, mas o copo quente era perfeito para relaxar seus dedos rígidos.

Poucos minutos depois, ouviu o barulho suave de um trem se aproximando e desencostou da parede para ter uma visão melhor. Ele colocou o copo em um banco ali perto e observou os passageiros desembarcarem.

Gabriel franziu a testa. A proximidade do outono significava que ele teria de começar a lidar com casacos e sobretudos, todos com vários bolsos. Nunca tinha tempo de verificar todos eles, então muitas vezes era preciso adivinhar. Mas, depois de alguns anos de experiência, Gabriel ficou muito bom nisso. E, por sorte, nem todos os que desembarcaram tinham se preparado para o frio fora de época daquela manhã.

A maioria dos passageiros permaneceu na plataforma esperando sua conexão, mas alguns seguiram para a direita, rumo ao café.

Gabriel sorriu e pegou uma moeda de dois centavos. Ele a possuía desde que conseguia se lembrar. O que havia de especial nela era que, um lado — cara —, era de cobre normal, enquanto, o outro — coroa — era preto. Quase como se tivesse sido queimada. Por quê, ele não sabia. Mas era muito legal e se tornou uma parte fundamental de sua estratégia.

Jogou a moeda para o ar com o polegar, pegou-a na palma da mão e depois a jogou para o alto de novo. Estava prestes a colocar seu plano em ação quando ouviu uma voz familiar:

— Gabriel Avery, é você, garoto?

Ele pegou a moeda, guardou-a rapidamente no bolso e olhou para cima. Theodora Evans o encarava. O rosto dela era cheio de rugas profundas e tinha a pele acinzentada, com um aspecto doente, resultado, pensou ele, de uma combinação de franzir a testa o tempo todo e de cinquenta anos de fumo.

— Bom dia, sra. Evans — cumprimentou Gabriel docemente.

O rosto dela ficou ainda mais enrugado, se é que isso era possível.

— O que você está fazendo na estação de trem a esta hora? — Ela franziu os lábios enrugados. — Aposto que não é boa coisa.

Gabriel fingiu estar magoado com a acusação.

— De jeito nenhum, sra. Evans. Vim buscar um sanduíche de linguiça para a Vovó no Benson. São os favoritos dela. — Ele deu de ombros. — Pensei em fazer uma surpresa.

O rosto da sra. Evans suavizou-se por um instante, então enrijeceu outra vez.

— Uma história plausível. — Ela se inclinou para perto. — Sei que foi você que afanou a torta de carne do peitoril da minha janela na semana passada, Gabriel Avery. Sei disso.

Gabriel franziu a testa.

— O que é *afanar*, sra. Evans?

É claro que Gabriel sabia exatamente o que *afanar* — e todas as outras palavras relacionadas a roubo — significava.

Os olhos cinzentos e lacrimejantes da sra. Evans estavam muito perto agora.

— Significa que você *roubou*.

Gabriel deu um passo para trás e levantou o suéter e a camiseta, revelando o corpo magro de pele marrom-clara.

— Isso aqui parece a barriga de um ladrão de tortas, sra. Evans?

Ela se endireitou, chocada.

— Você tem a língua afiada, Gabriel Avery. Um pouco inteligente demais para o meu gosto. Nenhum garoto bom, honesto e *religioso* deixa tantas mentiras escaparem de sua boca com tanta facilidade.

Gabriel soltou a camisa e o suéter.

— Queria *ter* estado lá, sra. Evans... Talvez assim eu tivesse pegado quem roubou sua torta. Mas eu não estava.

Gabriel tinha estado lá, claro. E, embora a massa da torta fosse uma delícia amanteigada, o recheio não estava tão gostoso quanto de costume. Aquela tinha sido, na humilde opinião de Gabriel, a pior tentativa da sra. Evans até então.

Não convencida, a sra. Evans grunhiu em voz alta e saiu da estação de trem resmungando baixinho.

Gabriel pegou a moeda no bolso outra vez e se voltou para a plataforma. Algumas pessoas já formavam fila na janela do café. Ele franziu a testa. Filas eram complicadas. Se algo acontecesse com uma pessoa na fila — se alguém esbarrasse ou tropeçasse nela —, as outras frequentemente olhavam. E mais olhos significavam mais chances de

uma delas notar sua mão ligeira. Gabriel se virou para ver se alguém se aproximava do café.

Duas pessoas. Mas estavam muito próximas uma da outra para ele tentar qualquer coisa.

No entanto, havia um homem de cabelos grisalhos andando logo atrás delas.

Que tal ele?, pensou Gabriel, olhando para o homem.

Sem casaco. Calças largas. Um volume do tamanho de uma carteira no bolso esquerdo. Distraído com o celular. Parece perfeito para mim.

Gabriel começou a jogar a moeda no ar outra vez. Esperou que os outros dois passassem e então correu diretamente para o homem. Eles colidiram, ombro contra quadril, e a moeda de Gabriel caiu no chão de concreto.

— Desculpe, garoto, a culpa foi minha — disse o homem, guardando o celular no bolso direito e dando a Gabriel um sorriso de desculpas. — Aqui, deixe que eu pegue isso para você.

— Tudo bem — falou Gabriel, fingindo estar confuso. — É só uma moeda velha. — Mas o homem já estava se inclinando, expondo a carteira fina de couro preto no bolso esquerdo.

Num minuto estava lá; no outro, não.

O homem se endireitou e estendeu a moeda para Gabriel, o lado cara para cima.

— Onde conseguiu isto? Nunca vi uma moeda em tão mau estado.

— Foi um presente — respondeu Gabriel, dando de ombros. — Dos meus pais.

Isso, pelo menos, era verdade. As únicas outras coisas que aqueles dois tinham lhe dado foram o cabelo cor de mel e os olhos cor de âmbar, mas ele nem se importava com essas características.

O homem deixou a moeda cair na mão de Gabriel, que a guardou no bolso.

— Melhor do que uma tela, eu acho. — O homem tirou o celular do bolso. — Essas coisas são horríveis, rapaz. Continue brincando com moedas o máximo que puder.

Gabriel assentiu educadamente.

— Mais uma vez, desculpe por esbarrar no senhor.

O homem deu um tapinha em seu ombro ao passar, olhos já grudados no telefone.

— Não foi nada, garoto. Não foi nada.

Gabriel dobrou a esquina e, depois de olhar para trás, tirou a carteira de couro preto do bolso com cuidado. Ele sorriu. *Tão fácil quanto afanar uma torta de carne do peitoril da janela da sra. Evans.*

Então abriu a carteira e...

Que estranho. Estava quase completamente vazia. Dentro havia apenas uma nota de dez libras e algo branco, parecido com um cartão, saindo de uma das divisórias. Gabriel o puxou e leu.

VOCÊ É BOM.
EU SOU MELHOR.

Gabriel se virou e correu de volta para o café. A fila estava reduzida a duas pessoas.

Nenhuma delas era aquele homem.

Gabriel se virou, os olhos percorrendo freneticamente a plataforma em busca da figura de cabelos grisalhos. O trem estava começando a se afastar e...

Ah, não...

O homem estava sentado num banco à janela, sorrindo. Gabriel fixou os olhos nele. Lentamente, o homem segurou algo contra o vidro. Era pequeno, redondo e parecia queimado em um dos lados.

Gabriel, com o coração disparado, enfiou a mão no bolso e tirou uma moeda de dois centavos. Mas não era sua moeda.



CAPÍTULO DOIS



O trem estalava ao sol nascente, levando o homem de cabelos grisalhos e a moeda de Gabriel.

Gabriel se jogou contra uma parede próxima, a mente acelerada.

Para qualquer outra pessoa, era apenas uma moeda de 2 centavos, mas, para ele, era importante. Era a única coisa que seus pais tinham deixado para trás quando o abandonaram. O único item que poderia ajudar Gabriel a encontrá-los um dia. Ele nunca ia a lugar nenhum sem ela, usava a moeda em quase todos os golpes, e agora um ladrão desconhecido a havia roubado.

Mas por quê?

Gabriel olhou a carteira novamente. Nada além da nota de dez libras. Leu a mensagem no cartão outra vez. De alguma forma, o homem de cabelos grisalhos sabia que ele era um ladrão.

Gabriel virou o cartão e hesitou. Havia algo mais escrito, só que menor.

USE A NOTA PARA COMPRAR UMA PASSAGEM PARA A ESTAÇÃO
CHARNECA CENTRAL. SUA MOEDA ESTARÁ ESPERANDO POR VOCÊ.
HÁ UM LUGAR NESTE MUNDO PARA OS SEUS TALENTOS,
GABRIEL AVERY.

Gabriel leu o cartão uma segunda vez. Depois uma terceira.

Meus talentos? Claro que ele não pode estar falando de...

Gabriel balançou a cabeça. Se aquele homem era um ladrão, aquilo devia ser algum tipo de golpe. Gabriel só não tinha ideia do que o homem esperava ganhar com isso. Mas sem dúvida ele não ia usar aquelas dez libras para comprar uma passagem para Charneca Central — um lugar do qual nunca tinha ouvido falar e que parecia, na opinião de Gabriel, completamente inventado. Em vez disso, o dinheiro iria para algo que valia muito mais a pena.

— Um sanduíche de bacon e um de linguiça, por favor — pediu Gabriel ao homem rechonchudo no balcão do Café do Benson.

O nome dele era sr. Hartley, e era uma das poucas pessoas em Ponte Rochosa que não olhava para Gabriel como se ele tivesse acabado de fazer — ou fosse fazer em algum momento no futuro próximo — algo indescritivelmente terrível.

— Eu me lembro, eu me lembro — disse o sr. Hartley. Ele se virou e gritou: — Um bacon e um linguiça, Geoff. Mas tome cuidado! Se queimar mais uma linguiça, vou arrancar a droga da sua orelha. — O sr. Hartley se virou para Gabriel. — Já faz algumas semanas desde a última vez que vi você, Avery. Por que andou sumido?

Dinheiro. Mais especificamente, a falta dele.

— Estava ajudando a Vovó.

O sr. Hartley grunhiu.

— É mesmo? E como está aquela cabra velha?

Vovó crescera em Ponte Rochosa. Ela e o sr. Hartley tinham sido amigos/inimigos na infância e retomaram do ponto em que pararam quando ela e Gabriel voltaram, no ano anterior. Para ele, a Vovó era “a cabra velha”, enquanto para ela, o sr. Hartley era “aquele grande

ogro”. Para ser justo com a Vovó, o sr. Hartley se parecia um pouco com um ogro, só que mais baixo, mais largo e muito mais peludo.

— Ela está bem — respondeu Gabriel. — O sanduíche de linguiça é uma surpresa para ela, na verdade.

O sr. Hartley se virou para a cozinha:

— Geoff, queime um pouco a linguiça...

Uma voz abobalhada interrompeu:

— Mas o senhor acabou de dizer...

— Sei o que disse! — trovejou o sr. Hartley. — Mas a cabra velha gosta de linguiças estorricadas, então faça isso. — Ele olhou de volta para Gabriel. — Está evitando se meter em confusões?

O garoto assentiu.

— Claro. Não tem nenhuma confusão em que se meter em Ponte Rochosa.

— E mesmo assim você sempre parece encontrar alguma. — O sr. Hartley bufou. — Setembro está chegando. O que está fazendo em relação à escola? Nono ano agora, não é?

Um garoto magro e cheio de espinhas saiu furtivamente da cozinha segurando um saco plástico. A gordura já se acumulava no fundo. Ele entregou o saco a Gabriel sem dizer uma palavra.

— Obrigado — disse Gabriel, e saiu correndo do café.

— Ei! — gritou o sr. Hartley para ele. — Você não respondeu a minha pergunta!

Gabriel saiu da estação e iniciou o longo e sinuoso caminho para casa.

Aquela mesma pergunta vinha se repetindo em sua mente nas últimas semanas. Vovó estava decidida a mandá-lo de volta ao colégio Torfalls para o nono ano. Mas ele já havia passado um ano naquele lugar sombrio e a ideia de voltar para uma escola onde todos o odiavam ou o ignoravam descaradamente o fazia estremecer. Pior ainda, a maioria das pessoas que frequentava Torfalls acabava permanecendo naquela aldeia terrível. Gabriel queria ir para algum lugar novo e *empolgante*. Uma cidade. Talvez até uma metrópole!

Algum lugar onde as pessoas não o encarassem como se houvesse algo errado com ele...

A placa ABERTO, pendurada do lado de dentro da porta da loja da aldeia, mudou para FECHADO quando ele passou. O que, para Gabriel, não fazia o menor sentido — ele nunca havia roubado nada de lá. Na verdade, além de uma torta ocasional no peitoril de uma janela implorando para ser provada, ele nunca havia roubado de nenhum morador. A verdade era que eles não gostavam de Gabriel porque ele era diferente. Ele já havia morado em inúmeras aldeias e aprendera que pessoas desses lugares não aceitavam muito bem as *diferenças*. Numa pacata aldeia devoniana, um menino desgrehado e de pele marrom que vivia com sua avó igualmente desgrehada, mas de pele clara, era um pouco *diferente demais* para a maioria deles. Quando as pessoas descobriam que eles não eram parentes de sangue, havia sussurros, depois rumores e, por fim, perguntas constrangedoras. O pior de tudo era que aquilo chamava a atenção, e Vovó sempre odiou atenção. Os dedos ágeis de Gabriel só pioravam as coisas. Assim, quando as perguntas começavam, o tempo deles naquele determinado lugar terminava. Era sempre assim.

Enquanto Gabriel atravessava a famosa ponte de pedras, uma frase do bilhete do homem grisalho lhe veio à mente. *Há um lugar neste mundo para os seus talentos, Gabriel Avery.*

O coração de Gabriel disparou. Como aquilo poderia ser verdade? Seu talento era bater carteiras, e isso era roubo, e roubar não era permitido em lugar nenhum.

Ou era?

Perdido em pensamentos, Gabriel quase bateu em um enorme portão de ferro. Pelos espaços entre as grades, conseguiu ver a entrada de cascalho branco e a mansão que se avultava ao fundo.

Ele suspirou. *Já faz séculos, e os Mercier ainda não fizeram nada a respeito da tinta branca descascada ou da hera.* Enfiou a mão no bolso e tirou um grampo de cabelo. Havia deixado a chave em casa, para que Vovó não soubesse que tinha fugido. Passando o saco de

sanduíches para a mão esquerda, ele se ajoelhou e enfiou o grampo na fechadura. Depois de girar um pouco, ouviu um clique familiar.

O portão se abriu. Gabriel entrou e fechou o portão. Andou pela entrada da garagem, tomando cuidado para não pisar na grama recém-cortada. Toda aquela arrumação era uma raridade para os avaros Mercier, mas eles tiveram convidados importantes para impressionar na noite anterior, então apararam a grama. Gabriel tinha certeza de que agora a deixariam crescer sem cuidados até o próximo visitante VIP.

Dois carros elegantes — um preto e outro azul-escuro — brilhavam ao sol da manhã. Ele parou um instante ao lado do preto para olhar seu reflexo. *Cara, preciso cortar o cabelo.* Seu cabelo castanho-claro cacheado estava quase passando das orelhas e...

— Planejando roubar o carro agora, é? — disse uma voz anasalada.

Gabriel ficou tenso. Ele esperara que, voltando tão cedo, pudesse *evitá-lo*.

— Charlie...

— Você sabe muito bem que é *Charles* — interrompeu o menino, encostado no lado sombreado da mansão, o cabelo preto e ralo cuidadosamente penteado para o lado. As feições marcantes de seu rosto de falcão escondidas nas sombras.

Gabriel deu de ombros.

— Está bem, certo. Eu só estava olhando meu cabelo na janela. Está um pouco desganhado no momento, então...

Charles saiu lentamente das sombras, estreitando os olhos azul-gelo. O restante do rosto estava relaxado, inexpressivo.

— Mas, enfim... — continuou Gabriel, erguendo o saco plástico. — Preciso levar isso para a Vovó antes que esfrie...

— Onde está o chapéu de feltro do papai, Gabriel? — perguntou Charles, apático.

O garoto mais velho deu outro passo para a luz do sol. Gabriel sempre achara que as pessoas ricas se moviam de forma muito mais lenta e tranquila do que as outras, como se tivessem todo o tempo do

mundo. Mesmo quando Charles se abaixou para pegar um pedaço de cascalho, fez isso com o tipo de graça arrogante de alguém totalmente desacostumado com aquele gesto. Ele se endireitou e começou a examinar a pedra.

— Ele sumiu, sabe? E, até onde eu sei, você é o único cleptomaniaco na vizinhança.

Charles arremessou a pedra e acertou com força o joelho de Gabriel, que se encolheu.

— Então você não conhece muito bem a Vovó — rebateu Gabriel com uma risada nervosa, tentando aliviar a tensão.

Charles inclinou a cabeça.

— Você está acusando sua *avó* de roubo?

Gabriel engoliu em seco.

— Não, de jeito nenhum.

Ele começou a recuar lentamente.

— Porque, se está dizendo que sua avó é a ladra — continuou Charles, pegando outro pedaço de cascalho —, então creio que teremos que tirá-la de sua posição.

Ele jogou a pedra no outro joelho, mas Gabriel levantou a perna bem a tempo.

— Foi uma piada boba, só isso — afirmou Gabriel. — Diga ao seu pai que não vi o chapéu dele. Mas com certeza vou ficar de olho. Prometo.

Antes que Charles pudesse dizer mais uma palavra ou atirar outra pedra, Gabriel dobrou a esquina da mansão.

Com o sol brilhando nas janelas de vidro entreabertas, a casa de veraneio à beira do bosque parecia quase acolhedora. Mas havia goteiras durante as tempestades, ela não retinha calor no inverno e havia cinquenta por cento de chance de a água estar fria pela manhã. Enquanto Gabriel dava os últimos passos pelo caminho levemente sinuoso, certificou-se de inspirar o aroma doce das flores silvestres que cresciam no bosque ali atrás, sabendo muito bem que o cheiro insuportável de umidade dentro da casa logo roubaria isso dele.

Gabriel espiou pela janela e, não vendo nenhum sinal da Vovó, abriu lentamente a porta da frente.

Eita!

Vovó estava lá dentro, com os braços cruzados, vestindo seu cardigã azul manchado de alvejante. Já estava usando suas luminosas luvas de limpeza amarelas. Isso nunca era bom.

— Posso não estar tão em forma quanto antes, meu querido, mas acho que você vai ter que se levantar muito mais cedo que isso para me enganar.

Gabriel realmente só tinha uma saída. Com um sorriso tímido, mostrou os sanduíches.

— Está com fome, Vovó?

Ela hesitou, dividida entre a raiva e a fome. Bem devagar, ela descruzou os braços e ergueu uma sobrancelha fina e branca.

— Linguíça?

Gabriel assentiu.

— Um pouco tostada?

— O sr. Hartley cuidou disso.

Vovó fungou.

— Então suponho que haja alguma coisa para a qual aquele grande ogro preste. — Ao pegar o saco das mãos de Gabriel, seus olhos se estreitaram. — E você vai me dizer que ele simplesmente lhe *deu* esses sanduíches de graça?

— Sim — respondeu Gabriel, parecendo inocente.

Vovó apertou os lábios:

— E isso é verdade?

Gabriel ficou quieto por um longo momento, esperando que ela desistisse. Mas seus olhos cinza-claros permaneceram firmes. Então, em vez de responder, falou:

— Sabe, Vovó, acho que ainda temos um pouco de ketchup.

Ele passou depressa por ela e estendeu a mão para o armário ao lado do fogão que estava sempre com defeito. O armário estava praticamente vazio — só tinha sal, pimenta e um pacote com um

restinho de macarrão. Gabriel arriscou olhar para trás. *Ela ainda está olhando...*

— Chá, então! — sugeriu ele, fechando o armário e enchendo a chaleira. Para seu alívio, ela suspirou e assentiu. Chá *sempre* funcionava.

Ele e Vovó saborearam cada pedaço dos sanduíches, acompanhados de xícaras de chá. Vovó, como sempre, deixou a última metade de seu sanduíche para ele. Quando Gabriel protestou, ela disse:

— Você está em fase de crescimento. Além disso, vai precisar de todas as suas forças para hoje. Há muito o que fazer na casa dos Mercier. Sim, *muito*. — Depois, com um sorriso, acrescentou: — Mas, como recompensa, farei ensopado para o jantar.

Gabriel retribuiu o sorriso, embora soubesse o que ela queria dizer com aquilo. Não haveria almoço hoje. Não quando havia ensopado para o jantar.

*

Ele trabalhou ao lado da avó o dia todo — podando as rosas, tirando o pó dos corrimãos e limpando a zona de guerra que era o banheiro do terceiro andar, usado exclusivamente pelas crianças bagunceiras da casa — e o tempo todo pensava na moeda roubada. E no homem de cabelos grisalhos que a levaria.

Aos poucos, um pensamento perigoso começou a se formar. E se *houvesse* um lugar para ele por aí?

Depois que terminou a limpeza do banheiro, Gabriel secou o suor da testa com a manga da camisa e espiou por cima do corrimão da escada em espiral. Vovó estava sentada em um banquinho no primeiro andar, respirando com dificuldade e olhando para os degraus com uma expressão derrotada.

Gabriel tirou as luvas de limpeza, enfiou a mão no bolso e pegou o cartão branco. Leu a mensagem e depois a leu mais uma vez.

HÁ UM LUGAR NESTE MUNDO PARA OS SEUS TALENTOS, GABRIEL AVERY.

E se esse lugar em Charneca Central realmente fosse a chance de uma vida melhor? Não só para ele, mas também para Vovó. Por isso, e por ela, não havia nada que Gabriel não fizesse.

*

Enquanto o sol se punha naquela noite, Gabriel, cansado até os ossos, afundou-se na cama com a barriga cheia e um suspiro de satisfação. Havia sentimento melhor do que esse no mundo?

Bem, pensou Gabriel, deslizando a mão por baixo da cama que rangia e puxando algo dali. Exausto, ele se levantou para olhar num pequeno espelho redondo no peitoril da janela. Estava ligeiramente inclinado para cima, de forma que ele pudesse ver seu peito, rosto e o grande chapéu de feltro cinza agora torto em sua cabeça. *Talvez haja um sentimento melhor. Mas apenas um.*



CAPÍTULO TRÊS



A única vantagem de viver num fim de mundo como Ponte Rochosa era que não havia barreiras na estação de trem. O que significava que, sem bilhete, Gabriel pôde subir à plataforma e embarcar no trem de 8h06 em direção a Penzance, sem ao menos um olhar questionador.

Mas assim que estava a bordo, bem, foi aí que seus problemas começaram.

— Bilhetes, por favor — gritou o condutor bigodudo enquanto se arrastava pelo vagão movimentado. A maioria dos passageiros conseguira assentos, mas alguns, como Gabriel, foram forçados a ficar de pé nos corredores.

— Desculpe, senhorita — disse o condutor, esbarrando em uma jovem que quase deixou o celular cair. — Está um pouco cheio aqui esta manhã, não é?

A mulher pegou seu bilhete e o entregou sem dizer uma palavra. O condutor tentou conferir a passagem e depois sacudiu sua máquina.

— Essa porcaria deu trabalho a manhã toda. Só um segundo. — Ele tentou mais uma vez e, de novo, a máquina falhou.

Um sorriso se abriu lentamente no rosto de Gabriel. *É assim que vou sair dessa. Eu só preciso...*

— Finalmente! — gritou o condutor, devolvendo o bilhete, agora conferido, para a mulher. — Só precisei de quatro tentativas.

A mulher assentiu distraidamente e voltou ao telefone. Gabriel se aproximou.

O condutor continuou pelo corredor, cambaleando como se estivesse a bordo de um navio que balançava durante uma tempestade, em vez de um trem com ruído suave em um dia sem vento. Em seguida, encontrou uma mulher mais velha com uma capa de chuva amarela e uma sacola marrom que já tinha visto dias melhores.

— Sra. Davenport! — cumprimentou o condutor alegremente, pegando sua passagem. — Vejo que está preparada para a chuva. Mas acho que não há nenhuma previsão.

A idosa sorriu.

— Mas precaução nunca é demais, não é? Por aqui, o tempo pode ficar terrível num piscar de olhos.

— Sem dúvida, é verdade — concordou o condutor com uma risada. — Está indo ao mercado?

Enquanto Gabriel observava, a sra. Davenport entregou seu bilhete ao condutor e o recebeu de volta, *sem carimbo*.

A máquina tinha dado defeito de novo, e o condutor não percebeu.

Bem devagar, e sem chamar a atenção do condutor, Gabriel se aproximou da sra. Davenport. Ele sabia o que aconteceria em seguida.

3, 2, 1, ele contou mentalmente. O vagão escureceu.

— Ai, meu Deus! — exclamou a sra. Davenport. — Sempre me esqueço desse túnel horrível.

Vinte segundos depois, quando a luz suave do sol voltou a encher o vagão, Gabriel já estava a duas pessoas de distância da sra.

Davenport, com o bilhete sem carimbo confortavelmente guardado no bolso.

Quando chegou a hora, entregou-o ao condutor com um sorriso e o recebeu de volta, desta vez carimbado. O condutor desapareceu no trem.

— Em breve chegaremos a Charneca Central — anunciou uma voz agradável. — Todos que estão nos quatro vagões traseiros, por favor, dirijam-se para a frente do trem para desembarcar, pois esta estação tem uma plataforma pequena.

Gabriel começou a atravessar o vagão. Ao passar, um homem de terno se inclinou para o amigo de terno quase idêntico e disse:

— Não sei por que eles ainda param neste lugar. Ninguém nunca desce aqui. Ganharíamos uns dez minutos se a companhia ferroviária decidisse ignorar esta estação. — O trem parou. — Quero dizer, olhe para isso. O lugar está abandonado. — Gabriel escondeu um sorriso quando as portas do trem se abriram com um silvo. — Quer apostar quanto que ninguém saltou aqui em cinco anos? Vamos, aposta quanto?

— Aceito a aposta — disse o amigo, sorrindo.

O primeiro cara ficou surpreso.

— Sêrio?

— Sim, porque você já perdeu. Olhe. — Ele apontou pela janela para Gabriel, que estava na plataforma, sorrindo e acenando.

Quando o trem e o homem boquiaberto se afastaram, Gabriel se virou para olhar a estação de Charneca Central.

Não era como nenhuma estação que já tivesse visto. Longos ramos de hera haviam tomado a pequena construção ao lado da placa de sinalização enferrujada de Charneca Central. Algumas vinhas eram tão grossas e pesadas que penetravam o granito como se estivessem se preparando para amassar aquela estrutura de aparência solitária como uma lata de Coca-Cola vazia. As janelas estavam fechadas, a tinta azul da porta estava descascando e o quadro de avisos estava torto na parede. Apenas o rangido agudo do quadro de avisos podia ser ouvido

agora, balançando suavemente no único prego enferrujado que restava, no qual estava pendurado.

A natureza, concluiu Gabriel, estava reivindicando aquele lugar.

Ele caminhou ao redor do prédio uma vez, depois outra, tentando espiar pelas janelas com tábuas, até mesmo pelo buraco da fechadura, mas só viu escuridão. Por fim, desistiu e se encostou na parede de hera.

Então o homem de cabelos grisalhos *tinha* feito aquilo para enganá-lo. Roubou sua moeda e, numa brincadeira ainda mais cruel, o mandou para uma estação abandonada no meio das charnecas. O que Gabriel não conseguia entender era *por quê*. Não tinha feito nada de errado. Bem, nada além de roubar a carteira do homem. Mas ele estava pronto para aquilo. *Queria* que acontecesse. O cartão no bolso de Gabriel provava isso. Então não poderia ter sido tudo em vão...

Só que foi, pensou Gabriel, aproximando-se e sentando-se na beira da plataforma. *Porque parece que ninguém vem aqui há anos.*

A plataforma em si era pequena e havia sido tomada pela vegetação — a urze e o tojo tinham engolido o concreto e deixado para trás um mar de flores roxas e amarelas. No entanto, os trilhos de trem abaixo de seus pés ainda pareciam novos. Os trens paravam em Charneca Central, lembrou a si mesmo, mesmo que ninguém descesse ali.

Estranho, pensou Gabriel. Ele tinha acabado de decidir que pegaria o próximo trem de volta para Ponte Rochosa quando algo muito mais estranho chamou sua atenção.

Uma figura estava parada na extremidade da plataforma.

Gabriel engoliu em seco.

— Hum, olá?

A figura olhou em silêncio, imóvel.

Com o coração acelerado, Gabriel se levantou e deu meio passo para trás, caso precisasse correr.

— Estou perdido. Pode me ajudar? Procuro um homem de cabelos grisalhos. Ele pegou uma coisa minha... — Gabriel parou de falar.

Um raio de sol rompeu a fina cobertura de nuvens, iluminando a figura.

— Assustado por uma *estátua* — murmurou para si mesmo. — Ainda bem que não tinha ninguém por perto para ver isso.

Ainda cauteloso — afinal quem não ficaria desconfiado de uma estátua parada no final de uma plataforma coberta de mato em uma estação abandonada? —, Gabriel se aproximou. Ao fazer isso, achou que algo zumbia em seu bolso, mas decidiu que era sua imaginação. Então, ao longe, ouviu um leve zumbido e um clique.

Gabriel diminuiu o passo. Mas o zumbido parou quase de imediato. Ele se aproximou da estátua.

Era feita de bronze, com finos veios turquesas de ferrugem debaixo dos olhos e das narinas, embora ambos estivessem parcialmente obscurecidos por uma cartola e pela mão que a ajustava. Mais manchas de ferrugem turquesa cobriam as bordas do que parecia ser um blazer. Não, Gabriel se corrigiu; um sobretudo. Bem, algo entre os dois. Estava ligeiramente aberto, como se o vento o tivesse soprado para o lado, e a figura tivesse sido congelada segundos depois.

Gabriel sorriu.

— Tem alguma coisa para mim? — perguntou, enfiando instintivamente os dedos no bolso interno do casaco, que estava exposto.

Para sua surpresa, seus dedos tocaram alguma coisa. Ele puxou a mão e franziu a testa. Era um objeto redondo, de metal, mas pequeno demais para ser uma moeda. Na verdade, parecia uma daquelas pequenas fichas de metal que se colocava dentro de um carrinho de bate-bate para fazê-los dar partida. Ele a girou algumas vezes nos dedos, sentindo seu peso considerável, depois olhou em volta.

Será que isso abre alguma coisa?, ponderou Gabriel. Deu mais uma volta na estação, procurando qualquer pequena abertura onde aquilo pudesse caber. Buraco da fechadura? Formato errado. Tranca de janela? Muito grande. A rachadura no quadro de avisos coberto de plástico? Muito estreito para encaixar a moeda.

Não se encaixava em nada.

Gabriel voltou para a estátua.

— Pode ficar com isso, cara — falou para a estátua, mal-humorado, colocando o objeto de volta no bolso. — Não abre nada mesmo.

Ele se afastou e sentou-se outra vez na beira da plataforma, esperando o trem chegar.

Ainda assim...

Gabriel não conseguia tirar os olhos da estátua. Havia algo nela que o incomodava. Tinha alguma coisa *errada*. As roupas eram esquisitas, sem dúvida. E a maneira como aquela mão ajustava a cartola era estranha, os dedos um pouco retos demais para...

Fala sério. Gabriel se levantou e correu até lá. Com os olhos, seguiu com atenção os dedos da mão da estátua. Porque, agora ele percebia, ela estava *apontando*.

Ali, bem escondido entre as samambaias crescidas, o tojo e a urze em flor, havia um portão. E o portão, ao contrário de tudo na estação Charneca Central, estava em perfeitas condições. Nenhuma ferrugem, nenhuma hera subindo por ele, nenhuma tinta preta se descolando das barras lisas de metal.

A empolgação cresceu em seu peito.

— Desculpe — disse à estátua. — Acho que vou precisar disso, no fim das contas. — Ele pegou a ficha de volta e, cautelosamente, foi na direção do portão.

Não havia uma fechadura comum, apenas uma pequena abertura para... bem, uma ficha. Gabriel a deslizou para dentro. O portão engoliu a ficha com um ruído e se abriu silenciosamente. Atrás dele, um caminho bastante desgastado levava a uma floresta densa.

Gabriel olhou para trás, para os trilhos do trem que poderiam, em apenas alguns minutos, levá-lo para casa. Então respirou fundo, assentiu como se quisesse se convencer e entrou na floresta.

Ao longo de todo o caminho sinuoso, um exército de árvores cobertas de líquenes se agrupavam, muito próximas umas das outras,

com pedras cobertas de musgo a seus pés. O roxo da urze e o amarelo do tojo haviam desaparecido, substituídos por uma fina manta de campânulas azuis em ambos os lados do caminho. Apesar de não chover há vários dias, a mata estava baixa por causa da umidade. Até cheirava a umidade. Névoas pesadas muitas vezes cobriam as charnecas no início da manhã, deixando tudo molhado e brilhante. Mas o estranho era que apenas áreas específicas do solo estavam molhadas, como se alguém as tivesse regado naquela mesma manhã.

Aquele lugar, Gabriel começou a perceber, não era nem um pouco *selvagem*. A hera havia sido arrancada das árvores, quadrados de terra foram limpos ao lado do caminho e apenas as plantas que produziam as mais belas flores tiveram chance de florescer.

Passaram-se minutos antes que Gabriel começasse a notar que o caminho o levava por uma subida suave e em espiral. E mais algumas antes de ele ouvir o barulho da água. E outras mais antes de notar raios de sol rompendo a copa das árvores, cada vez mais esparsa.

Mais à frente, o caminho sumia bruscamente de vista. Com cuidado, ele subiu os últimos passos.

Os olhos de Gabriel se arregalaram.

— Que lugar é *esse*?

Lá embaixo, a floresta densa circundava um lago enorme, que brilhava ao sol como o anel de diamante da sra. Mercier. No centro do lago havia uma ilha circular, cercada por árvores altas e grossas de vários tipos. Através dos espaços entre elas, via-se uma construção que fazia até mesmo a mansão Mercier parecer minúscula. Também era antiga, com paredes brancas imaculadas e telhado de terracota. A hera subia pelas paredes, mas em um elegante formato de S, em vez de uma bagunça desordenada e emaranhada. Outras vinhas e flores coloridas, que Gabriel não reconhecia, se derramavam pelas paredes — das sacadas, dos peitoris das janelas, de passarelas — em direção ao gramado perfeitamente cuidado logo abaixo.

Formando um semicírculo em frente ao edifício principal, havia vários prédios menores, embora todos ainda fossem

consideravelmente maiores do que a casa dele. Parecia um lugar saído dos folhetos de viagem que costumava ler para se imaginar em algum lugar diferente do Meio do Nada em que morava naquele momento. Algum lugar na Espanha, em Portugal ou na Itália, para onde ele viajava em sua mente, mas nunca na vida real.

E, lá dentro, um estranho de cabelos grisalhos, com uma moeda roubada, esperava por ele.



CAPÍTULO QUATRO



A descida de Gabriel pela floresta nem de longe foi tão lenta quanto a subida. Em parte, porque ele estava indo para baixo, mas principalmente porque sua empolgação o fez acelerar o passo, os olhos fixos no telhado de terracota até chegar à beira da água.

Flores silvestres roxas e amarelas cresciam ao longo da margem, interrompidas apenas por um estranho cacho de campânulas azuis que havia se libertado da floresta densa. Um caminho estreito contornava o lago à direita, então Gabriel seguiu por ele. A água era calma e limpa, tão funda que ele não conseguia ver o seu leito. Ele se abaixou e enfiou um dedo nela.

Se é fria assim no verão, como deve ser no inverno?, pensou Gabriel, estremecendo.

Mais à frente, um píer torto de madeira ziguezagueava até o lago. Uma figura solitária estava de pé ao fim dele, olhando para a ilha como se esperasse alguma coisa. Ao se aproximar, Gabriel percebeu

que era uma garota, com pele negra clara e cabelos castanhos grossos e ondulados que terminavam na barra da sua camiseta preta. O mais estranho de tudo era que a garota parecia estar falando sozinha. Repetindo algo com tanta intensidade que chegava a franzir a testa.

Com cautela, Gabriel pisou no píer e seguiu o caminho sinuoso em direção a ela. Parou a cerca de um metro de distância, não querendo assustá-la. A garota estava murmurando para si mesma palavras em uma língua que ele não conhecia.

Ela inclinou a cabeça e retirou um fone de ouvido sem fio, ainda de frente para o lago.

— Você não deveria se aproximar sorrateiramente de uma mulher que conhece dez maneiras diferentes de te deixar inconsciente. — Então, como se não tivesse acabado de ameaçá-lo com extrema violência, perguntou: — E aí, você também fala cantonês?

Gabriel olhou em volta para verificar se ela estava mesmo falando com ele.

— É... Não.

— Hum — disse a garota, só então se virando. Ela tirou o outro fone de ouvido e colocou os dois no bolso do short. — Não estou surpresa. É a língua mais difícil que já aprendi.

Gabriel piscou.

— Quantas línguas você *já* aprendeu?

— Fluentemente, cinco. Mas entendo outras duas. E você?

— Se eu me esforçar muito — respondeu Gabriel, fingindo pensar profundamente. — Então, uma.

A garota franziu a testa.

— Nem francês?

— *Je m'appelle Gabriel* — disse ele, orgulhoso. — Isso conta?

Ela se encolheu.

— Com um sotaque que nem esse, deveria ser considerado crime. — Ela se virou e olhou para a ilha, murmurando: — É uma hora. Já deveria estar aqui.

Gabriel deu um passo para o lado dela. Sua postura estranhamente rígida a fazia parecer mais alta do que ele, embora Gabriel suspeitasse que eles tivessem mais ou menos a mesma altura.

— Pelo que nós estamos esperando?

— Nós não estamos esperando nada. *Eu* estou esperando. Não tenho ideia do que *você* está fazendo. — Ela cruzou os braços. — Além de andar pela floresta como um elefante.

— Você estava me espionando?

Estranho. Ele não tinha visto ninguém em seu encalço.

— Pouquíssimas pessoas ainda percorrem o caminho mais longo. Acho que eu só queria ver o tipo de idiota que faria isso. — Ela o encarou de cima a baixo com um sorriso malicioso. — Agora eu sei.

— Existe um caminho mais curto?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— É óbvio!

— Então o que *você* está fazendo aqui? — perguntou Gabriel, irritado. — Parece que também percorreu o caminho mais longo.

— Parece mesmo, não é? — respondeu a garota, sem acrescentar mais nada.

Parados lado a lado, esperaram em silêncio que algo acontecesse, embora Gabriel não tivesse ideia do quê. Olhou de novo para a garota e viu que seu rosto e sua camiseta estavam encharcados de suor.

— O que você estava fazendo? Por que está tão... suada?

— Nos meus dias livres, depois do almoço ouço minha aula de cantonês e faço meia hora de HIIT. Treino intervalado de alta intensidade, sabe — respondeu ela, como se fosse a coisa mais normal do mundo. — “Corpo ágil, mente ágil”, meu pai sempre diz. O que foi? — perguntou, vendo a expressão incrédula no rosto dele.

— É só que... — começou Gabriel. — As pessoas da nossa idade não fazem... esse tipo de coisa. Exercícios, quero dizer. Isso é mais, você sabe, para adultos. E você não me parece uma adulta.

A garota pareceu magoada com aquilo.

— O que *você* sabe sobre ser adulto?

— Eu? Ah, absolutamente nada. E nem quero saber. Acho que se tornar adulto é um verdadeiro crime. Não há necessidade nenhuma, é isso que eu acho.

A garota lançou um olhar desdenhoso para Gabriel.

— Eu falo cinco idiomas, mas infelizmente *bobagês* não é um deles.

— Acho que isso significa que falo dois idiomas, então — falou Gabriel com um sorriso.

Um lampejo de sorriso se insinuou no rosto da garota.

Momentos depois, uma gôndola — um tipo de barco comprido e fino semelhante a uma canoa —, feita de madeira marrom-escura, apareceu. A sombra de um homem, alto e magro, estava de pé em uma plataforma plana na popa. Parecendo mal-humorado e sem equilíbrio, ele enfiou um remo na superfície lisa do lago, e as ondas causadas por seu remo desajeitado alcançaram o píer cerca de um minuto antes dele.

— Não podiam nem me dar um remo decente, não é? — resmungou o homem pálido enquanto estendia a mão, agarrava-se à borda do píer e fazia o barco parar, estremecendo.

— Quem é *você*? — perguntou a garota. (Um tanto rude, pensou Gabriel.) — Cadê o Thomas?

— Tio Tommy saiu de férias — respondeu o homem, saltando da embarcação e enrolando uma corda em um toco de madeira no píer. — Tem só uma meia hora, na verdade. Vou substituí-lo até ele voltar.

— De *férias*? — questionou a menina, horrorizada. — Na época mais movimentada do ano?

— Sim — confirmou o homem em tom de sofrimento. — É bem típico dele convenientemente se esquecer de mencionar esse pequeno fato antes de partir. Enfim, vocês dois vão embarcar ou eu arranjei outra bolha na mão a troco de nada?

— Não vou embarcar até ver suas credenciais — declarou a garota, cruzando os braços.

Credenciais?, pensou Gabriel. *Essa garota tem uns treze ou quarenta anos.*

O homem magro suspirou, depois enfiou a mão no bolso da camisa azul-escuro esfarrapada e tirou um cartão branco.

— Meu nome é Mickey Jones. Já fui estudante aqui há muito tempo. Eu tenho autorização, está bem? Olha.

A garota pegou o cartão e o examinou atentamente.

Franzindo a testa, Gabriel se inclinou para perto, a fim de dar uma olhada.

— Espere aí. Esse cartão parece com...

— Hum — resmungou a garota, olhando para o homem. — Parece que está tudo em ordem. — Ela devolveu o cartão e pulou no barco com um movimento fácil. — Vamos partir, então? Vou pintar um Matisse esta tarde e preciso de toda a luz natural possível para dominar a pincelada.

— Espere aí — disse Mickey, olhando para ela e depois para Gabriel. — Eu ainda não chequei as *suas* credenciais.

Com isso, as mãos de Gabriel começaram a suar. Porque, claro, ele não tinha nada do tipo para mostrar ao homem.

— Nunca precisei mostrar nada parecido ao seu tio — blefou Gabriel. — Ele me conhece.

Se o Inglês era sua primeira língua e bobagês, a segunda, então Mentira era definitivamente a terceira. E ele era fluente.

Mickey riu.

— Balela. Tommy é um defensor das regras. Ele não deixaria a própria esposa subir no barco sem autorização. Agora — ele deu um passo à frente, a diversão desaparecendo de seu rosto —, você tem algo para mim ou vou ter que chamar os Jardineiros para acompanharem-no para fora da propriedade?

Gabriel engoliu em seco. Mickey estava entre ele e a margem. Pular no lago também não era uma opção — ele era um péssimo nadador. Talvez pudesse...

— O nome dele é Gabriel Avery — disse a garota em seu socorro, segurando um cartão branco. — E, embora não consiga acreditar que estou dizendo isso, ele tem autorização.

— Tenho? — Gabriel olhou para o cartão na mão dela, em seguida apalpou seus bolsos. — Ei, esse cartão é meu!

A garota se levantou e entregou dois cartões para Mickey.

— Podemos ir agora? Estamos perdendo segundos preciosos de luz do dia.

Mickey pegou os dois cartões. Passou o primeiro em uma estranha enghoca presa ao seu pulso e grunhiu:

— Gabriel, hein? Um Mérito, também. Como eu. Muito bem, Méritos. Legados são, perdoem meu francês, desprezíveis. Muito esnobes. Acham que são o máximo só porque os pais deles já foram ótimos lad... — Ele se interrompeu, enquanto passava o cartão da garota, e empalideceu, olhando para a enghoca. — Você é... Eu não sabia... Sinto muito, senhorita. Eu não quis dizer... Eu estava só... — As sobrancelhas dele se arquearam. — Você não vai contar para ele, vai?

A garota sorriu.

— Se você me levar de volta para a ilha em menos de um minuto, Mickey, vou perdoar e esquecer tudinho que ouvi. Parece justo?

Mickey já estava voltando para a gôndola.

— Mais do que justo, acho.

Méritos? Legados? O que isso significa?, perguntou-se Gabriel, embarcando também. Ele sentou-se em frente à garota, que parecia especialmente satisfeita consigo mesma.

— Quem é você, então? Alguém famosa?

A garota olhou em direção à ilha.

— Não. Pelo menos, ainda não.

Gabriel franziu a testa. Ela fazia muito isso, respondia às perguntas pela metade. Ele estava prestes a pedir que ela explicasse melhor, mas Mickey falou primeiro:

— Olha, eu não estou autorizado a fazer o que estou prestes a fazer durante o dia, foi o que tio Tommy disse. Mas dadas as circunstâncias...

Ele bateu na engenhoca em seu pulso como se fosse um relógio. Então pegou o remo e o girou até encontrar uma mancha de madeira um pouco mais escura, na qual bateu levemente por alguns instantes. Houve um silvo e uma fenda fina apareceu na plataforma da popa, onde ele estivera antes. Os dois pedaços de madeira se separaram, revelando um buraco de onde subiram um assento marrom e um volante. Mickey sentou-se e segurou o timão com força. Ele apertou um botão próximo ao timão e um gorgolejo começou na parte traseira do barco.

— Se eu fosse vocês — disse Mickey, mais para Gabriel do que para a garota —, seguraria firme.

Então ouviu-se um rugido e a frente da gôndola subitamente se ergueu na água. Gabriel se agarrou enquanto o barco avançava e atravessava o lago. A garota, por outro lado, parecia confortável, até feliz, com seus longos cabelos ondulando ao vento.

Chegaram à ilha em menos de um minuto. Os olhos de Gabriel lacrimejavam por causa da velocidade, seu estômago ainda revirando enquanto Mickey amarrava a gôndola em outro píer torto. Com um movimento gracioso, a garota saltou para o píer e seguiu em direção à linha das árvores.

— Seu segredo está seguro comigo, barqueiro!

Desajeitado, Gabriel subiu no píer e foi atrás dela.

— Ei, meu cartão!

Ela sorriu e seguiu em frente, brincando com o cartão de Gabriel entre os dedos.

Apesar da forma estranha como ela falava e agia, e do hábito irritante de nunca responder diretamente a uma pergunta, Gabriel estava um pouco admirado com aquela garota estranha. Então, quando a alcançou, não pegou seu cartão de volta de imediato. Em vez disso, a acompanhou e, juntos, seguiram em silêncio o caminho por entre as árvores altas que circundavam a ilha.

— Aqui — disse a garota por fim, entregando-lhe o cartão. — Você vai precisar disso se quiser voltar à terra firme.

É claro, pensou Gabriel. Ele se lembrou do breve zumbido em seu bolso na plataforma da estação — e então na estátua que havia liberado a moeda. Tinha sido o cartão.

— Valeu.

Quando atravessaram a linha das árvores, viram-se num enorme gramado circular. Ao longe assomava a mansão com telhado de terracota. No meio, mais ou menos no centro do gramado, havia um cavalete com uma pintura inacabada. Gabriel nunca tinha visto nada parecido com aquilo, mas certamente já tinha visto o pintor de cabelos grisalhos.

— Você! — A voz de Gabriel ecoou ao redor deles como se estivesse presa por uma parede de árvores.

O homem largou o pincel e se virou lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Quando viu Gabriel, um sorriso se espalhou em seu rosto.

— Gabriel Avery. Vivendo e roubando!

Gabriel marchou pelo gramado em direção ao homem.

— Onde está minha moeda? Eu a quero de volta.

— Você a terá de volta — disse o homem alegremente. Ele pegou um pano manchado de tinta e limpou as mãos. — Mas me conte sobre a sua viagem. Adoro saber do primeiro encontro de um Mérito com a estação. O bosque. O lago! Mas antes você precisa me dizer: o que acha do nosso infame estabelecimento?

Gabriel parou a cerca de um metro de distância. *Méritos. Legados. Cartões de segurança. Uma mansão escondida em uma ilha.* Ele não sabia se ainda estava enjoado pelo passeio de barco, mas sua mente estava confusa.

— Eu não entendo. Que lugar é esse?

— Esse — respondeu o homem, apontando para o prédio atrás de si — é o Instituto Trapaça. Uma escola para malfeitores, vigaristas e ladrões. E, se quiser, sua nova casa.



CAPÍTULO CINCO

-Isto é uma... escola? — disse Gabriel por fim.

— Ora, é claro! — confirmou o homem de cabelos grisalhos, com uma risada. — E bastante seletiva, por sinal.

A garota passou por Gabriel.

— Pai, como *ele* pode ser um dos quarenta e oito alunos que entraram no Instituto Trapaça este ano?

Pai?, pensou Gabriel. *Então foi por isso que o barqueiro ficou de olhos arregalados ao ver o nome dela.*

A garota continuou:

— Ele só fala uma língua, acha que HIIT é só para adultos e, segundo ele, Matisse pode muito bem ser um tipo de queijo! Será que nossos padrões de recrutamento caíram tão drasticamente a ponto de... — A garota parou. Um sorriso apareceu no rosto do homem. — O que foi, pai?

O homem acenou com a cabeça na direção de Gabriel, que, naquele momento, fazia malabarismos com os fones de ouvido da garota e

assobiava.

— Você é hábil em vários métodos de trapaça, Penelope, mas ainda precisa aprender a ser humilde — resmungou o homem enquanto passava por ela. — *Precisa* compreender que sempre vai ter mais coisas que você não sabe do que as que sabe. Mesmo na minha idade, a habilidade não substitui a modéstia.

Penelope vasculhou os bolsos, o rosto vermelho de vergonha.

— Pai, eu...

Ele levantou a mão para interrompê-la.

— De acordo com meu relógio, já são 13h10. O que significa que você está dez minutos atrasada para pintar com Palombo. E, se existe outra pessoa no mundo todo que detesta atrasos tanto quanto Palombo, ainda estou para conhecê-la. Então sugiro que corra antes que ele a obrigue outra vez a segurar a tela a tarde inteira para ele pintar. — O homem balançou a cabeça e baixou a voz para que apenas Gabriel pudesse ouvir: — É um terror para os braços.

Penelope parecia querer dizer mais alguma coisa, mas nitidamente achou que era melhor não. Em vez disso, ela se virou e foi em direção à mansão.

— E já que vai para lá — gritou o pai —, seja gentil e leve o cavalete e a tela com você.

Penelope parou, trincando os dentes com força, e voltou para pegar o cavalete e os materiais do pai. Com o cavalete debaixo de um braço, a tela debaixo do outro e os pincéis e tintas divididos nas duas mãos, ela cambaleou em direção à casa. A cada poucos passos, ela deixava cair alguma coisa e tinha que reposicionar tudo para pegar o item caído. Depois que isso aconteceu pela terceira vez, Gabriel fez menção de ir ajudar, mas sentiu a mão do homem em seu ombro.

— Não, Gabriel. Minha filha é excepcional e temo que ela saiba disso. A confiança é a união sagrada entre a autoconfiança e a habilidade, mas ser confiante demais é uma característica que levou nações à ruína e fez indivíduos cometerem erros dos quais nunca

poderão se recuperar. No entanto, o fracasso recorrente humilha até o mais arrogante. Então deixe-a falhar.

Penelope, agora suando, deixou o cavalete escapar por entre seus dedos mais uma vez. Sem olhar para o pai, largou o restante dos objetos na grama também e olhou para eles por um momento, concentrada. Então pegou cada item em uma ordem diferente — primeiro o cavalete, segurado na horizontal com as duas mãos, a tela por cima dele e, por fim, os materiais de pintura. Desta vez, ela caminhou tranquilamente, sem que nenhum item caísse de suas mãos, até que dobrou a esquina da mansão e sumiu de vista.

O homem soltou um grunhido satisfeito e estendeu a mão para Gabriel.

— Caspian Trapaça.

Foi a mão mais fina e suave que Gabriel já havia apertado.

— Trapaça? Esse é mesmo o seu nome?

Caspian riu.

— É, sim. Eu venho de uma longa linhagem de Trapaças, e por acaso todos eles também eram trapaceiros. — Caspian se inclinou para ele. — Sabe, alguns dizem que minha família é a razão pela qual a palavra trapaça tem conotação negativa. — Ele se endireitou, rindo outra vez. — Mas nunca fui afeito a especulações.

Gabriel olhou em volta outra vez.

— Se isto é uma escola, então cadê todo mundo?

— Bem, você chegou cedo, rapaz. Geralmente leva dois ou três dias até um Mérito criar coragem para seguir as instruções do cartão que lhe damos. Não se preocupe, eles e os Legados chegarão antes do início do período letivo, daqui a seis dias.

— Méritos? Legados? — perguntou Gabriel. Já estava ficando cansado de ouvir essas palavras que não entendia.

— Hum, sim — disse Caspian, virando-se e caminhando em direção à mansão. — Vou explicar tudo. Mas, antes, acho que seria bom conhecer o local, não é?

Gabriel o seguiu numa espécie de atordoamento. Atravessaram o gramado, passaram pelos três prédios menores que ficavam em frente à mansão e contornaram o lado leste. Gabriel examinou o edifício principal enquanto caminhavam, contando cinco andares, todos eles com varanda.

Seguindo Caspian de volta à floresta que circundava a mansão, Gabriel logo se viu em uma clareira. Um raio de luz atravessava a copa das árvores, iluminando uma construção de madeira escura e vidro. As janelas eram grandes, quadradas e tão limpas que até Vovó teria ficado impressionada.

Gabriel entrou na construção atrás de Caspian.

— Esta é a nossa ala de Falsificação — informou Caspian, apontando para a esquerda, onde os cavaletes estavam dispostos em organizadas fileiras de seis, e depois para a direita, onde havia grandes pedaços de pedra sobre mesas robustas. — Pintura, desenho, escultura... Ensinamos tudo. Se olhar para trás, verá tornos de cerâmica e estufas, e logo ali poderá ver um forno para envelhecer pinturas. Temos tintas de todas as décadas do século xx e da maior parte do século xix; cinzéis que o próprio Michelangelo reconheceria; equipamento fotográfico de... — Caspian se interrompeu. — Ah, mas vejo que tudo isso é demais para você.

Gabriel ergueu a mão como se quisesse proteger os olhos.

— Está claro demais aqui, é só isso.

Uma mentira rápida e descuidada. Na verdade, ele ainda se sentia um pouco enjoado. Talvez pelo passeio de barco ou, mais provavelmente, pelo absurdo que era aquele lugar.

— Sim, é claro demais! — concordou Caspian, entusiasmado, gesticulando para Gabriel segui-lo enquanto andava em direção aos fundos da construção. — Para desenhar, lógico. A luz natural deste lado da ilha é perfeita para a delicada arte da Falsificação. — Ele fez uma pausa ao passar pela última fileira de cavaletes. — Por falar em arte delicada... Penelope! Pelo amor de Deus, deixe os traços mais suaves. Parece que você está espantando uma mosca.

Gabriel espiou por trás de uma enorme tela e viu Penelope, com um pincel na mão e um jaleco branco cobrindo a camiseta preta. Um homem de pele bronzeada, pequeno e com rugas profundas estava atrás dela, de braços cruzados. Ele olhava para a pintura como se ela o desagradasse profundamente. Palombo, Gabriel deduziu.

— Já disse isso a ela, Caspian. Penelope chegou com raiva e começou a golpear a tela como se fosse um pedaço de madeira.

Penelope franziu a testa, mas recusou-se a olhar para o pai ou para Gabriel. Em vez disso, ela diminuiu a velocidade dos golpes. Palombo relaxou visivelmente a cada pincelada.

— Vamos — chamou Caspian, saindo da ala de Falsificação. — Há muito mais para ver.

O prédio seguinte abrigava todo tipo de equipamento de exercícios, embora não do tipo que Gabriel já tivesse visto. Paredes de escalada cobriam metade do lugar, no meio do espaço estavam itens estranhos, que pareciam feitos para se saltar por cima ou através deles, e, na extremidade oposta, havia uma grande área de tatame. Pequenas gotas escuras de algo muito suspeitamente parecido com sangue seco pontilhavam o chão.

— Este é o nosso centro de Criminástica — explicou Caspian, saltando um objeto que batia na sua cintura com a graça de um homem com metade da sua idade. — Aqui trabalhamos aptidão funcional. Sabe o que isso significa?

Gabriel fez que não com a cabeça, perguntando-se em segredo se também conseguiria saltar por cima do objeto.

— Significa que fazemos atividades e exercícios que vão ajudar você em suas atividades criminosas. Escalada em vez de rúgbi, *parkour* em vez de tênis, Krav Magá em vez de futebol.

O coração de Gabriel disparou. *Parece que existe mesmo um lugar para alguém com meus talentos.*

Naquela tarde, Gabriel viu maravilhas de todos os tipos — salas grandes e pequenas, cheias de itens familiares que, definitivamente, não deveriam estar na ilha. Pendurada na parede do refeitório, ao lado de um mapa esfarelado onde se lia *Plantas de Alcatraz*, havia um quadro estranhamente parecido com a *Mona Lisa*. Embora não pudesse ser a versão *original*.

Ou poderia?

Todo o último andar da mansão era uma biblioteca repleta de livros que pareciam ter centenas de anos. Um exemplar grosso e caindo aos pedaços estava no centro do cômodo, dentro de uma caixa de vidro. Algo chamado *Crimina Carta*. Apesar da proteção de vidro, grandes seções pareciam ter sido arrancadas.

Mais estranho ainda era o fato de que, crescendo no centro da mansão, havia um enorme carvalho torto.

— Ah, sim — começou Caspian, quando Gabriel parou para olhar a árvore do patamar do segundo andar. — O Carvalho Torto está aqui desde que me lembro. Reza a lenda da família que nós, Trapaças, compramos estas terras e criamos um lago com uma grande ilha no centro para que ninguém jamais encontrasse por acaso nossa escola de ladrões. Mas eles não conseguiam decidir onde construir a mansão. Então nos deparamos com este velho carvalho, entortado pelos ventos da charneca, mas ainda de pé, apesar de tudo pelo que a vida o tinha feito passar. Por isso, quando projetamos a ilha, achamos que seria apropriado manter o Carvalho Torto bem no centro.

Os olhos de Gabriel percorreram a árvore desde as raízes, passando por todos os andares e saindo pelo telhado. À medida que passavam por cada nova sala, com suas intermináveis esquisitices pregadas nas paredes ou espalhadas pelas mesas, Gabriel fervilhava de perguntas. Caspian parecia antecipar cada uma delas e as respondia com histórias divertidas ou com a promessa de explicar em outro momento. Para um conhecedor do crime como Gabriel, aquele lugar era a Disneylândia.

A escola o enfeitiçou a tal ponto que ele quase esqueceu o motivo de ter ido até lá. Mas já estava ficando tarde e a Vovó ficaria preocupada. Gabriel pigarreou.

— Minha moeda. Pode me devolvê-la agora, por favor? Foi só por isso que vim.

Caspian arqueou uma sobrancelha.

— Claro, Gabriel. Está no meu escritório. Embora algo me diga que sua moeda não foi o *único* motivo para você ter vindo aqui hoje.

Com isso, ele se virou e saiu pela porta do prédio principal, desceu as escadas e atravessou o gramado até a densa linha de árvores. Gabriel o seguiu.

Ali, as árvores eram maiores e mais antigas do que no lado leste da ilha, e a luz do sol mal conseguia atravessar a copa espessa. Quase à margem do lago, encontraram uma construção de madeira mais ou menos do mesmo tamanho da casa de Gabriel, embora em condições muito melhores. Como alguns dos outros edifícios menores espalhados pela ilha, tinha sido construída em madeira e vidro.

— Entre — convidou Caspian, mantendo a porta aberta. Lá dentro era quente e aconchegante, com uma lareira no fundo e duas enormes mesas de madeira lado a lado, no centro da sala. — Infelizmente, minha codiretora está agora... em algum outro lugar. Durante as férias de verão, houve uma série de contratempos no Submundo que exigiram sua atenção. Ela... — Caspian balançou a cabeça. — Deixa para lá, isso não importa.

Gabriel tirou do bolso a carteira que havia roubado de Caspian na estação de Ponte Rochosa.

— Aqui. Desculpe por ter pegado isso.

— Que nada — disse Caspian, pegando a carteira e a colocando em cima da mesa. — Trouxe você aqui, para o Instituto Trapaça, não foi?

— Então aqui é realmente uma escola para criminosos.

A intenção era que fosse uma pergunta, embora tenha saído mais como uma acusação.

— Somos muito mais do que isso — afirmou Caspian, sentando-se em uma cadeira de couro macio e gesticulando para que Gabriel se sentasse em outra igual, do outro lado da mesa. — Somos um lar para os rejeitados, um santuário para os perdidos e, sim, um campo de treinamento para os maiores bandidos do futuro.

Gabriel balançou a cabeça.

— Mas eu não sou um... criminoso. Eu só roubo o que preciso para mim e para a Vovó. Só isso.

Caspian assentiu como se tivesse ouvido inúmeros protestos semelhantes, seus dedos finos movendo-se para o queixo barbeado.

— A palavra *criminoso* é mal compreendida, eu acho. Você rouba pela mesma razão que nós no Instituto Trapaça roubamos: para colocar o mundo de volta em equilíbrio. Diga-me, você sabe como os Mercier conquistaram sua fortuna?

Gabriel se encolheu ao ouvir o nome da família cuja mansão ele limpava diariamente.

Caspian prosseguiu:

— Vendendo carros com peças baratas e defeituosas, que eles sabiam que provavelmente dariam defeito dentro de dois anos. Os Mercier não se importam com aqueles que são prejudicados no processo. Uma família até morreu num acidente, mas seus caríssimos advogados conseguiram mantê-los fora da cadeia. Eles continuam em sua mansão, sendo reconhecidos por seu tino empresarial, ao mesmo tempo que fazem vista grossa aos danos que causaram. — Caspian se inclinou para a frente e, pela primeira vez desde que Gabriel o conhecesse, a raiva brilhou em seus olhos acinzentados. — Quer saber qual é o grande segredo do mundo, Gabriel Avery? Os verdadeiros criminosos não usam roupas listradas e máscaras, eles usam ternos e sorrisos. E a maioria é rica demais, *poderosa* demais, para ser obrigada a pagar por suas más ações. — Caspian se recostou. — Isso é, em essência, o que fazemos aqui no Instituto Trapaça: fazemos coisas erradas para deixar o mundo certo de novo.

— Ainda assim, mesmo quando não temos nada para comer, a Vovó odeia quando roubo carteiras.

Caspian assentiu seriamente.

— Ela é uma mulher honrada e trabalhadora, e quer que você siga seus passos. Todo pai e mãe quer. Mas o que você faz por ela também é honrado, Gabriel. Você não quer ver sua avó passar fome, então rouba apenas o suficiente para alimentá-la e nada mais. — Ele se empertigou na cadeira. — Deixe-me perguntar uma coisa: se você fizesse algo lindo, algo verdadeiramente inestimável para você e sua família, e então alguém aparecesse e tirasse isso de vocês... você tentaria pegar de volta?

— Claro.

— E se você pescasse em um rio, apenas para, certo dia, ver a água escurecer e os peixes morrerem porque alguém estava despejando detritos rio acima, você tentaria impedir essa pessoa?

A resposta era óbvia, não era?

— Sim, eu tentaria.

— E se a Vovó colocasse cada centavo que ela economizou em um esquema sugerido por um homem que conquistou sua confiança, apenas para que tudo desaparecesse no dia seguinte, o que você faria?

O simples pensamento fez a pele de Gabriel arrepiar.

— Eu tomaria de volta.

Caspian sorriu.

— Claro que sim. Mas, se você tivesse que invadir a casa de alguém para recuperar esse item inestimável, seria um crime? Se você tivesse que hackear a empresa que estava despejando detritos no rio para detê-la, isso seria errado? E se encontrasse o homem que roubou as economias da sua avó, há *alguma coisa* que você não seria capaz de fazer para recuperá-las?

Gabriel ficou em silêncio, refletindo.

— Mas por que eu?

Caspian assentiu, como se estivesse esperando essa pergunta.

— Temos te observado pelos últimos anos, seguindo você de Tocamilha a Colina Carroça e, agora, Ponte Rochosa. — Caspian gesticulou ao redor da sala, para inúmeras fotografias de homens e mulheres, jovens e velhos, sozinhos ou em pequenos grupos, coloridas e em preto e branco, todos com o mesmo sorriso astuto. — A rede de ex-alunos do Instituto Trapaça está sempre de olho, como pode ver. Seu olhar coletivo é treinado para identificar jovens talentos. Méritos, como os chamamos. Os Méritos que nossos ex-alunos nos recomendam são então analisados mais de perto, muitas vezes pelos próprios professores.

— Como você? — perguntou Gabriel.

— Bem, normalmente, não. Nem eu, nem minha codiretora podemos passear pelo país quando bem entendemos, nem mesmo durante as férias de verão. Sobretudo eu. Em alguns círculos desagradáveis, sou bastante... bem... *conhecido*. — Ele pigarreou como se não tivesse nenhuma intenção de explicar. — Mas, por acaso, você estava a apenas uma viagem de trem de distância, então decidi ir eu mesmo recrutá-lo.

— Recrutar? — disse Gabriel, com uma risada. — Deixando que *eu* roubasse a *sua* carteira?

— Mostrando a você um sinal irresistível, distraído com meu telefone, vestindo calças largas com bolsos grandes que mostravam uma carteira, e vendo se você morderia a isca. Muitos não mordem e, por isso, nunca lhes é oferecida uma vaga.

Gabriel pensou por um longo momento. Era isso que ele queria, não era? Um lugar onde seus talentos fossem valorizados. Onde poderia ser ele mesmo e celebrado por isso. Aquele lugar mágico e tortuoso era tudo o que ele sempre havia sonhado e muito mais. Mesmo assim...

Ele estendeu a mão.

— Acho que gostaria de ter minha moeda de volta agora, por favor.

Caspian suspirou. Relutante, tirou a moeda da primeira gaveta e a colocou na mão de Gabriel. O garoto a virou para o lado queimado e

sorriu.

— Obrigado. — Ergueu os olhos. — Sinto muito, mas não falo cinco idiomas, não faço Criminástica nem sei quem é Matisse. Eu não pertencço a este lugar, senhor. Não mesmo.

— Ah, mas Gabriel — disse Caspian, com os olhos se iluminando. — Justo aqueles que se sentem deslocados são os mais bem-vindos no Instituto Trapaça. Sabe por quê?

Gabriel balançou a cabeça.

— Porque são os excluídos, os esquecidos, aqueles que sempre sentiram que *não* pertenciam, que acabam mudando o mundo.

Aquilo tudo era muito conveniente, mas Gabriel tinha uma vida para a qual voltar.

— Desculpe, senhor. Não quero mudar o mundo. — Gabriel se levantou. — Está ficando tarde. Vovó vai ficar preocupada. — Ele colocou a moeda no bolso e tirou algo mais. — Obrigado por me mostrar o Instituto Trapaça. Prometo que não vou contar a ninguém sobre isso. Ah, e isso aqui é da Penelope. Ela vai precisar deles para as aulas de cantonês. — Ele largou os fones sem fio na mesa, caminhou em direção à porta e a abriu.

— Aqui no Instituto Trapaça, Gabriel Avery, seus talentos podem levá-lo a lugares com os quais você ainda não pode nem sonhar — declarou Caspian atrás dele, num tom alto e calmo. — Ao passo que lá fora, sem treinamento, creio que eles apenas o levem para a cadeia.

Gabriel parou no meio da porta. Cadeia. Era isso que a Vovó sempre dizia. Que um dia ele seria pego e não conseguiria se livrar mentindo, jogando charme ou se debatendo. Então ela ficaria sozinha.

Gabriel segurou a maçaneta com mais força.

— Vovó fica muito cansada todos os dias. E, na maioria deles, passa fome. Tudo o que eu roubo... realmente é tudo para ela. Sempre foi. — Ele se virou e ergueu os olhos cheios de lágrimas. — Não menti quando disse que não quero mudar o mundo inteiro. Só o *nosso* mundo, meu e dela.

Caspian o fitou por um momento. Então, lentamente, se levantou e contornou a mesa, pôs a mão no ombro de Gabriel e deu um sorriso caloroso.

— Se todos nós tivéssemos um sonho desses, de melhorar a vida daqueles que amamos, este mundo seria um lugar maravilhoso.

Gabriel secou o rosto.

— Mas não posso ajudar a Vovó se estiver aqui.

— De início, não — disse Caspian, seu rosto ficando sério. — Você não estará mais lá com ela todos os dias. Mas poderá conversar com sua avó uma vez por semana e visitá-la nas férias. E, embora você deva informá-la de que aceitou uma vaga em um internato e chegou em segurança, para que não tenhamos a polícia batendo em nossa porta, não vai poder dizer a ela onde a escola fica, quem são seus colegas de classe, nem, o mais importante, *o que* fazemos aqui. Para proteger o nosso mundo, você terá que mentir para a pessoa que mais ama. Em troca, você tem este lugar. Você não nos pagará um centavo até se formar, quando então receberemos apenas uma fração de cinco por cento de seus ganhos vitalícios. E o *mais* importante... — Caspian se curvou até ficar na altura de Gabriel, suavizando os olhos. — Se você realmente deseja criar uma vida melhor, para você *e* para sua avó, não há nenhum lugar no mundo melhor do que o Instituto Trapaça.

Não visitar a Vovó por *três meses*? Gabriel não poderia fazer isso. Ela morreria de tanta preocupação. Além disso, precisava dele lá em Ponte Rochosa, para ajudá-la com a limpeza e o jardim. Não, tudo o que podia fazer era ir para a escola da aldeia, com todas aquelas crianças que o odiavam, e depois limpar a mansão com a Vovó depois da aula e nos fins de semana.

Uma sensação de desânimo tomou conta de Gabriel. Por quanto tempo? Até terminar a escola? *Cinco anos* fazendo isso? Roubando carteiras na estação de trem para poder comprar um sanduíche de bacon. Sendo forçado a morar naquele arremedo de casa, cheia de vazamentos e caindo aos pedaços? Limpando aquele desastre de

banheiro no andar de cima da mansão Mercier. Vendo a Vovó acordar cansada e ir dormir exausta. Vendo-a pular cafés da manhã, almoços e jantares... Presos na horrível Ponte Rochosa *para sempre* — ou até que a Vovó não pudesse mais trabalhar e eles tivessem que se mudar para um lugar ainda pior.

Então Gabriel percebeu que nada jamais mudaria, a menos que ele *fizesse* mudar.

— Na verdade — disse Gabriel, voltando para o escritório e fechando a porta. — Provavelmente é melhor eu ficar. Não tenho dinheiro suficiente para uma passagem de volta para casa.



CAPÍTULO SEIS



Querida Vovó,

Lamento ter desaparecido assim, mas é por um bom motivo.

Acontece que fui aceito em uma escola para ladrões...

Gabriel parou de escrever. Bem, ele definitivamente não poderia dizer *isso*. Vovó iria morrer de preocupação. Era provável que chamasse a polícia e notificasse seu desaparecimento antes mesmo de terminar de ler. Além disso, o diretor também o proibira de dizer a ela qualquer palavra sobre o Instituto Trapaça. Não, ele tinha que inventar algo mais aceitável.

Franzindo a testa, ele amassou o papel e o jogou na lixeira no canto do seu novo quarto. Depois de aceitar a oferta de Caspian, ele foi conduzido a um dos três prédios menores que ficavam em frente à mansão. Não era nem um pouco parecido com o local onde os alunos

do último ano ficavam, na mansão. Gabriel tinha visto o andar deles no passeio com Caspian. Era amplo e luxuoso e, por serem considerados habilidosos o suficiente em Bandidagem para se aventurarem no mundo real, os espólios de suas saídas eram pregados em todas as paredes, expostos em todos os cantos, até mesmo exibidos com orgulho em seus uniformes.

O prédio de Gabriel, por outro lado, era apertado e simples. Tudo o que havia em cada quarto era uma cama de solteiro, uma escrivaninha de madeira de aparência frágil, uma cadeira de plástico e uma luminária de mesa temperamental, que era ou ofuscantemente brilhante, ou pateticamente fraca.

Mesmo assim, era maior do que o quarto dele em casa, não tinha goteiras e, o melhor de tudo, era quente. As únicas vezes que Gabriel se lembrava de estar aquecido durante o inverno era quando invadia a mansão enquanto os Mercier estavam fora e acendia a enorme lareira. Ele só tinha feito aquilo nas noites mais frias de inverno, quando o copo de água que Vovó sempre colocava na mesinha de cabeceira congelava, e ele sempre limpava as brasas quando elas se apagavam. Mas aquelas poucas horas de manhã cedo, enrolado como um gato no tapete macio ao lado da lareira, eram uma bênção. Vovó nunca o repreendera por isso, embora ela devesse saber o que estava fazendo, porque ele sempre colocava seu próprio edredom sobre ela antes de sair escondido.

Então ele sentiu saudade da Vovó. Desejou estar de volta àquela casa com goteiras, sentado à sua frente depois de um duro dia de trabalho. Conversar sobre tudo e nada em uma mesa de jantar vazia, rindo para não chorar. Mas ele não podia ir embora. Tinha que ficar. Pela Vovó. Para dar a eles dois a chance de uma vida melhor.

Gabriel se obrigou a sair do devaneio e voltou a escrever.

Querida Vovó,

Quero começar esta carta dizendo que estou seguro. Eu não fugi de casa, então, por favor, não pense isso. Voltarei no Natal, prometo. A questão é que fui aceito em um internato. Não contei que ia me inscrever porque sabia que você não me deixaria ir. Também foi por isso que saí sem me despedir. Mas eu fui aceito, e eles me deram uma bolsa integral. Então você não precisa pagar por nada.

Sei que vai ficar com raiva de mim, mas tudo bem. Eu me certifiquei de que você não tenha que limpar a mansão sozinha. Liguei para o sr. Hartley e ele concordou em ir ajudar nos fins de semana. Nos dias de semana, ele vai enviar seu sobrinho à tarde. O sr. Hartley é um ogro, mas é gentil.

Desculpe não poder ligar para você, mas sei que, pelo telefone, você me convenceria a voltar, e ainda não posso fazer isso. Esta nova escola é diferente de Torfalls. É melhor. Aqui tenho a oportunidade de aprender coisas que significarão que não precisaremos mais morar nessa casa de fundos. Quero que a gente tenha uma casa decente, com aquecedores, um telhado sem goteiras e comida suficiente para que você nunca pule uma refeição por minha causa. E, acima de tudo, não quero que você tenha que limpar outro banheiro nunca mais. É por isso que estou aqui e é por isso que tenho que ficar. Só espero que você possa me perdoar.

Vejo você no Natal.

Gabriel

Obs. Estou enviando meu suéter junto com esta carta para que você saiba que é realmente minha. De qualquer forma,

há muitos furos nele. Além disso, agora eu tenho um uniforme.

Gabriel largou a caneta. *Sim*, pensou, relendo a carta. *Assim está melhor.*



CAPÍTULO SETE

Nos dias seguintes, enquanto esperava a chegada dos outros Méritos, Gabriel explorou a ilha. Era maior do que ele tinha pensado e havia muito mais para descobrir do que imaginara. Nada era inteiramente o que parecia. Certa tarde, passou vários minutos maravilhado com uma pequena árvore que parecia ter crescido torta, muito semelhante ao Carvalho Torto, até que um Mérito do terceiro ano apareceu, a pegou como se não pesasse nada e foi embora. Gabriel não tinha ideia de por que um bandido poderia precisar de uma árvore hiper-realista de papel machê, mas a réplica era impecável.

Alguns aspectos eram ainda mais desconcertantes. Por exemplo, todos os banheiros — cada um deles — eram trancados por fora, de modo que qualquer pessoa que quisesse usá-los tinha que arrombar a fechadura para entrar. Esquecer de trancar a segunda fechadura enquanto estivesse lá dentro significava que um convidado indesejado poderia invadir o lugar no meio do seu xixi. Quando Gabriel perguntou a Caspian por que tinha feito aquilo, o diretor disse:

— Não é óbvio? Nunca estamos mais desesperados, mais estressados ou sob mais pressão do que quando queremos ir ao banheiro. Se você consegue arrombar uma fechadura quando sua

bexiga está ameaçando explodir, consegue fazer isso em qualquer outro momento.

Mas o pior de tudo era que objetos que estavam em um local pela manhã poderiam estar, e muitas vezes estavam, em um canto distante da ilha à tarde. Caspian fazia os Jardineiros — adultos vestidos com macacões cinza largos que pareciam ser os seguranças do Instituto Trapaça — mudá-los de lugar para testar a memória dos alunos. Ele também tinha o hábito de parar um dos Méritos recém-chegados e questioná-lo sobre um objeto próximo. Se o aluno respondesse corretamente, ele o elogiava; se não, dizia sempre a mesma frase:

— Tente prestar mais atenção ao seu entorno. Quando as aulas começarem, isso será muito importante.

Felizmente, até ali Gabriel tinha conseguido evitar esse interrogatório. Ele não estava nervoso por ser reprovado no teste. Muito pelo contrário. Parte do que fazia dele um ladrão habilidoso era que se lembrava de coisas — de quase tudo, na verdade. O que era maravilhoso... e também terrível. Gabriel se lembrava em detalhes de cada tentativa de roubo fracassada, até o estilo de jeans que o alvo estava usando no dia. Ele também se lembrava de cada palavra ofensiva de um colega de classe, de cada dar de ombros indiferente de um aldeão, de cada noite em que sua avó passara fome para que ele pudesse comer.

Às vezes, Gabriel desejava apenas poder... esquecer. As outras pessoas não ficavam gratas por esquecer as coisas, mas deveriam. Era uma bênção. Gabriel abriria mão de todos os tesouros que já havia roubado em troca de poder esquecer os piores momentos de sua vida. Mas eles estavam gravados para sempre em sua memória. Cada detalhe tão vívido quanto no dia em que aconteceu. Perfeita e angustiantemente igual.

Um dia antes da chegada dos Legados, Gabriel saiu para caminhar pela ilha. Mantendo-se perto da margem do lago, mas também perto o suficiente da linha das árvores para poder se esconder caso um estranho aparecesse na costa da terra firme, ele foi avançando. Tinha

chovido na noite anterior e partes da costa estavam encharcadas, poças de água lamacenta bloqueavam o caminho desgastado e o forçavam a pular ou desviar delas. Estava chegando ao píer torto quando viu duas figuras paradas nas rochas mais adiante. Estavam sorrindo e apontando para o lago. A cerca de dez metros da costa, uma pequena barbatana cortava o espelho d'água.

Gabriel quase tropeçou em uma poça. A barbatana era pequena demais para ser de um tubarão ou golfinho. E num lago? Não fazia sentido. Devia ser alguma outra coisa.

Passando pelo píer torto, subiu nas pedras, indo em direção aos dois meninos. De perto, percebeu que eles tinham mais ou menos a sua idade, com rostos redondos e sorridentes e pele escura que brilhava levemente com suor, como se tivessem corrido. Um deles segurava um objeto com a mão esquerda e, com a direita, batia nele. O outro gritava instruções que Gabriel não conseguia entender. Buscando o melhor caminho pelas pedras e contornando as piscinas naturais que se formavam entre elas, ele se aproximou.

— Alguma coisa lá embaixo? — perguntou o da esquerda.

— O sonar está captando algo — respondeu o da direita, entusiasmado.

— De que tamanho?

— Ah, cara, é grande. Muito grande.

Eles tentaram se cumprimentar com um “toca aqui”, mas erraram feio. Isso não pareceu incomodá-los nem um pouco.

— Hum, oi? — disse Gabriel.

Eles se viraram ao mesmo tempo e bateram as cabeças. Gabriel estremeceu.

— Por que você sempre tem que ficar tão perto de mim? — reclamou o da esquerda, com a mão na testa.

— Do que você está falando? Foi *você* que bateu em *mim* — acusou o da direita, esfregando a têmpora.

— Vocês são Méritos? — perguntou Gabriel.

Os dois se assustaram como se, nos poucos segundos desde que Gabriel os cumprimentara, tivessem esquecido que ele estava ali.

Gêmeos, pensou. *Gêmeos idênticos*. E ele não seria capaz de diferenciá-los se não fosse por duas coisas: o garoto da esquerda tinha a cabeça raspada e um brinco de prata com uma caveira e ossos cruzados pendurado na orelha direita, enquanto o cabelo do da direita tinha cerca de dois centímetros de comprimento e o seu próprio brinco de caveira e ossos cruzados estava pendurado na orelha *esquerda*.

— Méritos? — perguntou o da esquerda, confuso por um momento. Então seus olhos se arregalaram. — Ah, sim. Somos. Fizemos valer nossa entrada e tal. E você?

Gabriel assentiu.

— Eu também. A propósito, meu nome é Gabriel.

— Eu sou Ade... — começou o da esquerda.

— ...e eu sou Ade — concluiu o da direita, ao que o da esquerda se virou para ele.

— Não é, não... — O menino bufou. — Qual é, cara? Por que está fazendo essa bobeira de novo?

O segundo franziu a testa.

— Só estava me divertindo um pouco. Agora parecemos estranhos. — Ele levantou a voz: — Aposto que agora você acha que somos estranhos, não é?

Gabriel não sabia o que dizer, então não disse absolutamente nada.

— Não dê ouvidos a ele — disse o da esquerda. — Eu sou Ade e ele é Ede. Okoro.

Ede deu de ombros como se dissesse: *Tudo bem, que seja*.

— E aquela — acrescentou Ade, apontando para a barbatana que balançava suavemente na superfície da água — é Sorrateira. Nós mesmos a fizemos. Ela pode mergulhar na água, rolar pela terra e até voar. Além disso, ouça. — Ele colocou a mão em concha na orelha sem brinco.

— Eu... não estou ouvindo nada — disse Gabriel.

— Exatamente! — gritou Ade, assustando Gabriel. — Silenciosa como um rato. É por isso que ela se chama *Sorradeira*.

— Ei — Ede interrompeu o irmão. — Primeiro, decidimos que era *Sorradeira*. Em segundo lugar, ratos não são silenciosos. Lembra da casa antiga? Aquelas unhazinhas terríveis arranhando as tábuas do assoalho... — Ele estremeceu. — *Sorradeira* se parece mais com um leopardo.

Ade estava prestes a interromper, mas Gabriel falou primeiro:

— É isso que vocês fazem então? Inventam coisas? Foi assim que conseguiram entrar no Instituto Trapaça?

Ade bufou.

— Não, *Sorradeira* é só por diversão. Somos chapéus brancos.

Gabriel olhou para eles sem entender.

Ede cruzou os braços.

— Você já ouviu falar dos chapéus brancos, né?

Gabriel balançou a cabeça, as bochechas corando.

— Bem — começou Ade —, eles invadem sistemas e, pelo preço certo, contam às pessoas que hackearam como conseguiram entrar, para que elas possam consertar sua segurança e impedir que qualquer outra pessoa faça o mesmo. Outras vezes, expõem as falcatruas daqueles terrivelmente corruptos.

— Não podemos esquecer essa parte — acrescentou Ede. — Então, sim, é isso que fazemos. E somos bons. — Ele deu de ombros. — Somos muito conhecidos on-line. Mas não é algo de que você possa se gabar. O segredo desse jogo é as pessoas não saberem quem você é. Anonimato e tal. Mas agora que estamos aqui, acho que isso não importa mais.

— Então — começou Gabriel. — *Como* vocês são conhecidos?

Os irmãos trocaram um olhar cauteloso.

— Somos conhecidos como... — Mas Ade foi interrompido pelo irmão.

— Ei! — disse Ede, franzindo a testa. — Por que é você quem vai dizer?

— Porque sou mais velho. É assim que funciona.

— Você é *três minutos* mais velho, Ad. Isso nem conta!

— Quem passou seus uniformes o ano passado todo?

Ede franziu a testa.

— Você, mas...

— E quem fazia o jantar para todo mundo quando a mamãe estava muito cansada?

— Você, mas Ad...

— E-xa-ta-men-te — interrompeu Ade. — Isso significa que mereço nos apresentar.

Ede pensou por um longo momento.

— Não, vamos falar juntos.

Ade revirou os olhos.

— Está bem.

Ede pareceu satisfeito com isso. Ele ergueu três dedos e começou a contagem regressiva até um, mas parou no dois.

— Não, não podemos falar juntos. É estranho demais. Deixa que eu falo...

— Somos os Irmãos Crime — concluiu Ade.

Ede se virou para ele, boquiaberto.

Ade deu de ombros.

— Irmãos mais velhos não hesitam. — Ele se virou para Gabriel. — Esse nome significa alguma coisa para você, Gabe?

Ainda mais constrangido, Gabriel estava prestes a admitir que não. Mas antes que pudesse abrir a boca, um grito empolgado soou atrás dele, fazendo todos se virarem bruscamente.

Penelope Trapaça saiu da densa fileira de árvores e, com a agilidade de alguém que praticara Criminástica a vida toda, correu pelas pedras cobertas de musgo.

— Sabia! Eu soube que vocês eram os Irmãos Crime no momento em que pus os olhos em vocês.

Ela estava usando seu traje de corrida todo preto, os longos cabelos escuros presos em um rabo de cavalo. O único toque de cor nela era a

faixa violeta puída que prendia seu cabelo.

— Você os conhece? — perguntou Gabriel.

Ela olhou para Gabriel e piscou, como se só agora o tivesse notado.

— Eu não os *conheço*. Mas *ouvi falar* deles. Todo mundo já ouviu. — Ela se virou para os irmãos. — Seu trabalho na Con-Oil foi uma obra-prima. Vocês entraram e saíram do sistema deles em minutos e o que encontraram os tirou do mercado para sempre. E... e... — Ela estava com dificuldade para respirar, falava muito rápido. — E a Hydro-Cell, que estava despejando lixo tóxico na costa de... Vocês expuseram eles também. E... e... — Penelope fez uma pausa para tomar fôlego. Então começou de novo: — Ouvi dizer que vocês se tornaram hackers por causa do seu pai. Ele ficou gravemente ferido... porque a empresa dele estava usando equipamentos defeituosos... e vocês queriam denunciá-los...

Ade pareceu contrariado.

— Ed, por que ela está contando pra *gente* a *nossa* própria história?

Ede sorriu para o irmão.

— Ah, acho que temos uma fã.

Ade, porém, estava desconfiado.

— Hackers não deveriam ter *fãs*. Significa que alguém sabe o que fizemos. E, se alguém sabe o que fizemos, significa que deixamos rastros.

— Apenas o suficiente para que nossa diretoria pudesse encontrá-los — disse Penelope. — Não há vergonha nisso. Não existe hacker melhor em todo o mundo do que Sussurro.

— Seu pai também é hacker? — perguntou Gabriel para Penelope, sentindo como se a conversa, de repente, tivesse mudado para outro idioma. Um que ele não entendia.

A cor desapareceu do rosto de Penelope e ela lançou a Gabriel um olhar cruel.

— Espere um segundo — disse Ade. — O diretor é seu *pai*? Então você é uma Trapaça?

— Ah, não — choramingou Ede, estreitando os olhos. — Nós arrumamos uma Legado.

— Sim — confirmou Penelope, erguendo o queixo em desafio. — Eu sou uma Legado. E daí?

— Ah, nada — respondeu Ade, num tom que sugeria que, definitivamente, havia alguma coisa.

— Isso importa? — perguntou Gabriel. — Que ela seja uma Legado?

Os gêmeos ficaram boquiabertos. Ede falou primeiro:

— Claro que importa. Alguns de nós fizeram por merecer nossa vaga aqui, enquanto outros, *não*. Todos os anos, nós, estudantes, competimos para ganhar o prêmio final. Mas um Mérito não vence há *onze anos*.

— Qual é o prêmio final?

— A Copa Criminal — respondeu Penelope. — Competimos o ano inteiro, em todos os tipos de atividades desonestas, e terminamos com a Invasão. Todos os anos, os professores escolhem uma única sala para fortificar... Sensores de pressão, câmeras térmicas, Jardineiros extras...

— Tudo, basicamente — resumiu Ede.

— *Não*, nem tudo — rebateu Penelope. — É meticulosamente criado para replicar um sistema de segurança que já foi superado por um de nossos ex-alunos. E, quanto mais velho você é, mais desafiadoras são as Invasões.

— Então este ano será fácil para nós? — perguntou Gabriel.

Penelope o encarou de maneira arrogante.

— Claro que não. Na maioria das vezes, nenhum aluno, de qualquer ano, consegue. — Lentamente, um sorriso se abriu em seu rosto. — Mas, se conseguirem, ganham cinquenta pontos, o que *sempre* é suficiente para garantir a Copa Criminal. Mas não é só isso: quem tiver sucesso na Invasão também ganha...

— O que todos nós, bandidos, mais queremos — interrompeu Ade, com os olhos famintos. — Informação.

— Eles ganham o direito de fazer uma pergunta — continuou Ede.
— Que o próprio Trapaça deve responder com sinceridade...

— Desde que a resposta não coloque o Instituto Trapaça ou seus ex-alunos em perigo — interrompeu Penelope. — A maioria das pessoas desperdiça suas perguntas. Papai não pode fornecer informações como a localização das verdadeiras Joias da Coroa...

— O que você quer dizer com as *verdadeiras* Joias da Coroa? — perguntou Gabriel. Penelope o ignorou.

— ... sem que as consequências dessa revelação acabem expondo partes do Submundo que ele prefere que permaneçam nas sombras.

Ede inclinou a cabeça.

— Por que você fala assim, hein? — Ele imitou o jeito dela. — *Sem que as consequências dessa revelação...* — Ele caiu na gargalhada, incapaz de terminar.

Ade cutucou o irmão e se inclinou de um jeito cúmplice.

— É o berço de ouro, cara. Faz alguma coisa com os bebês e... — Eles bateram as cabeças. Gabriel nunca tinha visto duas pessoas menos sincronizadas do que Ade e Ede.

Eles resmungaram um para o outro, dando a Gabriel a chance de se virar para Penelope.

— Seu pai é hacker e também batedor de carteiras?

— Não — respondeu Penelope. — Sussurro é a codiretora do meu pai. Sua identidade foi exposta há alguns anos, então nenhum outro lugar além do Instituto Trapaça é seguro para ela. Nas mãos erradas, alguém com essa habilidade pode ser a arma mais perigosa que existe.

— Mas seu pai me disse que ela estava fora.

Penelope assentiu, preocupada.

— Sim, ela está. Mas foi inevitável...

Por que ela sempre respondia a uma pergunta sem realmente respondê-la? Era irritante.

Ade ergueu o olhar.

— Ei, você disse que Sussurro é uma mulher?

Penelope assentiu.

Ade estendeu a mão, com a palma para cima.

— Eu te falei que o código de Sussurro era bonito demais para ser trabalho de um homem. Vamos, pague.

— Que seja — disse Ede, entregando 50 centavos. — Desde que Sussurro ensine aqui no Instituto Trapaça, eu não dou a mínima para o que ela é. — Eles iam se cumprimentar batendo os punhos, mas erraram miseravelmente. Um pouco envergonhado, Ede se virou para Penelope: — Então, quando ela volta?

— Ela vai chegar com os Legados — respondeu Penelope. — Amanhã à noite.



CAPÍTULO OITO



Todos na ilha do Instituto Trapaça se reuniram à margem do lago para aguardar a chegada dos Legados do primeiro ano. Os Méritos e Legados mais velhos, que haviam chegado em trens escalonados no início do dia, amontoavam-se em pequenos grupos mais atrás, sussurrando animadamente sobre as férias de verão. Gabriel e os Méritos do primeiro ano estavam na primeira fila, ombro a ombro, em silêncio, os olhos vidrados no outro lado do lago.

Caspian Trapaça, Palombo — o professor de Falsificação — e vários outros professores que Gabriel ainda não conhecia estavam espalhados pela multidão à espera. As tochas que tinham usado para escoltar todos com segurança através das árvores pendiam ao lado deles, agora apagadas. A única luz vinha da lua e das estrelas. Até os ventos habituais, que sopravam pelas charnecas com tanta ferocidade que obrigaram o Carvalho Torto a se curvar, tinham acalmado. E o vapor quente da respiração dos espectadores subia pela noite gelada.

Então uma única luz começou a oscilar pela floresta na margem oposta. Não era como a luz de uma tocha; era mais suave, como a luz de uma vela. Isso fez com que as árvores próximas brilhassem calorosamente e os veteranos atrás de Gabriel ficassem em silêncio. A luz flutuou pela margem até ficar diante deles, e então parou. Lentamente, o rosto de uma mulher apareceu na luz laranja. Cachos castanhos e bem definidos emolduravam um rosto redondo e jovem. Mesmo àquela distância, Gabriel conseguia ver seu sorriso torto e seus olhos escuros e maliciosos.

— Ei, Trapaça! — chamou ela, brincando, a voz ecoando. — Faça o favor de levantar essa plataforma. Estou congelando aqui. E, se perder meus dedos, serei praticamente inútil.

Gabriel lançou um olhar para Caspian, que tentava esconder um sorriso.

— Claro, diretora Sussurro.

Ade e Ede se encararam de olhos arregalados e começaram a se cutucar com entusiasmo. Caspian voltou a falar:

— Por favor, afaste-se um pouco. Não gostaríamos que você ou seus pupilos ficassem encharcados, não é mesmo?

Caspian ergueu um pequeno controle remoto preto e apertou um botão. Por um momento, nada aconteceu.

Então bolhas começaram a se formar na superfície do lago em uma longa fileira, estendendo-se da ilha até a outra margem, onde Sussurro esperava. Como se fossem um só, os alunos do primeiro ano se inclinaram para a frente, a fim de espiar a água. Nas profundezas escuras do lago, algo começou a brilhar. Era um brilho estranho, como faíscas de uma luz azul nada natural... Gabriel ficou confuso. As luzes estavam *subindo*?

As bolhas se transformaram em espuma. Então algo veio à tona. A multidão arquejou, mas ninguém deu um passo para trás. Apenas Gabriel e Penelope deram um passo à frente. Eles se entreolharam por um momento, tontos de empolgação, e depois voltaram a olhar para o lago. A água já havia acalmado, revelando uma longa passarela

escura, que se estendia deles até a outra margem. Seixos luminescentes a ladeavam, iluminando-a de um lado ao outro.

Gabriel se inclinou para Penelope e sussurrou:

— Você não me disse que tinha uma *passarela*.

— Ela não é levantada para qualquer um. Só vi acontecer vinte vezes em toda a minha vida. — Ela fez uma pausa. — Bem, vinte e uma agora. Mas nunca a atravessei. — Por um momento, ela pareceu triste. — Achei que faria isso hoje, mas...

— Você é um Legado. Não deveria estar lá com eles?

— Deveria. — Ela cerrou a mandíbula. — Mas meu pai diz que seria ridículo eu ser oficialmente recebida em uma escola onde morei a vida toda.

— Você disse a ele que queria?

Ela suspirou.

— Agora não importa mais. — Os olhos dela se arregalaram. — Veja, eles estão atravessando.

Sussurro caminhou pela passarela primeiro, seu volumoso cabelo cacheado balançando a cada passo. A voz dela os alcançou através da água.

— Certo, alunos do primeiro ano, sigam-me. Quando estiverem no meio do caminho, peguem dois seixos. Depois de atravessar, entreguem um deles para um dos Méritos do primeiro ano. São aqueles na primeira fila, parecendo prestes a desmaiar. — Alguém atrás dela fez uma pergunta e Sussurro ergueu a mão bruscamente. — Nã-nã-não! Jamais faça uma pergunta pelas costas de alguém. Nucas não podem responder. Não se preocupe, tudo ficará claro em um instante.

Sussurro atravessou a passarela e sorriu para Caspian ao sair da plataforma.

— Sentiu minha falta, diretor? Aposto que tem sido muito entediante por aqui. — Ela se virou e acenou para que os Legados do primeiro ano, que aguardavam, a seguissem pela passarela.

Caspian sorriu.

— Entediante de maneira revigorante, diretora. — Ele baixou a voz a ponto de até Gabriel, que estava mais próximo, mal conseguir ouvi-lo. — E as suas... viagens?

O sorriso da diretora estremeceu e ela também sussurrou:

— Nada entediantes, infelizmente. É pior do que pensávamos, mas falaremos sobre isso mais tarde. — Ela fez uma pausa e olhou em volta. — Mas onde está o gênio da sua família? Achei que ela estaria com os outros Legados do primeiro ano.

Caspian acenou com a cabeça para Penelope, que estava alheia, focando muito os novos Legados prestes a cruzar a passarela.

— Está com os Méritos do primeiro ano, mas ela não vai gostar se você for até lá e a constran...

— Eu? Constrangê-la? — protestou Sussurro. — Acho que você já me superou nisso ao colocá-la com os Méritos.

Os Legados estavam boquiabertos e de olhos arregalados, embora Gabriel não soubesse dizer se era de medo, ansiedade ou admiração. Todos vestiam camisas, vestidos e casacos elegantes, e os sapatos estavam tão engraxados que refletiam as estrelas. Embora a maioria parecesse não se conhecer, eles caminhavam pela passarela em grupos, como se o simples fato de ter alguém por perto fosse suficiente para mantê-los em movimento.

Ao lado de Gabriel, Penelope se enrijeceu e suas mãos começaram a tremer. Então alguém pôs a mão em seu ombro, tirando-a do transe.

— Tenho uma coisinha para você, srta. Trapaça — disse Sussurro, que havia passado despercebida pela multidão, em um tom que era inconfundivelmente de professora para aluna, mas transparecia um afeto que a mulher de pele escura não conseguia mascarar.

Penelope ergueu o olhar.

— Para mim, diretora?

Sussurro levou a mão à orelha, soltou algo e colocou o objeto na mão de Penelope.

— Creio que vá achar isso útil para... seus estudos. — Com uma piscadela que ninguém além de Gabriel viu, Sussurro se afastou.

Ade e Ede se aproximaram.

— O que é isso? — perguntou Ade, então engasgou quando viu. — Isso é irado. — Um pen-drive pequeno e fino, com revestimento de madrepérola, estava na palma da mão de Penelope. Ade olhou para o irmão. — Os brincos dela são pen-drives. *Os brincos dela são pen-drives.*

Penelope sibilou para pedir silêncio, mas havia um sorriso em seu rosto quando ela se virou para a passarela iluminada.

Quando os novos alunos estavam na metade do caminho, começaram a pegar os seixos. Alguns os colocaram nos bolsos, mas a maioria os segurou com as mãos estendidas, claramente sem saber o que fazer. Então todos estavam do outro lado e não havia mais nenhum seixo na passarela. Nervosos, os Legados deixaram a segurança de seus grupos e se espalharam pela multidão em busca de um Mérito do primeiro ano a quem pudessem dar seu seixo extra. Nada menos do que quatro meninos se aproximaram de Penelope para lhe oferecer um seixo. Ela tentou explicar que também era uma Legado e, portanto, não deveria aceitar, mas acabou cedendo e aceitando o de um garoto de cabelos desgrehados e rosto anguloso, que sorriu para ela e depois se afastou, com ar arrogante, no meio da multidão. Gabriel tinha conhecido garotos como ele na escola e teve vontade de pegar o seixo e arremessá-lo na escuridão.

Enquanto isso, uma garota baixinha usando um *hijab* vermelho e dourado ofereceu seu seixo a Gabriel. Ela tinha pele marrom e olhos verdes que brilhavam à luz do seixo. Gabriel aceitou, agradecendo. Ela assentiu uma vez, virou à esquerda, percebeu que não havia nada além do bosque naquela direção e seguiu para a direita.

A multidão começava a se voltar para os codiretores quando uma voz gritou:

— Espere!

Todos se viraram e viram uma garota atravessando a passarela escura, vindo da costa. O seixo em sua mão banhava seu rosto pálido

e redondo com um brilho sobrenatural, que fazia seus olhos azul-gelo brilharem na escuridão.

— Ela é do primeiro ano? — perguntou Gabriel, mais para si mesmo do que para qualquer outra pessoa.

— Deve ser — disse Penelope. — Ela tem um seixo. Mas só um, o que é estranho.

Mas onde ela conseguiu isso?, pensou Gabriel. *Não havia sobrado nenhum. Tenho certeza disso.*

— Ela parece mais velha com essas roupas — comentou Ede.

E ele estava certo. O elegante casaco branco da garota era pelo menos dois números maior do que necessário, assim como suas calças pretas, embora, de alguma forma, nenhum dos dois lhe caísse mal. Talvez ela quisesse que parecessem grandes demais. Talvez estivesse *na moda*. Não que Gabriel entendesse qualquer coisa de moda...

A garota atravessou a passarela como um fantasma gracioso, seus olhos examinando a multidão que a observava. Ela sem dúvida sabia como armar um espetáculo, e todos pareciam felizes em assistir. Mas havia algo no modo como ela sorriu que causou arrepios na espinha de Gabriel. Seu sorriso era cuidadosamente ensaiado, e isso, pela sua experiência, sempre significava problemas.

A garota desceu da passarela e, sem diminuir o passo, caminhou pelo meio da multidão como se esperasse que ela se abrisse para deixá-la passar, o que de fato aconteceu. Só quando ela parou, os outros alunos se aproximaram. Quando todos finalmente se acalmaram, Caspian subiu até a margem elevada, pigarreou e começou a falar.



CAPÍTULO NOVE



-Bem-vindos ao Instituto Trapaça — começou Caspian. — A maioria de vocês está retornando a esta ilha tortuosa para mais um ano em nossa escola mundialmente infame. Alguns de vocês, infelizmente, estão voltando para o último ano. — Ele olhou para os alunos do primeiro ano, com os olhos brilhando, maliciosos. — Mas, para outros, esta é a primeira vez. É a vocês que dou as minhas mais calorosas boas-vindas. Eu imploro que olhem ao redor. Registrem este momento. Existem poucos momentos mágicos na vida, e dar seu primeiro passo nesta ilha e em um novo mundo é, sem dúvida, um deles. — O diretor fez uma pausa. — Agora, como todos sabem, esta não é uma escola comum. Quer tenham chamado a atenção de nossa rede de ex-alunos ou estejam seguindo os passos de seus ancestrais, vocês estão aqui por uma razão: são criminosos. E aqui, longe dos olhares indiscretos do mundo, os criminosos não são evitados nem difamados. Eles são bem-vindos. — Ele tirou um seixo luminoso do

bolso do paletó e o ergueu. — Trombadinhas... e com isso me refiro a vocês, calouros... ergam seus seixos para mim, por favor.

Gabriel ergueu a mão e abriu os dedos, liberando a luz do seixo. Ao seu redor, todos os outros Trombadinhas fizeram o mesmo.

— Quero que pensem em cada um desses seixos como um ex-aluno do Instituto Trapaça — continuou Caspian, apontando para o lago. — E no leito do lago como todos os países do mundo. — Ele fez outra pausa, a luz azul dançando em seus olhos. — A próxima parte é importante, então ouçam bem. Levem o que vou dizer para seu coração e deixe que lhes dê coragem. — Ele parou por mais um instante e parecia que estava olhando cada um deles nos olhos. — Aonde quer que vocês forem na vida, não importa quão longe suas aventuras os levem; depois que deixarem esta grande escola, entendam que nunca mais estarão sozinhos.

Caspian se inclinou para trás e arremessou o seixo em um arco. Ele caiu mais ou menos no meio do lago e começou a afundar nas águas escuras.

Então algo estranho aconteceu. Um pontinho de luz azul apareceu a menos de um metro do seixo de Caspian. Depois, um segundo, dessa vez do outro lado. Logo havia dez, vinte, trinta seixos brilhando nas profundezas. Em pouco tempo, todo o leito do lago estava inundado de luz. Em qualquer direção que Gabriel olhasse, seixos brilhavam. Devia haver milhares deles lá embaixo...

— Vocês podem não nos notar de início — prosseguiu Caspian, e todos se viraram para ele outra vez. — Na verdade, se nós, professores, fizermos bem o nosso trabalho, não notarão. Mas nós, os orgulhosos ex-alunos do Instituto Trapaça, *estamos* por aí, no mundo além deste lugar. Portanto, sempre que se sentirem sozinhos, pensem neste mar de seixos e lembrem-se de que nós, os excluídos, os incompreendidos, os insultados, somos muitos. E no momento em que vocês jogarem seus seixos naquele lago, se tornarão um de nós.

As pessoas ao redor de Gabriel estavam imóveis e em silêncio, prendendo a respiração, sem piscar. Penelope foi a primeira a se

mover. Gabriel sentiu o movimento ao seu lado e ouviu o silvo do ar quando o braço dela passou por sua orelha. Então, ao longe, houve um leve barulho.

Fechou os dedos em torno do próprio seixo e, com um movimento preciso, lançou-o bem alto para o céu. Não o viu cair no lago, apenas ouviu. Ele e Penelope sorriram um para o outro.

Houve um silvo coletivo no ar enquanto os outros Trombadinhas jogavam seus seixos para o alto e, depois, ondulações na água quando eles caíram.

Fez-se silêncio outra vez.

— Méritos, há uma última coisa que quero que vocês saibam antes de eu passar a palavra para minha querida codiretora — disse Caspian, sua respiração quente se condensando no ar frio como uma nuvem. — Vocês não foram escolhidos para frequentar esta escola infame apenas por seus talentos criminosos; vocês foram escolhidos pelo que estavam fazendo com seus talentos quando os encontramos. Aqueles entre vocês que descobrimos roubando, não estavam roubando por ganância, mas para sobreviver ou para dar uma vida melhor aos seus entes queridos. — Os olhos de Caspian pousaram em Gabriel e depois se desviaram. — Aqueles entre vocês que estavam hackeando, não o faziam por dinheiro, mas para expor as irregularidades de empresas ou indivíduos corruptos. Aqueles entre vocês que estavam arrombando fechaduras ou escalando paredes, só o faziam para recuperar o que era seu ou o que antes pertencia a outro por direito. Isso quer dizer que... vocês são pessoas boas. Honradas. E esse é o *único* tipo de aluno que aceitamos no Instituto Trapaça. Aqui, vamos ensiná-los a fazer o que é errado, mas apenas para que, um dia, deixem o mundo certo de novo.

Gabriel olhou para os rostos dos alunos ao seu redor, sabendo muito bem que se lembraria para sempre de cada um deles, e permitiu que um sorriso se espalhasse em seu rosto. *Podemos realmente fazer isso?*, pensou, a empolgação fervendo dentro dele. *Podemos deixar o mundo certo?*

— Tudo bem, então — disse Sussurro por fim. — Acho que é hora de entrar. Está um gelo aqui fora. — Ela se virou e olhou para trás. — Trombadinhas, sigam-me. O restante de vocês, sigam o diretor Trapaça. Todo mundo sabe o que deve fazer? Ótimo. Vamos lá!

Sussurro subiu a margem, uma aluna alta e de pele escura a seguindo, e os Trombadinhas atrás delas. Apenas uma Trombadinha ficou para trás, absorta em uma conversa com Caspian Trapaça. Era a loira irritante.

Gabriel e os outros Trombadinhas ziguezaguearam pela floresta escura até chegarem ao gramado onde Gabriel vira Caspian pela primeira vez.

— Vamos, vamos — gritou Sussurro para os retardatários. — Preciso acomodar todos vocês para então poder voltar ao meu teclado. Se eu fico fora por muito tempo, ele sente minha falta. — Ela soltou uma risada e seguiu em frente, seu cabelo cacheado balançando a cada passo largo.

— Você acha que ela sabe quem somos? — Gabriel ouviu Ade sussurrar para o irmão.

— Claro que sabe! — Ede bufou. — Deve ter sido ela quem nos recrutou.

— Ela recrutou os Irmãos Crime — corrigiu Ade. — Não nós. Ela provavelmente não tem ideia de como somos.

Ede hesitou.

— Você tem razão. Acha que deveríamos usar um terno ou algo assim para a aula dela? Você sabe, para causar uma boa impressão.

— Um terno? — debochou Ade. — Você nunca teve um terno. Onde vai arranjar um agora?

Ede semicerrou os olhos, concentrado.

— Algumas empresas de entrega usam drones hoje em dia. Talvez a gente possa hackear uma delas, encontrar um drone que esteja entregando um terno e o redirecionar para cá!

Ele disse isso de forma tão triunfante que Gabriel teve que se segurar para não rir.

— Um drone! — repetiu Ade. — Boa ideia. Por que nós, em nosso primeiro dia aqui, não redirecionamos um drone para o lugar que provavelmente é o mais secreto e mais isolado do mundo? Quero dizer, sim, revelariamos as coordenadas de GPS exatas do Instituto Trapaça, mas pelo menos teríamos nossos *ternos*. — Ade suspirou. — Às vezes, eu gostaria de ter comido você no útero, Ed. Sêrio.

— Foi só uma ideia — murmurou Ede. — Eu nunca disse que era uma *boa* ideia.

Sussurro parou diante dos prédios menores que ficavam ao redor da mansão.

— Três prédios. O da esquerda é de vocês, Trombadinhas. As meninas ficarão no segundo andar. A vista lá de cima é incrível, vocês podem me agradecer depois. E os meninos ficarão no primeiro andar. Os Méritos já sabem disso, mas cada um de vocês tem um quarto, e, dentro dele, encontrarão uma cama, uma escrivaninha e seus pertences que os Jardineiros liberaram previamente. Também encontrarão seu novo uniforme. Há banheiros em todos os andares e uma sala comum no térreo. — Sussurro enfim expirou. — Alguma pergunta?

Muitas mãos se levantaram na hora.

Sussurro apertou o alto no nariz, entre os olhos.

— Tudo bem, deixe-me responder a algumas delas bem rápido. Sim, vocês podem ir aos outros andares, mas somente até às 18h. Depois disso, qualquer um que for encontrado onde não deveria estar terá que lidar com os diretores. Sim, todos os alunos acomodados no prédio podem entrar na área comum. Sim, tem uniforme; sim, vocês têm que usá-lo; e sim, há uma boa razão para isso. Sim, as aulas começam amanhã às 9h. — Ela olhou para o céu por um momento, murmurando algo para si mesma. — Isso é tudo? Acho que é só isso por... Ah, claro! Sim, vocês serão alimentados. Todas as suas refeições serão servidas na mansão. Legados, vou levá-los para jantar assim que todos estiverem acomodados. Méritos, vocês podem ir para a mansão agora. Já sabem chegar lá. — Sussurro se virou como se fosse entrar no prédio dos Trombadinhas, mas se deteve. — Sabia que estava me

esquecendo de alguma coisa. — Ela deu meia-volta. — Certo, preciso que todos vocês façam uma fila. Vamos! Vamos!

Pés se arrastaram enquanto os Trombadinhas obedeciam.

— Della — Sussurro chamou a garota alta ao seu lado. — Anote isso para mim. — Então convocou à frente a primeira Trombadinha, a garota de olhos verdes que tinha dado seu seixo a Gabriel.

A diretora puxou uma pequena tocha.

— Levante as mãos para mim, com as palmas para cima.

A garota obedeceu. Sussurro acendeu a tocha e iluminou as palmas das mãos da garota.

— Isso é uma lanterna UV — sussurrou Ade para o irmão na fila.

— Olha — sussurrou Ede em resposta —, o seixo deixou uma mancha colorida nas mãos dela.

Gabriel estreitou os olhos para enxergar melhor. No centro das mãos da garota havia duas manchas coloridas diferentes, deixadas pelos seixos que ela havia apanhado na ponte. Ambas eram vermelhas.

Sussurro ergueu os olhos.

— Este ano, vocês, Trombadinhas, são quarenta e oito, então isso significa que teremos quatro turmas de doze alunos. Assim que tivermos separado vocês nessas turmas, Della fixará o horário das aulas na sala comunal. — Ela olhou para a garota de olhos verdes. — Você é da turma 1B, srta. Dhawan. — Ela apontou para o prédio. — Próximo.

Outros cinco alunos foram rapidamente classificados de acordo com as cores que os seixos tinham deixado em suas mãos — dois na 1A (azul), um na 1C (verde), um na 1D (amarelo) e o Legado de cabelos desgrenhados na 1B.

— 1B, sr. Avery — disse Sussurro, quando Gabriel enfim chegou à frente, resultado que ele já esperava, porque a garota que havia lhe entregado o seixo só tinha vermelho nas palmas das mãos.

Do limiar da porta, a garota de olhos verdes deu a ele um sorriso tímido e desapareceu lá dentro. Para alívio de Gabriel, Ade, Ede e

Penelope também ficaram na turma 1B, embora Ade e Ede tivessem claramente alterado suas manchas apertando as mãos de um jeito agressivo, deixando nas palmas uma combinação feia e indistinguível de vermelho e azul. Sussurro revirou os olhos e, visivelmente cansada demais para discutir, colocou os dois na 1B.

Os gêmeos gargalharam enquanto corriam e abraçavam Gabriel e Penelope.

— Ah, cara — disse Ade. — Este ano vai ser *demais*.



CAPÍTULO DEZ



Gabriel acordou na manhã de segunda-feira tonto de entusiasmo pelas aulas do dia. Na verdade, ele mal havia dormido. Tinha ido para a cama tão nervoso que se sentira enjoado. Mas, por volta das 3h da manhã, algo dentro dele mudou, e ele começou a sentir um calor desconhecido de empolgação borbulhar. Isso o fez lembrar os poucos segundos antes de ele bater uma carteira. Mas não era exatamente a mesma coisa. Depois, ele tinha uma carteira ou não. De qualquer forma, àquela altura o sentimento já havia desaparecido.

Mas este sentimento é diferente, pensou ele enquanto vestia o novo uniforme. Era mesmo um novo começo, em um lugar onde suas habilidades seriam elogiadas em vez de motivo de vergonha, com um diretor que o havia recrutado pessoalmente. Ali, no Instituto Trapaça, ele era desejado. E ali, no Instituto Trapaça, ele talvez enfim sentisse que pertencia a algum lugar.

Gabriel se olhou no pequeno espelho pendurado atrás da porta. As calças e o blazer — ainda poderia ser chamado de blazer se passava dos joelhos? — eram marrom-escuros. O blazer tinha vários bolsos internos de tamanhos diferentes, cada um com pequenos círculos de madeira parecidos com moedas. Sua camisa era preta e, quando abotoada, se fechava perfeitamente ao redor do pescoço. De acordo com o panfleto em seu quarto, chamava-se “colarinho de vovô”, o que era muito estranho, pois ele nunca tinha visto — nem conseguia imaginar — um idoso usando aquilo. Os sapatos também eram pretos e serviam bem. O conjunto era, no geral, se Gabriel fosse honesto consigo mesmo, muito estranho. Ao contrário de qualquer uniforme que ele já tivesse usado, era impossível vesti-lo de uma forma estilosa.

Mas, ao contrário de todos os outros uniformes que já havia usado, aquele era confortável.

O material das calças e do blazer era macio e não pinicava quando ele se mexia. Embora o colarinho de vovô fosse justo, ele não sentia como se estivesse sendo sufocado, como costumava se sentir quando usava gravata. E os sapatos eram elegantes, mas não parecia que lhe causariam bolhas nos primeiros dias.

Estou estranho, mas me sinto ótimo, pensou Gabriel.

A sala comunal já estava movimentada quando ele entrou, às 8h. Gabriel caminhou em direção ao quadro de horários na parede.

— Oi — chamou uma voz antes mesmo que ele tivesse a chance de olhar. Ade e Ede correram em sua direção, os blazers ondulando atrás deles. — Já verificamos. A nossa primeira aula é Farsa. Das 9h às 10h30.

Gabriel sorriu.

— Farsa?

Esse é o meu tipo de aula.

— Isso — confirmou Ede. — Mas, antes, é hora de *comer*.

— Não, ainda não é. — Ouviu-se uma voz familiar atrás deles. Os garotos se viraram e viram Penelope com os braços cruzados e um

sorriso travesso no rosto. — *Primeiro*, é hora de descobrir que sala vamos arrombar este ano. É isso mesmo, eles vão anunciar a Invasão!

*

Os codiretores os encontraram na entrada do prédio Trombadinha e conduziram todos os quarenta e oito pela manhã fria e chuvosa. Eles caminharam por entre as árvores, amontoados sob os grandes guarda-chuvas pretos que os Jardineiros acompanhando-os seguravam. Para Gabriel, parecia um pouco um cortejo fúnebre. Exceto, é claro, pelos sussurros empolgados que percorriam a multidão. A Invasão, ao que parecia, era o *evento do ano* e, embora quase ninguém superasse o desafio, a ideia de conseguir os deixava animados. A mais animada era Penelope, que caminhava na frente da multidão, com passos decididos e olhos brilhantes.

Por fim, eles se encontraram do lado de fora da sala dos codiretores. Uma faixa constante de fumaça subia da chaminé e um brilho amarelo-alaranjado vindo de dentro prometia calor. Mas Caspian parou na entrada e se virou — parecia que ninguém seria convidado a entrar.

— Hoje é seu primeiro dia como alunos do Instituto Trapaça — começou Caspian Trapaça com um sorriso. — E como seu diretor...

— Codiretor — lembrou Sussurro, que estava ao lado dele, com um agasalho esportivo todo branco, segurando um guarda-chuva branco combinando.

— Tem razão — disse ele, erguendo um dedo. — Como seus codiretores, gostaríamos de dar as boas-vindas a todos vocês pessoalmente.

Sussurro fez uma careta para a água escorrendo de um canto de seu guarda-chuva.

— Se eu soubesse que ia chover, talvez não tivesse sido tão generosa.

Risadas percorreram a multidão. *Ela é boa nisso*, pensou Gabriel. *Deixar as pessoas à vontade.*

— Mas há outra razão para nós dois estarmos aqui com vocês hoje cedo — continuou Caspian. — A Invasão. — Com essas palavras, todos os Trombadinhas ficaram em silêncio. Caspian sorriu. — Como alguns de vocês já devem saber, todos os anos os professores escolhem uma única sala aqui no Instituto Trapaça para fortificar para seus Trombadinhas. Eles usam sensores de pressão, câmeras térmicas, Jardineiros extras e muito, muito mais.

— O esquema de segurança é cuidadosamente escolhido — interrompeu Sussurro. — Nós reproduzimos os sistemas de segurança que foram superados pelos ex-alunos do Instituto Trapaça no mundo real. O Louvre, a Torre de Londres e até o Vaticano. Basta dizer que nenhum aluno conseguiu passar por nenhuma *dessas* Invasões. Só mais para a frente vocês saberão em qual sistema de segurança estamos baseando sua Invasão, ou um de vocês, intrometidos, descobriria como ele foi burlado.

— Naturalmente — retomou Caspian —, vamos precisar da sala em questão para seu uso habitual durante o dia, mas, à noite... — ele sorriu — a segurança será ativada. Usando as habilidades que tiverem aprendido até então, vocês têm a tarefa de encontrar um jeito de entrar na sala e roubar um item, qualquer um, sem que sejam pegos.

A conversa recomeçou entre os Trombadinhas, ao mesmo tempo nervosos e empolgados.

— Não vai ser fácil — afirmou Sussurro, categórica. — Então vamos deixar tudo claro desde agora. Eu mesma vou equipar o lugar este ano. E só porque a primeira pessoa a conseguir roubar algo da sala ganha cinquenta pontos, não significa que vamos permitir que vocês fiquem perambulando pelo local o tempo todo. Entendido? Se os Jardineiros pegarem você *fora* da cama quando deveria estar *nela*, você está fora. Se ativar qualquer uma das minhas defesas, você está fora. Se encontrar uma forma de entrar, mas não conseguir sair, adivinhem? Você está *fora*. E se pudermos identificar sem dificuldades

qual item você roubou... Você está *fora*. Não é para ser fácil. Na maioria dos anos, *ninguém* ganha esses cinquenta pontos.

E havia algo mais. Algo que interessava a Gabriel muito mais do que os pontos. *Aquela pergunta para Caspian*, pensou Gabriel. *Não se esqueça disso. Porque eu não me esqueci.*

A codiretora suspirou, sua respiração formando uma nuvem branca.

— Um conselho: este primeiro semestre é apenas para reconhecimento, então aproveitem, hein? Nenhuma tentativa de invasão é permitida até o segundo semestre e, mesmo assim, você não *precisa* ser o primeiro a tentar a sorte. Por que eu digo isso? Bem, a maioria de vocês vai me ignorar e ser eliminado nas primeiras duas semanas do segundo semestre. É sempre assim. Ansiosos demais. Nada pacientes. — Ela balançou a cabeça. — Alguma palavra de sabedoria para compartilhar, Trapaça? Ou você finalmente ficou sem palavras?

Caspian acenou com a cabeça em agradecimento.

— Na verdade, eu tenho uma coisa, sim. — Ele se virou para os Trombadinhas amontoados. — Lembrem-se disto: qualquer um pode roubar...

Ao lado de Gabriel, Penelope sussurrou:

— *Mas só o bandido mais habilidoso pode roubar sem que seu alvo perceba que algo está faltando.*

E, de fato, Caspian repetiu as palavras dela.

— Eu disse — sussurrou ela. Gabriel sorriu.

— Mas de *onde* vocês vão tentar roubar este ano, hein? — perguntou Caspian. — Bem, daqui, é claro. — Ele gesticulou com a mão atrás de si. — O escritório dos codiretores.

Os sussurros recomeçaram, dessa vez frenéticos. Mas Gabriel fechou bem os olhos e estava juntando cada fragmento de memória que tinha daquela primeira tarde, quando havia entrado naquele escritório. O cheiro de fumaça que vinha da lareira, as fotos e quadros

de ex-alunos nas paredes, as duas pesadas mesas de madeira lado a lado.

Quando ele enfim abriu os olhos, Penelope estava sorrindo, seus olhos escuros indo das janelas para o telhado e para a porta. Se ela estivesse sozinha naquele momento, Gabriel tinha certeza de que ela já teria tentado invadir. Com ou sem regras.

— Como eu disse, a primeira fase da Invasão é para reconhecimento e começa hoje — reforçou Sussurro. — Vocês têm um semestre para avaliar este lugar antes que a fase dois, o roubo, comece. Façam valer a pena. — Ela se mexeu e, olhando para Caspian, soprou a mão sem luva. — Certo. Estamos combinados, então? Estou congelando.



CAPÍTULO ONZE



1° e 2° TEMPOS 9h – 10h30	3° e 4° TEMPOS 11h – 12h30	ALMOÇO – 12h30 – 13h30	5° e 6° TEMPOS 14h – 15h30	7° e 8° TEMPOS 16h – 17h30	JANTAR – 18h
FARSA	HISTÓRIA DA BANDIDAGEM		PULOS DO GATUNO	CULTIVO DO BANDIDO	

Gabriel nunca tinha estado numa sala de aula tão enervante quanto a sala de Farsa. Cada pedacinho de todas as paredes era coberto por espelhos. Alguns antigos e circulares, outros modernos e quadrados, alguns retangulares e parcialmente rachados, outros em forma de diamante e imundos, e alguns que pareciam muito, muito valiosos.

Na primeira aula, na primeira manhã, vestindo *aquele* uniforme, uma sala de espelhos era a última coisa de que os Trombadinhas da

1B precisavam.

As mesas estavam dispostas em círculo, deixando um grande espaço no centro da sala, onde estava um homem alto, bem barbeado, com pele negra clara e olhos castanho-escuros que, de vez em quando, corriam para um dos espelhos, como se estivesse se inspecionando. Ele usava roupas brilhantes, com desenhos intrincados na gola e nas mangas, e a maneira como se movia era tão fluida que parecia quase uma dança.

— Bem-vindos, Turma 1B, à aula de Farsa — disse ele, com os braços estendidos, como se estivesse pronto para abraçar todos eles, um por um. — Meu nome é sr. Khan e serei seu professor este ano. — Seu sotaque era carregado, embora Gabriel não conseguisse identificar de onde era. — Suponho que vocês estejam se perguntando o que uma aula com esse nome lhes reserva.

Houve um murmúrio de concordância.

O sr. Khan riu.

— Vou chegar lá em breve. Mas primeiro quero algo de todos vocês.

O coração de Gabriel apertou. Aquilo sugeria alguma terrível atividade quebra-gelo em que eles teriam que compartilhar um fato interessante sobre si mesmos.

Gabriel olhou para Penelope, que estava sentada quatro carteiras à direita dele, com uma expressão exaustivamente ansiosa. A Legado loira da noite anterior estava sentada do outro lado da sala, com os olhos assustadoramente azuis, o canto dos lábios um pouco levantados em um sorriso que não era de fato um sorriso.

Gabriel se virou para o sr. Khan, que voltou a falar:

— Diga-me, 1B, de onde vocês acham que eu sou?

Os alunos se entreolharam, confusos.

— Não é um truque. Estou apenas fazendo uma pergunta. Algum palpite?

Gabriel ficou em silêncio. Se havia uma coisa que ele tinha aprendido em todas as escolas que frequentou, era deixar que os

alunos que estavam ansiosos demais para impressionar fossem os primeiros. Suas respostas poderiam então servir de base para as dele.

— Índia, obviamente — disparou o Legado alto e de cabelos desgrenhados que tinha dado seu seixo para Penelope na noite anterior.

Penelope havia dito que seu nome era Edgar Decome.

— Errado — disse o sr. Khan, encantado.

— Sri Lanka? — chutou uma garota de rosto oval à direita de Gabriel. Sua resposta foi seguida por outro “Errado”, e ela empalideceu e afundou na cadeira.

— Paquistão? — gritou um garoto enorme, de pescoço grosso e óculos de aros dourados ainda mais grossos.

— Errado!

— Irã? — tentou uma garota magricela, os dedos da mão direita se movendo agilmente e moldando uma faixa de cabelo ruivo em padrões cada vez mais intrincados.

Essa é Mona Moriarty. Penelope tinha dito a Gabriel que os pais de Mona eram lendários...

— Errado.

— Definitivamente é da Índia — insistiu Decome, com um sorriso estúpido, como se soubesse que estivera certo o tempo todo e esperasse que o sr. Khan admitisse.

— Ainda incorreto, sr. Decome! — gritou o professor, ao que o garoto cruzou os braços e estreitou os olhos.

Gabriel olhou para Penelope. Ela estava sentada sobre as mãos, de cara feia.

Ela não pode responder porque já sabe de onde é o sr. Khan. Gabriel sorriu. Tendo morado no Instituto Trapaça a vida toda, claro que saberia. Isso devia ser uma tortura para ela.

— Vejo que tem alguém sorrindo — falou o sr. Khan e, horrorizado, Gabriel percebeu que o professor estava olhando diretamente para ele. — Suponho que isso signifique que sabe a resposta, sr. Avery.

Gabriel se encolheu. A forma como seu novo professor se dirigiu a ele — ansioso, entusiasmado, com expectativa — o deixou nervoso.

Gabriel o encarou.

— Desculpe, senhor, mas não sei de onde você é.

Bem devagar, algo estranho aconteceu com o rosto do sr. Khan. Gabriel não saberia dizer o que exatamente. Mas começou nos olhos. Como se, numa fração de segundo, uma pessoa tivesse saído e outra entrado.

— Essa — disse o sr. Khan, com seu sotaque carregado se transformando em outro, muito parecido com o de Gabriel — é a resposta certa.

Toda a turma ficou imóvel. Atordoadas.

— Esta é a primeira e mais importante lição deste mundo — continuou o sr. Khan, com os ombros mais quadrados e as sobrelanceiras agora mais baixas, perto dos olhos. — Nunca presume. Se basta um sotaque carregado para enganá-los, este mundo e as pessoas nele vão enganar vocês o tempo todo. Comece, em vez disso, com uma única suposição: que você não sabe *de nada*. A partir daí, pode arrancar as mentiras até que reste apenas a verdade.

Então o sr. Khan sorriu. Um sorriso brincalhão que fez Gabriel relaxar um pouco.

— Mas não estou aqui apenas para ajudar vocês a desvendar as camadas de mentiras que formam cada um de nós. Não, não. Também estou aqui para mostrar como *se tornar* uma mentira viva. Andar e falar de maneira diferente, desaparecer tão profundamente nos traços de outra pessoa que nem mesmo sua própria mãe o reconheceria. Ou, se preferir, serem vistos no meio de uma multidão, como se um holofote brilhasse sobre vocês. — Com isso, os olhos do sr. Khan se demoraram sobre a Legado loira. Ele inclinou um pouco a cabeça, como se não soubesse bem o que pensar dela. Então continuou, gesticulando para todos os espelhos na parede. — Eu posso ensinar vocês a se tornarem qualquer um. A se tornarem *tudo mundo*.

Gabriel nunca tinha ouvido algo tão maravilhoso. Tornar-se qualquer um mesmo? Quem ele escolheria ser? Não alguém parecido com ele, isso era certo. Alguém rico, que usava roupas elegantes e dirigia carros sofisticados. Talvez um explorador, um grande viajante que conhecia mais do que a crueldade coletiva das aldeias pacatas com as quais o verdadeiro Gabriel estava acostumado. Ou talvez o sr. Khan pudesse ensiná-lo a ser o tipo de pessoa que passava despercebida, que desaparecia com facilidade em segundo plano. Talvez Gabriel pudesse se tornar exatamente isso: uma mentira viva.

O sr. Khan observou os alunos da turma 1B, um de cada vez. Quando chegou a Penelope, suspirou:

— Sim, srta. Trapaça, você se controlou muito bem. Por favor, vá em frente e diga a eles de onde eu *realmente* sou. Tenho certeza de que você está prestes a explodir.

— Harrow! — disparou ela, e depois deu um longo suspiro. — Você é de Harrow, Londres.

— É isso mesmo — confirmou ele. — Mas obrigado por permanecer em silêncio e não revelar o que sabia. Isso realmente teria arruinado o argumento que eu estava tentando defender.

— Se essa é a lição mais importante que você tem — começou Decome presunçosamente —, precisamos ficar até o fim da aula?

— De jeito nenhum — respondeu o sr. Khan alegremente, apontando para a porta. — Por favor, fique à vontade.

Decome se remexeu na cadeira, o sorriso hesitante.

— Na verdade, estou bem.

— Sr. Decome, eu insisto — disse o sr. Khan, e agora havia aspereza em sua voz.

Decome franziu a testa.

— Estou sendo expulso? Porque minha mãe vai...

— Claro que não. — O sr. Khan riu. — Você é muito bem-vindo de volta na *próxima* aula, quando estarei ensinando uma nova lição. Uma que espero que você ainda não tenha aprendido.

Depois que Decome saiu da aula, o sr. Khan perguntou:

— E que lição aquele jovem acabou de aprender?

A mão de Penelope voou para o alto.

— A arrogância é inimiga do bandido.

O sr. Khan arqueou uma sobrancelha grossa.

— Essa, sem dúvida, é uma das lições favoritas do diretor Trapaça, mas não. Na verdade, eu defendo a arrogância. Para se tornar outra pessoa, você precisa ser arrogante a ponto de criar uma ilusão. Você deve realmente acreditar que é ela, pelo tempo que estiver usando o disfarce. Não, a lição aqui é bem simples: uma lição vivida é uma lição aprendida. Você acha que o jovem sr. Decome algum dia esquecerá as palavras “nunca presume”? Não, não. Elas ficarão enraizadas em seu subconsciente para sempre.

Eu não teria tanta certeza disso, pensou Gabriel. Ele duvidava que Edgar Decome sequer tivesse um subconsciente.

— Agora — retomou o sr. Khan, indo outra vez para o centro da sala —, já conversamos sobre como meu sotaque os enganou, e vocês podem ver que usei meu traje *salwar* exatamente para o mesmo propósito, mas alguém pode me dizer de que outra forma eu os enganei hoje?



CAPÍTULO DOZE



A aula seguinte de Gabriel, História da Bandidagem, foi igualmente estranha. Em vez de acontecer em uma sala abafada, cheia de livros velhos e empoeirados, como ele tinha imaginado, a aula foi em uma sala imaculadamente limpa, com piso de madeira polida, sem livros e, por incrível que parecesse, sem carteiras. Também não tinha um professor velho, barbudo e de óculos, como Gabriel esperava. A professora era uma jovem bonita, de olhos arregalados, que não piscavam e saltavam de um Trombadinha da 1B para outro enquanto eles entravam.

— A primeira coisa que vão notar é que não há carteiras — disse a jovem professora, sem nenhum tipo de boas-vindas oficiais. Sua voz era surpreendentemente baixa e rouca. — Posso garantir que não é um tipo de trote. Apenas detesto bagunça.

Ela gesticulou ao redor da sala vazia. Nada nas estantes, nada nas paredes, apenas uma mesa estilo púlpito e com regulagem de altura cujo tampo não era maior do que as bandejas que Gabriel usava nos

almoços da escola. Nela havia apenas um lápis, um bloco de notas e um pequeno controle remoto preto.

A professora foi até a mesa e a abaixou um pouco.

— O motivo é simples: não podemos esperar ter a mente clara se o nosso ambiente estiver bagunçado.

— Nem mesmo... carteiras? — perguntou Decome.

Ele tinha voltado para o terceiro tempo e parecia envergonhado, embora ainda tivesse coragem o suficiente para ser o primeiro a falar.

— Traremos uma mesa igual à minha para cada um de vocês, para aulas em que for *absolutamente necessário*. Mas hoje não é um desses dias. Tudo o que vocês precisam hoje é disto — disse ela, apontando para as orelhas — e isto. — Apontou para os próprios lábios.

Então bateu em um pequeno dispositivo fixado na parte de trás de sua mesa. Um raio de luz irrompeu dele, iluminando toda a parede no outro extremo da sala. A turma 1B se virou para ver o brasão do Instituto Trapaça projetado nela.

— Agora — continuou a professora —, vamos começar do início. Quem sabe me dizer quando o Instituto Trapaça foi fundado?

Muitas mãos se ergueram rápido. Mas todas elas, Gabriel notou, pertenciam aos Legados. Ele e os outros Méritos enfiaram as mãos nos bolsos.

A professora assentiu.

— Se alguém aqui sabe, é você, srta. Trapaça. Vá em frente.

— Dia 30 de setembro de 1829, srta. Jericho — disse Penelope com orgulho, depois olhou para os outros Trombadinhas como se dissesse: “Agora vocês sabem o nome dela. De nada.” Com a atenção de volta à srta. Jericho, ela acrescentou: — Foi apenas um dia depois da fundação do Serviço de Polícia Metropolitana, a primeira força policial moderna e profissional do mundo.

A srta. Jericho assentiu.

— Menos de vinte e quatro horas depois! Devo admitir que isso ainda me surpreende. — Ela suspirou e olhou para o alto por alguns instantes, perdida em pensamentos. Então continuou: — Mas não

entendam *mal* o motivo disso ter acontecido. O Instituto Trapaça não foi criado para se opor à polícia, longe disso. Foi criado porque há um limite para o que a lei pode fazer para manter os verdadeiros criminosos do mundo sob controle. Se a polícia não consegue fazer justiça legalmente, os ex-alunos do Instituto Trapaça usam meios ilegais para isso. Não que a polícia vá nos agradecer, veja bem. — Ela riu. — É claro que os bandidos do mundo, tanto os bons quanto os maus, conspiraram e competiram entre si durante *séculos* antes da fundação do Instituto Trapaça. A história da criminalidade não começou em 1829. A história da qual todos vocês estão se tornando parte é mais antiga do que podem imaginar. Mais antiga do que a própria *Crimina Carta*. — Alguns Legados arquejaram e a professora sorriu. — Mas estou me adiantando.

Ela endireitou ligeiramente o colete.

— Agora me digam: quais são os três princípios sobre os quais esta grande escola foi fundada?

Mais uma vez, mãos se levantaram. E, mais uma vez, nenhuma pertencia a um Mérito. A professora acenou com a cabeça para uma pequena garota chinesa chamada Lulu Cheng.

Ede deu uma cotovelada nas costelas de Gabriel e sussurrou:

— Dizem que ela descende de Ching Shih, a própria Rainha dos Piratas.

Isso não dizia nada para Gabriel, mas mesmo assim ele arqueou as sobrancelhas, como se estivesse impressionado.

— Minta — começou Lulu, com a voz baixa e equilibrada —, mas nunca minta para si mesmo. Engane, mas nunca engane seus amigos. Roube, mas nunca roube dos necessitados.

— Exatamente — afirmou a srta. Jericho, apertando um botão no controle remoto para revelar um slide que apresentava os três princípios na íntegra. — Tenho certeza de que o sr. Khan já fez seu discurso sobre como vocês devem *se tornar* o personagem escolhido, que vocês devem *acreditar* que são eles. Mas, na minha aula, não pedirei que desconsiderem nosso primeiro princípio. *Nunca minta*

para si mesmo. Pelo contrário, pretendo reforçar sua importância com muitos exemplos. Mas, antes de tudo isso, é meu dever ensinar a vocês sobre esses corredores sagrados de ladrões. — Ela apertou um botão outra vez e um novo slide apareceu, dividido em duas seções: Nível Um e Nível Dois. — Os bandidos mais talentosos do Instituto Trapaça, do passado e do presente, estão organizados em dois Níveis. Mas quem sabe me dizer o que cada Nível representa?

Mais Legados levantaram as mãos. A srta. Jericho franziu a testa e, por um momento, pareceu um pouco constrangida.

— Parece que isso está sendo um desserviço para os Méritos. Esperar que vocês saibam dessas coisas é injusto e tolo. Perdoem-me. Chega de perguntas por enquanto. — Ela pigarreou e olhou outra vez para a projeção. — Os Níveis representam a posição de um criminoso nas crônicas da Bandidagem. O Nível Dois é para os bandidos mais famosos que já existiram. Bandidos honrados que fizeram coisas excepcionais no mundo, sem nunca prejudicar uma alma. Bandidos que até os Méritos conhecem.

Ela apertou o controle remoto e vários rostos familiares a Gabriel apareceram na tela. Ele se empertigou. *Ah, isso é comigo. Não há ninguém que saiba mais sobre os ladrões mais famosos do que...*

— Mas não precisamos nos deter no que todos vocês já sabem — continuou a srta. Jericho. Ela apertou o controle remoto de novo e os rostos desapareceram. Gabriel murchou.

— No Nível Um, entretanto, vocês encontrarão os *maiores* bandidos que já existiram. Aqueles que eram tão habilidosos que o resto do mundo nunca soube sequer os seus nomes, cujas façanhas são conhecidas apenas por aqueles que fazem parte do nosso mundinho tortuoso.

Mais rostos apareceram na parede, todos desconhecidos para Gabriel. Haveria mesmo bandidos que ele não conhecia? Ele ficou ao mesmo tempo furioso e entusiasmado.

— Apenas nove nomes chegaram ao Nível Um — continuou a srta. Jericho.

— Nove? — sussurrou Decome. — Achei que fossem dez...

— Nove nomes — prosseguiu a professora com firmeza. — Quatro bandidos individuais e cinco bandos. Três desses bandos foram formados aqui mesmo, no Instituto Trapaça. — A turma 1B se entreolhou, ousando sonhar por um momento. A professora riu. — Claro, nenhum de vocês jamais chegará ao Nível Um. — Ela disse isso com tanta certeza que Gabriel se encolheu.

— Quem disse? — perguntou a loira esbelta.

Foi a primeira vez desde a cerimônia de boas-vindas que Gabriel a ouviu falar, e sua voz não era nada como ele tinha imaginado. Era suave, aguda e enjoativamente doce.

— Eu estou dizendo, srta. Harkness — afirmou a srta. Jericho, categórica. — Como mencionei, não sou como meu querido amigo, o sr. Khan. Recuso-me a ensinar vocês a desobedecer ao nosso primeiro princípio. Portanto, não posso incentivar que tenham a aspiração de chegar ao Nível Um. Se eu fizer isso, alguns de vocês acreditarão que é possível. E então repetirão essa mentira para si mesmos de novo e de novo. E aí ficarão arrasados quando falharem, o que é inevitável. — Ela balançou o dedo. — Não. Em vez disso, lhes direi apenas a verdade. Todos vocês vão mirar alto e fracassar desastrosamente. Lamento, mas é assim que as coisas são.

A garota Harkness estava sorrindo outra vez.

— Perdoe-me, senhorita, mas você não disse que três dos bandos do Nível Um eram do Instituto Trapaça?

— Sim, três bandos — confirmou ela. — Além disso, dos quatro lobos solitários, dois foram alunos do Instituto Trapaça. Entre seus feitos estão a recuperação e devolução do Diamante Carsus à sua legítima casa, em Serra Leoa, a infiltração e posterior exposição da empresa responsável pela Crise Hídrica de Kilmore, e a libertação de uma mulher inocente da Prisão de Alta Segurança de Marasev para reuni-la com sua filha. — A srta. Jericho inclinou a cabeça. — Você pode estar se perguntando por que incluí esse último exemplo. A resposta é simples: aquela mulher era minha mãe.

O sorriso da loira se alargou.

— Se três bandos e dois lobos solitários do Nível Um vieram do Instituto Trapaça, chegar lá não parece tão impossível para mim.

Foi a vez de a srta. Jericho sorrir.

— Suponho que ainda não seja o momento, srta. Harkness. Mas um dia, em breve, você entenderá.

Gabriel olhou para Penelope, surpreso por ela não ter se juntado ao protesto. Mas a menina estava olhando para a projeção do Nível Um, os olhos fixos em alguém. Gabriel achou que fosse a mulher de pele marrom no canto inferior esquerdo, com cabelos castanhos ondulados e um sorriso encantador. Enquanto Gabriel observava, ouviu Penelope murmurar a frase:

— *Espera-se muito de um Trapaça.*

Penelope conhecia aquela mulher? Quem era ela?

A srta. Jericho clicou no controle remoto e depois clicou rapidamente de novo, pulando um slide.

— E quanto ao último Nível? — perguntou uma voz.

Horrorizado, Gabriel percebeu que era a dele. A srta. Jericho tinha pulado um slide intitulado “Nível Três” antes que ele pudesse ver o que havia nele, e sua curiosidade venceu.

Os olhos da srta. Jericho ficaram duros como pedra. Então ela soltou um suspiro resignado.

— O terceiro nível não oficial, mais comumente conhecido como Lista Maligna, é para os bandidos que... se corromperam. E por “corromper” quero dizer tudo, desde roubo à mão armada, sequestro, até... — ela engoliu em seco — assassinato.

Ela clicou no controle remoto e centenas de rostos apareceram.

— Você reconhecerá algumas figuras muito famosas neste Nível. Bonnie e Clyde, Jesse James, Dick Turpin...

— Ching Shih — disse Decome, sorrindo para Lulu, que empalideceu e baixou os olhos.

Então, mesmo entre os Legados, existe uma hierarquia, pensou Gabriel.

— A questão é que há mais bandidos na Lista Maligna do que nas outras duas listas juntas — continuou a professora, lançando um olhar furioso para Decome. — Por quê? Bem, porque é muito mais fácil usar as habilidades que ensinamos para fazer o que é errado do que para fazer o que é certo. Mas, se criamos os monstros, então também é nosso dever caçá-los. A maioria dos rostos que vocês veem aqui foram capturados por nós e entregues às autoridades em uma bandeja de prata. — Ela se virou para encarar a garota loira. — Agora, se você quisesse focar entrar para a Lista Maligna, srta. Harkness, *isso* seria realista.

A garota inclinou a cabeça e franziu os lábios.

— Será que eu deveria, professora? Talvez eu faça isso. Aí poderia me juntar aos Inomináveis.

Os Legados arquejaram. Os Méritos olharam uns para os outros, perdidos.

— O que... o que você disse? — A srta. Jericho gaguejou.

Harkness deu uma risadinha.

— Quero dizer, eles provavelmente já estiveram no Nível Um, não é? Talvez até fossem o décimo nome na lista do Nível Um, como Edgar disse. Mas, depois de tudo o que fizeram, *devem* estar na Lista Maligna agora. Estou certa, não estou? Então, se não posso me juntar aos melhores dos melhores no Nível Um, senhorita, então pode ser divertido me juntar aos melhores dos piores.

A professora estava boquiaberta.

— Di... divertido?

Gabriel deu uma cotovelada em Ade.

— O que está acontecendo?

Mas foi Ede quem respondeu:

— Aquela ali passou dos limites.

— O nome dela é Villette Harkness — explicou Ade. — Não tenho certeza se ela já teve algum limite, mas *definitivamente* o ultrapassou agora. — Ele estremeceu. — Ah, cara, isso me dá arrepios.

— Quem são os Inomináveis? — perguntou Gabriel a Ade. Alto demais. Toda a turma se virou para ele.

A professora ergueu a mão, os olhos ainda fixos em Harkness.

— Por hoje *é só*. Vejo vocês no quinto e no sexto tempo amanhã. Todos, exceto a srta. Harkness, por favor, podem se retirar.



CAPÍTULO TREZE

Os alunos do Instituto Trapaça eram bem alimentados, pois a mesa era sempre farta, e isso era tudo o que realmente importava para Gabriel. As grandes mesas circulares espalhadas pela sala de jantar de pé-direito alto eram servidas com alimentos de cores vivas — pimentões vermelhos, brócolis roxos, bananas assadas, salmões grelhados, batatas-doces. Tudo fumegante e brilhante, exalando um aroma doce e defumado que deixou Gabriel com água na boca.

Os veteranos já estavam sentados, enfiando alegremente garfadas na boca. Mas a maioria dos Trombadinhas hesitava perto da porta, sem saber onde sentar, agora que os alunos de todos os outros anos haviam chegado. Isso foi muito útil para Gabriel. Ele avançou e sentou-se ao lado do frango assado e da batata-doce. Segundos depois, havia servido uma montanha de comida em seu prato e engolia uma garfada atrás da outra. Saudável ou não, delicioso ou ruim, para ele só importava que sua barriga estivesse cheia. Cheia do quê, não era relevante.

A avó dele sempre dizia: “Coma o que puder, guarde o que não puder.” E as sobras guardadas em latas os ajudaram a passar por momentos difíceis. Então, quando estava satisfeito, Gabriel foi até o

velho que acabara de colocar um prato cheio de feijão verde cozido no vapor em uma mesa diferente e perguntou:

— Pode me dar uma lata vazia, por favor?

— Hein? — perguntou o homem, olhando para ele, inexpressivo.

— Uma lata — repetiu Gabriel. — Tipo de feijões enlatados?

O homem bufou.

— Parece que servimos feijão enlatado aqui, rapaz?

Gabriel tinha que reconhecer que não.

— Tomates enlatados? Grão-de-bico?

O homem deu de ombros.

— Vou dar uma olhada. — Ele começou a se afastar, mas parou e se virou. — Espere aí. Para quê? Você quer guardar as sobras para mais tarde? Se encontrarem comida no seu quarto, estará encrencado, você sabe.

— Não vou deixar comida no quarto — garantiu Gabriel.

Vou deixá-la escondida em segurança no fundo da geladeira da sala comunal.

Ele assentiu e foi embora. Gabriel olhou por cima do ombro e viu Penelope e os gêmeos deslizando as bandejas sobre a mesa onde ele havia se sentado. Um minuto depois, o homem voltou e deu a Gabriel uma lata vazia que antes continha feijões vermelhos. Gabriel agradeceu e a enfiou dentro do casaco.

— Oi — disse Ade quando Gabriel voltou para a mesa. — A srta. Jericho passou dos limites, sabe? Nada de carteiras? Isso é sério, cara? Minhas pernas estão mortas. — Penelope estava sorrindo até que Ade se virou para ela e acrescentou: — Não conte a ela que eu disse isso. Sei que você é próxima dos professores.

Ela corou.

— Você acha que eu... Eu *nunca*... Eu nem gosto da Matilda...

— Matilda — disse Ede, cutucando o irmão. — Acha que poderíamos nos safar chamando-a assim? “Oi, Matilda, eu imploro que nos permita ter uma carteira adequada.”

O garfo de Penelope tremia em sua mão.

— Os Inomináveis — disse Gabriel, mudando de assunto deliberadamente. — O que sabem sobre eles?

Todos os três se viraram para ele, os olhos arregalados.

— Você ouviu o que Matilda... — Penelope se interrompeu e recomeçou: — Você ouviu o que a srta. Jericho disse. Os Inomináveis são um grupo secreto e perigoso, e nós simplesmente... não falamos sobre eles nesta ilha.

Ade bufou alto.

— Você morou aqui a vida toda, no único lugar do mundo que pode guardar a verdade sobre os Inomináveis, e nunca pensou em dar uma olhada? Sério?

— Eu não disse que...

— Lavagem cerebral — disse Ede, balançando a cabeça. — Odeio quando fazem isso.

Gabriel não estava no clima para provocações; ele queria respostas. Se havia algo que não sabia sobre o mundo do crime, queria descobrir. *Precisava* descobrir. Acreditava que, quanto mais soubesse sobre esse mundo, maiores seriam suas chances de se destacar nele. Quanto mais se destacasse, maiores seriam as chances de libertar a Vovó de sua vida miserável.

— E vocês dois? — contrapôs Gabriel, dirigindo-se a Ade e Ede. — Vocês são hackers, devem saber algo sobre eles.

Ade arqueou uma sobrancelha.

— Olha, nós somos *bons*. Talvez os melhores chapéus brancos de treze anos que já existiram...

— Talvez? — interrompeu Ede. — Nããão, de-fi-ni-ti-va-men-te os melhores.

Ade concordou com a cabeça.

— Certo. Mas nem mesmo *nós* sabemos nada sobre os Inomináveis. — Ele pareceu envergonhado por um momento. — A verdade é que não estamos procurando com muito afinho. — Ele se inclinou para a frente. — Esse bando é encrenca, cara. E sabe o que é pior? Eles

também são bons. Há muitas pessoas más por aí, mas os piores são aqueles que são bons em ser maus.

— Mas não é para isso que estamos aqui? — perguntou Gabriel. — Para ficar bom em ser mau?

— Ah, não. Não como eles — respondeu Ade. — Essas pessoas sequestram. Elas machucam e matam. Tudo por dinheiro.

— Quer dizer, dinheiro parece legal — disse Ede. — Pense em todas as melhorias que poderíamos fazer no Sorrateiro... Ai! Por que isso?

Ade baixou o punho.

— Você conhece as regras da casa, cara. Cada vez que você fala besteira, leva um tapa. Foi mamãe que as criou, não eu, então reclame com ela.

— Eu não estava *dizendo*... Não é como se eu fosse... Ah, deixa pra lá, cara. — Ede cruzou os braços e afundou na cadeira.

Mas Gabriel estava pensando em algo que Villette havia dito na aula.

— Os Inomináveis já estiveram no Nível Um, certo? — Ele se inclinou mais para perto. — O que significa que eles são *muito* bons.

— Queria que vocês parassem de falar sobre... — tentou Penelope, mas Gabriel ainda não tinha terminado.

— Tão bons que ninguém sabe sequer qual é o nome do seu bando? — insistiu.

— Não, não é isso — disse Ade. — O bando deles não tem um nome. Nunca teve, nem mesmo quando eram do Nível Um. Se tivesse, alguém no Submundo já teria aberto a boca sobre isso. Então esse é o problema: como rastrear um bando que não tem nome, cujos membros não usam codinomes e que nunca aplicam o mesmo golpe duas vezes? Não é possível. Eles são apenas... fantasmas.

— Não — sibilou Penelope, subitamente furiosa. — Porque as pessoas acreditam em fantasmas. Mas muitas pessoas nesta escola nem sequer reconhecem a existência dos Inomináveis. Eles são a versão do bicho-papão do Submundo.

— Você acredita que eles existem? — perguntou Gabriel.

Penelope cerrou os dentes.

— Eu sei que eles existem. — Ela ficou em silêncio, parecendo perdida em pensamentos. Então piscou e pareceu se lembrar: — Não deveríamos estar falando sobre isso. — Ela se levantou e pegou a bandeja. — Vejo vocês na aula de Pulos do Gatuno.

Os olhos de Ade a seguiram até a porta.

— Legados são estranhos, cara.

Até Gabriel se pegou concordando.

Mas mesmo sentado ali, ouvindo os gêmeos debaterem as várias peculiaridades dos Legados Trombadinhas, Gabriel não conseguia parar de pensar nos Inomináveis e em por que ninguém queria falar sobre eles. O que, na verdade, só o deixava ainda mais determinado a descobrir a verdade por trás dos bichos-papões do Submundo.



CAPÍTULO CATORZE



-Há uma razão para todos vocês usarem esses blazers — disse o professor de Pulos do Gatuno, sr. Velasquez, enquanto vestia um blazer igualzinho por cima de sua camisa de colarinho preta. — E tenho certeza de que os Legados já sabem qual é.

O marrom do blazer contra o preto da camisa parecia elegante nele, algo que Gabriel não achava que fosse possível. A maioria das meninas da 1B parecia concordar — elas estavam inclinadas para a frente em suas carteiras, sem piscar. Apenas Villette não era afetada. Em vez disso, seus olhos enervantes examinavam com atenção as paredes, que ostentavam centenas de itens pequenos e que pareciam não ter qualquer relação entre si: moedas enferrujadas, relógios novíssimos e anéis brilhantes. Gabriel sabia exatamente o que eram.

São todos os itens que esse homem já roubou.

— Eu também já fui um Mérito — continuou o professor, alisando o blazer —, então estou bem ciente de que as primeiras semanas no Instituto Trapaça são especialmente desafiadoras para nós. Não

chegamos aqui conhecendo a história ou os costumes do Submundo, e não temos ideia do que acontece no Instituto Trapaça. Então, Legados, peço sua paciência enquanto falo de algumas coisas que vocês já devem saber. — Ele se curvou um pouco, os longos cabelos castanhos escorregando de seus ombros. — Vocês sem dúvida já notaram que, dentro de cada bolso do blazer, há uma ficha circular de madeira. — O sr. Velasquez puxou uma e a deixou dançar na ponta dos dedos. — Mas, embora todas as fichas possam parecer iguais, não são.

Ele mostrou à classe o interior de seu blazer. Havia três colunas de três bolsos, cada uma ligeiramente mais próxima do corpo.

— As fichas dentro dos bolsos desta coluna mais distante valem apenas um ponto. As da segunda coluna valem dois; e as da terceira, vocês já adivinharam, valem três. O valor de cada ficha está nitidamente marcado nela.

— Pontos? — perguntou Ede. — Para quê?

O professor sorriu.

— A Copa Criminal, é claro. Cada ano tem uma. Vocês, Trombadinhas, competirão entre si o ano todo, ganhando pontos de várias maneiras. Quem somar mais pontos no final do ano ganha a famosa taça. Funciona da mesma forma para todos os anos acima de vocês.

— Os Legados ganharam a Copa Criminal pelos últimos onze anos consecutivos — interrompeu Penelope, com orgulho, então corou e desviou o olhar bruscamente.

Gabriel revirou os olhos. *É sério? Até ela?*

— É verdade, srta. Trapaça — disse o sr. Velasquez com seu leve sotaque espanhol. — No total, os Legados ganharam *cinquenta e cinco* Copas Criminais desde a última vez que um Mérito venceu, se você contar todas as vitórias dos alunos de cada ano, ao longo desses onze anos. Mas basta que um Mérito ganhe para virar esse jogo. — Os olhos dele correram pela sala. — Apenas um.

Gabriel apertou com força a lateral da cadeira. *Apenas um.*

— Uma das formas de ganhar pontos para a sua equipe — continuou o sr. Velasquez — é furtar um de seus colegas Trombadinhas e entregar a ficha a um dos Jardineiros. Mas há um porém: se o seu alvo sentir a sua tentativa de ataque e, dentro de dez segundos, apertar este botão aqui — ele pressionou com firmeza o botão do meio do blazer —, então é o *alvo* que fica com os pontos. Se você for pego tentando roubar uma ficha que vale três pontos, esses três pontos serão concedidos à vítima. — Ele inclinou a cabeça e balançou o indicador. — Mas, se pressionar o botão sem que *ninguém* esteja tentando roubar uma de suas fichas, você perderá um ponto. Temos um nome para isso: *vitimimimizar*. — Ele se inclinou e, sorrindo, sussurrou: — Um conselho: aqueles que se vitimimimizam não são exatamente populares. É muito melhor deixar roubarem sua ficha de três pontos do que se vitimimimizar. — Ele piscou. — Confiem em mim.

Muitas das meninas assentiram ansiosamente. Ade fez uma careta e cutucou Gabriel.

— Olhe só para elas. Parece até que o Idris Elba entrou aqui ou algo assim.

Ede bocejou e se encostou na cadeira.

— Na verdade, ele se parece um pouco com você, Gabe. Vocês dois têm essa coisa mediterrânea.

Ade olhou do sr. Velasquez para Gabriel e depois hesitou.

— Olha, é assustador, na verdade. Seus olhos são meio... Até a cor dos seus cabelos... — Ele estreitou os olhos. — Por qual talento você foi recrutado mesmo?

Gabriel sorriu e ergueu uma ficha de três pontos.

— Bater carteiras.

Ade deu um tapinha no blazer.

— Ei, tá maluco?

Gabriel devolveu a ficha para Ade, que rapidamente a guardou no bolso do blazer.

— Quero deixar uma coisa clara — dizia o sr. Velasquez, enquanto Gabriel se virava para a frente. — Nem todo Trombadinha recebeu essa explicação ainda, mas esta competição não começa até amanhã de manhã. Entendido?

— Sim, senhor! — respondeu a turma em uníssono.

— Excelente. Agora, quem quer tentar furtar meu bolso?

A pergunta pegou a turma 1B totalmente desprevenida. Gabriel sabia o que eles estavam pensando. *Bater a carteira de uma pessoa que sabe que você quer roubá-la? Isso é mesmo possível?* Mas não era nisso que ele estava pensando. Aquela era a única área da Bandidagem que ele conhecia. Durante a maior parte da vida, seus dedos praticamente viveram nos bolsos de outras pessoas. Então era justo que ele se levantasse e se voluntariasse...

— Eu vou tentar — anunciou uma voz atrás dele. Gabriel se virou e viu Edgar Decome se levantar e correr pelas carteiras em direção ao sr. Velasquez.

— Excelente! Qual é o cenário? — perguntou o professor a Decome, com entusiasmo. — Turistas em uma rua movimentada? Hora do rush no metrô de Londres? Ou *você* vai tentar plantar algo em *mim*?

Decome deu de ombros.

— Na verdade, não importa. A dos turistas, acho. — O garoto alto flexionou os dedos. Gabriel estremeceu. Eles pareciam lentos e, o pior de tudo, desajeitados.

— Perfeito. — O sr. Velasquez esfregou as mãos e deu um passo para trás. — Antes de começarmos, sr. Decome, você deve saber que só tenho três fichas escondidas nestes doze bolsos. Portanto, escolha com sabedoria.

Decome umedeceu os lábios e assentiu.

O sr. Velasquez começou a caminhar para a frente, fazendo o papel de turista, com o rosto virado para cima, como se estivesse admirado com algum monumento inexistente. Decome se aproximou pela frente.

Então esbarrou nele com força. Houve um farfalhar de roupas e algumas desculpas exageradas. Então eles passaram um pelo outro. Depois de alguns passos, o sr. Velasquez se virou.

— Então? Teve sorte?

Decome abriu as mãos e franziu a testa.

— Nada.

O sr. Velasquez se virou para a turma:

— Alguém pode me dizer o que o senhor Decome fez de err... Ora, ora, alguém está ansioso! Avery, não é?

Gabriel assentiu.

— Ele se aproximou de você rápido demais, senhor. E muito de frente. Se ele tivesse roubado uma ficha, você poderia ter visto o rosto dele e seria capaz de descrevê-lo para a polícia. Ele também não considerou os arredores. Hoje em dia, existem placas de “cuidado com os batedores de carteira” nas ruas turísticas movimentadas, por isso, se alguém sente um estranho esbarrar nele, a primeira coisa que faz é verificar os bolsos. Se faltar alguma coisa, saberá imediatamente que foi a pessoa que esbarrou.

Decome cruzou os braços e o encarou. O professor, por outro lado, ficou olhando para ele por um longo momento. Então sorriu.

— Bom. Muito bom. Algo mais?

— Sim. Ele cometeu um erro ainda pior — disse Gabriel.

O professor ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo?

— Ele não prestou atenção no que as *suas* mãos estavam fazendo, senhor. Mesmo agora, acho que Decome ainda não percebeu que o anel dele está na sua mão direita.

Decome ergueu a mão, agora sem anel, e olhou para o sr. Velasquez.

— Quando você...

O professor ergueu a mão e abriu os dedos, revelando um grande anel de bronze.

— Excelente, sr. Avery. — Ele rolou o anel na mão e o segurou entre o indicador e o polegar. — Nunca use anéis quando estiver roubando carteiras, especialmente um folgado como este, que desliza sem um puxão sequer. Ele pode prender em um zíper, um botão ou escorregar. Pode até acabar na posse da mesma pessoa que você estava tentando roubar.

Com isso, Gabriel pensou em sua moeda, aquela sensação nauseante de ter seu bolso roubado por Caspian Trapaça retornando por um momento.

Decome deu um passo à frente para recuperar o anel, mas o sr. Velasquez fechou os dedos em torno dele.

— Nada disso. Você o terá de volta quando conseguir *pegá-lo* de volta. — Ele enfiou a mão no paletó e colocou o anel no bolso superior da fileira de moedas de um ponto.

— Esse é meu anel de família — declarou Decome, incrédulo. — Eu preciso...

— Melhorar suas habilidades? — completou o sr. Velasquez. — Sim, sr. Decome, precisa mesmo. — A turma riu, mas o professor logo se voltou para eles. — Vocês podem rir agora, mas em breve esses meus bolsos estarão cheios de anéis, pulseiras e relógios de cada um de vocês.

Não meus, pensou Gabriel. Não por arrogância, mas porque ele só viera para o Instituto Trapaça com a roupa do corpo. Tinha a sua moeda, claro, mas ela agora estava escondida dentro do sapato direito. Ele não tinha mais nada que valesse a pena roubar.

Como se o sr. Velasquez tivesse lido sua mente e quisesse a chance de roubar algo dele, falou:

— Venha você, sr. Avery. Agora sabemos que você pode avaliar o desempenho de outra pessoa, mas vamos ver se consegue furtar um bolso.

Enquanto se levantava, Gabriel ouviu Ede sussurrar para o irmão:

— O que é isso, cara? *Oliver Twist* ou algo assim?

Gabriel avançou. Ao se cruzarem, Decome o cutucou e sussurrou:

— Deveria ter ficado de boca fechada, Avery.

— O mesmo cenário? — perguntou o sr. Velasquez quando Gabriel chegou à frente, esfregando as mãos com entusiasmo.

Gabriel assentiu. E assim começou.

Mais uma vez, o professor ergueu os olhos como se fosse um turista distraído. Mas em vez de abordá-lo diretamente, como Decome havia feito, Gabriel tirou um pedaço de papel do bolso e aproximou-se pelo lado cego do sr. Velasquez.

— Com licença!

O professor se assustou e depois olhou em volta.

— Pois não?

Gabriel se aproximou dele, o papel estendido.

— Eu fiquei de encontrar minha mãe perto do Palácio de Buckingham, mas acho que estou perdido. Meus pais estão me esperando nesta esquina aqui. — Gabriel apontou para o canto superior direito do papel. — Não, não era isso. Acho que era aqui embaixo. Só um segundo, mamãe escreveu o nome da rua em algum lugar. Pode segurar isto para mim? — O sr. Velasquez pegou o pedaço de papel com as duas mãos enquanto Gabriel vasculhava o próprio bolso. — Aqui está! Ah, não. É um papel de bala. — Depois de um tempo, ele fingiu frustração e pegou de volta o papel. — Deixa para lá. Vou seguir meu caminho por aqui. Desculpe incomodá-lo. Aproveite o restante do dia.

Ele se virou e deu alguns passos, depois parou.

O sr. Velasquez disse:

— Conseguiu alguma coisa?

Gabriel deu de ombros.

— Três.

— *Você* pegou as três? — gritou Decome do fundo da sala, com uma mistura de descrença e acusação na voz.

Gabriel abriu os dedos para revelar duas fichas de um ponto e uma ficha de três pontos. Por um momento, o sr. Velasquez pareceu atordado. Então seu rosto se suavizou em um sorriso.

— Impressionante. Gostaria de contar à turma como fez isso?

— Distração — disse Gabriel com naturalidade. — Eu te mostrei um mapa, o que manteve seus olhos ocupados. Falei muito, o que manteve seus ouvidos ocupados. Então te dei o mapa, o que manteve suas mãos ocupadas. Com uma das mãos vasculhei meus próprios bolsos e, com a outra, os seus.

O sr. Velasquez inclinou a cabeça, analisando Gabriel cuidadosamente.

— Mérito?

Gabriel assentiu.

— E por acaso foi recrutado por causa de seus furtos?

— Fui.

O professor riu e depois se virou para o restante da turma.

— Por hoje é só isso, 1B. Vejo vocês na quarta-feira.

Gabriel começou a voltar para sua mesa, mas o sr. Velasquez, com uma voz suave e firme, disse:

— Fique mais um pouco, sr. Avery.

Quando todos os outros tinham ido embora, o professor lançou um olhar divertido ao menino.

— Então você pegou todas as minhas três fichas?

— Sim, senhor.

— Esse é um feito realmente notável. Sobretudo considerando que só escondi duas no meu blazer.

O sangue pareceu parar de correr nas veias de Gabriel.

— Mas eu encontrei três.

— Sabe o que eu acho? — perguntou o sr. Velasquez, sentando-se em sua mesa. — Acho que você encontrou as duas fichas em meus bolsos, mas pegou a terceira do sr. Decome quando ele o cutucou ao voltar para a carteira. Isso lhe parece correto?

Por que você sempre dá um passo maior do que a perna?

— Senhor, eu posso explicar...

O sr. Velasquez ergueu a mão, os dedos longos e finos — perfeitos para o furto.

— Não precisa. Você estava tentando impressionar sua turma e, pela expressão no rosto deles, conseguiu. Não o culpo por isso, especialmente se esta é a sua área de destaque. Mas, ao furtar o bolso daquele garoto antes do início oficial da Copa Criminal, você violou as regras.

O que isso significa? Ele perderia pontos? Seria desclassificado? Não, não podia ser. Ele precisava vencer. Até já sabia a pergunta que queria fazer a Caspian Trapaça...

— O que vai acontecer? — perguntou Gabriel e pôde ouvir o tremor em sua voz.

— É simples — disse o professor de Pulos do Gatuno, pegando de volta as duas fichas que pertenciam a ele e deixando a terceira com Gabriel. — Você deve devolver essa ficha ao bolso de Edgar Decome antes das 9h de amanhã, quando a competição começa oficialmente. Faça isso e ninguém nunca precisará saber do que aconteceu. Se falhar, haverá consequências.



CAPÍTULO QUINZE



Gabriel não sabia o que tinha esperado de uma aula chamada “Cultivo do Bandido”; mas com certeza não tinha sido andar pela floresta com uma escolta de aparência assustadora. Quatro Jardineiros uniformizados — com macacões cinza folgados que um jardineiro comum da mansão Mercier poderia usar — caminhavam junto da turma 1B. Dois à frente, dois atrás. No entanto, qualquer um que observasse casualmente aquele estranho grupo de pessoas teria seus olhos atraídos não para os Jardineiros, mas para outra figura: o sr. Sisman.

Sob certos aspectos, ele era perfeitamente comum: idoso, um pouco curvado, com um saco esfarrapado e bege bem claro pendurado no braço direito dobrado. Mas, em todos os outros aspectos, ele era a pessoa mais extraordinariamente estranha que Gabriel já vira.

Seu cabelo, na altura dos ombros, era lilás, suas unhas estavam pintadas com todas as cores do arco-íris e suas longas vestes, embora

marrons, para combinar com todos os outros no Instituto Trapaça, estavam forradas de retalhos disformes de materiais diferentes. Quando Lulu Cheng perguntou se os retalhos eram porque ele costumava prender as roupas em galhos ou espinhos na floresta, o sr. Sisman disse:

— Ah, minha querida, não. Por que pensou isso?

A floresta pela qual a 1B caminhava brilhava ao sol da tarde, o cheiro doce de terra molhada por conta de uma chuva recente ainda pairava no ar. Eles haviam ido de barco até a outra margem e, de lá, atravessaram a densa fileira de árvores. Penelope seguia à frente, abrindo caminho. Ou melhor, os dois Jardineiros estavam abrindo caminho e ela fingia não os notar. A cada trinta segundos, mais ou menos, ela se virava e gesticulava para o restante da turma se apressar, por fim fazendo com que Ade, suado, murmurasse:

— Ela é uma gazela ou algo assim? Juro que estou tendo um ataque cardíaco. Sintam isso. — Ade agarrou as mãos de Gabriel e Ede e as colocou em seu peito arfante.

— Ah! — disse Ede, os olhos arregalados. — Não morra, cara. *Irmão Crime* soa péssimo.

Ade riu.

— Se eu morrer, você definitivamente terá que mudar sua marca. Que tal *Sem Cérebro*? Aposto que ainda não está sendo usado.

Eles começaram a discutir, ofegantes, o que deu a Gabriel um momento para olhar ao redor à procura de Edgar Decome. Ele estava mais para o fim do grupo, envolvido no que parecia ser uma conversa unilateral com Villette Harkness. Como sempre, ela sorria docemente, mas Gabriel percebeu que estava entediada.

Como vou devolver a ficha dele? Por mais leve que fosse, parecia pesada no bolso da sua calça e tudo que Gabriel queria era se livrar dela.

Mas, quando foram obrigados a andar na ponta dos pés para contornar uma poça que bloqueava metade do caminho estreito, outro pensamento invadiu sua mente.

Espero que Vovó tenha se lembrado de fechar a janela do banheiro ou o chão ficará encharcado. Ela estava a apenas uma curta viagem de trem, mas Gabriel não podia visitá-la. E ainda não tinha conseguido sequer ligar para ela. Estava com muito medo de ouvir a dor em sua voz e pular direto no primeiro trem para casa, deixando o Instituto Trapaça para trás para sempre. Mas ele não poderia. Só queria saber se ela estava bem sem ele. Não tinha ideia se ela havia recebido sua carta...

— Certo, meus queridos! — disse o sr. Sisman agradavelmente, parando ao lado de um grande carvalho. Debaixo dele havia um enorme pedaço de terra arada. — Quem gosta de um pouco de jardinagem?

Os alunos da 1B se entreolharam, completamente perdidos. Apenas Villette parecia imperturbável, aquele olhar permanente de diversão ainda estampado em seu rosto.

Ede balançou a cabeça e sussurrou:

— Jardinagem? Essa não é a minha praia.

— Sr. Sisman — chamou Penelope, com a frustração transparecendo em seu tom. — Certamente não estamos aqui para fazer *jardinagem*. — Os olhos dela pousaram no saco que ele carregava. — Estamos?

— Bem, é claro que estamos, Penelope, querida. Não foi o que acabei de dizer? Por que outro motivo estaríamos vagando pela floresta no fim de tarde?

Penelope pareceu confusa.

— Para conhecer a flora que pode nos ser útil no futuro. Ervas que deixam alguém inconsciente, fungos que causam paralisia temporária. — Ela deu de ombros. — Esse tipo de coisa.

— *Deixar alguém inconsciente* — zombou Ade baixinho.

— *Paralisia temporária* — acrescentou Ede.

Penelope os encarou com um olhar feroz.

— Minha querida — disse o sr. Sisman, balançando sua cabeleira lilás. — Trombadinhas não aprendem essas coisas. Vocês serão

Malfeitores, talvez até Delinquentes Juvenis, antes de sequer chegarem perto desses assuntos.

— Mais dois *anos* — murmurou Penelope, desanimada.

— Neste ano — continuou o sr. Sisman —, vocês aprenderão a maior de todas as características criminosas: a paciência. — Ele ergueu a mão e fechou os olhos. — Foi Geoffrey Chaucer quem disse: *A paciência é amarga, mas seu fruto é doce.*

— Na verdade, senhor — insistiu Penelope, forçando o sr. Sisman a abrir um olho —, foi Aristóteles quem disse isso. Geoffrey Chaucer disse: “A paciência é uma virtude que se conquista.”

O sr. Sisman olhou para o céu novamente, imerso em pensamentos.

— Hum. Não tenho certeza disso, minha querida. Não tenho certeza mesmo. Teremos que pesquisar.

Penelope ia começar a responder, mas o sr. Sisman ergueu a mão.

— A paciência é a característica mais útil para um bandido. E vocês estão se perguntando qual seria a segunda? Bem, aquela que anda de mãos dadas com a paciência por toda a vida, é claro. Disciplina! E como vocês aprendem sobre paciência e disciplina? Ora, de que outra forma, se não com a jardinagem? Porque, se não tiverem paciência e disciplina para cultivar um jardim, certamente não terão paciência e disciplina para realizar um grande golpe. Ambos precisam ser bem cuidados para que deem frutos. Ou, no caso do golpe, lucro!

Então o sr. Sisman riu. E era uma risada que Gabriel não imaginava que existisse fora de um desenho animado. Era alta, estridente e soava como ri-ri-riii.

Gabriel não estava convencido de que deveria ouvir sermões sobre disciplina de um bandido de túnica e cabelo lilás. Mas, se isso fosse torná-lo um bandido melhor, tentaria.

O sr. Sisman secou as lágrimas que escorriam de tanto rir e se abaixou para pegar seu saco em uma pedra próxima, mas parou de repente com um estremecimento. Ele olhou por cima do ombro para o Jardineiro mais jovem.

— Jonathan, você poderia fazer a gentileza de pegar isso para mim? Minhas costas não são mais como antes.

O jovem Jardineiro fez o que lhe foi pedido e rapidamente voltou à formação.

— Ele conhece aquele Jardineiro? — sussurrou Gabriel para Penelope.

— Claro. O sr. Sisman foi professor de Jonathan. — Ao ver a expressão perplexa no rosto de Gabriel, acrescentou: — Você sabe que os Jardineiros são todos ex-alunos do Instituto Trapaça, não sabe? Alguns dos melhores de todos os tempos. — Ela balançou a cabeça, surpresa. — Você acha que teríamos *estranhos* protegendo o Instituto Trapaça? Claro que não! Nós só confiamos nos nossos.

— Alguns dos melhores? Então você seria uma Jardineira?

— Claro, pelo menos por um tempinho. Você sabe como alguns países convocam seus cidadãos para servir nas forças armadas por um tempo?

Gabriel assentiu.

— Com os Jardineiros é a mesma coisa. Ou você se voluntaria para proteger a escola por um ano, ou a escola o convoca antes de você completar quarenta anos.

— Sério? — perguntou Gabriel, chocado. — Todo bandido? Mesmo os melhores?

— Só os melhores. Por que iríamos querer que alguém como Decome fosse Jardineiro? — Ela deu uma risada cruel.

— Eu ouvi isso, Trapaça — sussurrou Decome.

— Era para ouvir mesmo — retrucou Penelope, e olhou para Gabriel. — Pergunte a qualquer um dos Jardineiros e eles lhe dirão que é uma honra proteger a escola. Quanto aos bandidos famosos que voltaram... — Ela corou um pouco. — Mario Deserio foi Jardineiro há dois anos. Algumas mulheres aqui ficaram muito felizes por isso, posso garantir. Hector Van der Camp esteve aqui no ano passado. E Jonathan Mason... — Penelope apontou com a cabeça para o jovem Jardineiro que ajudara o sr. Sisman. — Ele faz parte de um bando que

roubou *O Leopardo* de Silvio Sansa, um quadro retirado do Kunsthalle de Munique e substituído por uma falsificação. — Ela baixou a voz: — O que foi ainda mais impressionante é que foram os Inomináveis que o roubaram primeiro.

Gabriel ergueu uma sobrancelha, surpreso.

— Uau. Alguém continua sendo Jardineiro por mais de um ano?

Penelope deu de ombros.

— Às vezes.

— Você continuaria?

— Não.

— Por que não?

Ela olhou para Gabriel com tanta intensidade que ele quase deu um passo para trás.

— Porque pretendo ser a maior criminosa que já existiu.

Se Gabriel não estivesse olhando nos olhos dela, poderia ter rido. Mas ele estava, então se viu acreditando em cada palavra. E naquele momento se pegou pensando: *Se eu puder ir na onda dessa garota, talvez consiga chegar aonde preciso.*

O sr. Sisman esvaziou o saco sobre uma mesa portátil e passou a mão pelos objetos.

— Por favor, peguem algumas sementes, uma dessas pequenas pás e encontrem um canteiro para vocês. Lembrem-se: vocês cultivarão seu jardim durante um ano inteiro, então escolham cada detalhe com muito cuidado.

— O que ele quer dizer com isso? — perguntou Ede.

— Seu canteiro, suas sementes, seu equipamento, escolha tudo com cuidado — respondeu Penelope, indo direto para as sementes.

Ade e Ede a seguiram. Mas Gabriel virou-se e se dirigiu para os canteiros cuidadosamente delineados logo adiante, pegando a pá de um dos Jardineiros ao passar. Ele estava de olho em um canteiro específico desde o momento em que chegaram. Ficava no canto nordeste, onde a copa era mais fina, permitindo a passagem de bastante chuva e luz solar. Também era o ponto mais distante do

enorme carvalho, então suas raízes grossas não roubariam nenhum nutriente de seu pequeno jardim.

Todos os anos que passei ajudando a Vovó no jardim vão finalmente valer a pena.

Ele enfiou a pá na terra, reivindicando o canteiro para si. Então se virou e viu Decome se aproximando. O garoto de rosto anguloso segurava três pacotes de sementes em uma das mãos e uma pá na outra. Seu blazer estava desabotoado e o bolso que Gabriel havia furtado estava *bem ali*. Seria tão simples quanto...

— Inteligente, Avery — disse uma voz ao passar por ele. Penelope colocou a espátula no canteiro ao lado seu lado. — Eu mesma ia escolher esse canteiro. — Ela se virou. — Mas acho que terei que me contentar em ficar com isto aqui. — Ela ergueu uma ficha.

O coração de Gabriel parou. Ele não precisava apalpar o bolso da calça para saber que ela o roubara.

Ela estreitou os olhos.

— Importa-se de explicar por que tem uma ficha no bolso da sua calça?

Gabriel não disse nada. *Vamos, pense. Pense!*

— Você ficou com uma das fichas do sr. Velasquez? — Ela franziu a testa. — Não, isso não faria nenhum sentido.

— É uma das minhas — explicou Gabriel, estendendo a mão. — Eu estava brincando com ela no bolso para manter as mãos ocupadas.

As melhores mentiras, ele já tinha descoberto, eram aquelas baseadas na verdade. Brincar com uma moeda ou uma caneta era algo que ele sempre fazia, para manter os dedos ágeis. Não tinha sido o caso daquela vez em particular, mas ela não precisava saber disso.

Penelope nem olhou para a mão que ele estendeu.

— Sabe, Avery, cada ficha tem as iniciais de seu dono gravadas. — O coração de Gabriel parou. — Devo verificar se há um GA nesta aqui? — Ela ergueu uma sobancelha em desafio.

— Está falando com um Mérito, Trapaça? — disse uma voz atrás dela. Decome.

Penelope olhou para ele, depois para Gabriel, e então para as iniciais microscópicas na borda da ficha, aquelas que Gabriel nem sabia que existiam. Seus olhos se arregalaram devagar, como se ela se lembrasse do esbarrão deles durante a aula de Pulos do Gatuno. De repente, tudo se encaixou.

— Só porque o Avery aqui gentilmente se ofereceu para trocar de canteiro comigo. — Ela apontou para as pás, lado a lado, na terra.

— Não, eu não...

Penelope jogou a ficha no ar e a pegou.

Gabriel contraiu a mandíbula. *Não era para ser assim.*

— Tudo bem. Sim, vamos trocar.

— Isso parece certo — disse Decome em tom superior, dando tapinhas nas costas de Gabriel ao passar. — Deixe um Legado mostrar como é que se faz. — Felizmente, depois de lançar um sorriso bajulador para Penelope, ele escolheu um canteiro fadado ao fracasso do outro lado, bem longe deles.

Gabriel estendeu a mão outra vez.

— A ficha.

Penelope a jogou para ele.

— Aposto que o sr. Velasquez descobriu e está obrigando você a devolver, não é? Foi por isso que ele pediu que você ficasse depois da aula. Como planeja fazer isso até amanhã de manhã? Vai pedir ajuda aos gêmeos tagarelas?

Gabriel pegou a ficha e a enfiou depressa no bolso.

— Não se preocupe com isso.

Ele partiu em direção ao sr. Sisman e às sementes.

— Vou te ajudar.

Gabriel parou, jurando que tinha ouvido mal. Ele olhou ao redor.

— Por que você faria isso?

Ela deu de ombros.

— Em parte para te compensar por ter pegado seu lugar, eu acho. Mas principalmente porque, se você não devolver a ficha, será penalizado em alguns pontos e isso significa que terá uma desculpa

quando perder. — Ela deu um passo à frente, os olhos brilhando. — E não quero que tenha desculpas. Quando eu vencer você na Copa Criminal, quero que seja *justo*.

Gabriel a observou por um longo momento.

— Isso é algum tipo de truque?

Ela apontou o polegar para Ade e Ede, que estavam se acotovelando em dois canteiros igualmente horríveis a cerca de um metro de distância.

— Você prefere pedir ajuda a eles? On-line, eles podem acabar se tornando o nome mais qualificado da história do Submundo, mas, pessoalmente, são o equivalente humano de dois pés esquerdos.

Nesse momento, Ede jogou uma lagarta em seu irmão, que gritou e disparou na direção oposta.

Ela não estava errada.

— Certo.

Penelope sorriu.

— Vamos bolar um plano, então?

— Na verdade — disse Gabriel, olhando de novo para os Irmãos Crime —, acho que já tenho um.



CAPÍTULO DEZESSEIS



O

jantar foi *chili* com carne, arroz integral e legumes assados.

Gabriel terminou seu prato em menos de dois minutos. Enquanto os outros, principalmente os Legados, reclamavam que estava muito frio ou que não gostavam de cebola, ele e Penelope observavam Edgar Decome. O garoto de cabelos desgrenhados estava rindo com um garoto sardento da 1B chamado Dorian MacArthur. Dorian era um Legado escocês descendente de Rory MacArthur, que, mais de um século antes, invadiu o Castelo de Edimburgo e roubou de volta vários tesouros inestimáveis que pertenciam por direito a seus ancestrais. Pelo menos foi o que Penelope contou a ele. Gabriel não se interessava muito pelo que as pessoas tinham feito num passado distante, apenas pelo que estavam fazendo agora.

— Você come feito um robô — comentou Ede, olhando Penelope com atenção.

Ade assentiu e depois olhou para Gabriel.

— Vocês dois. Nunca vi ninguém gostar tão pouco de comida quanto vocês.

Penelope engoliu outro bocado.

— Comida é combustível. Nada mais.

Os irmãos se entreolharam, horrorizados.

— Comida é uma das melhores coisas da vida — declarou Ade por fim.

— Uma das? — perguntou Ede, horrorizado com o irmão. — Não, é *a* melhor. Nem mesmo derrubar um *firewall* supostamente impenetrável pode competir com comida.

Ade assentiu.

— E a comida aqui é boa. Então vocês e sua mastigação inexpressiva são um desrespeito ao chef. Ei, Ed, deveríamos trazer o chef aqui para ver o que ele acha?

— Espere aí — disse Ede, olhando para Penelope com desconfiança. — Talvez antes devêssemos verificar se ela é mesmo um robô de uniforme.

Ede ia cutucar o ombro de Penelope, mas antes mesmo que ele chegasse perto, ela pegou seu pulso e, ainda comendo, torceu-o em um ângulo nada natural.

— É grosseiro cutucar.

Ele choramingou e ela o soltou.

Ade riu.

— Agora você sabe o que acontece quando tenta tocar em um robô!

Do outro lado da mesa, Decome se levantou.

Gabriel ia dar um tapinha no ombro de Penelope, mas imediatamente pensou melhor. Em vez disso, sussurrou:

— Está na hora.

Ela assentiu, levantou-se e se afastou. Depois de alguns segundos, Gabriel se levantou também, deixando Ade e Ede com olhares confusos, e seguiu Decome como uma sombra em direção ao balcão onde os alunos deixavam seus pratos e talheres usados.

— Ouvi dizer que sua mãe teve um grande sucesso no mês passado — comentou Penelope, aproximando-se pelo outro lado e colocando o prato ao lado do de Decome.

— Sim — concordou ele, com orgulho. — Ela mandou bem. Mas saiu nos jornais, então ela não está muito feliz com isso.

Do bolso esquerdo, Gabriel tirou um grande pacote de sementes e o segurou perto do blazer de Decome. Do pacote, saiu rastejando uma aranha grande e peluda. Gabriel deslizou para a direita e esperou.

Nossa, esse cara fala à beça, pensou enquanto Decome recitava os diferentes jornais em que o crime de sua mãe havia sido noticiado.

Então:

— Aranha! Tem uma aranha nas suas costas! — gritou Penelope.

— Onde? — Decome começou a se contorcer. — Onde?!

Gabriel se adiantou:

— Na sua manga. Peguei. — Ele a havia acertado no primeiro tapa. O segundo e o terceiro foram apenas por diversão. — Ela morreu. Olhe. — Gabriel apontou para o chão, onde a criatura jazia imóvel. — Você está bem? — perguntou, limpando o blazer de Decome.

— Estou bem — respondeu Decome, dando de ombros para Gabriel. — Aliás, de onde *você* saiu? — Ele não esperou resposta.

Penelope também já havia partido há muito tempo. Assim como a ficha, em segurança de volta ao blazer de Decome.

— Ousado — disse uma voz. Gabriel se virou e viu o sr. Velasquez sorrindo para ele com ar de quem sabia o que tinha acontecido. — Muito ousado, na verdade. — Ele se virou para sair, mas fez uma pausa. — Não esqueça que se você, que é um Trombadinha, conhece uma jogada como essa... todos os outros nesta sala também conhecem. — O professor de Pulos do Gatuno pôs a mão em seu ombro. — Há uma linha tênue entre ser ousado e ser tolo. É bom que se lembre disso. — E então ele saiu.

A operação deles foi um sucesso. Mas, enquanto Gabriel observava o homem alto partir, por alguma estranha razão, não parecia ter sido.

*

Passava das 5h da manhã do dia seguinte quando Gabriel desistiu de dormir e se esgueirou para a floresta escura que cercava o escritório dos codiretores. Os Jardineiros patrulhavam a ilha, suas tochas cortando a noite fria de outono como a luz de um farol. Gabriel olhava para eles de um jeito diferente agora que sabia quão habilidoso cada um era de fato.

Mas, naquela noite, percebeu que a atenção dos Jardineiros estava voltada principalmente para o lago e para a outra margem, e não para a ilha em si. Então Gabriel se manteve nas sombras e acabou por se instalar debaixo de um grande pinheiro que tinha um recanto natural na sua base. Ele se espremeu ali dentro e enrolou o casaco de inverno do Instituto Trapaça em volta do tronco e dos joelhos, deixando apenas os olhos e o nariz expostos ao frio.

Por um tempo, observou o escritório na clareira, silencioso, escuro e vulnerável. Parecia vazio, desprotegido, como se ele pudesse entrar direto pela porta da frente, pegar um objeto ao acaso e desaparecer na noite. Mas, à medida que olhava com mais atenção, mais ele notava. Uma luz vermelha suave piscava num canto do escritório, anunciando a presença de uma câmera de visão noturna. A grama bem aparada ao redor do prédio estava ligeiramente irregular, o que dizia a Gabriel que havia algo — embora ele não soubesse o que — ali embaixo. E uma patrulha de Jardineiros atravessava a clareira a cada quatro minutos e meio, como um relógio.

Isso não vai ser fácil.

A leste, através de uma pequena abertura na linha das árvores, a lua crescente brilhava nas águas perfeitamente calmas.

Parece o nosso antigo lago, Vovó. Dois anos antes, a avó arranjava um emprego como criada residente em um hotel decadente nos arredores de Plymouth.

— As pessoas querem contratar profissionais experientes — dissera Vovó. — Mas aí você chega à minha idade e toda essa experiência

pesa contra você. Já trabalhei em alguns dos melhores hotéis do país, mas quando eles não acreditam que ainda é capaz de segurar um aspirador, nada disso importa. Então, sinto muito, mas vamos ter que nos contentar com isso por enquanto, meu querido.

Lá, eles moravam em um sótão sem janelas, tão gelado no inverno que dormir era quase impossível. Assim, nas primeiras horas da manhã, quando o mundo estava mais frio, os dois se agasalhavam, enchiam uma garrafa com chá quente e caminhavam ao redor do lago nos fundos do hotel. Quando estavam aquecidos pelo movimento, sentavam-se e observavam a lua dançar no lago. E, quando ele congelava, caminhavam até ele, e Gabriel zanzava suavemente até ficar cansado. Depois voltavam para aquele sótão e tentavam dormir até o sol nascer.

Quando Gabriel voltou a si, aninhado no pinheiro, estava tremendo. Lágrimas encheram seus olhos, tornando o reflexo da lua no lago um borrão indistinto.

Ele sentia muita falta de casa. Não, não era isso; Gabriel nunca tivera uma casa de verdade. Ele sentia falta era da Vovó. Cada ruga e linha do sorriso dela, cada risada e reclamação bem-intencionada, estavam todas muito vivas em sua maldita cabeça, como se ele a tivesse deixado apenas momentos antes.

Vovó devia estar muito preocupada com ele. Mas, depois dos últimos dias, Gabriel sabia que não poderia simplesmente voltar à sua antiga vida. Havia um mundo totalmente novo ao alcance dos seus dedos. Caspian estava certo — *havia* um lugar para alguém como ele: o Instituto Trapaça.

Só então algo chamou sua atenção. Era branco e leve, e vinha de cima, flutuando em direção a ele. Ele abriu o casaco e deixou o objeto cair na palma de sua mão estendida.

Isso é... um lenço?

Gabriel saiu de seu esconderijo e olhou para cima. Por um momento absurdo, poderia jurar que uma forma azul disparou de um galho para o outro. Mas, quando ele piscou, havia desaparecido.

Assustado, Gabriel enfiou o lenço no bolso do casaco e ficou de pé. Prendendo a respiração, ele esperou, observando as tochas dos Jardineiros passarem antes de correr de uma árvore para outra. E o tempo todo ele pensava: *Tudo valerá a pena, Vovó. Eu prometo.*

CAPÍTULO DEZESSETE



-Você está com uma cara péssima, Avery — disse Penelope, sorrindo.

Ela estava encostada na parede do Centro de Criminástica em seu traje de corrida, seus longos cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo com aquela mesma fita violeta esfarrapada.

Gabriel abriu um sorriso cansado enquanto se aproximava com os gêmeos.

— Bom dia para você também.

Ade olhou feio para Penelope enquanto passava.

— Ah, ninguém deveria estar tão animado a essa hora da manhã.

— Eu simplesmente dormi o suficiente — retrucou Penelope. — Oito horas todas as noites, sem falhar.

— Viu — falou Ede, apontando o polegar na direção de Penelope enquanto seguia o irmão para dentro. — Robô.

— Para sua informação, estou cansado porque estive patrulhando o escritório dos diretores ontem à noite — disse Gabriel. Ele bocejou e

depois piscou enquanto Penelope começava a andar ao seu lado. — Espera aí. Não me diga que você estava *esperando* por mim?

Penelope forçou uma risada.

— Claro que não. Friedrich me pediu para garantir que todos da nossa turma encontrassem este lugar em segurança.

— Srta. Trapaça — chamou uma voz baixa e retumbante lá de dentro. — Quantas vezes preciso falar? Entre e *sente-se*.

Penelope empalideceu.

Gabriel riu.

— Entendi. Você só está cuidando do seu parceiro de crime. Faz todo o sentido para mim.

— Nós não somos isso — sibilou ela, seguindo-o para dentro. — *Parceiros*. — Ela quase cuspiu a palavra. — Não preciso de um parceiro. Eu não preciso de ninguém. Você vai ver.

Gabriel deu de ombros.

— Como quiser, *parceira*.

Friedrich não era um homem, era uma mulher, e a pessoa com a aparência mais assustadora que Gabriel já tinha visto. De braços cruzados, ela os esperava diante de uma parede de escalada. Era incrivelmente baixa, atarracada, com ombros fortes e coxas que pareciam troncos de árvores. Seu cabelo grisalho estava preso em um coque tão apertado que puxava as sobrancelhas para a testa e fazia seus olhos acinzentados brilharem com o tipo de fúria silenciosa de alguém com dor crônica.

— Você, o cansado — disse ela, apontando para Gabriel. — Aqui.

O resto da 1B já estava sentado. Eles recuaram, deixando um corredor para ele passar.

— Sim, senhorita? — disse Gabriel cautelosamente.

— Nada de senhorita — declarou ela com firmeza. — Nem senhora, professora ou qualquer outro título. Me chame pelo meu nome: Friedrich.

Villette deu uma risadinha daquele seu jeito estridente.

— Isso não é nome de menino? — perguntou ela.

— Sim, é — respondeu Friedrich com naturalidade. — Meu pai queria um menino. Então dei a ele uma garota capaz de superar qualquer rapaz. Parece que ele não gostou muito disso. — Ela se virou para Gabriel. — Você corre?

— Só quando estou sendo perseguido.

No momento em que disse as palavras, Gabriel se arrependeu. Mas, para sua surpresa, Friedrich soltou uma risada curta e aguda que soou como o cano de escapamento de um carro.

— Boa — disse ela. — Correr é uma perda de tempo. O que ensinamos aqui é aptidão funcional. O que significa que tudo o que aprenderem dentro destas quatro paredes será útil em suas futuras atividades criminosas. — Ela se voltou para a turma 1B. — Então me digam: o que vocês precisam saber, se forem atacados?

— Autodefesa — respondeu a garota de rosto oval, que Gabriel tinha descoberto se chamar Oh Ji-a.

Friedrich assentiu.

— E o que vocês precisam saber se o único ponto de entrada for através de uma janela no terceiro andar?

— Escalar — respondeu Villette, sorrindo. — Ou rapel, dependendo de onde é seu ponto de partida.

Friedrich assentiu novamente.

— E se um plano der errado e você estiver sendo perseguido pelas ruas e pelos telhados, o que precisa saber?

Os alunos se entreolharam. *Correr* parecia a resposta óbvia. Mas Friedrich já tinha dito que correr era inútil, então o que poderia ser? Gabriel tinha um palpite. Ele só ouvira a palavra uma vez, mas achou melhor tentar:

— *Parkour*.

Ela olhou por cima do ombro.

— Isso mesmo.

— *Parkour*? — zombou Decome. — Não é só um bando de esquisitos pulando arbustos?

Mais rápida do que um raio, Friedrich passou por ele. Ela pulou sobre um equipamento, deu uma cambalhota por cima de outro, depois saltou e usou uma viga de madeira para subir em uma plataforma de dois metros de altura que se projetava da parede. Pousou graciosamente e depois se virou para a turma.

— Isso é *parkour*.

A 1B estava de olhos arregalados e boquiaberta. Apenas duas pessoas permaneceram imóveis.

— Juro que fiquei cansado só de *ver* isso — sussurrou Ade para o irmão.

Ede balançou a cabeça.

— Meu corpo não se dobra assim, cara. Você viu quando as costas dela estavam tipo... E seus pés fizeram isso... Ai!

Friedrich saltou da plataforma e caiu no chão com o tipo de elegância casual de alguém que já tinha feito aquilo milhares de vezes.

— Todos nesta sala conseguirão fazer isso antes de deixar o Instituto Trapaça. E muito, muito mais.

— Se durarem tanto tempo — comentou Decome, lançando um olhar para Gabriel.

— Mas hoje quero apenas que se familiarizem com todo esse equipamento — informou Friedrich, apontando para todas as formas acolchoadas de aparência estranha que saíam do chão e se projetavam das paredes. — Quero que todos vocês se sintam completamente confortáveis aqui. Se não souber o nome de alguma coisa, pergunte. Se não souber como um equipamento deve ser usado, pergunte. Hoje vocês podem me perguntar qualquer coisa. Mas, a partir de amanhã, quem não souber o nome de um determinado equipamento pagará dez flexões.

— Flexões de joelho? — perguntou Villette.

Friedrich bufou.

— Eu pareço alguém que já fez uma única flexão de joelho na vida? — Gabriel tinha de admitir que não. — Não, flexões *completas*. Para todos. — Ela caminhou até a parede e, de costas para ela, deslizou

para baixo. — A partir de amanhã, toda vez que um equipamento for usado de forma incorreta, vocês farão agachamentos na parede por um minuto. — Ela se levantou. — Não me entendam mal. Espero que vocês falhem centenas de vezes ao executar os movimentos, mas não vou tolerar o uso *indevido* do equipamento. É assim que as pessoas se machucam.

— Agachamentos na parede — disse Ede, lançando ao irmão um olhar astuto. — Mamãe nos treinou para isso a vida toda.

— Qual é o seu recorde mesmo? Seis minutos? — perguntou Ade. Ede deu de ombros, parecendo presunçoso.

— Ah, é mais do que isso. Na verdade, uma vez caí no sono nessa posição.

Ade balançou o dedo para o irmão.

— Agora você exagerou com a baboseira. Você *sempre* exagera.

Friedrich voltou sua atenção para os gêmeos tagarelas.

— Por último, e esta é a regra que vai garantir que vocês não percam um dedo ou um lóbulo da orelha: nenhum acessório pode ser usado aqui dentro.

Os gêmeos levaram as mãos aos seus brincos de caveira e ossos cruzados. Franzindo a testa, os tiraram e os enfiaram nos bolsos. Ji-a, Villette e algumas outras garotas tiraram anéis, colares e brincos. Para a diversão de Gabriel, Decome foi automaticamente tirar seu anel de bronze, mas não encontrou nada. Ele ainda não havia conseguido roubá-lo do sr. Velasquez.

— Psiu — Villette chamou a garota ao lado dela. Era a garota que tinha dado o seixo para Gabriel na primeira noite. — Talvez você queira tirar isso também. E se prender em alguma coisa?

A garota passou a mão pelo *hijab* azul, constrangida, e desviou o olhar.

Isso apenas incentivou Villette.

— Não? Hum, eu acho que isso não é exatamente *permitido*, é? Só estou tentando cuidar de você, Amira.

A garota sentou-se em silêncio, os braços cruzados com força em volta das calças azuis combinando. Gabriel pensou ter visto lágrimas brotando em seus olhos verdes, mas a garota piscou e elas desapareceram.

Eles passaram a aula explorando a enorme sala e perguntando a Friedrich sobre os equipamentos. Havia aros e degraus, blocos, barras assimétricas e grandes colchões triangulares, mesas de salto e trampolins. Em cada equipamento, Friedrich demonstrou as diversas maneiras como eles poderiam ser usados. Aquilo deixou Gabriel tonto e, no fim, um pensamento se repetia em sua mente: *Muitas pessoas vão fazer agachamento na parede este ano.*

— Antes de terminarmos — anunciou Friedrich —, quero fazer uma pequena competição.

Ela se virou e subiu a parede de escalada com a graça de um gato e colou um ponto vermelho na agarra mais alta. Então, saltou para uma plataforma próxima e sentou-se de pernas cruzadas, de frente para a turma 1B.

— Você, cansado — disse ela, apontando para Gabriel. — E você, flexões de joelho. — Ela apontou para Villette. — Vocês são os capitães das equipes. Um por um, toda a sua equipe deve escalar a parede, tocar na marca vermelha e descer. Pensem nisso como uma corrida de revezamento. Vou cronometrar. A equipe vencedora sai mais cedo. A equipe perdedora ajuda a limpar o ginásio. Flexões de joelho, você escolhe primeiro.

Villette se levantou lentamente e passou uma unha pintada pelo queixo enquanto analisava a turma.

— Acho que vou escolher... Trapaça.

Penelope se levantou de um salto, como alguém acostumado a ser escolhido primeiro. Villette deslizou seus olhos sorridentes para Gabriel como se dissesse: “Ops, roubei a sua escolha?” Mas Gabriel não pretendia escolher Penelope primeiro, de qualquer maneira.

— Eu escolho Amira.

— Ele está com a gente há dias — disse Ade ao irmão. — Como ele ainda não sabe?... Meu nome é Ade, cara. *Ade*.

— Eu sei. Mas escolhi Amira.

A garota de olhos verdes levantou o rosto como se estivesse atordoada. Gabriel assentiu para ela.

— Mas... — começou Villette. — Por que você...

— Não posso?

Amira abriu um sorriso nervoso e se juntou a ele.

— Ela é uma Legado — declarou Villette. — É do nosso time.

— Na minha aula — interveio Friedrich, impaciente —, não existe isso de Mérito e Legado. Só existe *bom* ou *ruim* em Criminástica. Agora, depressa.

Decome, Mona, Dimitri e Dorian se juntaram a Penelope e Villette. Enquanto Ji-a, Lulu, Ade e Ede se juntaram ao time de Gabriel e Amira.

Sempre a estrela do show, Villette foi a primeira. Ela foi rápida e ágil e completou a subida em 34 segundos. Na equipe de Gabriel, Ade foi o primeiro, terminando em 45 segundos; e Ede, o segundo, conseguindo a embaraçosa marca de 51. Entre eles, Penelope, sem surpresa, conseguiu em apenas 32 segundos. Os 33 de Gabriel encantaram Penelope e enfureceram Villette. Decome amargou 49 segundos. Ji-a disparou com 44. Mona voou para 43. Lulu correu para 40. Dorian conseguiu em apenas 39. Com isso, restavam Dimitri, o garoto russo de pescoço grosso, do time de Villette, e Amira no time de Gabriel.

Amira se levantou devagar, com os olhos fechados.

— Ela nem está pronta — disse Decome, empurrando Dimitri para a frente. — Você vai primeiro.

O garoto grandão tropeçou e bateu em Amira, que cambaleou para o lado, mas recuperou o equilíbrio com uma facilidade surpreendente.

— Desculpe — pediu Dimitri a ela, com as mãos para cima. — Eu não queria...

Amira assentiu e deu um passo trêmulo para trás. Dimitri tomou seu lugar e, apesar do tamanho, subiu no impressionante tempo de 36 segundos.

Então chegou a vez de Amira. Enquanto ela estava ali, com os olhos fechados mais uma vez, Gabriel de repente percebeu que deveria tê-la deixado ir primeiro. Ou pelo menos no meio. Ele a deixou com um fardo impossível — eles estavam muito atrás. Mesmo para empatar, ela teria que conseguir o tempo de 21 segundos. Ninguém tinha feito em menos de 30.

A culpa revirava na barriga de Gabriel. Ele deveria ter ido por último.

Amira se lançou contra a parede, as pontas dos dedos se fechando com delicadeza em torno da primeira agarra. Então ela começou a escalar. Não, todos os outros *escalaram*, com movimentos intencionais, mas desajeitados, e a respiração pesada e errática. Aquilo ali era diferente. Amira *flutuou* até lá em cima. Suas mãos e pés mal roçavam as agarras antes que ela pegasse outra. Algumas ela simplesmente pulava. Sua respiração era controlada e uniforme.

Ela era um encantador borrão azul.

Quando seus pés tocaram o chão, Friedrich parou o relógio e ficou de pé na plataforma. Ela ficou incrédula, olhando o relógio. Em seguida, virou-o para a 1B.

— Foram 17 segundos. Garoto cansado, seu time venceu.

*

— Aquilo foi incrível — disse Gabriel a Amira depois da aula.

Ade e Ede ficaram impacientes esperando que ela terminasse de falar com Friedrich, então estavam só os dois agora, atravessando a floresta em direção à mansão.

Amira sorriu para ele, mas continuou andando. Gabriel a seguiu.

— Onde você aprendeu a escalar assim?

Ela franziu a testa e disse:

— Desculpa. Meu inglês é... — Ela balançou a mão. — Eu entendo bem, mas falar... — Ela acenou com a mão novamente. Então seus olhos brilharam, como se tivesse tido uma ideia maravilhosa. — Mas eu falo italiano, árabe... Você fala?

— Ah, não, só inglês. Sinto muito. — Eles caminharam lado a lado em silêncio por um tempo. A hera cobria todo o lado leste da mansão, e Gabriel se perguntou distraidamente se Amira conseguiria escalá-la. — Bem, só queria dizer que fiquei muito feliz por você estar no meu time.

Amira sorriu.

— E também queria agradecer por isso. — Gabriel enfiou a mão no bolso e tirou o lenço. Ao vê-lo, os olhos da menina se arregalaram e ela desviou o olhar depressa. — Quando vi um borrão azul nas árvores, ontem à noite, achei que estava vendo coisas. Mas depois de ver você escalar... — Ele parou ao lado da fonte de mármore do Carvalho Torto. Amira também parou. — Foi você que me deu isso ontem à noite, não foi?

Ela mexeu em uma pulseira delicada em seu pulso esquerdo.

— Desculpa.

— Não precisa. Da próxima vez que não conseguir dormir, pode ir se sentar comigo, se quiser. Havia muito espaço e não me importo de compartilhar ideias sobre a Invasão.

— Eu me... levanto para orar.

— Ah. Bem, depois de orar, então.

Ela assentiu e os dois voltaram a caminhar juntos. Havia mais uma coisa que Gabriel queria perguntar a Amira.

— Seu seixo. Por que você deu ele para mim, naquela primeira noite?

Amira olhou para ele outra vez.

— Você tem olhos gentis. Como meu irmão, Ishaan.

Gabriel hesitou, surpreso. Ninguém nunca tinha lhe dito algo assim. Ele estava acostumado a ouvir: “Ele tem um olhar malicioso, aquele lá” e “Dá para ver o próprio Diabo nos olhos daquele

menino”. Mas olhos *gentis*? Ele não soube o que dizer. E, felizmente, não precisou, porque Amira deu um último sorriso tímido e depois se afastou depressa.



CAPÍTULO DEZOITO



De todos os professores que Gabriel tinha visto até então, Palombo era o que mais se adequava à sua matéria: Falsificação. O pequeno italiano tinha um bigode delicado que se mexia sempre que alguma coisa lhe desagradava, e alguma coisa *sempre* lhe desagradava. O modo como a 1B entrou no círculo da aula de Falsificação feito um bando desorganizado; o fato de alguns deles se sentarem diante dos cavaletes errados; e o fato de a maioria ter pegado um pincel para inspecioná-lo, apesar de ele ter instruído a não fazerem isso. Dez minutos de aula e uma camada de suor já cobria seu rosto bronzeado.

— Levantem-se! — gritou ele de repente, indo para o meio da sala.
— Todos vocês.

Então eles se levantaram.

— Nesta sala — disse Palombo com seu sotaque ritmado e musical —, ensinei falsificadores a reproduzir as obras-primas de Michelangelo, a moldar diamantes como os melhores lapidadores do

mundo e a pintar como o próprio Picasso. Mas eu nunca, *nunca* tive que interromper uma aula depois de apenas dez minutos porque meus alunos se recusavam a ouvir! — Ele se virou, olhando para cada aluno da 1B por vez, até mesmo aqueles como Decome e Dimitri, que eram mais altos do que ele. — Agora, podemos recomeçar ou terei que fazer vocês ficarem em silêncio absoluto pelas próximas duas horas?

— Estamos prontos para recomeçar, senhor — afirmou Penelope.

Ela estava sentada do outro lado da sala, mas o olhar gelado que deu aos colegas fez Gabriel estremecer mesmo à distância.

— Excelente — disse Palombo. — Agora, como podem ver, seus cavaletes estão vazios. Mas os dois atrás de mim têm alguma coisa. Deem um passo para trás e me digam o que veem.

Solas de sapato arranharam a madeira polida enquanto os alunos davam um passo para trás.

— Dois quadros idênticos — falou Decome.

— Não! — retorquiu Palombo, apontando-lhe um pincel de forma acusadora. — Mais alguém?

Penelope franziu a testa, mais uma vez forçada a se conter para não responder.

— Um original e uma falsificação — disse Ji-a.

A maneira como ela observava cuidadosamente cada um dos quadros fez Gabriel pensar que aquela aula, Falsificação, era o motivo pelo qual a Mérito havia sido recrutada para o Instituto Trapaça. Ela tinha cabelo curto e preto, olhos castanho-escuros inteligentes e, quando sorria, o que acontecia quase o tempo todo, uma covinha surgia em sua bochecha esquerda.

— Excelente, srta. Oh. Qual é o original e qual é a falsificação?

Gabriel estreitou os olhos. *Não... tem nenhuma diferença.*

— O da esquerda é... o original — arriscou Ji-a. — O da direita é a falsificação.

O bigode de Palombo se contraiu enquanto ele sorria.

— Fico lisonjeado, mas não.

Ji-a arqueou uma sobrancelha, espantada.

— O *senhor* pintou o da esquerda?

A tentativa dele de dar de ombros com humildade foi tão estranha que mais pareceu uma hesitação. Estava claro que ele era um homem para quem a humildade era uma língua totalmente desconhecida.

— De fato. Embora eu admita que pintar este quadro ocupou a maior parte da minha manhã...

Ji-a ficou boquiaberta.

— Uma manhã?

Mais uma vez, o mesmo dar de ombros falso.

— *Mio Dio!* Parece que estou me gabando! — *Você está.* — Não foi minha intenção. — *Foi, sim.* — De qualquer forma, podemos continuar com a aula? — *Sim, por favor.*

Gabriel olhou para Ade e Ede à sua direita. Eles tinham escondido pincéis nas mangas e, quando Palombo virava as costas, batiam na parte de trás dos joelhos um do outro com os cabos de madeira.

— Vocês sabem por que a falsificação é a maior de todas as formas de arte? — Palombo puxou uma cadeira de veludo vermelho e sentou-se no centro da sala. — Porque somos mestres em imitar um mestre em seu ofício. A maioria deles, pintores, escultores, joalheiros, passou a vida inteira aperfeiçoando sua arte. E nós aprendemos o estilo e a técnica não apenas de um desses mestres, mas de vários. Então, o que isso nos torna?

— Um mestre que dominou os mestres? — sugeriu Gabriel.

— O canivete suíço do submundo? — acrescentou Villette, sorrindo.

— Pau pra toda obra? — Ede entrou na conversa.

A turma 1B riu. Até Palombo sorriu.

— Riam, sim, mas todos vocês estão certos. Isso nos torna um mestre dos mestres, um canivete suíço e um pau pra toda obra. Em outras palavras, nos torna *adaptáveis*. — Ele se recostou na cadeira e juntou as pontas dos dedos. — Até agora só falamos sobre falsificação de *arte*, mas falamos de muito mais do que isso aqui. Alguém pode me dizer o que mais se enquadra no termo “Falsificação”?

A turma falou sobre falsificação de documentos e assinaturas, notas e moedas, joias e até selos. Gabriel absorveu todas as informações. Mas ele soube, desde o momento em que viu seu quadro de horários, que Falsificação seria a matéria de que menos gostaria. Ficar parado, trabalhando em algo delicado como uma pintura ou uma escultura, nunca seria interessante para ele. Achava que suas mãos, muito ágeis devido aos anos de furto, garantiriam que fosse capaz de se tornar bom o suficiente, mas nunca seria ótimo como Penelope ou, como desconfiava, Ji-a.

Só então ele se lembrou de uma conversa que tinha ouvido no dia anterior entre dois alunos do último ano, que eram chamados de Robin Hoods ou Robins.

— Quando sairmos deste lugar — dissera um dos garotos —, quem você acha que vai se dar melhor?

— Provavelmente Theo — respondera o outro.

— Theo? Hum. Ele é bom em tudo, mas não é *ótimo* em nada. Ele é como um oceano com três centímetros de profundidade.

Como um oceano com três centímetros de profundidade. Essa frase grudou na mente de Gabriel como um aviso. Ele não queria ser bom em tudo; queria ser *excepcional* em algumas coisas. Mas que coisas eram essas?

Furto, é claro. Mas o que mais? Bem, era exatamente para descobrir isso que ele estava no Instituto Trapaça.

*

Foi entre o prédio de Falsificação e a aula de Tecno-lógica que Caspian Trapaça o encontrou. O diretor estava conversando com Villette Harkness outra vez quando seus olhos encontraram os de Gabriel. Ele se despediu rapidamente de Villette e depois saiu para a luz do sol.

— É a terceira vez que vejo seu pai e a vilã conversando — sussurrou Ade para Penelope, enquanto Caspian se aproximava. — Sobre o que eles tanto falam?

Penelope ficou em silêncio, mas as palavras *não sei* estavam escritas em seu rosto.

— Gabriel Avery — disse o homem alto, inclinando-se para passar por baixo de um galho e caminhando até Gabriel, Penelope e os Irmãos Crime. — Como é que, entre todos os Trombadinhas, só você conseguiu evitar meu joguinho? Hum? — A malícia brilhava em seus olhos escuros.

— Não sei, senhor — mentiu Gabriel.

Na verdade, toda vez que via o diretor, encontrava uma forma de evitá-lo. Esperara poder adiar aquele momento por pelo menos mais uma semana. Mas ali estavam...

— Não se preocupe — disse Caspian. — Agora que as aulas começaram oficialmente, você pode jogar para ganhar pontos.

Gabriel assentiu e se virou para os outros.

— Eu já alcanço vocês.

Penelope olhou para o pai com cautela.

— Podemos esperar, se você quiser.

— Penelope, precisa mesmo me *fuzilar* com o olhar? — perguntou seu pai. — Se você dedicasse às pinceladas metade da intensidade que dedica a esse olhar, seria a melhor da turma de Falsificação. Mas ouvi dizer que Oh Ji-a é o grande talento por lá. E é uma Mérito também.

Gabriel não aguentou continuar vendo Penelope tão incomodada.

— Vocês três deveriam ir ou vão se atrasar para a aula da diretora Sussurro.

— Aula da Sussurro, hein? — comentou Caspian. — Vocês dois certamente estarão em casa.

Ade olhou para o irmão.

— Esperamos a vida toda por isso, senhor. Nem acredito que estamos prestes a aprender com a própria Sussurro. Uhul! — Eles iam fazer um “toca aqui” e acabaram enrolados.

— Cuidado com o que desejam, rapazes. Minha codiretora com certeza é singular.

Os gêmeos acenaram em despedida. Penelope os seguiu, embora tenha ficado olhando para trás até desaparecer na esquina.

— Parece que você já conquistou minha filha, Gabriel. Venho tentando há anos e... — Ele deu de ombros. — Qual é o seu segredo?

Gabriel se remexeu, sem jeito.

— Não tenho segredo nenhum, senhor. Acho que ela só anda com a gente porque o restante da turma ou é muito tímido, ou muito... horrível.

Trapaça inclinou a cabeça.

— Não. Ela gosta de vocês três. Eu sei disso.

— Ela gosta daqueles dois, senhor, porque são os Irmãos Crime. Penelope conhece quase todos os ataques hacker que eles já realizaram. Ela só anda comigo porque eles também são meus amigos.

Amigos. A palavra saiu tão facilmente, com tanta naturalidade. Mudando de aldeia em aldeia, ele nunca teve um bom amigo com quem conversar. E agora tinha dois. Três, se contasse com Amira. O que achava que podia fazer agora.

Talvez até quatro, se Penelope...

— Estou feliz que ela finalmente tenha amigos da sua idade. — Caspian olhou para onde Penelope havia dobrado a esquina. — Morar aqui a vida toda, cercada por estudantes muito mais velhos... Sem mencionar tudo mais que já aconteceu com ela. — Caspian balançou a cabeça e sorriu. — Bem, ela cresceu rápido demais, só isso.

Caspian bateu palmas ruidosamente, assustando Gabriel.

— Agora, vamos ao meu jogo! — Ele começou a andar lentamente em círculos ao redor de Gabriel. — Nossos queridos Jardineiros mudaram três objetos de lugar hoje de manhã. Você ganhará um ponto para cada objeto que conseguir identificar. Desde que, é claro, também saiba dizer de *onde* eles vieram e onde estão agora.

Gabriel olhou para o chão por um longo momento, tentando decidir o que fazer.

— Senhor, vou me atrasar para...

— Sussurro vai entender — interrompeu Caspian. — Aprender a afiar sua memória é tão importante quanto aprender a derrubar um *firewall*.

Gabriel olhou para onde os outros haviam desaparecido. Se ao menos tivesse andado um pouco mais rápido...

— Não sei o que foi mudado de lugar, senhor — disse Gabriel.

Caspian estreitou os olhos.

— Então por que eu sinto que você sabe?

Gabriel fingiu pensar.

— Espere. Foi a estátua de mármore de...

— Acho que você sabe muito bem que não foi — interrompeu Caspian, cruzando os braços. — Agora, por que você mentiria quando há pontos em jogo, hein? O que você está tentando esconder, Gabriel Avery?

Incapaz de escapar do teste, Gabriel suspirou e fechou os olhos. *Certo*.

— O banco de carvalho — falou. — Ontem estava na frente do alojamento dos Trombadinhas e hoje está ao lado da porta dos fundos da mansão. O balanço de corda, que costuma ficar ao lado da ala de Falsificação, hoje está pendurado em um carvalho perto do píer torto. Tem também a pintura de um querubim que vi em seu escritório e que agora está pendurada no refeitório. — Gabriel ergueu uma sobrancelha. — E enquanto os Jardineiros moviam ela, ontem, um deles sem querer quebrou um pedaço da fonte do Carvalho Torto e consertou com supercola.

Quando Gabriel abriu os olhos, os braços de Caspian estavam descruzados e ele o encarava, sem palavras. Então, depois de um longo momento, ele disse:

— Siga-me. — Eles contornaram a mansão em direção à fonte do Carvalho Torto. — Mostre-me o pedaço que foi colado.

Gabriel apontou. Caspian semicerrou os olhos para ver a linha de cola que ainda estava visível e depois se virou.

— Você tem memória eidética.

Gabriel deu de ombros.

— Eu luto para esquecer as coisas.

— Que jeito curioso de ver isso. — Caspian estreitou os olhos. — Há coisas que você gostaria de esquecer, Gabriel Avery?

Tantas que já perdi a conta.

— Não sei. Talvez.

— A maioria consideraria uma dádiva, sabe. Ter uma memória que nunca falha. Mas não é, certo?

Gabriel fez que não com a cabeça.

Caspian olhou por cima do ombro e sorriu.

— Você mandou seus amigos embora porque não queria que eles testemunhassem. Não quer perder qualquer vantagem que isso possa lhe trazer no futuro. — Caspian se balançou e riu. — Ah, isso é realmente malicioso. Você está pensando como um verdadeiro bandido agora.

Definitivamente não é isso, pensou Gabriel; era que saber a verdade sempre mudava as coisas. As pessoas achavam legal no início, é claro, até se lembrarem dos segredos que contaram a ele. A partir de então, tomavam cuidado com o que diziam e ficavam pisando em ovos perto dele, para evitar que um dia Gabriel usasse o que sabia contra elas. Por fim, começavam a olhar para ele como um cofre que escondia todas as piores partes delas mesmas. Nem por um momento consideravam que todas as melhores partes delas também estavam guardadas em segurança dentro do amigo. Não, para elas, era como se Gabriel tivesse quebrado alguma regra implícita da natureza, e nunca o perdoavam por isso.

— Parabéns, você acaba de ganhar os primeiros quatro pontos do ano — disse Caspian.

— Quatro?

— Você identificou todos os três objetos corretamente, mais um quarto que nem eu sabia. Isso não acontece com muita frequência. Então, sim, quatro pontos. Agora vá para a aula da Sussurro.



CAPÍTULO DEZENOVE

Sussurro nem notou Gabriel quando ele entrou na aula atrasado e ofegante. Ela estava parada perto de uma mesa circular repleta de dispositivos, que ela apontava e nomeava.

— Receptor intra-auricular, bloqueador de sinal, fone de ouvido sem fio, drone de nível militar e um dispositivo de escuta padrão, também conhecido como *bug*. O que todos esses objetos têm em comum, hein?

— Eles são legais — disse Decome.

Ao lado dele, Dimitri riu. Sussurro resmungou.

— Sempre tem alguém que faz o possível para se coroar o palhaço da turma. Mas nunca são os engraçados, não é? — O olhar de Sussurro se demorou sobre Decome, acusador por um momento. — Não. O que todos esses objetos têm em comum é que vocês não os usarão por pelo menos dois anos.

Em meio aos murmúrios gerais de confusão da turma 1B, Gabriel ouviu Ade sussurrar para o irmão:

— O que ela disse?

— Dois *anos* — sussurrou Ede de volta. — Então o que nós...

Sussurro ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Só porque vocês não vão *usá-los*, não significa que não vão aprender sobre eles. — Ela pegou o drone e, com as mãos se movendo terrivelmente rápido, começou a desmontá-lo. Em segundos, as peças estavam dispostas em fileiras organizadas sobre a mesa. — Vocês não podem dominar este equipamento até saberem como suas peças se encaixam. Só quando puderem desmontá-los e remontá-los *de olhos fechados* é que vou ensinar como usá-los.

— Por quê, senhorita? — perguntou Mona, com seu suave sotaque irlandês.

Depois de tomar banho no Centro de Criminástica, seu cabelo loiro secou e se transformou em uma juba de cachos macios.

— Um médico não sai abrindo o corpo de alguém sem saber o que vai encontrar, não é? — devolveu Sussurro. — Claro que não. Ele sabe exatamente o que vai encontrar e como resolver qualquer problema que possa aparecer. Como? Eles passam anos *aprendendo*, é assim.

A codiretora tinha um jeito de falar, com sua voz baixa e rouca, que fez com que todos na 1B se aproximassem.

— Encontrei meu primeiro computador em um lixão no final da minha rua — revelou Sussurro, encostando-se em uma mesa de madeira empoeirada que já tinha visto dias melhores. — Quem quer que fosse o dono antes, provavelmente presumiu que estava quebrado e o jogou fora. Mas *tudo* pode ser consertado. Aprendi isso com meu pai, abençoado seja. Ele foi mecânico de automóveis por quarenta anos. Nunca se negou a consertar um veículo. Se o preço fosse justo, é claro! — Ela riu. — Então, quando encontrei aquele computador, decidi consertá-lo. Não tinha ideia do que estava fazendo, então fui à biblioteca e aprendi. Levei um ano inteiro, mas consegui. Quando o liguei pela primeira vez... — Ela parou de falar e fechou os olhos, um sorriso surgindo em seu rosto enquanto se deleitava com a lembrança. — Não há nada igual. E, desde então, sempre que ele falhava, eu o desmontava e consertava. — Ela deu um tapinha no grande PC preto que estava na mesa ao lado dela. — Não há Sussurro sem ele.

— É o *mesmo* computador? — perguntou Villette, parecendo mais surpresa do que interessada.

— É — confirmou Sussurro com orgulho.

— Mas ele é tão... feio. — Villette deu uma risadinha.

Sussurro franziu a testa.

— A questão, Harkness, é que, antes de dominar um equipamento, você precisa aprender o que o faz funcionar.

— Então todos deveriam saber como desmontar seu celular antes de usá-lo? — perguntou Villette, num tom desafiador.

— Nem todo mundo — respondeu Sussurro. — Mas *vocês* deveriam. Vocês não estão no Instituto Trapaça para serem comuns, estão aqui para serem extraordinários. Vocês estão aqui, espero, para se tornarem os grandes bandidos do futuro. E tem uma coisa que posso lhe dizer de graça: cada um dos grandes bandidos da *atualidade* pode montar e remontar os objetos desta mesa em segundos. Entregue qualquer um desses a um Jardineiro e ele o desmontará com uma das mãos enquanto prepara uma xícara de chá com a outra. Então, tire esse sorriso do rosto e me observe com atenção.

Um por um, Sussurro desmontou cada objeto e, enquanto dava explicações, montou-os outra vez. A 1B a imitava. Os dedos ágeis de Gabriel o ajudaram a acompanhar razoavelmente bem, mas, perto de Ade e Ede, ele parecia um bebê enfiando brinquedos quadrados em buracos redondos. Eles não precisavam copiar Sussurro porque acompanhavam o ritmo dela com facilidade, seus dedos parecendo um borrão. Ainda mais surpreendente foi que trabalharam juntos em todos os objetos. Em silêncio, mas em perfeita harmonia, eles se moviam, puxavam e se ajustavam, seus movimentos tão sincronizados que suas mãos nunca se tocavam. E de repente Gabriel percebeu que não estava mais olhando para seus amigos desajeitados, Ade e Ede Okoro.

Não, aqueles eram os famosos Irmãos Crime.

Em todas as aulas até aquele momento, Gabriel tinha observado Villette e se perguntado se a Legado loira com sorriso irritante tinha uma área de especialidade, como ele. Ou se, como Decome, ela tinha sido aceita apenas por causa da família. Ela era boa na maioria das coisas, isso era verdade, mas ainda não tinha se destacado em nada. Porém, ao final da aula de Infiltração, Gabriel não tinha mais dúvidas.

A professora deles, a sra. Chaves, uma mulher diminuta com cabelos grisalhos e rosto gentil, havia organizado uma série de cadeados nas mesas da 1B. Alguns eram grandes, alguns pequenos, outros pareciam ter sido esmagados por um taco de críquete ou atacados por um urso.

— Já estamos todos acomodados, meus amores? — perguntou a sra. Chaves, contente. — Maravilha! Tenho certeza de que muitos outros professores começaram com longos discursos sobre como sua matéria é única e blá-blá-blá. Mas eu não. Direi apenas o seguinte: quando eu terminar de ensinar a vocês, não haverá fechadura, cofre ou dispositivo que possa detê-los. Vocês, meus queridos, serão chaves mestras humanas. — Ela bateu palmas alegremente.

— Desculpe, senhora — chamou Ji-a de repente, com os olhos arregalados ao ver algo gravado em sua carteira. Gabriel esticou a cabeça, tentando dar uma olhada. Parecia uma letra M esculpida em madeira. — Isto é... Isso pode mesmo ser...

— Maravel? — A sra. Chaves riu. — Sim, ele era um amor. Sempre sentava no fundo e chorava quando não conseguia abrir uma fechadura. Vocês encontrarão diversas assinaturas de bandidos conhecidos nessas carteiras. Pedi que comprássemos carteiras novas este ano, mas o querido Caspian acha que gravuras como essas fazem parte da história do Instituto Trapaça. E, como podem ver pelo grande número de gravuras, eu sou a favor de que vocês rabisquem um pouco enquanto estão lidando com uma fechadura difícil. Ajuda a esvaziar a mente. Caspian também disse que elas encantam jovens bandidos como vocês. Pela expressão em seus rostos, parece que ele estava certo.

Ao ouvir um grito animado vindo de duas mesas à sua direita, Gabriel ficou surpreso ao ver que era Villette.

— SS. Isso significa... Samson Sorensen?

A sra. Chaves franziu os lábios.

— Muito rabugento aquele garoto. Mas tinha um jeito com cofres que nunca vi.

— Senhora — chamou Penelope. — Este A em cima desse M...

A pequena professora assentiu.

— Annabella Mariano. A menina conseguia ler uma sala de lasers como um livro infantil! Embora sempre tivesse que ouvir heavy metal para pensar. — A sra. Chaves estremeceu. — Fazia um barulho terrível.

— E ID é India Duvalle? — perguntou Decome, apontando para a perna de sua própria carteira.

Uma tempestade tomou o rosto ensolarado da sra. Chaves.

— Não, sr. Decome. India Duvalle, *não*. Ela está na Lista Maligna por uma razão. Não ensinamos nossos alunos a usarem explosivos no Instituto Trapaça. Só aqueles que não têm habilidade precisam recorrer a algo tão bárbaro, e perigoso, devo acrescentar, como explosivos. Se tivesse frequentado esta famosa escola, ela saberia disso. — O rosto dela suavizou. — Mas, por sorte, há alguém aqui que conhece a pessoa que gravou ID em sua carteira. — A sra. Chaves se virou lentamente para Amira. — Olá, minha querida.

Amira ergueu os olhos.

— Sabe, de todos os seus irmãos, Ishaan era o mais animado para que eu a conhecesse, srta. Dhawan. Embora eu tenha ouvido falar que até bem pouco tempo você estava matriculada em nossa escola irmã na Sicília, então achei que não teria oportunidade. Mas aqui está você. — Ela fez uma pausa, sorrindo calorosamente. — É um verdadeiro prazer. E eu não me preocuparia com o que as pessoas estão dizendo sobre ele. Tenho certeza de que é tudo um completo absurdo. — Ela sorriu outra vez, mas era um tipo de sorriso estranho e triste que Gabriel não entendeu.

— *Ela é irmã de Ishaan Dhawan?* — zombou Decome.

Amira olhou fixamente para o chão.

A sra. Chaves resmungou.

— Cuidado, sr. Decome. Há rumores de que, dentro das paredes desta sala, há um armário tão escuro que, depois de pouco tempo lá dentro, você pode começar a acreditar que deixou de existir. — Ela deu um leve sorriso. — Pelo menos é o que dizem aqueles poucos infelizes que afirmam ter passado por essa experiência. Pessoalmente, acho que é apenas um boato desagradável. Mas, se esse lugar existisse, que tipo de pessoa você acha que seria enviada para lá? Um valentão, talvez? Hein?

Decome engoliu em seco e ficou em silêncio.

— Queridos, ah, queridos — disse a sra. Chaves, colocando as mãos na cintura e olhando em volta para a 1B. — Olha só, estou tagarelando. E bem depois de toda a minha conversa sobre ser breve!

A sra. Chaves começou a explicar o exercício do dia, mas Gabriel continuou observando Amira. Sua mão direita, ele notou, tinha ido até a pulseira no pulso esquerdo. Ela estava tremendo.

A sra. Chaves ligou o cronômetro e a 1B começou a arrombar o primeiro dos sete cadeados, mas Gabriel continuava observando Amira. Suas mãos se moviam automaticamente — ele havia aberto portas e portões suficientes para sentir quando uma fechadura cedia —, mas seus olhos permaneciam em outro lugar. Mesmo enquanto trabalhava no quarto cadeado, ele pensava: *Aconteceu alguma coisa com seu irmão, Amira? E ele te deu essa pulseira?*

— Terminei — disse uma voz estridente. Villette Harkness estava girando o sétimo cadeado no dedo e rindo. — Mais algum? Isso é divertido!

Gabriel olhou em volta. Ele e alguns de seus colegas tinham arrombado os quatro primeiros cadeados. Apenas Penelope tinha aberto o quinto, e a fúria que jorrava de seus olhos era praticamente líquida.

Ninguém além de Villette havia começado o sexto cadeado, uma coisa quadrada e feia que parecia ter levado uma martelada recentemente.

— Que emocionante, srta. Harkness — disse a sra. Chaves. — Não é sempre que os Legados se destacam em Infiltração. Arrombar fechaduras e cofres não é uma habilidade considerada muito... refinada.

— Que bobagem — respondeu Villette, jogando a cabeça para trás com uma risada de satisfação. — As melhores coisas não estão sempre trancadas?



CAPÍTULO VINTE



O restante da primeira semana voou num borrão de novas aulas e velhos problemas. Especificamente, Gabriel ainda não conseguia dormir. Mas ele não se atreveu a se esgueirar até o escritório dos diretores outra vez, porque os Jardineiros haviam alterado suas rondas e Gabriel ainda não tinha descoberto o novo padrão. Em vez disso, ficava diante da janela, observando os finos feixes de luz das tochas se cruzarem entre as árvores altas, lançando sombras compridas e feias no gramado.

Agora que Caspian sabia seu segredo, fazia questão de ficar longe de Gabriel. O motivo era óbvio. Gabriel venceria seu jogo de memória, e isso significava pontos fáceis para um Mérito. É claro que Caspian não podia ser visto como tendencioso, mas Gabriel tinha certeza de que não havia uma pessoa sequer em todo o Submundo que gritasse Legado mais alto do que Caspian Trapaça.

Na terceira semana no Instituto Trapaça, o favoritismo começou a incomodar Gabriel de verdade. Quando um Legado como Dimitri

usava seu anel ou quando Villette usava seus brincos cintilantes, os professores não falavam nada. Mas quando era um Mérito que fazia isso, “chamava muita atenção”, “atrapalhava” ou, o pior de tudo, parecia “cafona”. Apenas Ade e Ede tiveram permissão de manter os brincos de caveira e ossos cruzados. Gabriel suspeitava que fosse só porque, sem eles, agora que o cabelo de Ade havia crescido um pouco, os professores não conseguiam distinguir os gêmeos. Quando Gabriel perguntou por que eles escolheram a caveira e ossos cruzados, os gêmeos o encararam sem entender. Então Ade disse:

— Porque, quando sentamos na frente do teclado, estamos caçando tesouros. É óbvio.

Ede balançou a cabeça como se estivesse desapontado.

— Há uma razão para chamarem de *pirataria* on-line, Gabe.

Ade deu um tapa na nuca do irmão.

— Não é *isso* que a gente faz, cara.

E assim começou outra discussão Okoro.

Nas aulas, os Legados continuavam a brilhar por causa de seu conhecimento inato do Submundo. Em uma aula particularmente terrível de História da Bandidagem, nem um único Mérito falou durante duas horas. Gabriel tentou uma vez, mas Penelope foi escolhida para responder à pergunta. Ainda bem, pois a resposta dele estava errada.

Como um ato pessoal de desafio, Gabriel começou a furtar bolsos. Principalmente de Legados, e de muitos deles. Fichas de um ponto, de dois pontos, de três pontos — pegou todas elas. Ele sempre tinha como alvo as turmas 1A, 1C ou 1D, nunca a 1B. Exceto Penelope, é claro, cujos bolsos ele furtava todos os dias. Mas sempre devolvia as fichas para ela, em vez de levá-las aos Jardineiros, assim como ela sempre devolvia as dele.

Algumas semanas depois, Gabriel começou a perceber que sabia dizer quais dos veteranos eram Méritos apenas pela forma como andavam, falavam e por suas posturas. Pequenos, curvados, encolhidos, os Méritos eram sempre mais quietos do que seus colegas

Legados. Era quase como se pedissem desculpas por ainda estarem no Instituto Trapaça, ocupando uma vaga que poderia ter sido dada a um Legado.

Porém, havia um Mérito do quinto ano que chamou a atenção de Gabriel porque era exatamente o oposto: o Robin andava alto e orgulhoso, sua voz sempre ecoando pelo refeitório na hora do almoço. Leon Marquez. Cada Robin Hood tinha que escolher um Trombadinha para mentorar. Confidentes Criminosos, como eram chamados. Os Trombadinhas eram autorizados a solicitar um Robin específico e Gabriel colocou o nome de Leon como sua primeira opção, assim como todos os outros Méritos que Gabriel conhecia. Então, quando o garoto alto e de cabelos loiros deu um tapinha em seu ombro numa quarta-feira, Gabriel não pôde acreditar que era mesmo Leon.

— O-oi — disse Gabriel.

(De um jeito estúpido, Penelope lhe contaria mais tarde.)

— Você é o Mérito Trombadinha que anda por aí roubando bolsos dos Legados? — perguntou Leon, sorrindo. Ele pôs a mão enorme no ombro de Gabriel. — Ouvi dizer que já ganhou vinte pontos.

— Vinte e dois, na verdade — corrigiu Gabriel e, imediatamente, se arrependeu.

Leon riu e olhou para Penelope.

— Então ele é muito bom, hein?

— Ele sem dúvida *acha* que é — respondeu ela, parecendo nada impressionada.

Leon ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

— Te conheço, Pen. Não estaria andando com ele se fosse um inútil. — Leon pigarreou e começou uma imitação perfeita dela. — *Se eu quisesse ser medíocre, Leon, seguiria você para todos os lados.*

Penelope cruzou os braços.

— Isso não pareceu *nada* comigo.

Leon fez Gabriel girar e começou a conduzi-lo para o lado leste da ilha. Gabriel olhou por cima do ombro e disse para Penelope, sem

emitir som:

— Pen?

Ela deu de ombros, como se uma Legado Trombadinha ser chamada pelo apelido por um Mérito Robin fosse a coisa mais normal do mundo.

— Acha isso estranho? — perguntou Leon, percebendo o olhar de Gabriel. — Pen e eu sermos amigos?

— Acho que sim — respondeu Gabriel honestamente. — Mas ela cresceu aqui, então acho que faz sentido.

Leon assentiu.

— Eu a conheci quando era um Trombadinha. Então, no ano seguinte, quando eu era um Malfeitor, percebi que ela entrava sorrateiramente em nossas aulas e se escondia nos fundos. No terceiro ano, como Delinquente Juvenil, até tive que a impedir de levantar a mão uma vez. Mas, na maior parte do tempo, ela só ficava olhando para todos nós com aqueles grandes olhos pretos. Acho que ela gostava da companhia. — Leon olhou para trás, para Penelope, mas ela já havia desaparecido. — Eu estava aqui quando tudo aquilo aconteceu com a mãe dela, mas Pen só me contou sobre isso no ano passado, quando eu era um Delinquente Sênior. Ela é a coisa mais próxima de uma irmã mais nova que eu tenho.

A mãe dela?, pensou Gabriel, e guardou isso no cofre da sua mente.

Eles andaram por um caminho sinuoso ladeado por dedaleiras, enfim chegando à margem do lago. Parecia inverno agora, e as nuvens escuras e carregadas prometiam uma chuva torrencial.

— Por que você não escolheu Penelope como sua Confidente Criminosa? — perguntou Gabriel.

Leon pegou uma pedra e a jogou nas águas calmas.

— Pen não me escuta.

— Porque você é um Mérito?

Leon riu.

— Não sei se você percebeu, mas as três pessoas com quem ela passa a maior parte dos dias são Méritos. Ela não é esse tipo de

Legado. Pen não é como o pai. — Ele pegou outra pedra. — A verdade é que eu não queria orientá-la porque ela me comeria vivo.

— Por que você me escolheu?

Leon arremessou mais uma pedra e se aproximou.

— Por quê? Porque posso ver que você passou fome a vida toda. Como eu. Fome aqui — Leon apontou para a barriga —, mas também aqui. — Ele levou o dedo à têmpora. — Eu vi você enchendo suas latas na hora do almoço. Estou aqui há cinco anos e ainda sou sempre o primeiro dos meus amigos a terminar a refeição. Esse sentimento de “por precaução” nunca vai embora, sabe. Quando você já passou fome, fome *de verdade*, você nunca se dá ao luxo de dar a próxima mordida como garantida. — Ele sentou-se na margem e gesticulou para que Gabriel fizesse o mesmo. — Aqueles de nós que viveram assim têm algo diferente dentro de si.

Gabriel se sentou.

— Temos?

— No momento em que as coisas estão piores, fazemos promessas a nós mesmos. Não fazemos?

Gabriel pensou e então assentiu.

— E é esse tipo de promessa que nos mantém em movimento só mais um pouquinho, mesmo quando todo mundo são já desistiu há muito tempo.

A maneira como Leon falava — como se eles fizessem parte do mesmo clube tácito, como se fossem velhos amigos — deixava Gabriel à vontade.

— Você acha que a maioria dos Méritos são como nós? Famintos?

— Não. Não é tão simples assim. Só porque você conquistou seu lugar no Instituto Trapaça, não significa que passou por momentos difíceis. E só porque você entrou por causa da sua família, não significa que teve uma vida fácil. — Leon virou a cabeça na direção de onde eles vieram. — Basta olhar para Pen. Aquela garota provavelmente nunca pulou uma refeição em toda a sua vida, mas é tão faminta que diz às pessoas que vai se tornar a maior criminosa que

já existiu, e elas *acreditam*. — Ele fez um gesto de desdém com a mão. — Toda essa coisa de Méritos contra Legados é um absurdo criado pelos ex-alunos e funcionários mais tradicionais do Instituto Trapaça. — Leon abriu um sorriso para Gabriel. — Você vai esquecer isso nos próximos anos, claro que vai. Vai querer vencê-los. Eu quis. — Ele deu de ombros. — Ainda quero. Mas tente lembrar que não existem Méritos contra Legados no mundo real. Então, quando alguém lhe diz que outra pessoa é diferente de você, não precisa acreditar.

Gabriel ficou um pouco surpreso. Mesmo enquanto Leon estava ali sentado brincando com uma pedra, havia algo nele que era tão... confiante.

— Qual foi a sua promessa? — perguntou Gabriel. — Aquela que manteve você em movimento depois que todos os outros desistiram.

Leon assentiu como se esperasse a pergunta.

— Não conheci minha mãe, e meu pai era viciado em jogo. Ele desperdiçava tudo o que ganhava com cavalos. Na maioria dos dias, tomávamos café da manhã e só. Então, um dia, me levantei para ir à escola e não havia café da manhã. Nem pai. Então meu tio me acolheu. O homem mais gentil que você poderia ter o prazer de conhecer. Ele é taxista. Mal ganhava o suficiente para se alimentar. Então, quando caí no colo dele... — Leon deu uma risada irônica. — Com duas bocas para alimentar, as coisas ficaram difíceis. Nós nos mudávamos com frequência porque os locadores queriam, você sabe, ser pagos. Foi quando comecei a bater carteiras. Para tentar ajudar. Meu tio nunca perguntou onde eu conseguia o dinheiro. Provavelmente porque, no fundo, ele sabia. E logo quando comecei a ficar bom, o Instituto Trapaça me chamou. Não pensei duas vezes. Depois que cheguei aqui, meu tio encontrou um lugar menor que podia pagar. É bem sombrio, mas ele gosta. — Leon olhou para Gabriel. — Então, minha promessa a mim mesmo foi que faria o que fosse necessário para dar ao meu tio a vida que ele merece. Já fiz um pouco. Ano passado, tive que deixar a ilha para realizar um trabalho que vinha planejando há anos. Com o que ganhei, comprei um táxi

novo para meu tio. Mas isso não é suficiente. — Ele deu a Gabriel um sorriso astuto. — Não importa o que eu dê a ele, nunca será suficiente. Você entende?

Gabriel entendia. Nunca, jamais seria suficiente. Mas isso não o impediria de tentar.

— E você? — perguntou Leon. — Qual é a sua promessa?

Então Gabriel contou a ele como seus pais o abandonaram e como sua avó o criara a vida toda, sempre mudando de aldeia, e como ele não descansaria até que ela nunca mais tivesse que pegar em outro esfregão na vida. Quando terminou, Leon assentiu, a concentração estampada em seu rosto. Uma garoa suave havia começado, mas nenhum deles se mexeu.

— E seus pais? — perguntou Leon por fim. — Vai fazer alguma coisa a respeito deles?

Gabriel ainda não tinha dito em voz alta, embora pensasse nisso com frequência. Mas havia algo em Leon Marquez, algo totalmente familiar. Como se Gabriel estivesse olhando para o que poderia se tornar em cinco anos, se fizesse todas as escolhas certas. Então ele admitiu em voz alta o que nunca havia admitido antes.

— Sim. Eu acho... Acho que é hora de descobrir a verdade sobre eles.



CAPÍTULO VINTE E UM



No fim da sexta semana, Gabriel tinha escolhido três matérias para dedicar a maior parte do seu tempo: Infiltração, Farsa e, claro, Pulos do Gatuno. Ele tinha considerado várias vezes se deveria incluir Criminástica também, mas quando pensou na velocidade e graça sobrenaturais que Amira demonstrara ao escalar, desistiu da ideia. Ele era naturalmente atlético, então não reprovava, mas nunca chegaria a ser tão bom quanto Amira.

Decidiu deixar Penelope se exhibir em História da Bandidagem e Falsificação, e Ade e Ede dominarem juntos a Tecno-lógica, a única matéria em que faziam jus ao nome de Irmãos Crime. Por fim, havia Cultivo do Bandido. Embora gostasse muito dessa matéria, ele não tinha certeza de que dedicar mais tempo a ela o ajudaria em sua futura vida de crimes. Passavam cada aula cuidando de seu pequeno canteiro. Regando suas mudas, arrancando ervas daninhas e ouvindo o

deliciosamente excêntrico sr. Sisman despejar intermináveis citações sobre disciplina e paciência. Todas elas, Penelope adorava salientar, erradas. Ainda assim, estar ao ar livre na floresta e deixar seus pensamentos vagarem enquanto cuidava de seu jardim em miniatura em pouco tempo se tornou algo por que Gabriel ansiava.

Mas havia outra coisa pela qual ele ansiava muito mais. Ele *finalmente* criou coragem de ligar para Vovó.

Era domingo à noite, o que significava o horário designado para telefonemas. Enquanto esperava Yasmin Anderson — a Trombadinha à sua frente na ordem alfabética — terminar sua ligação, sua barriga revirava de nervoso.

E se Vovó estivesse com tanta raiva que não atendesse? E se, sem ele, ela não tivesse dado conta da limpeza e tivesse sido obrigada a sair da casa? Ou ainda pior: e se alguma coisa tivesse acontecido com ela?

Quando Yasmin finalmente saiu, estava chorando. Todo o seu corpo estremecia a cada soluço e ela murmurava algo que Gabriel não conseguia ouvir.

— Você está bem? — perguntou ele.

Ela olhou para ele, o lábio inferior tremia.

— Eu... odeio... mentir... pra... mamãe... — respondeu ela, cada palavra pontuada por um soluço. Então balançou a cabeça e se afastou.

A sala do telefone era pequena e à prova de som, e o telefone em si era uma coisa antiga, com um fio longo e enrolado e botões grandes e rígidos.

— Eles ainda usam telefones fixos aqui — explicara Ade mais cedo, quando Gabriel lhes dissera que estava pronto para ligar para casa. — São muito mais difíceis de rastrear e quase impossíveis de hackear.

Gabriel assentira, como se soubesse exatamente o *porquê*, mas não sabia.

Agora, ele estava sentado à mesa, olhando para o telefone e imaginando como exatamente se esquivaria da única pessoa que nunca havia caído em suas mentiras.

Enfim, pegou o fone e discou. Mesmo que não tivesse sido amaldiçoado com sua memória perfeita, ele teria se lembrado do número da Vovó, porque os últimos três dígitos eram 999.

Tocou uma vez. Duas. Três.

— Alô?

O som da voz dela disparou fogos de artifício dentro dele.

— Vovó?

A linha ficou muda por um momento.

— Gabriel?

— Sim, sou eu.

Houve uma longa expiração, como se todo o fôlego que ela vinha prendendo durante as últimas seis semanas tivesse saído de uma vez.

— Você está bem.

Não havia raiva nem acusação em seu tom, apenas alívio.

— Estou bem, Vovó. Não precisa se preocupar comigo.

— Ah, querido, pedir aos pais que não se preocupem é inútil. A nossa vida é só isso: uma série de preocupações cada vez piores. — Ela expirou de novo. — Onde você está? Quando vem me visitar? Está se agasalhando o suficiente? Não deixe de se agasalhar. A semana passada foi terrível!

Gabriel sorriu diante daquela enxurrada de perguntas.

— Tenho um uniforme, Vovó. Ele é bem quentinho. E voltarei no Natal. Prometo.

— Só não entendo por que você não me contou sobre esse internato quando se inscreveu.

Então ela recebeu a carta.

— Porque é muito longe e eu sabia que você ia ficar preocupada. Mas estou adorando, vó. Adoro mesmo. Tenho amigos e tudo mais.

— Bem, é claro que tem amigos! Você é um menino muito inteligente. — Vovó pigarreou como se estivesse lutando contra as lágrimas. — Está se alimentando direito? Você sabe como fica quando o nível de açúcar no sangue está baixo.

— Fazemos três refeições por dia. — Gabriel baixou a voz: — Além disso, tenho algumas latas de sobras escondidas no fundo da geladeira.

— Bom menino — disse ela, satisfeita.

Gabriel percebeu que ela estava se preparando para outra enxurrada de perguntas, então interrompeu:

— Como está a mansão? Espero que o sr. Hartley esteja ajudando como prometeu.

— Sim, sim. Aquele grande ogro tem estado por aqui. O sobrinho dele também. Não há um único neurônio neles, é claro, mas trabalham duro, sem dúvida. — A avó riu. — Ah, e acho que você não vá me reconhecer no Natal, meu querido. O sr. Hartley tem me engordado com seus sanduíches de linguiça. E sabe a goteira no seu quarto? Não consigo acreditar, mas o grande ogro conseguiu consertar!

O corpo de Gabriel foi inundado de calor. A Vovó estava segura, bem alimentada e sendo cuidada. Naquele momento, nada no mundo poderia tê-lo deixado mais feliz.

— Isso é ótimo, Vovó. Talvez você consiga fazê-lo consertar a pia do banheiro depois?

Ela riu outra vez.

— Ah, estou cuidando disso, meu querido!

Houve um silêncio satisfeito. Então:

— Vovó, posso te perguntar uma coisa?

— Sempre.

— Mesmo se... — Gabriel parou.

— Sim, mesmo assim. Vamos, pergunte logo. Ou vou começar a duvidar se é mesmo o meu Gabriel do outro lado da linha. Ele nunca foi de segurar a língua.

Gabriel criou coragem.

— Vovó, o que você sabe sobre minha mãe e meu pai?

Ele sempre tinha pensado neles assim: mãe e pai. Não mamãe nem papai. Não mereciam esses tratamentos. Eles o abandonaram e, para

Gabriel, isso significava que não mereciam *nada* dele, nem mesmo que pensasse neles por um segundo sequer. Mas ultimamente pensamentos sobre seus pais *vinham* borbulhando em sua mente.

Silêncio na linha.

— Por que isso, meu querido? — perguntou ela, agora com a voz baixa e séria. — Se alguém da sua turma estiver implicando com você, vou pegar o primeiro trem e dar-lhes uma surra que provavelmente não vão esquecer!

Gabriel não pôde deixar de sorrir.

— Não é nada disso, Vovó. Eu só... tenho pensado neles.

— Bem — disse ela, voltando a ficar calma. — Isso é normal. Mas realmente não acho que por telefone seja a melhor maneira de falar sobre isso. Não podemos conversar no Natal?

— Claro — concordou Gabriel. — Mas você pode...? Você pelo menos sabe os nomes deles?

Vovó suspirou.

— Receio que até isso seja complicado, meu querido. Os nomes que eles nos deram eram... Bem, acho que não eram *verdadeiros*.

— *Nomes que eles nos deram?* — repetiu Gabriel, atordoado.

— Como eu disse, é tudo um pouco complicado de explicar. Especialmente por telefone. E se nós...

— Você não conhecia eles? — interrompeu Gabriel. — Então... como... *Por que* você me acolheu?

Eles nunca haviam conversado sobre aquilo, mas Gabriel sempre presumira que Vovó conhecesse os pais dele.

— Você era só um bebê. Se eu não tivesse ficado com você, só Deus sabe o que poderia ter acontecido. — Sua avó fungou. — Ah, meu querido. Você nunca perguntou sobre eles. Nem uma vez. Tentei falar a respeito quando você era pequeno. Você não lembra? Mas você sempre fugia e se escondia. Então hoje... do nada. E *por telefone*. Há algumas coisas que talvez não queira saber...

— Como assim? — perguntou Gabriel, com o coração acelerado.

Alguém bateu na porta e o rosto de Trevor Bassett da 1C apareceu. Gabriel fez um sinal de positivo com o polegar, como se dissesse: “Já estou terminando.”

— O dia em que seus pais deixaram você... bem, houve um assalto nas redondezas. Um assalto em um cassino. E foi quando... foi quando *a polícia* veio fazer perguntas sobre isso que percebemos que eles já tinham ido embora. Mas é como eu disse: os nomes que nos deram... bem, não eram verdadeiros. — A respiração dela estava acelerada, as palavras apressadas. — Nada a respeito deles era verdade, ao que parece. Porque a polícia não conseguiu encontrar nada. *Nada*. Era como se fossem fantasmas. Estavam aqui num minuto e, no outro, tinham sumido. Só que eu sei que não eram, porque os vi com meus próprios olhos. Então, quando digo que é complicado explicar...

— Tudo bem, Vovó — interrompeu Gabriel, tentando parecer calmo. — Vamos esperar até eu chegar em casa. Tem alguém batendo na porta, então preciso desligar.

— Está bem, meu querido — disse ela, respirando fundo. — Se agasalhe. E se alguém zombar de você... Bem, é só me avisar e eu dou um jeito neles!

— Sei que sim, Vovó — falou Gabriel. — A gente se fala em breve.

Ele desligou e se levantou. Estava tremendo e seu corpo doía. Trevor Bassett o olhou de cara feia ao sair, mas Gabriel mal prestou atenção. Estava pensando na Vovó, em seus pais e em um assalto a um cassino próximo pouco antes de eles desaparecerem. Mas, acima de tudo, estava pensando em uma frase que a Vovó havia usado. *Era como se fossem fantasmas*.

De todas as coisas que Vovó dissera sobre seus pais, essa se destacava por uma razão muito perturbadora: até onde Gabriel sabia, apenas um lugar no mundo ensinava as pessoas a se moverem pelo mundo como fantasmas.

O Instituto Trapaça.



CAPÍTULO VINTE E DOIS



-Ah, feche essa boca — censurou Penelope. — Tente não deixar *muito* óbvio que nunca esteve em uma biblioteca antes.

Gabriel a seguia enquanto ela entrava na biblioteca.

— Já estive em bibliotecas antes, é claro. Mas essa é diferente.

A biblioteca do Instituto Trapaça ocupava todo o último andar da mansão. Tinha o formato de um enorme *donut*. No centro, grandes painéis de vidro cercavam o Carvalho Torto, com confortáveis recantos de leitura espiando a enorme árvore de todos os ângulos. Gabriel imaginou que, na primavera e no verão, seria uma visão hipnotizante, toda em amarelos e verdes vibrantes. Mas o inverno havia chegado, então os galhos estavam feios e pelados, e a luz dura do inverno fazia parecer que tudo tinha um tom de cinza ligeiramente diferente.

Os próprios livros eram mantidos longe da luz natural, em estantes de madeira polida. Elas não estavam dispostas em fileiras, como em todas as outras bibliotecas que Gabriel conhecia, mas em círculos ao

redor do cômodo. O círculo mais próximo do Carvalho Torto parecia um pequeno “O”, enquanto o que estava na borda externa parecia um “O” colossal. O forte cheiro de livros velhos e móveis novos pairava no ar.

Penelope caminhou com determinação, até enfim encontrar um recanto de leitura para dois e se largar deitada em um grande pufe marrom.

— Este lugar tem a melhor vista. — Ela apontou para fora da janela. — Olhe.

Gabriel se sentou no pufe ao lado dela e seguiu seu olhar. Debaixo de um grande galho, uma francelha alimentava seus bebês. Eles observaram em silêncio até que o pássaro levantou voo.

— Por que você me pediu para te encontrar aqui? — perguntou Penelope. — É domingo. Eu deveria estar fazendo HIIT e ouvindo minha aula de cantonês. Então seja rápido.

— Não vai demorar muito — respondeu Gabriel. — Eu só... não queria perguntar aos bibliotecários. É algo que quero manter em segredo.

Penelope endireitou o corpo e sentou-se no pufe.

— Agora estou interessada. O que está procurando?

Gabriel olhou para trás. Uma bibliotecária magra e ruiva passou por eles. Seus olhos cor de caramelo queimado deslizaram pelos dois e logo seguiram adiante. Ela usava jeans preto, um grosso casaco de lã marrom e luvas pretas finas, provavelmente para proteger os livros mais preciosos de impressões digitais. Quando ela se foi, Gabriel sussurrou:

— Isso é parte do problema. Na verdade, eu não sei.

Os olhos de Penelope se estreitaram.

— Você está atrás de um livro? Registros? Informações do censo?

— Não tenho ideia.

Penelope franziu a testa.

— Gabriel Avery, não sei se você já percebeu essa característica minha, mas não sou uma pessoa muito *paciente*.

Ele só tinha precisado de duas aulas de Cultivo do Bandido para perceber isso. A maneira como Penelope cuidara de seu canteiro com a eficiência de uma máquina e depois ficara olhando para suas mudas durante o resto da aula fora demonstração suficiente.

— Quero que você me mostre onde guardam as informações sobre os ex-alunos do Instituto Trapaça.

Penelope o encarou.

— Por quê? É para História da Bandidagem ou... — seus olhos se arregalaram — ou é pessoal?

— Pessoal — admitiu ele.

— Você vai me contar...

— Não — retrucou Gabriel. — E, se você perguntar, vou embora agora mesmo.

Penelope arqueou uma sobrancelha, desconfiada.

— Que tipo de ameaça é essa? Por que eu me importaria se você fosse embora agora?

— Porque aí — sussurrou Gabriel — eu não ficaria te devendo um favor.

Penelope cruzou os braços e se recostou.

— Favores *são* a moeda do Submundo. — Ela inclinou a cabeça. — Mas se você não sabe o que está procurando...

— Tudo o que quero saber é onde guardam os registros dos ex-alunos.

— Mas você não sabe o que quer encontrar nesses registros?

— Não — admitiu Gabriel.

— Isso não é perda de tempo?

Gabriel deu de ombros.

— Talvez. Mas assim como você fica feliz em perder seu tempo fazendo HIIT...

— HIIT *não* é uma perda de tempo. É a melhor forma de aeróbica...

— ...eu fico feliz em perder meu tempo olhando os registros dos ex-alunos. Então, onde eles ficam?

Penelope olhou para ele por um longo momento. Então se levantou.

— Venha. Suponho que um favor seu não seja *totalmente* inútil.

Penelope o conduziu por uma porta no lado nordeste da biblioteca até uma sala pequena e pouco iluminada. Ali, as estantes estavam dispostas em uma espiral apertada. Havia uma entrada e uma saída, como um labirinto em miniatura. Felizmente, não havia mais ninguém lá dentro. E, pela fina camada de poeira acumulada nas prateleiras, parecia que pouquíssimos estudantes a visitavam.

— Aqui está — disse Penelope, e se virou para sair.

— Espere — chamou Gabriel. — Onde posso encontrar os registros aqui?

Penelope olhou por cima do ombro e riu.

— Estes *são* os registros dos ex-alunos. A sala inteira. Cada assalto, cada golpe e cada ex-aluno rebelde.

— A sala inteira? — perguntou Gabriel, examinando cada livro e cada pedaço de papel com as pontas amassadas que saíam das prateleiras.

— Algumas partes estão editadas, é claro. Não gostaríamos que pessoas como Villette Harkness descobrissem o verdadeiro paradeiro do diamante Koh-i-Noor.

— Por que não há seguranças?

Penelope estalou os dedos.

— Sabia que estava esquecendo alguma coisa. Faça o que fizer, não tente tirar nada desta sala. — Ela fez uma pausa, pensando. — Nem, só para constar, traga qualquer coisa destrutiva aqui para dentro. Nada de água, dispositivos de trituração ou, você sabe, fósforos para atear fogo aos arquivos. Existem sensores por todo lado. No segundo que alguém tenta retirar ou destruir qualquer um dos arquivos, a sala fica totalmente bloqueada e todo o ar é sugado para fora. E quanto à pessoa aqui dentro... — Ela passou o dedo pela garganta bem devagar e depois deu um leve sorriso. — O que seria mesmo uma pena, agora que você me deve um favor. Boa leitura!

Ela se afastou, acenando alegremente.

Gabriel olhou em volta e suspirou. *Isso vai levar uma eternidade.*

Ele não sabia os nomes verdadeiros de seus pais, ou como eles eram, ou se eles já haviam frequentado o Instituto Trapaça. Não tinha ideia do que exatamente estava procurando. Nenhuma. Portanto, a única coisa sensata a fazer era pesquisar em ordem alfabética.

Gabriel encontrou os As e, respirando fundo, começou sua busca.

*

— Hora de acordar — uma voz suave falou em seu ouvido.

Gabriel piscou e, ao olhar para cima, viu a bibliotecária ruiva sorrindo para ele.

— Ainda bem que vim dar uma olhada aqui dentro, não é? Estávamos prestes a fechar. Mas aqui está você, cochilando. — Ela olhou por cima do ombro de forma teatral e depois sussurrou: — Não que eu culpe você. Esta seção é tão monótona. — Ela deu de ombros. — Mas quente e aconchegante, se estiver procurando um lugar para tirar um cochilo.

— Eu não estava cochilando — protestou Gabriel, meio grogue. — Estava lendo e devo ter...

A bibliotecária olhou para a pilha de papéis em seu colo e ergueu uma sobrancelha.

— Bem, se você insiste em ler sobre Geoff Acton, posso entender por quê. O cara é tão chato quanto parece.

Gabriel olhou para o arquivo fino em seu colo com o nome *Acton, Geoff* impresso nele.

— Não é isso. Só não tenho dormido muito bem.

A bibliotecária estendeu a mão enluvada.

— Vamos. Levante-se.

Gabriel pegou a mão estendida (o aperto dela era mais firme do que ele imaginava) e se levantou. Ela espanou a poeira do blazer dele.

— Nenhum Mérito Trombadinha dorme bem até pelo menos depois do Natal. Alguns por saudade de casa, outros por nervosismo. Não sei dizer quantas vezes encontrei Méritos cochilando nos cantos da biblioteca nas últimas semanas. Mas Legados? — Ela riu. — Nenhum. Eles dormem como bebês. Basicamente foram criados para frequentar esta escola, então se sentem confortáveis como ninguém.

Gabriel deslizou o arquivo de Geoff Acton de volta para a estante e suspirou. Mal tinha chegado à metade da primeira estante antes de pegar no sono.

— Certo, agora vá — disse a bibliotecária, abrindo a porta. Ela limpou a maçaneta com o lenço e murmurou: — Ladrões e seus dedinhos imundos...

Gabriel saiu para o espaço principal da biblioteca. As luzes estavam apagadas e o burburinho das conversas de mais cedo havia desaparecido, deixando apenas um silêncio assustador. A bibliotecária apareceu atrás dele e os dois caminharam lado a lado pelas estantes até a entrada.

— Certo, então — disse ela, parando. — Se precisar de ajuda para encontrar algo na próxima vez, é só falar comigo.

— Obrigado. Mas não sei exatamente o que estou procurando.

— É mesmo? — perguntou ela com uma risada. — Então, devo esperar encontrar você dormindo sobre o arquivo de Felix Batley amanhã à noite, na hora de fechar?

— Provavelmente não vou chegar tão longe amanhã à noite — admitiu Gabriel, infeliz. — Ainda tenho que passar por todos os As.

A bibliotecária inclinou a cabeça.

— Existem milhares de registros de ex-alunos lá. Pode levar o ano inteiro. Talvez mais, se você não souber o que está procurando.

Gabriel bocejou.

— Talvez. Mas é provável que os sobrenomes das pessoas que procuro não sejam algo como Zim ou Zorro. — Ele deu de ombros. — De todo modo, não importa. Vou continuar procurando até encontrar alguma coisa.

— Ah, vai? Bem, quem quer que esteja procurando, espero que os encontre.

— Não acho que eles queiram ser encontrados.

Ela o encarou outra vez.

— Ah, bem, isso muda as coisas...

— Por quê?

— Se for alguém que estudou nesta escola, provavelmente sabe como desaparecer. E os bandidos que querem desaparecer não gostam muito de ser arrastados de volta para a luz. Quer um conselho? Não procure pessoas que não querem ser encontradas.

— Por que não?

— Porque provavelmente há uma boa razão para eles quererem permanecer nas sombras. E você pode não gostar do que vai encontrar ao acender a luz.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS



-Como *você* encontrou o Instituto Trapaga no seu primeiro ano? — perguntou Gabriel a Leon quando estavam sentados na sala comunal dos Trombadinhas, ele em um grande pufe e Leon esparramado no mais confortável dos quatro sofás dispostos aleatoriamente ao redor da lareira.

As paredes, assim como seus uniformes, eram marrons, e havia quadros pendurados nelas, alguns dos quais Gabriel tinha certeza de ter visto naqueles programas de crimes reais que cobriam os maiores assaltos não resolvidos do mundo. No canto, perto da porta, havia quarenta e oito armários brancos, mas apenas um, o de Decome, tinha um cadeado. Todos os outros haviam chegado, de forma muito sensata, à conclusão de que colocar um cadeado num armário de um prédio cheio de ladrões era como acender uma vela num quarto escuro cheio de mariposas. Além disso, Gabriel não precisava de cadeado — ele não tinha absolutamente nada para guardar dentro do armário.

Era a última semana de novembro e a geada começava a se alastrar pelas janelas.

— Bem — começou Leon, mas naquele momento dois Trombadinhas da 1D entraram e pararam de olhos arregalados ao ver Leon.

Ele sorriu.

— Como vão, garotos?

Leon perguntou sobre suas aulas e seus professores e, quando estavam radiantes, os mandou embora dizendo:

— Me deem notícias, garotos. Matt, trabalhe naquela técnica de tesoura. Se você conseguir furtar meu bolso antes do fim desse semestre, vou te dar um chocolate. E Ravi, não se esqueça de me contar como foi com Emily. Lembre-se: confiança. Ombros para trás, queixo para cima e sorria. Entendeu?

Quando ele se virou, Gabriel estava sorrindo.

— Eu também ganho um chocolate se conseguir furtar seu bolso?

Leon riu.

— Só um tolo faria essa aposta com você, Gabriel Avery.

Um grupo de garotas Trombadinhas entrou, corando intensamente ao ver Leon, e logo saíram correndo. Gabriel virou a cabeça na direção delas.

— Tem sido *assim* desde que você era um Trombadinha?

— Assim como? — perguntou Leon, parecendo realmente não saber do que Gabriel estava falando.

— Você é basicamente uma celebridade no Instituto Trapaça.

— Ah, não exagera — disse Leon, revirando os olhos.

Naquele momento, um terceiro grupo de Trombadinhas entrou e cercou o encantador Robin. Depois de trocar algumas risadas, ele pediu licença com educação e conduziu Gabriel para fora da sala, escadas acima.

— Coloque o casaco. Nós vamos para o telhado. Está ficando meio lotado lá embaixo. Mas suponho que não seja exatamente normal encontrar um Robin na sala comunal dos Trombadinhas...

— Não é porque é um Robin. Há Robins Confidentes na sala comunal com seus Trombadinhas todos os dias. É porque é *você*.

— Para com isso! Você está me dizendo que, se Marianna Sonorov estivesse sentada lá, aquele lugar não estaria lotado?

Marianna Sonorov era a Mérito Robin mais bem classificada, uma posição acima de Leon. Ela tinha a pele assustadoramente branca, cabelos longos e claros e uma cicatriz de lua crescente que cortava a borda dos lábios. Aonde quer que ela fosse, sussurros de espanto e admiração a seguiam.

— Tudo bem. Você *e* ela, então.

Leon abriu a porta do telhado e apertou mais o casaco contra a rajada de vento gelado que a atravessou. Ele sorriu.

— Então talvez devêssemos vir nós dois qualquer tarde. O que acha? Causaríamos *comoção*. — Leon caminhou até a beira do telhado e sentou-se. — Quer conhecê-la? Nós somos amigos.

Gabriel sentou-se ao seu lado.

— Espere. Você e Marianna não estão...

— Não, não estamos namorando nem nada. Mas temos algo em comum.

— O quê?

— Nós dois recebemos uma oferta interessante recentemente. Uma oferta de emprego, pode-se dizer.

— Desde quando bandidos recebem ofertas de emprego?

Leon fez uma careta e deu um tapinha no ombro dele.

— Você é esperto, mas ainda há muito que aprender sobre este mundo. Os melhores Robins são *sempre* requisitados pelos bandos de maior sucesso. Bandos novatos do Nível Dois, bandos de Nível Dois já estabelecidos, que aspiram ao Nível Um. Ou, se você for excepcional, um dos três bandos do Nível Um. Mas nenhum desses três chama alguém novo há anos.

Gabriel ouvia tudo com atenção.

— Acha que é um bando de Nível Um que está tentando recrutar você e Marianna?

A respiração de Leon saiu de sua boca como névoa.

— Não sei. Alguns bandos de Nível Dois já entraram em contato e consegui descobrir quem são e por que me querem. Mas este bando...

— Ele apertou ainda mais o casaco. — Se eles *são* de Nível Um, acho que o sigilo faz sentido.

— Um bando — disse Gabriel, pensando em tudo o que ouvira em História da Bandidagem. — É isso que você quer?

Leon deu de ombros.

— Quando cheguei aqui, pensei em me formar e mergulhar no Submundo sozinho. Você sabe, tentar chegar ao Nível Um sem qualquer ajuda. Mas então percebi que realmente gostava de trabalhar com as pessoas ao meu redor. Sozinho, eu era bom, mas quando estava cercado por pessoas melhores do que eu em Tecno-lógica ou Criminástica, eu era muito melhor. Sabe por quê? Porque nas áreas em que eu era mais fraco, elas eram mais fortes.

Leon respirou fundo e, sem aviso, uivou para a noite.

Gabriel ficou confuso.

— O que foi isso?

— Quando os lobos se juntam a uma nova matilha, eles mudam seu uivo. Sabia disso?

Gabriel fez que não com a cabeça.

— É verdade. Eles ouvem atentamente os uivos do restante da matilha e mudam o tom e o volume para que os seus não se sobreponham aos de outro lobo. Então, quando toda a matilha uiva, em vez de soar desafinado ou fora de sincronia, torna-se uma harmonia perfeita. — Leon deu um sorriso para Gabriel. — Um bom bando é igualzinho. Sozinho, você pode se tornar excepcional; juntos, vocês podem se tornar invencíveis.

— Por que você não forma seu próprio bando com seus amigos?

— Meus colegas me fizeram melhorar. Mas os bandidos experientes dos bandos de Nível Um e Nível Dois poderiam me ajudar a me tornar extraordinário. É isso que eu quero. E é o que você quer também, não é?

Gabriel assentiu.

— A realidade é que poucos bandidos conseguem sobreviver sozinhos no Submundo, muito menos ter sucesso.

— Penelope poderia.

Leon riu.

— Acho que você está certo sobre isso. Marianna também, talvez. Mas eu não. Sou um simples líder. Preciso de comparsas. E posso estar errado, mas acho que você também vai precisar. Então continue praticando esse uivo. — Leon se recostou e uivou outra vez. Ele lançou a Gabriel um olhar de reprovação. — Ora, vamos lá. Vai me deixar uivar sozinho?

Gabriel hesitou. Então colocou as mãos em volta da boca, respirou fundo e ele e Leon uivaram juntos. No prédio abaixo deles, janelas começaram a se abrir. A princípio, os outros Trombadinhas apenas ouviram, mas aos poucos, um por um, também começaram a uivar. Talvez fosse apenas sua imaginação, mas Gabriel poderia jurar que cada uivo era um pouco diferente. Como se cada um dos Trombadinhas tivesse mudado sutilmente seu próprio tom para criar uma canção melodiosa e assustadora que ecoasse por toda a ilha do Instituto Trapaça.

Quando o último uivo enfim silenciou, Gabriel e Leon estavam com as bochechas rosadas e sem fôlego. Por um tempo, ficaram sentados em silêncio e ouviram o ranger das janelas se fechando lá embaixo. Então Leon perguntou:

— Já encontrou alguma coisa sobre seus pais? Da última vez que soube, você tinha acabado de terminar os Bs e estava prestes a começar os Cs.

Gabriel suspirou.

— Nada ainda. Mas vou acabar encontrando algo. Preciso encontrar. E você? Vai se juntar a esse bando de Nível Um?

Leon se apoiou nas mãos e olhou para a lua.

— Se eles realmente forem de Nível Um, então eu seria um tolo se não aceitasse. Se você entra para um bando de Nível Um, está com a

vida ganha. Eu poderia ajudar meu tio a se aposentar em seis meses. Poderia retribuir tudo o que ele fez por mim.

Então Leon se distraiu, os olhos vidrados, sonhadores. Gabriel se perguntou se ficava assim quando pensava na Vovó e em tudo que planejava fazer por ela.

— Ainda assim — continuou Leon, estremecendo de leve. — Entrar para um bando sem saber quem são ou qualquer coisa sobre eles... é um risco. Só preciso decidir se é um que vale a pena correr.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO



-Você não pode estar falando sério — reclamou Decome, olhando para o arbusto de urtigas em um suporte no centro da sala de aula de Pulos do Gatuno. Escondida dentro das urtigas havia uma única pena branca. — Se enfiarmos os dedos aí, vamos nos espetar.

— E daí? — disse o sr. Velasquez, amarrando os longos cabelos em um coque. — Tem *medo* de se machucar um pouco, sr. Decome?

Gabriel escondeu um sorriso enquanto Decome se remexia desajeitadamente.

— Não é isso. É só que... Não existem regras contra esse tipo de coisa?

O sr. Velasquez alisou sua camisa preta engomada.

— E que tipo de órgão governamental você acha que regulamenta uma escola de ladrões? Hein? — Ele não esperou resposta. — De qualquer forma, o objetivo deste exercício é extrair a pena *sem* se machucar. Nem um arranhão. Portanto, meu conselho para você, sr. Decome, é: não se machuque. Quem quer ser o primeiro?

— Eu vou. Parece divertido — disse Villette, aproximando-se.

Ela circulou o suporte, os olhos azul-gelo passando de uma folha de urtiga para a outra, procurando a melhor maneira de enfiar a mão.

— Ei, você ouviu? — sussurrou Ade para Gabriel. — Eu e Ed vamos começar um negócio.

Gabriel riu. Não era a primeira vez que os gêmeos anunciavam isso, só era a primeira vez naquele dia. Penelope, que estava à sua direita, bufou. Gabriel e Ade a encararam. Ela olhou para os dois e, lenta e ameaçadoramente, levou um dedo aos lábios.

Gabriel engoliu em seco e se virou para Ade.

— O que vão fazer dessa vez? — perguntou baixinho.

Ade lançou um olhar astuto ao amigo.

— Alimentar nossos colegas com refeições deliciosas, é claro.

Gabriel devolveu um olhar questionador.

— Arroz *jollof* — explicou Ade. — Vamos vender para outros Trombadinhas.

Duas semanas antes, a mãe de Ade e Ede tinha enviado para eles um pacote grande — ou pelo menos o enviara para uma caixa-postal anônima em Exeter, para onde toda a correspondência do Instituto Trapaça era direcionada. De lá, os Jardineiros os recolhiam e levavam para a escola. Dentro do pacote havia uma caixa térmica para cada um deles, com arroz *jollof* suficiente para durar uma semana. Gabriel, como muitos dos outros Trombadinhas, nunca havia experimentado o prato picante de frango e arroz. Mas aquilo causou uma comoção na sala comunal. As pessoas brigaram e se empurraram por uma única garfada. Então, os irmãos dividiram suas porções pela metade e venderam para quem quisesse comprar, até mesmo para um ou outro Legado, de quem cobravam mais caro. Porém, quando o estoque acabou, Gabriel achou que fosse o fim do negócio.

— Como vão conseguir mais? — perguntou.

Ede puxou o irmão para o lado para que pudesse sussurrar:

— Dissemos à mamãe que os professores adoraram e não pararam de comer. Então, desta vez, ela está enviando o *dobro* da quantidade.

Ade empurrou o irmão de volta.

— Sim, mamãe fará qualquer coisa se achar que isso nos ajudará a progredir na escola. Subornar professores é padrão.

Eles pararam para observar Villette, que havia demorado para esticar os dedos e finalmente enfiá-los nas urtigas. Quando retirou a mão, ela segurava a pena.

— Nada de mais. — Ela entregou a pena ao sr. Velasquez, sorrindo, e depois se virou e começou a se afastar.

— Na-na-ni-na-não — disse ele, parando-a no meio do caminho. — Pegar a pena não era o único objetivo desta lição. Srta. Harkness, por favor, levante a mão esquerda.

O sorriso inabalável de Villette vacilou, apenas por um segundo.

— Levantar a mão? Mas que bobagem. Por que você...

— Vamos ver — disse o sr. Velasquez com firmeza e, lentamente, Villette levantou a mão esquerda. O professor sorriu. — E aí está.

De fato, um amontoado de manchas vermelhas surgira nas costas da mão de Villette.

— Você é notável, srta. Harkness. Nunca vi alguém suportar a picada da urtiga sem sequer estremecer. — O sr. Velasquez suspirou. — No entanto, a tarefa era recuperar a pena *sem* receber uma única picada. Neste cenário, as urtigas representam seu alvo, e cada picada, o seu contato com ele. — Ele se encostou na parede e estendeu o braço à frente. — Alguém mais está pronto para o desafio? Há cinco pontos em jogo.

Penelope foi a próxima. Ela levou muito menos picadas do que Villette — umas quatro só —, mas, a julgar pelo tom alarmante de vermelho em suas bochechas, essas quatro já eram demais. Ji-a e Dimitri, Decome e Ede, Ade e Lulu, Dorian e Mona — todos na turma tiveram sua chance e falharam. Todos, menos Amira e Gabriel. Então a aula acabou e a 1B se amontoou no corredor.

— Sr. Avery — disse o sr. Velasquez, soltando o cabelo e sentando-se na mesa. — Fique um momento, por favor.

Penelope lançou a Gabriel um olhar de reprovação, como se tivesse certeza de que ele havia feito algo terrivelmente errado, depois saiu pelo corredor com Amira, conversando em italiano fluente. Os Irmãos Crime também saíram, discutindo animados como iam dividir suas porções de *jollof*. Terços? Quartos?

— Senhor? — perguntou Gabriel. — Fiz algo errado de novo?

— Não — respondeu o professor com naturalidade. — Mas também não fez nada certo. O que normalmente não seria um problema, exceto que tenho a impressão de que está se contendo de propósito. Por quê? Não quer que a turma saiba quão bom você é?

— Não é isso, senhor — respondeu Gabriel honestamente. — Eu... Bem, eu ia. Mas aí Amira não se voluntariou, então...

O professor cruzou os braços.

— Então?

Gabriel ergueu os olhos.

— Eu não queria que ela fosse a única a não se voluntariar.

— Por que não?

— Ela não fala inglês muito bem e é muito tímida, por isso é sempre deixada de fora da nossa turma, senhor. Todo mundo tem alguém. Mas ela não. E... — Gabriel desviou o olhar. — Eu era como ela em todas as minhas outras escolas. Deixado de fora, quero dizer. Não é legal.

O sr. Velasquez suspirou.

— Claro que não é. — Ele deu a Gabriel um sorriso cansado e apontou para as urtigas. — Vá em frente, então. Experimente. Por mim.

Gabriel secou as mãos suadas no blazer e se aproximou.

— Você sabe o que os outros fizeram de errado? — perguntou o professor.

Gabriel assentiu. Ele inclinou a cabeça, procurando o melhor ângulo. Então estendeu a mão e arrancou a pena, segurando-a entre o indicador e o dedo do meio.

— Eles enfiaram a mão inteira, o que significava que o polegar sempre era picado. São necessários apenas dois dedos.

O professor riu.

— Sabe, você me lembra de um garoto que conheci. O melhor batedor de carteiras que já vi. De bom coração também. Como você. — O rosto dele ficou triste. — Mas ele fez todas as escolhas erradas. Se meteu com as pessoas erradas. E aquele coração bom se tornou mau. — Ele ergueu os olhos para encontrar os de Gabriel. — Nem sempre você fará as escolhas certas. Na verdade, já fez algumas escolhas duvidosas. Mas você deve lutar para manter seu coração bom, Gabriel. Um bom coração sempre o levará de volta para onde você precisa estar. — Ele deu um tapinha carinhoso no ombro do menino. — Ah, e você acabou de ganhar cinco pontos. Bom trabalho.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

-Hoje vamos fazer algo diferente — anunciou Friedrich para a 1B, que estava sentada atentamente no tatame aos seus pés. — Até agora, vocês têm treinado. Dominaram o uso de cada equipamento com segurança. Escalaram, saltaram e aprenderam a se mover com eficiência, sem desperdício de movimento. E acredito que todos vocês já estejam amando os agachamentos na parede?

A 1B resmungou e os lábios de Friedrich se curvaram para cima. Foi o mais próximo de um sorriso que Gabriel já tinha visto no rosto da professora.

Ade e Ede foram os únicos a responder.

— Amando.

— É moleza, cara.

(Afinal, agachamento na parede era a única parte de Criminástica em que eles eram bons.)

— Mas faltando uma semana para as férias de Natal — continuou Friedrich —, é hora de fazer um teste. — Ela fez um gesto, apontando atrás de si. — Tenho certeza de que vocês viram a pista de obstáculos montada atrás de mim.

Eles tinham visto. Mesas de salto, barras de macaco e trampolins haviam sido organizados em uma trilha sinuosa. Entre os equipamentos familiares, estavam espalhados objetos do dia a dia: um carrinho de compras, bancos de parque e até uma bicicleta vermelha.

— Hoje, cada um de vocês completará o percurso — ela fez uma pausa significativa —, quer dizer, se conseguirem. Eu vou cronometrar seu tempo. Quem completar o percurso mais rápido ganha dez pontos.

Os alunos da 1B se entreolharam, ansiosos e animados.

— Você viu isso? — sussurrou Ade para o irmão. — Quando ela disse “se conseguirem”, estava olhando direto para nós.

— Pff — bufou Ede. — Para você, talvez. Não para mim. Eu vou arrasar nesse percurso. Lá em casa me chamam de “Trovão Negro”.

Ade piscou.

— Não chamam nada. Quem? Diga só um nome.

Ede deu de ombros.

— Jess, do final da rua.

— Jess, do final da rua, chama você de “Trovão Negro”?

— Sim, por que não?

— Ah, você não vai desistir disso? Jess tem dezesseis anos. Ela nem sabe o seu nome — resmungou Ade em voz alta. — *Minta. Mas nunca minta para si mesmo.* Primeiro princípio do Instituto Trapaça, maninho.

— Tanto faz, cara — disse Ede, do jeito que costumava fazer quando Ade zombava dele. — E você é só *três minutos* mais velho. Não me venha com essa bobagem de “maninho”.

— Por que “Trovão Negro”? — perguntou Gabriel, enquanto observava Friedrich demonstrar como atravessar habilmente os equipamentos. — Por que não “Relâmpago Negro” ou “Furacão Negro”? O que há de tão bom no trovão? É apenas um barulho alto.

O rosto de Ede se iluminou.

— É, você está certo. “Relâmpago Negro” é melhor.

Ade revirou os olhos.

— Uma vez vi Nana prender você no chão com um mata-moscas de plástico. Ninguém vai te chamar de “Relâmpago Negro”, Ed.

— Gabe vai. Não vai?

— Claro — concordou Gabriel, sabendo que o apelido nunca ia pegar. Mesmo assim, o sorriso que apareceu no rosto de Ede fez valer a pena.

Então começou a chover. Uma chuva pesada e implacável que Gabriel só tinha visto nas charnecas. O vento assobiava pelas copas das árvores e os galhos acima do telhado rangiam ameaçadoramente. A chuva tamborilava no teto do ginásio de madeira da Criminástica, ecoando alto lá dentro.

A 1B olhou para cima, ouvindo em silêncio. Era quase como se estivessem num estádio — o estrondo baixo dos aplausos se misturava perfeitamente aos assobios agudos. Como se o próprio clima soubesse que os alunos estavam prestes a competir entre si.

Mais uma vez, eles foram convidados a se voluntariar. Penelope gritou seu próprio nome antes mesmo que a professora terminasse a pergunta. Ela estava usando seu traje de ginástica habitual, todo preto, com a mesma fita violeta esfarrapada que prendia seu cabelo em um rabo de cavalo. Dando um passo à frente, ela sacudiu os braços, abaixou os ombros e sorriu com determinação para o primeiro obstáculo.

Duvido que exista alguém no mundo tão competitivo quanto Penelope Trapaça, pensou Gabriel.

Então ela partiu, saltando por cima, por baixo e pelo meio. Pendurando-se e pulando e depois correndo e finalizando em 2min24s.

Quando voltou para o lado de Gabriel, sua pele estava brilhando e as palmas das mãos estavam vermelhas de tanto segurar as barras de macaco, mas ela sequer ofegava.

— Quero ver superar isso, Avery.

— Tem certeza de que não quer usar seu favor agora? — perguntou Gabriel. — Posso tropeçar no trampolim ou escorregar das barras. É só você mandar.

Os olhos de Penelope se arregalaram, furiosos.

— Não preciso que você faça isso... Eu *nunca* lhe pediria...

— Ji-a, você é a próxima — chamou a professora.

Ji-a havia melhorado muito desde a primeira aula, mas ainda parecia um pouco com o Bambi: foi escorregando e deslizando pelo percurso, nunca confortável de verdade. Seu tempo foi 3min23s.

Decome foi o terceiro. Ele tinha melhorado drasticamente e, para surpresa de Gabriel, começou a se esforçar nas aulas. A ousadia e a arrogância ainda estavam presentes, mas quando ficou claro que estava entre os três últimos em quase todas as aulas, ele começou a tentar. Ainda assim, o melhor que conseguiu foi quase meio minuto mais lento que Penelope: 2min48s. E, quando terminou, teve que ser arrancado do chão por Dimitri, seu cabelo loiro grudado na testa com suor.

Ade e Ede foram, como esperado, desastrosos. Eles insistiram em fazer o percurso juntos e, para ser justo, tudo correu muito bem até as barras. Então Ede colidiu com Ade no ar e eles acabaram no chão, brigando. Terminaram o percurso mancando e se encarando: 7min28s.

Mona conseguiu impressionantes 2min39s, Lulu fez em 2min51s e Dorian ficou entre elas, com 2min45s. No entanto, foi Villette quem quase conseguiu um novo recorde. Seus 2min30s fizeram surgir uma carranca no rosto de Penelope.

— Quase te peguei, não foi? — provocou Villette, cutucando Penelope no ombro. Então ela piscou e se sentou no chão para observar Dimitri.

Criminástica era a melhor matéria de Dimitri, o que significava muito, já que ele estava entre os cinco primeiros da turma na maioria das aulas. Ele era grande, quase o maior da turma. Apenas Decome era mais alto. No entanto, ele se movia incrivelmente rápido. Quando Friedrich iniciou o cronômetro, ele disparou pelo percurso como um foguete. Se não tivesse falhado ao pegar as barras, teria batido o tempo de Penelope. Mas seu erro lhe custou segundos preciosos e o primeiro lugar: 2min28s.

Enquanto Decome o cumprimentava, Gabriel se inclinou para Amira e sussurrou:

— Quer ser a próxima? Ou devo ir?

— Você — disse ela, ajustando seu *hijab* marrom.

Cada dia ela usava uma cor diferente, mas Gabriel ainda gostava mais do azul que tinha visto brilhando nas copas das árvores semanas antes.

— Ok — sussurrou ele, passando pela amiga. — Mas tente não me fazer parecer muito ridículo. — Quando olhou para ela, Amira estava sorrindo.

Gabriel se levantou, respirou fundo e esperou sua deixa. Quando ouviu o grito de Friedrich, saiu correndo, saltando sobre a bicicleta, esquivando-se do carrinho de compras e pegando as barras de duas em duas. No último trampolim, seu pé entortou de um jeito estranho, fazendo com que perdesse o equilíbrio. Mas ele se recuperou, pulou sobre uma trave e terminou bem.

— Dois e vinte e seis — gritou Penelope, e a expressão em seu rosto era mais de alívio do que de triunfo.

Gabriel sentou-se ao lado de Penelope.

— De nada, aliás.

Penelope franziu a testa.

— Pelo quê?

— O tropeço — respondeu Gabriel, como se fosse óbvio. — Estamos quites agora?

Penelope soltou uma risada rouca. Quando percebeu que havia chamado a atenção de todo mundo, ela pigarreou e desviou o olhar incisivamente. Assim que a atenção da turma se voltou para Amira, Penelope se virou para Gabriel:

— Gabriel Avery, se está tentando insinuar que aquele tropeço foi *intencional*. — Ela parou, furiosa. — *Mesmo* que tenha sido, e não acredito nem por um segundo nisso, eu não consideraria isso a retribuição de um favor. Você sabe o que eu faria? Arrastaria você de volta para a linha de partida e faria você repetir o percurso.

Gabriel arqueou uma sobrancelha em desafio.

— Você não *quer* ganhar?

— Sempre. Mas quero ganhar de forma justa. Se eu quisesse trapacear, acha que eu teria ajudado você a colocar a ficha de volta no bolso de Decome?

Gabriel escondeu um sorriso. *Isso é divertido.*

— Não importa. Você não vai vencer mesmo. Olhe.

Amira disparou da marca inicial e passou pela primeira mesa de salto antes que alguém tivesse tempo de piscar. Ela deslizou pelos obstáculos, saltou sobre a bicicleta e, com equilíbrio perfeito, subiu no carrinho e andou nele como se estivesse surfando. Quando finalmente saltou do carrinho em movimento, não foi para a primeira barra, mas para a sexta, com as mãos se movendo a uma velocidade estonteante.

Havia algo na forma como ela se movia que era simplesmente... diferente de todos os outros. Ela deslizava, girava e dançava enquanto os outros apenas se mexiam. Era como se não tivesse nascido para ficar parada, mas para voar.

Pelo canto do olho, Gabriel viu uma figura passar por ela pela direita, indo em direção à linha de chegada. Villette.

Amira correu em direção ao último trampolim, a caminho não só de vencer, mas de quebrar a marca dos dois minutos. Mas quando ela saltou do trampolim, uma mão pálida se estendeu... e arrancou seu *hijab*.

Os olhos de Amira se arregalaram e ela caiu no chão, desajeitada, pouco antes da linha de chegada. Ela gritou e se enrolou como uma bola, os braços tentando freneticamente cobrir a cabeça.

Friedrich se moveu rápido, mas Gabriel foi ainda mais rápido. Num piscar de olhos, ele pegou o *hijab* do chão e o colocou na mão fechada da garota. Então se virou para a turma e abriu os braços. Penelope correu para o lado dele, depois Ade, Ede e Ji-a, e então Friedrich se pôs à frente. Juntos, eles formaram uma barreira ao redor de Amira, todos desviando o olhar enquanto ela enrolava o *hijab* na cabeça.

Amira se levantou devagar, soluçando. Só o que Gabriel sentiu quando ela correu para fora do Centro de Criminástica foi uma lufada de ar. Friedrich foi atrás dela, gritando com raiva:

— Villette, não mexa um músculo. Vejo você depois da aula.

Em estado de choque, a 1B se virou para Villette Harkness. Sua expressão estava entre a diversão e a confusão.

— Tudo um pouco dramático, não foi?

Ela se dirigiu a Decome, mas até ele estava de olhos arregalados.

— Por que você fez isso? — perguntou Gabriel, incapaz de esconder a fúria em sua voz.

— Por que a gente faz alguma coisa? — respondeu Villette. — Para ver o que acontece.

— Isso foi cruel — disparou Penelope, a voz tremendo de raiva.

— Não — protestou Villette. — Foi só divertido.

— Ninguém mais aqui achou *divertido* — rebateu Gabriel.

Villette revirou os olhos teatralmente.

— Isso é porque nenhum de vocês tem *imaginação*. — Ela suspirou.

— Não importa. Parabéns, Trapaça. Parece que você é a vencedora.



CAPÍTULO VINTE E SEIS



Naquela noite, Gabriel não conseguiu dormir. Estava furioso com Villette pelo que ela havia feito e triste por não ter conseguido encontrar Amira depois, para ver se ela estava bem. Mas, por baixo da raiva, também sentia uma pontada de empolgação. Na manhã seguinte, ele pegaria o trem das 9h02 de Charneca Central para Ponte Rochosa. Depois atravessaria a aldeia que mais odiava no mundo até a mulher que mais amava.

Aninhado no recanto do pinheiro à beira da clareira do escritório dos diretores, isso era tudo em que Gabriel conseguia pensar. Os Jardineiros passavam de vez em quando, com tochas balançando de um lado para o outro. Mas ele havia identificado o novo padrão de ronda noturna dois dias antes e sabia que, se permanecesse onde estava, ficaria bem.

Gabriel imaginou a expressão de surpresa no rosto da Vovó quando ele abrisse a porta no dia seguinte. Ele não tinha dito exatamente quando voltaria para casa para as férias de Natal. Em parte, porque

não queria que ela fosse esperar na estação de trem, mas principalmente porque a Vovó adorava surpresas.

Gabriel puxou as pernas para mais perto do peito. Mesmo com dois suéteres e o casaco de inverno bem enrolado nas pernas, não demoraria muito até que começasse a tremer. Mas até lá, poderia desfrutar da quietude da noite gelada e se aquecer pensando em sua casa.

Nada de novo sobre o sistema de segurança do escritório lhe ocorreu naquela noite. Ele observou preguiçosamente enquanto um corvo de aparência estranha descia, pousava no telhado e, segundos depois, levantava voo outra vez. No entanto, a verdade era que ele não estava realmente concentrado.

Depois de um tempo, Gabriel sussurrou:

— Sei que está aí. Tudo bem, pode descer.

Por um momento houve silêncio.

Então um suave farfalhar começou nos galhos acima. Segundos depois, uma figura estava sentada ao lado dele. Ele nem a tinha ouvido chegar.

— Sinto muito por hoje — disse Gabriel, virando-se para olhar para Amira.

Seu *hijab* marrom estava perfeitamente no lugar de novo, mas a pele escura abaixo de seus olhos brilhava à luz da lua, e ele só poderia presumir que eram lágrimas muito recentes. Ela não disse nada, apenas olhou para o exército de árvores à frente.

— Friedrich disse que Villette vai limpar o suor, a sujeira e o sangue dos tatames do Centro de Criminástica o próximo semestre inteiro. Além disso, ela perdeu vinte pontos, então, basicamente, não há a menor chance de ela ganhar a Copa Criminal agora... — Ele fez uma pausa e então falou: — Devíamos ter sido mais rápidos. Para ficarmos na sua frente, quero dizer.

— Obrigada — disse ela baixinho.

Na escuridão, ele viu o brilho de um pequeno sorriso.

— Você está bem?

Amira balançou a cabeça.

— Por causa de hoje?

Ela balançou a cabeça novamente.

— É... — Gabriel fez uma pausa, pensando se deveria tocar no assunto — por causa do seu irmão?

Amira olhou para ele por um longo tempo, como se estivesse ponderando, e então assentiu.

— Seu irmão morreu? — perguntou Gabriel baixinho. Foi o que pareceu quando a sra. Chaves falou dele.

Amira suspirou e olhou para o chão. Cristais de gelo começaram a se formar na grama a seus pés.

— Para a maioria das pessoas.

— Mas não para você?

— Não para mim — concordou ela.

— Então...

Amira abriu a boca, mas hesitou. Então disse:

— Se eu contar, estarei... morta para você.

— Você estará morta para mim? — perguntou Gabriel, chocado. — Por quê?

Ela começou a tremer, se era de frio ou de nervosismo, Gabriel não sabia dizer. Ele tirou o casaco e o colocou cuidadosamente sobre as pernas dela.

— Você não estará morta para nenhum de nós. Não para mim, Penelope, Ade ou Ede. Eu prometo.

Ela olhou para cima outra vez e havia lágrimas em seus olhos verdes.

— Ishaan. Eu acho... Acho que ele se juntou aos Inomináveis.

*

O trem de 9h02 de Charneca Central partiu na hora exata. Naturalmente, o Instituto Trapaça dividiu as partidas dos alunos. Os dos dois primeiros anos partiram no sábado, enquanto os dos

Delinquentes Juvenis, Delinquentes Seniores e Robins partiram no domingo. Mesmo assim, todos pegavam trens diferentes, sozinhos ou em pequenos grupos. Usavam as roupas que haviam trazido de casa ou, em casos como os de Gabriel, que não tinha nada adequado para temperaturas de três graus negativos e granizo, pegavam algumas peças emprestadas. Infelizmente, Penelope era a única de seus amigos que tinha roupas sobrando, então tudo o que ele vestia — do anorake à prova d'água ao casaco de lã muito pequeno e o jeans muito apertado — era preto. Ainda assim, ele estava grato. Quando disse isso e desejou a ela um feliz Natal, Penelope respondeu:

— Não tenho tempo para o Natal, Gabriel Avery. — Então, pigarreou. — Mas, sabe, para você também. Se você gosta desse tipo de coisa.

Ade e Ede também não estavam muito interessados no Natal, mas por uma razão muito diferente.

— Arroz *jollof* — disse Ade enquanto esperavam o trem das 8h43. — Só vamos fazer isso, cara. Ajudar mamãe a prepará-lo, encontrar recipientes para ele e a melhor maneira de trazê-lo para o Instituto Trapaça.

Ede esfregou as mãos com entusiasmo.

— Isso vai dar dinheiro, estou dizendo. Esqueça essa coisa de ser bandido. Seremos empresários.

Gabriel riu.

— Lembrem-se de mim quando os Irmãos Gororoba se tornarem mundialmente famosos.

Ade cutucou o irmão.

— Os Irmãos Gororoba, gostei. Anote isso.

Ede franziu a testa.

— Por que *eu* tenho que anotar? A sua mão funciona, e sei que você tem uma caneta no bolso, então...

Essa foi a última coisa que Gabriel ouviu quando os irmãos, ainda brigando, subiram no trem e partiram ruidosamente.

Gabriel embarcou no trem de 9h02 e sentou-se perto da janela. Logo seus pensamentos se voltaram para a noite anterior.

Depois que Amira revelou que seu irmão havia se juntado aos Inomináveis, ela contou a Gabriel por que estava no Instituto Trapaça e não na outra escola de crimes que originalmente planejava frequentar, em uma região remota da Sicília.

Com quatro irmãos, todos eles ex-alunos do Instituto Trapaça, Amira havia decidido desde cedo que não queria seguir os passos deles, mas trilhar seu próprio caminho. Isso significava ir para o outro internato criminoso e, claro, aprender italiano. Ela também era fluente em outras línguas, mas resistiu quando seu pai tentou fazê-la aprender inglês, porque associava o idioma ao Instituto Trapaça e ao legado de seus irmãos na escola. Se aprendesse inglês, o Instituto Trapaça poderia ser seu plano B, sua rede de segurança. E Amira nunca quis nenhuma rede de segurança.

Ela ficou tão boa em escalada porque nunca usou arreios nem redes. Estava disposta a cair, a sentir a dor de cair com força e aprender com esses erros. E então rapidamente perdeu todo o medo e começou a voar.

Mas quando a notícia de que seu irmão favorito havia se juntado aos Inomináveis se espalhou, ela sentiu que não tinha escolha a não ser se matricular no Instituto Trapaça. Para descobrir *por quê*. Então agora ela estava numa escola que nunca quis frequentar, num país cuja língua não falava fluentemente, rodeada de pessoas que acreditavam que seu irmão as tinha traído. Sozinha.

Depois disso, Gabriel não soubera o que dizer, então os dois simplesmente ficaram sentados em silêncio, tremendo e olhando o reflexo da lua no lago. Depois eles se levantaram e, mantendo-se abaixados para evitar os Jardineiros, voltaram furtivamente para o alojamento.

Gabriel sentia-se um tolo agora por não ter dito a Amira que ela não estava sozinha. Queria dizer que ele, Penelope, Ade e Ede estariam todos ao lado dela. Mas as palavras certas não lhe

ocorreram, embora, quando cada um seguiu seu caminho, ele tivesse dado a ela um sorriso caloroso. Um sorriso que ele esperava que dissesse: *vejo você em breve*.



CAPÍTULO VINTE E SETE



Ponte Rochosa estava tão decadente quanto sempre fora. Gabriel saiu da estação de trem e seguiu o familiar caminho para casa, com granizo e vento cortante varrendo as ruas vazias. Porém, por mais frio que sentisse, um pensamento alegre enchia sua mente, fazendo-o abaixar a cabeça e acelerar o passo.

Estou em casa.

Os Mercier foram espertos e instalaram uma fechadura mais resistente, mas ele já havia aberto outras muito mais desafiadoras na aula de Infiltração, então levou apenas alguns segundos. Depois de entrar, ele se manteve nos limites da propriedade, esgueirando-se por entre as árvores que cercavam a mansão. Se chegasse perto da casa e alguém o visse, seria forçado a responder perguntas sobre onde estivera todos aqueles meses, e ele realmente não estava a fim de fazer isso. Não naquele dia.

Quando enfim avistou a cabana, a coisa mais estranha aconteceu: ele sorriu.

Nunca pensei que ficaria feliz em ver este lugar novamente.

Gabriel bateu à porta e esperou. Segundos depois, ela se abriu.

— Oi — disse uma estranha. A mulher era jovem, gorducha e de bochechas rosadas. — Quem é você?

Gabriel piscou.

— Eu sou... Meu nome é Gabriel. Minha avó mora aqui.

A mulher sorriu e cruzou os braços.

— Você é um dos amigos de Charles? Isso é algum tipo de brincadeira?

— Não. Minha avó mora mesmo aqui. Posso... Ela está?

A mulher arqueou as sobrancelhas.

— Aqui? Receio que não. Eu moro aqui sozinha. Sou a governanta dos Mercier. Estou aqui há uns dois meses.

— Mas... — começou Gabriel, olhando para além dela e vendo que tudo, os sofás, os fogões, até a geladeira, havia mudado. — Não entendo. Onde está a Vovó... a sra. Avery?

— Ah, a governanta anterior? — disse a mulher, alongando cada palavra como as pessoas fazem quando pensam que estão falando com alguém estúpido. — Bem, não gosto de fofoca, mas, pelo que ouvi, os Mercier fizeram uma busca na cabana e encontraram um chapéu roubado. Um chapéu de feltro, acho.

Gabriel congelou. O chapéu de feltro que ele tinha roubado.

— Você... você tem alguma ideia de para onde ela foi?

A mulher tinha o olhar vazio.

— Não, sinto muito. Receio que não. Tudo o que ouvi é que eles encontraram o chapéu e a botaram para fora no mesmo dia. Só cheguei aqui uma semana depois. Ela é... Espere, aonde você vai?

Gabriel já tinha se virado e caminhava de volta ao portão. Só havia um outro lugar em Ponte Rochosa onde Vovó poderia estar.

Ele bateu freneticamente na porta do Café do Benson.

— Estamos fechados — disse uma voz estrondosa. Gabriel bateu de novo, com mais força.

O sr. Hartley abriu a porta.

— Droga, estamos *fechados*. — Seus olhos se arregalaram. — Rapaz, você voltou. Espere um minuto, onde você...

Gabriel passou por ele, atravessou o café e subiu as escadas antes que o sr. Hartley pudesse terminar a frase. E ali, debruçada sobre a pia da cozinha, com suas luvas de limpeza amarelas e o casaco de lã manchado de alvejante, estava a Vovó.

— Meu querido! — gritou ela, voando pela sala e o puxando para um abraço. — *Por que* não me disse que estava vindo?

Havia tanta coisa que ele queria dizer e perguntar, mas, depois de meses sem vê-la, sem sentir aquele cheiro familiar de lavanda e bala de caramelo, tudo o que conseguiu fazer foi relaxar em seu abraço.

O sr. Hartley chegou ao topo da escada, ofegante.

— Que tipo de cumprimento foi aquele, rapaz?

— Ah, deixe o menino em paz, por favor? — pediu Vovó. E depois para Gabriel: — Que tal um sanduíche de bacon, hein? Isso parece bom?

Gabriel assentiu com a cabeça em seu ombro.

— Vá — disse Vovó ao sr. Hartley sem olhar para ele. — E um de linguíça para mim.

O homem grande suspirou e murmurou:

— Ela me faz subir e descer as malditas escadas o dia todo...

Quando ele se foi, Gabriel soltou a avó e olhou para ela.

— Por que não me contou?

Ela suspirou.

— Você já foi lá, não é?

Gabriel assentiu.

— A nova governanta me disse que já se passaram dois *meses*.

— Antes, tire os sapatos e as meias, por favor — ordenou Vovó. — Você vai morrer se continuar com essas meias molhadas.

Gabriel fez o que ela pediu, mas se recusou a se distrair.

— Toda vez que eu liguei, você disse...

— Eu sei o que disse — rebateu Vovó, enchendo a chaleira. — Eu não podia te contar a verdade, podia? Não quando você parecia tão feliz. Sei como você é, meu querido. Você pularia no primeiro trem para casa, e eu não podia permitir isso. — Ela tirou os olhos do preparo do chá e riu. — Estranho, não é? Quando partiu, eu teria dado qualquer coisa para que você voltasse para casa. Mas agora que encontrou um lugar que ama, eu diria qualquer coisa para fazer você ficar. Que mundo engraçado! Que mundo engraçado.

Vovó colocou uma xícara de chá na mesa instável do sr. Hartley e sentou-se com um suspiro.

Gabriel aqueceu as mãos na xícara, mas não bebeu.

— Vou falar com os Mercier. Talvez se eu...

— Você não vai fazer isso — disparou Vovó ríspidamente.

— Mas o seu trabalho...

— Trabalho! — Vovó bufou. — Pagavam uma ninharia para eu fazer o trabalho de três pessoas. Não, obrigada! Você acredita que eles me botaram para fora ainda usando minhas luvas de limpeza, antes mesmo que eu tivesse a chance de pegar o anel da minha mãe no banheiro do terceiro andar? Que afronta! Eu o tirei para limpar aquele banheiro desastroso, mas... — Ela parou. — Não importa, a verdade é que estou muito velha e cansada para subir todas aquelas escadas hoje em dia. Na verdade, eles me fizeram um favor.

Mas quando ela se virou, fingindo procurar o sr. Hartley, Gabriel pensou tê-la ouvido xingar.

— Mas nossa casa...

— Ah! — disse Vovó, assustando-o. — Aquilo não é uma casa. É uma peneira de madeira. A chuva simplesmente passa direto por aquele lugar, molhando qualquer pobre coitado que estiver em seu caminho. Deixe a nova governanta ficar com a casa. Ela é jovem e alegre e, pelo que ouvi, uma querida. De qualquer maneira, meus velhos ossos não aguentariam outro inverno naquele lugar. Só de pensar nisso, eu me estremeço.

Gabriel tomou um gole de chá.

— Então encontraremos outro lugar, Vovó. Podemos nos mudar para outro lugar. De qualquer forma, já era hora.

— Nós? — questionou Vovó.

— Bem, vou ter que sair da escola.

Vovó se levantou.

— Você não vai fazer isso! Não por minha causa. E quem disse que precisamos encontrar outro lugar?

Lentamente, Gabriel começou a perceber que os objetos de sua cabana — o porta-ovos florido e lascado, o pano de prato xadrez vermelho e verde e até um novo par das pantufas azuis favoritas da Vovó — estavam espalhados pelo cômodo.

— Você... você está morando *aqui*?

Vovó sorriu.

— Isso mesmo. Trabalhando aqui também. Lá embaixo, no café. Lavando pratos, fazendo torradas, trabalhando naquela maldita cafeteira. O sobrinho de Harry não gostou de eu ter roubado seu emprego, mas ele está na faculdade agora, então tem outras coisas para fazer.

— Você está morando *e* trabalhando aqui? — perguntou Gabriel estupidamente. — E o sr. Hartley concorda com isso?

— Se ele concorda com isso? — Vovó riu. — Foi ideia dele.

Houve um barulho na escada e o sr. Hartley apareceu.

— Foi mesmo. Eu não ia deixá-la na rua, não é? — Ele entregou um sanduíche de linguiça para a Vovó e um de bacon para Gabriel.

— Faz apenas três meses — disse Gabriel. — Mas tudo mudou.

Vovó foi até o sr. Hartley e enganchou o braço no dele.

— Sim, muita coisa *mudou* mesmo.

Gabriel olhou para seus braços dados, chocado.

— Mas... vocês dois se odeiam!

O sr. Hartley riu.

— Nós certamente brigamos, não é?

— Bastante — respondeu Vovó.

— Mas, a meu ver — disse o sr. Hartley —, o que alguém diz não importa tanto quanto o que faz. Sua avó ficou do meu lado quando minha Maggie faleceu. O momento mais difícil da minha vida. — Ele olhou para Vovó. — Mas você me ajudou a passar por ele, não foi? Me ligava todas as noites, não importava onde estivesse morando na época.

O homenzarrão esfregou carinhosamente o braço da Vovó, que sorriu.

— E ele ficou ao meu lado durante tudo isso. Me acolheu, me alimentou e me fez rir. As brigas não são nada comparadas a tudo isso.

Ainda olhando para eles, Gabriel deu uma mordida no sanduíche.

Vovó esperou, mas como Gabriel não disse nada, ela perguntou:

— Você vai ficar bem com isso, meu querido?

A verdade era que, embora sem dúvida estivesse confuso, também estava muito feliz. Vovó nunca tivera ninguém além dele com quem contar. Agora, ao que parecia, ela tinha. E esse pensamento fez Gabriel sorrir.

— Acho que sim.

*

Naquela noite, enquanto a Vovó dormia e o sr. Hartley roncava como um trovão ao lado dela, Gabriel, todo vestido de preto, deslizou silenciosamente para a noite fria. Ele conhecia Ponte Rochosa tão bem quanto sabia bater carteiras e, graças à Criminástica, ele se moveu pelas ruas familiares com um novo tipo de graça — pulando cercas, esquivando-se de galhos baixos de árvores e andando na ponta dos pés por uma pista de obstáculos feita de brinquedos descartados em quintais.

A mansão Mercier assomava na escuridão. As luzes estavam apagadas e não saía fumaça da chaminé; claramente todos lá dentro já tinham ido dormir. Abrindo a fechadura do portão pela segunda vez

naquele dia, Gabriel se esgueirou para dentro e atravessou o gramado. Ele se encostou na parede da mansão e olhou para cima.

Ainda com preguiça de cortar as vinhas, né? Bom.

Grossas gavinhas verdes cresciam nas paredes até o terceiro andar, mas ele só precisou subir até o segundo e entrar pela pequena janela com uma fechadura defeituosa que nunca havia sido consertada.

Ele a abriu com facilidade e entrou. Em vez de usar as escadas, que rangiam como em todas as casas antigas, Gabriel saltou para o robusto corrimão e, usando as mãos para ajudar, subiu como um macaco até o terceiro andar. E ali, escondido no fundo do armário do banheiro, encontrou o anel da Vovó, uma coisa dourada enorme e abominável que poderia ser usada como um soco-inglês.

Gabriel o enfiou no bolso e estava prestes a sair quando teve uma ideia. Uma ideia maravilhosa e horrível.

Ele tampou a pia e abriu a torneira no mínimo, para que não fizesse barulho enquanto enchia. Quando a água começou a pingar pela borda, moveu o tapete para baixo da pia, para abafar o som.

Então saiu da mansão e sumiu noite adentro.

Este não será reconhecido como meu melhor trabalho, pensou Gabriel. Mas, cara, foi divertido.

Naquela noite, e pela primeira vez em semanas, ele caiu num sono feliz e sem sonhos.



CAPÍTULO VINTE E OITO



As férias de Natal passaram como um maravilhoso borrão de comida caseira, gargalhadas e provocações. Mais extraordinário ainda foi que Gabriel conseguiu dormir na maioria das noites. E, nas raras vezes que não conseguia, ele escapava e praticava suas novas habilidades nas sonolentas ruas sem saída de Ponte Rochosa, invadindo todos os tipos de casas — através de janelas, portas dos fundos e até mesmo por uma adega. Mas não roubou nada. O povo de Ponte Rochosa tinha sido cruel com ele e com a Vovó, mas ele tinha algo a perder se fosse pego agora: a chance de mudar a vida da avó.

No Natal, Gabriel ganhou um novo par de tênis pretos do sr. Hartley, que agora insistia que Gabriel o chamasse de Harry. Depois de dois dias de zombaria — “Seu nome não pode ser Harry Hartley, pode? Parece nome de super-herói. Só que um super-herói muito chato que tem o poder de fritar bacon duas vezes mais rápido que as pessoas normais” —, Gabriel cedeu.

Como presente para a Vovó, Gabriel lhe devolveu o anel de sua mãe. Ela ficou encantada a princípio, depois imediatamente desconfiada.

— Espere aí. Como você conseguiu isso, hein?

— Os Mercier disseram que se sentiam mal pela forma como tudo terminou, então trouxeram o anel de volta na semana passada.

— É mesmo? — perguntou Vovó, mas o que ela realmente queria dizer era: “Não me venha com essas bobagens.”

— Aham — confirmou Gabriel, de forma pouco convincente.

Vovó cruzou os braços.

— Sabe, meu querido, você nunca vai adivinhar o que ouvi no correio outro dia.

— O quê? — perguntou Gabriel, fingindo ler um livro da Vovó sobre os hotéis mais luxuosos do mundo.

— Foi sobre os Mercier — disse ela. — Aquele banheiro horrível do terceiro andar inundou. Dá para acreditar nisso? Eles não perceberam até de manhã, quando saíram de seus quartos e as escadas tinham se transformado em uma cachoeira. A água escorria do terceiro andar até o térreo. Eles acham que o bocal da torneira se soltou. — Vovó se aproximou um passo. Gabriel ficou muito quieto. — Mas sabe o que é mais estranho? Aconteceu na noite em que você voltou. Imagina só.

Gabriel assentiu distraidamente.

— Sim, isso *é* estranho.

— Uhum. Muito estranho *mesmo*. Se eu fosse uma pessoa desconfiada...

— O que você não é — interrompeu Gabriel, num tom agradável.

— O que não sou, obrigada. Mas se eu *fosse*, poderia pensar, levando em conta o anel devolvido e o acidente com o encanamento na mesma noite da sua chegada, que você, Gabriel Avery, estava envolvido nisso.

— Mas você não é uma pessoa desconfiada — lembrou Gabriel.

— Eu? Ah, não, de jeito nenhum. — Vovó suspirou e se virou. — Mas se eu descobrisse quem foi o responsável por essa destruição,

sabe o que eu diria? — Ela olhou por cima do ombro e sorriu. — Obrigada.

*

Gabriel recebeu seu presente de Natal da Vovó um dia antes de sua partida. Ela mandou Harry sair para resolver alguma coisa, deixando apenas os dois no confortável sofá azul da sala.

Ela começou respirando fundo:

— Tem certeza de que quer saber de tudo? Sobre seus pais, quero dizer? Tudo isso será novidade, porque você nunca perguntou...

Gabriel se inclinou para a frente.

— Estou pronto.

Vovó assentiu.

— Certo, então. — Ela se recostou no sofá. — Por onde começar, hein? Já faz muito tempo e minha memória não é mais o que era.

— Onde você os conheceu? — perguntou Gabriel.

— Eles estavam hospedados no hotel em que eu trabalhava em Londres, já lhe contei isso antes, o Palace. Eu era a camareira das suítes presidenciais. Todos os tipos de crápulas horríveis entravam e saíam daquele lugar. Mas seus pais eram diferentes. Gentis. — Vovó suspirou. — Embora, agora que sei que foi tudo uma encenação, isso já não signifique grande coisa.

— E você disse que eles lhe deram nomes falsos...

— Sim, sim, não me *apresse*. — Vovó sentou-se um pouco mais ereta. — Muitos detalhes desapareceram, mas ainda me lembro de recebê-los na suíte. Ambos eram altos e elegantes, com pele marrom como a sua. O homem era muito bonito e usava um terno cinza bem chique, e a mulher tinha uns olhos verdes brilhantes, que cintilavam. E lá estava você, agarrado nos braços dela. — Vovó segurou o rosto de Gabriel entre as mãos. — Você era uma criaturinha feia. — Ela deu uma risada aguda. — Cabeludo como nunca vi.

— Vovó — disse Gabriel, suplicante.

Ela acenou com a mão.

— Vou chegar lá. Enfim, naquele dia, me disseram que seus nomes eram Federico Guerrero e Isabella Cortes.

Gabriel não precisava anotá-los; agora que ouvira esses nomes, jamais seria capaz de esquecê-los.

— Eles disseram... qual era o *meu* nome?

Vovó o observou cuidadosamente.

— O que eu estava pensando para começar essa conversa sem uma xícara de chá? Só um minuto. — Quando voltou, ela segurava sua caneca favorita. — Não, meu querido, eles não me disseram seu nome.

— Ah... — Gabriel assentiu.

— Naquela primeira noite, soubemos que eles foram jantar na esquina, porque mais tarde foram vistos nas imagens da câmera de segurança. Na manhã seguinte, quando fui fazer a limpeza, as camas deles pareciam intocadas, como se não tivessem dormido lá. Mas aí um homem chegou ao quarto deles com a chave, então presumi que estivesse tudo certo lá na recepção e que tivessem combinado que o homem cuidaria de você. Eu podia ouvir você chorando sem parar, coitado. E achamos que ele ficou a noite toda porque... seus pais nunca mais voltaram.

— Quem era ele?

Vovó deu de ombros.

— Nunca descobrimos. Ele saiu no dia seguinte, assim que amanheceu, parecendo exausto. Presumimos que seus pais tivessem voltado em algum momento da noite. — Vovó tomou um gole de chá. — Mas, quando fui limpar o quarto, lá estava você. Completamente sozinho. Um pequeno embrulho de cobertor chorão.

Gabriel se recostou. *Então era verdade.*

— Eles simplesmente me abandonaram?

Vovó passou um braço em volta dos ombros dele.

— Não podemos ter certeza disso, podemos?

— Mas eles nunca voltaram para me buscar, não é?

Vovó ficou em silêncio por um momento.

— A polícia tentou localizá-los — disse ela por fim. — Houve um assalto nas proximidades naquela noite e a polícia estava analisando todas as imagens das câmeras de segurança na região. Eles identificaram seus pais nas imagens de um restaurante chique bem na esquina, mas, quando investigaram, não tiveram sorte. Os nomes que seus pais usaram no hotel eram falsos, então nenhum parente ou amigo pôde ser encontrado. Não tínhamos mais nenhuma pista.

“Você seria mantido em abrigos até encontrar o lar ideal. Mas a jovem policial responsável pelo caso era como eu. Nós duas tínhamos crescido em abrigos, sabíamos em que tipo de lugar você seria deixado depois. Queríamos que você tivesse uma casa o mais rápido possível. Então ela... — Vovó olhou para a porta como se, mesmo agora, alguém fosse entrar e algemá-la. — Ela providenciou para que eu tivesse sua guarda temporária, com a intenção de adotar você. Fomos embora logo depois e, ironicamente, estamos pulando de um lugar para outro desde então. Não estamos? — Vovó riu e depois deu um gole na caneca. — Não sei o que aconteceu com aquela jovem. E não tenho certeza de como ela acelerou o processo de adoção daquele jeito, mas sou realmente grata a ela.”

— Mas por quê, Vovó? — perguntou Gabriel. — Por que você ficou comigo?

— Ah, bem, essa é a pergunta mais fácil de todas — disse ela, com uma risada calorosa. — Porque você quis.

Gabriel a encarou.

— Você só parava de chorar quando estava no meu colo. E só dormia se eu estivesse por perto. Por alguma razão maravilhosamente estranha, você me adorava. E eu também passei a adorar você.

Enquanto a Vovó tomava um gole de chá com cuidado, lágrimas brotaram nos olhos de Gabriel.

— Você não precisava ter feito isso. Podia ter ficado no hotel. Podia ter deixado que me levassem embora...

— Não, meu querido — interrompeu Vovó. — Eu não podia. Um dia você vai entender. Eu fiquei encantada por aquele bebezinho feioso

no momento em que pus os olhos em você.

Gabriel riu em meio às lágrimas.

— Eu não era *tão* feio assim.

— Você era uma coisinha horrível, com cara de lobisomem — revelou Vovó. — E então se tornou a *minha* coisinha horrível com cara de lobisomem. E tem sido verdadeiramente terrível desde então!

Ainda sorrindo, Gabriel secou o rosto.

— As coisas vão melhorar de agora em diante, Vovó. Eu prometo.

— Olhe ao seu redor, meu querido — pediu ela. — Temos um teto sobre nossas cabeças, comida na barriga e um sorriso no rosto. Não pode ficar muito melhor do que isso, pode?

Não, pensou Gabriel. *Acho que não*.



CAPÍTULO VINTE E NOVE



Gabriel se despediu da avó na estação, numa manhã de domingo terrivelmente fria.

— Fique longe de encrencas, ouviu? — ordenou ela, mal conseguindo mover os lábios.

— Vou tentar.

Ele não podia prometer, exatamente, não quando todas as aulas no Instituto Trapaça tratavam de colocá-lo *em* encrenca.

A viagem de volta foi tranquila. No caminho pela floresta ao redor da ilha, Gabriel fez uma parada rápida em seu jardim em miniatura. Os Jardineiros obviamente cuidaram dos canteiros dos alunos, porque todos estavam recém-capinados e podados. Eles até reviraram partes do solo onde havia começado a congelar. O canteiro de Gabriel não era bonito nem nada, não como o de Ji-a, Mona ou Penelope, mas ele estava feliz com o resultado.

No topo do caminho, antes da descida, surgiram as telhas de terracota do Instituto Trapaça e, pela primeira vez, Gabriel sentiu-se

verdadeiramente entusiasmado por voltar à escola.

Algo pequeno e duro o acertou na nuca e caiu no chão da floresta. Uma pinha.

— Você ficou lento — gritou uma voz familiar de algum lugar no alto.

Penelope estava sentada em um galho com seu traje de corrida preto, balançando as pernas.

— Que fofa — disse Gabriel, esfregando a cabeça e partindo em direção ao lago sem ela.

Ele ouviu algo raspando e um baque, e então ela estava ao seu lado.

— Ganhou alguma coisa legal de Natal?

— Aham — respondeu Gabriel. — A verdade.

Penelope franziu a testa.

— O que isso quer dizer?

— Não é legal, né? Quando alguém responde suas perguntas pela metade.

Ela o cutucou com o cotovelo.

— Ah, vai. Que verdade?

Gabriel suspirou.

— Sobre meus pais. Descobri os nomes deles.

— Isso é maravilhoso! Agora você pode...

— Não — interrompeu Gabriel. — Não é maravilhoso. São nomes falsos. A polícia já os verificou há anos. Mas, pelo menos, tenho alguma coisa. Percebi que cada registro do arquivo de ex-alunos tem uma seção chamada “codinomes conhecidos”. Então vou começar por aí. — Gabriel parou no caminho e se virou. — Espera aí! Você estava me esperando? Essa já é a segunda vez.

— Não seja ridículo — rebateu Penelope. — Sou uma mulher muito ocupada. Por que eu esperaria por gente como *você*?

— Então o que estava fazendo?

— É domingo — respondeu ela, como se isso explicasse tudo.

E meio que explicava mesmo. Todos os domingos à tarde, Penelope fazia seu HIIT e ouvia qualquer idioma que estivesse aprendendo no

momento. Recentemente, ela havia mudado para o coreano e já conseguia manter conversas curtas com Ji-a.

— Mas é de *manhã* — observou Gabriel, enquanto pisavam no píer torto.

Penelope deu de ombros.

— Ouvi dizer que ia chover mais tarde.

— Não foi o que disse a previsão.

Penelope pigarreou.

— Mickey está vindo.

O homem magro remou a gôndola e a amarrou ao píer. Em seu traje de inverno, ele parecia um pedaço de espaguete cru usando um casaco.

— Espere aí. Isso é uma *déjà-bu* ou o quê? Vocês dois me esperando aqui, como da última vez.

Gabriel cumprimentou Mickey com um “toca aqui”. Ele se dava bem com o barqueiro magro ultimamente. Após o jantar, depois que a biblioteca fechava e antes de as luzes se apagarem, Gabriel gostava de passear pela ilha e sempre parecia voltar ao píer torto, onde encontrava Mickey. Ele era uma companhia fácil. Melhor ainda, tinha histórias do Submundo e adorava contá-las. Então Gabriel ouvia.

— Ela estava na floresta me esperando, Mickey. — Gabriel deu um suspiro teatral e subiu na gôndola. — Simplesmente não conseguiu *esperar* até eu voltar.

— Ele está falando besteira, barqueiro — disse Penelope, seguindo-o. — E é *déjà-vu*. Não, *déjà-bu*.

— Tem razão, senhorita — concordou Mickey, desamarrando-os do píer. — Mas não há vergonha nisso. Em sentir saudade de alguém, quero dizer. Há alguém de quem sinto saudade e não tenho medo de dizer.

Gabriel olhou para Penelope e, com os olhos, implorou: *Não pergunte. Não pergunte!*

— De quem? — perguntou Penelope, sem entender. Gabriel fechou os olhos e suspirou.

— Tommy, é claro — respondeu Mickey, começando a remar. — Meu tio simplesmente foi embora e me deixou aqui há *meses*. Dá para acreditar nisso? Eu deveria substituí-lo por duas semanas. *Duas semanas*, veja bem. Agora olhe para mim. Minhas mãos são praticamente de couro e minhas costas estão todas tortas. Remar esta gôndola de um lado para o outro o dia inteiro vai acabar me matando. Escreva o que estou dizendo!

— Você pelo menos teve uma folga no Natal? — perguntou Gabriel.

Mickey franziu a testa.

— Não exatamente. Sobretudo porque uma certa família que conheço — ele acenou para Penelope de um jeito discreto — gosta de recepcionar todos os bandidos e suas mães na época do Natal.

— Isso é verdade? — perguntou Gabriel a Penelope.

— Isso é coisa do meu pai — respondeu ela, num tom ríspido. — Eu odeio o Natal.

— Por quê?

— Porque a mamãe adorava.

Ela desviou o olhar e, com isso, a gôndola caiu em um silêncio desconfortável.

*

Naquela noite, o Instituto Trapaça ganhou vida novamente. O barulho animado das conversas encheu o ar, e a cozinha da escola encheu suas barrigas.

— Encontramos uma maneira de contornar a questão — foi a primeira coisa que Ade disse a Gabriel na sala comunal, mais tarde. — Lembra que a escola estava tentando impedir que eu e Ed ligássemos para casa mais de uma vez por semana?

A procura pelo arroz *jollof* da mãe deles tinha sido tão grande nas primeiras semanas do negócio, que eles precisavam “fazer encomendas” para ela pelo menos duas vezes por semana.

— Lembro.

Ede deu uma cotovelada no irmão.

— Não, eu vou contar a ele. Já falamos sobre isso.

Ade suspirou e fez um gesto com as mãos.

— Então, por segurança, o Instituto Trapaça usa bloqueadores de sinal, certo? — começou Ede, mas, quando viu o rosto inexpressivo de Gabriel, ele explicou: — Significa que os celulares e a maioria dos dispositivos de comunicação não funciona na ilha. É por isso que o único telefone que podemos usar é aquele antigo. Mas veja, eles não pensaram em outros dispositivos antigos, como rádios. O problema é que o alcance da maioria dos rádios é...

— É péssimo — intrometeu-se Ade. — Mas encontramos uma maneira de amplificá-lo. — Ele se inclinou para mais perto. — Tipo, *muito*.

— Como vocês vão contrabandear um rádio para a escola? — perguntou Gabriel. — Os Jardineiros verificam toda a nossa bagagem.

— Ah, você quer dizer como *já contrabandeamos* um? — corrigiu Ede.

Os irmãos trocaram um olhar cúmplice, depois seus olhos deslizaram para a pequena bolsa em forma de barbatana a seus pés.

— Está *dentro* da Sorrateira? — sussurrou Gabriel.

— Não, cara — disse Ade. — *É* a Sorrateira.



CAPÍTULO TRINTA



Nevou durante toda a primeira semana de volta. Em poucos dias, a ilha do Instituto Trapaça deixou de ser um paraíso de sempre-vivas e flores silvestres para se transformar em um mundo branco e cintilante. A neve caía no gramado imaculado e nos galhos do Carvalho Torto, nas varandas da mansão e nas margens do lago. O próprio lago congelou, o que alegrou Mickey — até ele descobrir que a gôndola tinha lâminas de patins retráteis, então o trabalho seguiu normalmente.

— Para um lugar que deveria ser ultrassecreto — queixou-se ele para Gabriel certa noite —, aqui tem visitantes demais. Acho que estão distribuindo aqueles cartões de identificação na estação de trem como se fossem doces.

Nos tempos livres entre as aulas, os alunos podiam patinar nos trechos próximos à margem, onde o gelo era mais espesso. Os Jardineiros montavam guarda na área de gelo mais fino, mais adiante, para o caso de alguém ser tolo o suficiente para se aventurar por lá.

Tendo crescido na escola, Penelope tinha uma desenvoltura natural no gelo e deslizava por ali, o rosto com uma expressão que combinava intensa concentração e pura alegria. Surpreendentemente, Decome também era bom. Na verdade, ele era incrível. Quase todos os Legados eram. Apenas Villette era terrível. De fato, ela se movia como se nunca tivesse calçado um par de patins na vida.

Mas, se a maioria dos Legados eram bons, Amira era algo mais. De outro mundo. Ela deslizava com uma combinação deslumbrante de velocidade e equilíbrio, seu *hijab* vermelho e dourado ligeiramente solto e ondulando atrás dela.

Enquanto isso, Gabriel e os Irmãos Crime assistiam da segurança da ilha. Todos eram péssimos nadadores, e a ideia de mergulhar naquela água congelante era suficiente para mantê-los sempre a um ou dois metros de distância do gelo.

— Olhe para ela — disse Ade, apontando para Penelope. — Acha que ela vai voltar em algum momento?

— Se eu conseguisse patinar assim — respondeu Gabriel, encostado em uma árvore —, ficaria lá para sempre.

— Dimitri também — comentou Ede, semicerrando os olhos. — Como um cara tão grande pode ser tão rápido? Não, isso não é normal.

Todos balançaram a cabeça, sem palavras diante da graciosidade do enorme garoto de óculos no gelo.

— Você ouviu o boato sobre a mãe de Penelope? — sussurrou Ede por fim.

Tudo o que Gabriel sabia era que Penelope nunca queria falar da mãe.

— Não?

Os irmãos trocaram um olhar, então Ede falou:

— Estávamos testando um bug que recriamos para Sussurro em uma das salas de aula do último andar e alguns Delinquentes Seniores estavam falando sobre isso. Parece que a mãe dela foi levada... pelos Inomináveis.

— O quê? — sussurrou Gabriel, assustado.

Ele se lembrou do que Leon tinha dito sobre Penelope. *Eu estava aqui quando tudo aquilo aconteceu com a mãe dela...*

— É verdade, cara — confirmou Ade, gesticulando para que ele falasse baixo. — E aqueles pen-drives que Sussurro vive dando a Penelope... Acharmos que são informações novas que ela encontrou sobre o desaparecimento. Pense só. O que *mais* poderia ser?

— Nós também poderíamos ajudar — falou Ede. — Então por que ela não fala nem uma palavra sobre isso com a gente?

Gabriel se virou novamente para o lago congelado.

— Ela vai. Mas, como tudo que Penelope Trapaça faz, vai ser no tempo dela.

Depois de um instante, Ade mudou de assunto:

— Alguma notícia do Leon?

Gabriel contraiu a mandíbula.

— Nada ainda.

Desde que Leon não havia aparecido para sua reunião de quarta-feira à tarde, ele estava preocupado. Quanto mais Gabriel pensava na última conversa que tiveram, mais preocupado ficava. Alguém estava tentando recrutar o rapaz. Um bando misterioso em que Leon não confiava totalmente. E se ele tivesse recusado e o tivessem levado à força? Ou pior ainda: e se o seu Confidente Criminoso tivesse aceitado a oferta do tipo errado de bando?

Ede deu um tapinha alegre em seu ombro.

— Leon vai aparecer, cara. Não se preocupe. Ele provavelmente só queria passar mais uma semana com a família. Eu também gostaria que tivéssemos ficado mais tempo. Talvez pudéssemos trazer mais uma vasilha de *jollof*.

— Você deve estar certo — disse Gabriel, tentando afastar as preocupações da cabeça.

Penelope passou zunindo, sorrindo e com as bochechas rosadas.

— Vocês contaram a ele sobre Sussurro? — perguntou ela aos gêmeos. Então se foi novamente.

— O que tem a Sussurro? — Gabriel quis saber.

— Ela quer ser nossa tutora — respondeu Ade, mexendo o pé. —
Dá para acreditar nisso?

— Achei que não teríamos tutores até o ano que vem.

Ede deu de ombros.

— Nós também achávamos. Mas ela nos perguntou e não havia a *menor chance* de recusarmos. Quero dizer, é a Sussurro, a maior hacker viva!

Os irmãos iam trocar soquinhos, mas erraram terrivelmente. Depois de vários minutos culpando um ao outro, Ade se virou para Gabriel:

— Mas faz sentido. Ela sabe que somos um lixo em todas as outras aulas. É melhor nos concentrarmos agora. Como você.

— Você não é ruim em Farsa, Ade — tentou Gabriel. — E Ede está muito melhor em Infiltração agora.

— Ouviu isso? — perguntou Ede ao irmão, orgulhoso.

— Não fique animado — disse Ade, cruel. — Ele disse *muito melhor*. Isso é como receber o prêmio de “maior evolução”. Significa que você era espetacularmente ruim e agora é menos pior.

Isso foi o suficiente. Segundos depois, eles estavam no chão, brigando. Gabriel os deixou sozinhos. Já não tentava mais separar os gêmeos quando eles brigavam — logo aprendeu que, por serem tão desajeitados, não havia nenhum perigo de eles se machucarem, apenas outras pessoas. Seus socos e chutes eram violentos, mas sempre erravam o alvo.

Foi Penelope quem enfim os separou. Não fisicamente — ela era inteligente demais para isso. Ela parou e disse apenas:

— O último a ficar de pé será arrastado para o gelo.

Ambos se levantaram, súbita e estranhamente obedientes. Resmungando algo rude sobre Legados, os gêmeos recuaram devagar e seguiram em direção ao alojamento dos Trombadinhas.

— Quantas fichas você roubou? — perguntou Gabriel a Penelope quando ficaram sozinhos.

Penelope arqueou uma sobrancelha.

— Você me viu?

Gabriel deu de ombros.

— Algumas vezes.

A menina franziu a testa e olhou para seus patins.

— Algumas vezes já é demais. Argh! — Ela olhou para ele. — Quem?

— Apenas Xavier Dobbs da 1C e Mercy Tetteh da 1A — mentiu ele.

Também tinha visto Penelope furtar os bolsos de Natalia Garcia da 1D e de Radu Vanescu da 1A, mas sabia que ela ficaria furiosa se ele lhe dissesse toda a verdade.

A margem congelada estalou quando Penelope se sentou para tirar os patins. Então ela se levantou e se encostou na árvore, de modo que eles ficaram ombro a ombro. Os outros Trombadinhas deslizavam e gritavam no lago congelado, os Jardineiros atrás deles parecendo rígidos, frios e entediados.

— O que você viu *exatamente*? — perguntou Penelope. — Não esconda nada.

Gabriel estendeu a mão. Havia quatro fichas em sua palma.

— Ei! — disse Penelope, pegando-as de volta. — Roubar de outro ladrão é falta de educação.

Gabriel riu.

— Tente dizer *isso* três vezes rápido.

Como era Penelope, ela tentou. E, como era Penelope, conseguiu de primeira.

— Então? O que você viu?

— Na verdade, não vi os furtos em si — admitiu Gabriel. — Mas sabia quando você roubava.

Ela franziu a testa.

— Como? A posição da minha mão?

Gabriel negou com a cabeça.

— Seu rosto.

Ela franziu ainda mais a testa.

— Meu *rosto*?

— Você não consegue esconder nada. Quando está prestes a furtar, você aperta os olhos em concentração. E, quando termina, você sorri.

— Eu sorrio? — Ela bufou. — Como se... eu pudesse... Eu!... *Sorrir*.

— É por isso que você é péssima em Farsa.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, Gabriel percebeu que havia cometido um erro terrível. Não se podia brincar com o fato de Penelope Trapaça ser ruim em alguma coisa sem ser bombardeado com perguntas.

— O que você quer dizer com *péssima*? De que *jeito*? E você está dizendo que meu *rosto* é o problema?

— A questão é... — disse Gabriel, quando finalmente teve a chance — Furtar alguém não é só sobre furtar. É preciso sair impune. E se você andar por aí sorrindo depois de roubar, não vai ficar impune. — Ele suspirou. — Se for pega furtando aqui, você perde alguns pontos. Mas, lá fora, pode ter sérios problemas.

— Eu sei disso.

— Não, você não *sabe* disso até realmente ter vivido. É um sentimento diferente. Tudo pode sair perfeito e ainda assim seu rosto te denunciar.

Gabriel respirou fundo, pronto para outra enxurrada de perguntas. Mas, em vez disso, Penelope disse:

— Controlar meu rosto. Certo. Vou fazer isso. — Ela olhou para as fichas na palma da mão por um momento, depois as colocou no bolso. — Sabe, no geral você está apenas dez pontos atrás de mim. — Ela franziu os lábios e deu a ele um olhar de soslaio. — Principalmente graças a esses seus dedos.

— Isso é culpa do seu pai, sabe — admitiu Gabriel. — Eu venci o jogo de memória dele uma vez e ele nunca mais me deixou jogar. Então decidi roubar todos os bolsos à vista. — Ele sorriu. — Isso ele não pode me impedir de fazer.

— Impedir você? Você acha que... ele não está te interrogando de propósito? Para evitar dar pontos a você? Isso seria injusto! — gritou Penelope, indignada.

Gabriel ergueu uma sobrancelha em desafio.

— O que você acha que ele está fazendo andando por aí com Villette? Ajudando ela, é claro. Há um motivo para ela estar apenas quinze pontos atrás de você agora, mesmo com a punição de vinte pontos. Ela é boa, mas não é *tão* boa assim.

— Por que meu pai não me escolheria, se quisesse ter certeza de que um Legado vai vencer?

Gabriel riu.

— Você é muitas coisas, Penelope Trapaça, mas não é injusta. Seu pai sabe disso. Mas nada está fora dos limites para Villette. Lembra aquela aula de História da Bandidagem? Ela estava falando de se juntar aos Inomináveis. E veja o que ela fez com Amira em Criminástica. Ela faria qualquer coisa para vencer. E seu pai deve estar ajudando. Por que outro motivo eles estariam sempre conspirando por aí?

Penelope franziu a testa e olhou para a outra margem.

— Se meu pai e Villette estão mesmo trapaceando, eu vou impedi-los.

Gabriel acenou com a cabeça em direção às fichas que agora estavam no bolso de Penelope.

— Mesmo roubando, ela está atrás de nós dois.

Ela cerrou a mandíbula.

— Seria errado quebrar um ou dois dedos da sua mão direita? Porque esse é o tipo de injustiça com o qual eu concordaria.

Gabriel riu.

— Não sou só eu que estou me aproximando de você. Os gêmeos também. Eles venceram todos os desafios da Sussurro. E Palombo ama Ji-a...

— *Tá bom* — interrompeu Penelope. Falar de Ji-a, sua maior rival na aula de Falsificação, era a maneira mais rápida de ser

interrompido. — Vamos. Estou congelando.

Ela pegou Gabriel pelo pulso e o arrastou de volta para o alojamento dos Trombadinhas.

— Leon me disse que não fazia sentido olhar para a pontuação geral até depois da Invasão — falou Gabriel, que ainda não estava pronto para abandonar o assunto dos pontos.

— Ele tem razão. Vale cinquenta pontos, lembra? Isso pode mudar tudo. — Eles se abaixaram para passar por um galho e saíram para o gramado. Pegadas serpenteavam pela fina camada de neve, indo de um lado ao outro. — Você sabia que as Invasões dos Delinquentes Juvenis e dos Delinquentes Seniores acontecem em cidades próximas? Mal posso *esperar* por isso. Mas a de todos os outros acontece aqui.

— Até dos Robins? — espantou-se Gabriel.

Penelope sorriu.

— Eles têm a Invasão mais difícil de todas: invadir o terreno do Instituto Trapaça. Até hoje, só uma pessoa conseguiu. — O sorriso dela se alargou. — Minha mãe.

— Ela *invadiu* o Instituto Trapaça? Como?

Penelope deu de ombros.

— Nem meu pai sabe. Ela nunca contou a ele.

— E você também quer fazer isso um dia, apostado.

— Eu *vou* fazer. Mas antes preciso vencer a Invasão deste ano.

— Olhe para você — comentou Gabriel. — Em pouco tempo, será Marianna Sonorov.

— Melhor, é claro. E, ao contrário de Marianna, eu *nunca* deixaria o Instituto Trapaça antes de me formar.

Gabriel parou de repente, os dedos de Penelope deslizando de seu pulso.

— Ela fez o quê?

Penelope se virou.

— Você não soube? Ela saiu para o Natal e nunca mais voltou.



CAPÍTULO TRINTA E UM

Três Trombadinhas foram pegos tentando invadir o escritório dos codiretores na primeira noite da fase de roubo da Invasão: dois Méritos e um Legado. Mais quatro foram capturados na segunda noite. Gabriel gostava de pensar que, na terceira noite, os Trombadinhas já tinham ficado mais espertos, e esse era o motivo para ninguém mais ter sido pego no resto da semana. Mas a verdade era muito mais simples: nevara incessantemente todas as noites. Assim, mesmo as Penelopes do mundo, que estavam decididas a invadir primeiro, foram forçadas a esperar até que as condições melhorassem.

Gabriel não planejava invadir tão cedo. Em vez disso, nas duas primeiras noites, ele apenas se sentou no alto de uma árvore e observou um Trombadinha após outro ser capturado. Ele viu os dois primeiros serem presos pelos Jardineiros antes mesmo de chegarem à clareira. O terceiro se esquivou bem deles, mas acionou um sensor de movimento a cinco metros da porta da frente. A segunda noite foi uma repetição exata da primeira: dois foram capturados pelos Jardineiros, dois acionaram o sensor de movimento.

De vez em quando, Gabriel ouvia um farfalhar acima e olhava para o alto, na esperança de ver o flash colorido que se revelaria ser Amira. Mas nunca era ela.

A nevasca logo pôs fim às suas missões de reconhecimento. Em vez disso, ele passava duas horas depois do jantar, todas as noites, na quente e muitas vezes deserta seção de ex-alunos da biblioteca. Era sempre impossível para ele esquecer alguma coisa, mas os nomes falsos de seus pais estavam gravados profundamente em seu cérebro. *Federico Guerrero e Isabella Cortes*. Ele os via quando fechava os olhos para tentar dormir e quando se distraía nas aulas de História da Bandidagem ou Falsificação. Às vezes, ele até se pegava evocando um rosto para combinar com cada nome. Um rosto de pele marrom com olhos cor de âmbar e cabelos castanhos ondulados para o pai. E um parecido, só que com cabelos mais compridos e olhos verdes, para a mãe. Esses devaneios eram muitas vezes interrompidos pela bibliotecária ruiva e pálida que aparecia todas as noites — às vezes com uma bebida (que, claro, ele tinha que beber fora da seção de ex-alunos), às vezes com um lanche (idem), e às vezes apenas com um sorriso.

— Você é tão dedicado assim nas outras matérias? — perguntou ela uma noite, e Gabriel teve de admitir que não. — E você não vai mesmo parar até encontrar essas pessoas?

— Não — respondeu ele, lutando contra um bocejo.

— Foi o que pensei — disse a bibliotecária com um suspiro. Ela desapareceu e voltou um momento depois com um pufe menor e mais confortável do que aqueles espalhados na ala principal da biblioteca. — Então é melhor você ter algo decente em que sentar, não é? Peguei isso na seção de professores. Sim, *há* uma seção de professores na biblioteca e isso é tudo que posso dizer sob pena de morte excruciante, então não pergunte mais nada... E achei que você ia preferir isso aos puffes dos estudantes.

Gabriel o aceitou com gratidão e sentou-se nele. Ele olhou para cima, boquiaberto.

— É como sentar em uma nuvem. Obrigado... — Então ele parou, subitamente envergonhado por não saber o nome dela.

A bibliotecária riu.

— Marie-Elise. A maioria dos Robins nem sabe meu nome. Me chamam só de “senhorita” ou de “a bibliotecária”, então estou mesmo impressionada que um Trombadinha como você agora saiba.

Gabriel sorriu.

— Obrigado, Marie-Elise.

— Devo esconder esse pufe em algum lugar onde só você e eu possamos encontrar? Assim você poderá ir buscá-lo sempre que estiver aqui.

Eles decidiram escondê-lo dentro de um dos puffes muito maiores, para três pessoas, no canto mais distante da biblioteca principal. O pufe para três pessoas estava velho e manchado e só tinha metade do enchimento de bolinhas. Além disso, Gabriel nunca tinha visto nenhum aluno ali, então era o lugar perfeito.

Depois disso, toda vez que Gabriel ia à biblioteca, ele trocava um olhar de cumplicidade com Marie-Elise, se esgueirava até o esconderijo, libertava seu pufe contrabandeado e desaparecia na seção de ex-alunos.

Agora que Gabriel estava olhando só a seção de “codinomes conhecidos” de cada arquivo de ex-alunos, sua busca se acelerou e ele passou rapidamente pelas letras E e F. Quando precisava de um descanso, ia até a biblioteca principal, se largava em um dos puffes dos alunos e observava os flocos de neve girarem, dançarem e pousarem nos galhos do Carvalho Torto.

Ade e Ede nunca o acompanhavam até a biblioteca; eles estavam muito preocupados tentando sintonizar Sorradeira na frequência certa para ligar para casa. Mas com o tempo terrível e o sinal inexistente do Instituto Trapaça, eles estavam tendo dificuldades.

Penelope o visitava algumas noites, mas só para dizer:

— Você vai mesmo me *deixar* ganhar a Invasão? — Então dava um suspiro teatral e dizia algo como: — Eu realmente pensei que você

seria meu oponente mais difícil, Avery. Está claro que me enganei.

No final de cada noite, Marie-Elise o acompanhava até a porta e perguntava como tinha sido sua busca. Todas as noites ele dava a mesma resposta:

— Nada ainda. Vejo você amanhã.

No meio da semana seguinte, Leon e Marianna ainda não tinham aparecido. Quando Gabriel perguntou a Caspian se ele sabia o que havia acontecido, tudo o que obteve foi:

— Ainda não, infelizmente. Mas não se preocupe com isso, está bem? Toda a rede de ex-alunos está trabalhando no caso. Nem mesmo os bandidos de Nível Um podem escapar dos olhinhos brilhantes do Submundo.

Mesmo assim, Gabriel não pôde deixar de pensar que algo estava muito, muito errado.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS



Na segunda semana da fase de assalto da Invasão, a neve derreteu e os Trombadinhas voltaram a tentar conquistar os cinquenta pontos. Mais quatro Trombadinhas, incluindo Lulu e Dimitri, foram eliminados. E Gabriel assistiu tudo acontecer.

A eliminação deles significava que os números estavam diminuindo, o que significava menos competição. Mas Gabriel estava muito mais interessado em saber *como* eles eram eliminados.

Lulu conseguiu contornar os Jardineiros e os sensores de movimento, porém, por mais esperta que fosse, acionou placas de pressão embaixo da janela no lado leste — Gabriel sabia que havia algo escondido sob a grama irregular e isso confirmou sua teoria.

Dimitri, por outro lado, tentou algo totalmente novo. Apesar de seu tamanho, ele era mais rápido e furtivo do que todos na 1B, exceto por Amira e Penelope, claro. Ele usou essa agilidade para subir em uma árvore próxima e deslizar por um galho grosso que se estendia

pela clareira, com a ponta pendurada sobre o escritório. Quando chegou ao fim do galho, ele pulou e pousou em silêncio na beira do telhado. Olhou de um lado para o outro e, não vendo ninguém, foi na ponta dos pés em direção à chaminé. Com cautela, olhou para baixo e enfiou a mão. Depois a retirou bruscamente.

O fogo apagou, mas os tijolos ainda estão quentes, pensou Gabriel. O que você vai fazer agora?

Dimitri fez uma pausa, obviamente para pensar. Então se moveu com cuidado até a beira do telhado. Nesse momento, o corvo que Gabriel tinha visto espreitando na clareira pousou na chaminé. Dimitri congelou.

O corvo olhou para ele e inclinou a cabeça como se estivesse curioso. Abriu a boca e de repente soltou um grito ensurdecedor. Em segundos, Jardineiros saíram de trás das árvores e Dimitri foi eliminado.

Quando Gabriel contou isso para Ade e Ede em História da Bandidagem, na manhã seguinte, os gêmeos ficaram boquiabertos.

— Ah — disse Ade. — Sussurro está num outro nível de brilhantismo. Ela criou uma *câmera-corvo*?

— Pois é — concordou Gabriel, mais preocupado do que impressionado. — Dimitri tinha chegado ao telhado não fazia nem um minuto e a câmera-corvo o flagrou. Então tudo tem que ser feito mais rápido que isso.

— Você acha que os dois olhos do corvo são câmeras ou só um? — perguntou Ede ao irmão.

— Os dois — respondeu Ade. — E aposto que têm visão 360°.

Gabriel pensou por um minuto.

— A Sorrateira tem um pulso eletromagnético embutido? Só precisa ter um pequeno alcance. Mais ou menos um metro.

Pouco a pouco, um plano se formava em sua mente.

— Aaaahhh! — exclamaram os gêmeos em coro, agora que Gabriel estava falando a língua deles.

Ade disse:

— Olhe só para você, Gabe. Aprendendo e tal.

— É claro que a Sorrateira tem um pulso eletromagnético — interrompeu Ede. — Acha que somos amadores? E é um pulso de *dois metros*.

— Sr. Avery — chamou a srta. Jericho da frente da sala. — Já que está falando, presumo que não terá dificuldade em me contar que evento infame ocorreu em 16 de setembro de 1987 na Coreia, e o que os criminosos podem aprender com isso, se é que podem aprender alguma coisa

Gabriel estremeceu. *Em 16 de setembro de 1987, três bandidos roubaram com sucesso o banco K International em Seul, Coreia. Fizeram isso em plena luz do dia, com centenas de pessoas passando, e ninguém notou nada porque atacaram ao nascer do sol, quando havia o máximo de reflexo no vidro que separava o banco da rua. Ninguém conseguia ver o que acontecia lá dentro, então ninguém sabia que um assalto estava em andamento.*

— Desculpe, senhorita — disse Gabriel. — Eu não sei.

Ele não estava disposto a revelar sua memória especial só para parecer inteligente. Já havia cometido esse erro com Caspian. Ganhara alguns pontos na hora, mas lhe custara muito mais no longo prazo, porque Caspian nunca mais tinha abordado Gabriel desde então.

A srta. Jericho apertou a mandíbula.

— Então sugiro que *preste atenção*.

No final da aula, a srta. Jericho parou Gabriel, Ade e Ede na porta.

— Algum de vocês gostaria de me dizer o que era tão urgente que tinham que conversar dentro da minha sala?

— Desculpe, senhorita — tentou Ade. — Nós não queríamos...

Ela cruzou os braços de maneira tão feroz que Ade engasgou com as palavras. Gabriel percebeu que um pedido de desculpas não seria suficiente, então contou a verdade:

— Estávamos conversando sobre a Invasão, senhorita — revelou, atraindo olhares surpresos dos gêmeos.

Os braços da srta. Jericho relaxaram.

— Então é isso.

Era uma competição para toda a escola, então ela não podia ficar exatamente brava.

— Méritos compartilhando informações. Que... colaborativo.

A srta. Jericho não tinha vergonha de mostrar seu favoritismo para com os Legados. A escolha de lecionar História da Bandidagem, disciplina em que todos os dez melhores alunos do ano eram Legados, deixava isso bem claro.

— Você ganhou uma Invasão, senhorita? — perguntou Ede com aquele seu jeito sempre curioso.

Ela soltou uma risada desagradável.

— Claro que não. Nos meus cinco anos aqui, nunca nem tentei.

Ede pareceu atordoadado.

— Mas... por que não?

— Hum, sim, entendo o espanto. Todos vocês cheiram a proatividade — disse ela com um suspiro. — Bem, nós, os reativos, saudamos vocês. Mas também pedimos gentilmente que sejam proativos o mais longe possível de nós. A história é para ser feita ou estudada, e *eu* prefiro estudar, muito obrigada.

E, com isso, ela se foi.

*

— É impressão minha — disse Ade quando voltaram à sala comunal dos Trombadinhas — ou a srta. Jericho...

— *Matilda* — interrompeu Ede, imitando o sotaque de Penelope.

— Certo — concordou Ade. — É impressão minha ou Matilda não é lá muito inteligente?

Gabriel estava sentado no peitoril da janela, olhando para as nuvens espessas acima.

— Alguma chance de vocês ainda terem um pouco de arroz *jollof*?

Ade e Ede se entreolharam e depois para Gabriel.

— Temos quatro. Por quê? Suas latas de sobras acabaram?

Gabriel suspirou.

— Decome as encontrou ontem e jogou fora. Ele fez isso porque acha que fui eu que roubei o frigobar que a mãe dele lhe deu de Natal.
— Gabriel estreitou os olhos para os gêmeos. — Sorte de vocês que ele não tem nada no espaço entre as orelhas, não é? Ou poderia ter deduzido que vocês precisavam guardar seu *jollof* em algum lugar que não seja a geladeira da nossa sala comunal.

Os gêmeos se levantaram, furiosos.

— Ele roubou *todas* as suas latas? — perguntou Ede, os olhos arregalados.

— Ah, nenhum membro do grupo dele vai ter mais nenhum *jollof* da gente! *Nunca mais* — acrescentou Ade.

— Espere aí — sussurrou Ede para o irmão. — Eles são os que mais compram.

Ade considerou a informação com cuidado.

— Ninguém do grupo dele vai ter nosso *jollof* na próxima *semana*! Isso é porque nos importamos muito com você, Gabe.

Ede acenou para o irmão, concordando, e depois se virou para Gabriel, de repente todo profissional:

— Temos de frango e picante. Qual você prefere?

— Frango — respondeu Gabriel, sentando-se na frente deles.

Ede se levantou e subiu até o armário de material de limpeza onde haviam escondido o frigobar roubado. Enquanto isso, Ade se inclinou para a frente e deu um sorriso para Gabriel.

— Prontinho. São três libras, por favor.

Gabriel franziu a testa.

— Eram duas libras há dois dias.

Ade assentiu.

— Há dois dias, restavam oito porções. Agora temos quatro. O preço subiu.

— Até para mim?

Ede reapareceu e colocou o recipiente no micro-ondas.

— Não oferecemos tratamento especial, Gabe. Somos empresários.

— Vocês são criminosos. — Gabriel enfiou a mão no bolso em busca de moedas. — E dos bons. Vou ter que pedir dinheiro emprestado a Penelope.

O micro-ondas apitou e Ede trouxe uma tigela fumegante.

— Essa foi a coisa mais gentil que alguém já nos disse, não foi, Ad?

Os irmãos trocaram um olhar e começaram a rir.

Gabriel deu uma garfada. O calor e o tempero logo o fizeram esquecer o frio lá fora.

— Quando sua mãe vai enviar a próxima remessa? Já conseguiram usar a Sorrateira para falar com ela?

Os gêmeos ficaram em silêncio. Desta vez, o olhar que trocaram foi completamente diferente. Cauteloso.

— Na verdade, Gabe, queríamos conversar com você sobre isso — disse Ade.

Gabriel parou de comer.

— O que foi?

Ede mordeu o lábio.

— Quando estávamos tentando sintonizar a Sorrateira em nossa frequência particular durante a tempestade de neve, nós... ouvimos uma coisa.

Gabriel largou o garfo.

— Ouviram uma coisa? O quê?

— Estávamos gravando para o caso de nossa mãe nos fazer alguma promessa por telefone e voltar atrás depois. Ela faz isso o tempo todo. Ed pode confirmar. De qualquer forma, nós gravamos tudo — disse Ade, enfiando a mão no bolso e tirando um gravador de voz.

Gabriel tinha visto os gêmeos o pegarem inúmeras vezes nos últimos meses, em geral quando uma nova, e sempre terrível, ideia de negócio surgia e eles queriam ter certeza de que não a esqueceriam.

Ade a colocou na mesa entre eles e apertou o play.

O áudio estalou e distorceu, então duas vozes surgiram, baixas e urgentes. Parecia uma voz de mulher e uma outra de homem.

Mulher: Como está indo aí?

Homem: A rotina está me matando. Todo dia é a mesma coisa.

Mulher: Agora não falta muito. Em breve estaremos juntos outra vez.

Homem: É só isso que me ajuda a suportar. Como você está?

Mulher: Não se preocupe comigo. Estou de volta em casa. É com você que estou preocupada, preso aí com eles.

Homem: Tem alguém vindo. Preciso ir.

Mulher: Lembre-se, é assim que vamos fazê-los pagar. Tiraremos *tudo* deles.

Homem: Uma peça de cada vez.

A gravação terminou e só houve silêncio. Por fim, Ade se inclinou para a frente.

— O que você acha, Gabe?

— Esse homem — começou Gabriel, atordado. — A voz dele parece...

Os gêmeos trocaram um olhar.

— Sim, nós sabemos — disse Ede. — O sr. Velasquez.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Durante o restante da semana, Gabriel não conseguiu se concentrar nas aulas de Pulos do Gatuno. Em vez disso, observava o sr. Velasquez com atenção. Será que seu professor favorito estava mesmo tramando alguma coisa?

Gabriel repassou a conversa em sua mente.

Mulher: Lembre-se, é assim que vamos fazê-los pagar. Tiraremos tudo deles.

Homem: Uma peça de cada vez.

É assim que vamos fazê-los pagar. Gabriel pensou nos misteriosos desaparecimentos daquele semestre — Leon e Marianna. O sr. Velasquez e aquela mulher estariam envolvidos nisso? Estariam pegando os Robins mais talentosos do Instituto Trapaça como parte de algum tipo de vingança?

Gabriel pensou em contar a Caspian, mas isso significaria que Ade e Ede teriam sérios problemas. O único tipo de comunicação

permitido entre o Instituto Trapaça e o mundo exterior era a linha segura do telefone fixo. Então, eles estarem tentando sintonizar a Sorrateira para falar com a mãe sobre *arroz*... poderia até fazer com que fossem expulsos.

A pior parte foi que os três perceberam que não poderiam contar a Penelope. Não porque o diretor era seu pai, mas porque Ade e Ede haviam quebrado uma regra. E não havia ninguém vivo que odiasse mais violação de regras do que Penelope Trapaça. Uma característica particularmente estranha para a garota que planejava ser a maior criminosa que já existiu.

*

No final do domingo, depois de passar a tarde vasculhando os arquivos dos ex-alunos com as letras G e H, Gabriel se esgueirou para a noite gelada. Apenas mais dois Trombadinhas tinham sido pegos tentando invadir o escritório dos codiretores naquela semana, ambos da 1A, e foram capturados pelos Jardineiros antes mesmo de chegarem perto.

Gabriel ziguezagueou por entre as árvores, passou pelos Jardineiros que faziam a ronda e subiu para seu novo ponto de observação. A árvore não era a mais alta nem a mais fácil de escalar, mas a folhagem era espessa o suficiente para cobri-lo e tinha uma visão direta da clareira.

Duas horas se passaram sem qualquer sinal de um Trombadinha. Então, quando uma figura pousou suavemente em um galho ao lado dele, Gabriel se assustou e deu um pulo. Uma mão se estendeu e o agarrou pela manga, salvando-o de cair no chão da floresta.

— Desculpa — disse uma voz familiar. Amira olhou para ele, os olhos verdes brilhando na escuridão.

Gabriel soltou um suspiro.

— Não ouvi você lá em cima.

Amira sorriu e deu de ombros como se dissesse: *claro que não*.

— Veio observar? — Gabriel acenou com a cabeça em direção à clareira e ao escritório silencioso, escuro e impenetrável no meio dela.

— Não — respondeu ela, abaixando-se e se sentando, com o *hijab* roxo-escuro especialmente apertado. — A noite... Eu gosto. Tão silencioso.

— Não vai tentar invadir?

Amira olhou para a clareira.

— Não. Ninguém quer... Não querem que eu ganhe.

Gabriel hesitou. Será que *devia* perguntar?

— Por causa do seu irmão?

Amira assentiu lentamente.

— E também por outros motivos. — Ela passou a mão distraidamente pela borda inferior do *hijab*.

— O que *eles* querem não importa — disse Gabriel. — *Você* quer ganhar?

Amira deu de ombros.

Então um pensamento ocorreu a Gabriel. Foi algo que Leon dissera na última vez que se encontraram.

Sozinho, você pode se tornar excepcional; juntos, vocês podem se tornar imparáveis.

— E se trabalharmos juntos? — sugeriu Gabriel.

Amira piscou.

— Eu e... você?

Gabriel sorriu.

— Por que não?

— Eu sou uma Legado... Você é um Mérito — respondeu Amira. — Além disso, a Invasão é... individual.

— Eu sei — falou Gabriel, inclinando-se para a frente, de repente empolgado. — Mas não acho que existe nenhuma regra contra isso. Não de verdade. O que você acha? Será que podemos trabalhar juntos?

Amira olhou para a clareira. Quando voltou a olhar para ele, também estava sorrindo.

— Sim.

— Perfeito — disse Gabriel. — Agora só precisamos trazer mais algumas pessoas a bordo...

*

Ade ergueu a mão.

— Pode parar por aí, Gabe. Nossa resposta é sim.

Os três estavam sentados no fundo da aula de Infiltração, uma trava de janela particularmente complicada na mesa à frente deles. Não tinha nem cinco segundos que Gabriel estava explicando por que eles deveriam se unir para a Invasão, quando os gêmeos o interromperam. Ele nem tinha começado a falar sobre como os lobos mudavam seus uivos.

— Sério? Fácil assim?

Ede lançou ao irmão um olhar astuto.

— Escuta, cara. Em qualquer coisa de tecnologia, somos como Mozart quando se trata de compor...

— Tupac quando se trata de rap... — Ade entrou na conversa.

— ...e Penelope quando se trata de falar como uma mulher de quarenta anos — concluiu Ede. — Nós somos os melhores. Mas, em todo o resto, não temos salvação.

— Então, nos juntarmos a você e Amira... — continuou Ade. — O sr. Batedor de Carteiras e a srta. Velocidade! Ah, estamos dentro!

Gabriel fez uma pausa.

— E se eu... convidar Penelope?

Os gêmeos recuaram.

— Uau, uma Legado é suficiente, cara — disse Ede.

— E você *sabe* que ela vai tentar assumir o controle — acrescentou Ade, revirando os olhos.

— Mas ela é a melhor aluna da turma — insistiu Gabriel. — Tem sido a melhor o *ano inteiro*, na verdade, e vocês sabem disso. Seria bom contar com a ajuda dela.

— Ela também é a melhor em ser *a pior* — acrescentou Ede, sem ajudar.

— Mas não importa — disse Ade, mexendo distraidamente na fechadura sobre a mesa. — Ela nunca vai concordar em se juntar ao nosso bando. Quer fazer tudo sozinha, não é?

Eles provavelmente estavam certos.

— Mas e *se* eu puder convencê-la... — Gabriel não precisou terminar a pergunta.

Ade cruzou os braços e, quando fez isso, Ede descruzou os dele.

— Primeiro, convença — declarou Ade.

Ede concordou.

— Depois a gente conversa.

*

Penelope ergueu a mão para interromper Gabriel.

— *Não. No. Non. Nyet. Ani.* Posso negar em mais idiomas, se ainda não estiver claro.

Era hora do almoço e Penelope estava rondando o escritório do pai, os olhos vagando do telhado para a porta e para a janela. Gabriel quase tinha que correr para acompanhá-la.

— Não há regras contra isso — tentou Gabriel. — Não é errado.

— Essa não é a questão — rebateu Penelope. — Não quero nem preciso da ajuda de ninguém.

— Eu sei. Mas *nós* precisamos da sua ajuda.

Os passos de Penelope desaceleraram e vacilaram. Então ela acelerou outra vez.

— Bem, isso você não pode ter.

— Amira e os gêmeos já concordaram — prosseguiu Gabriel.

Penelope soltou uma risada aguda.

— Um bando? Que absurdo.

— Não se conseguirmos invadir.

— Vocês não terão a menor chance. Vou dar conta disso muito antes que seu pequeno bando comece sequer a farejar.

— Penelope. — Gabriel parou de segui-la. — Se você fizer isso sozinha, será pega.

Penelope congelou no meio do caminho. Lentamente, ela se virou.

— O que você disse?

— Faz semanas que vejo Trombadinhas serem pegos e estive aqui verificando os recursos de segurança do escritório meses antes disso. Ninguém conseguiu sequer *entrar* ainda. Sozinho, é impossível.

— Para você, talvez — retrucou Penelope, retraída, as sobrancelhas grossas baixas sobre os olhos escuros. — Mas há coisas que sei sobre meu pai e a maneira como ele pensa...

— Sei que ele tem uma memória perfeita — admitiu Gabriel. — Então, mesmo que alguém consiga entrar, ele será capaz de dizer o que foi roubado.

Os olhos de Penelope se estreitaram.

— Como você sabe disso?

— Eu descobri. — Gabriel não disse mais nada.

Penelope balançou a cabeça.

— Não importa. Vou pensar em uma forma de contornar isso.

— Podemos pensar em algo juntos...

— Não! — gritou Penelope. — Preciso *provar a ele*, Gabriel. Preciso fazer tudo sozinha. Ou então... — Ela cerrou os punhos. Quando ergueu o rosto, havia lágrimas em seus olhos. — Se eu não conseguir fazer nem *isso*, que esperança tenho de encontrá-la?

— Penelope...

Mas ela já havia se virado e saído correndo da clareira.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



Penelope não falou com Gabriel por uma semana inteira. Ele tinha a sensação de que não era por raiva, mas por vergonha. Penelope Trapaça, a garota que sem dúvida um dia se tornaria a maior criminosa viva, tinha chorado na frente dele.

Gabriel tentou falar com ela, pedir desculpas nas aulas de Criminástica, Farsa e até em Falsificação. Mas ela trocava de lugar ou imediatamente iniciava uma conversa com a pessoa do outro lado. E Gabriel ficava em silêncio, derrotado.

Seu novo bando havia começado a planejar sua Invasão, mas eles precisavam de um quinto membro para que o plano funcionasse. Ji-a era outra opção, mas Gabriel ainda não tinha coragem de pedir a ela. Ela era talentosa e provavelmente aceitaria, mas Oh Ji-a não era Penelope Trapaça.

Mais três Trombadinhas foram pegos tentando invadir naquela semana, incluindo Dorian MacArthur da 1B. O garoto de cabelos cor

de fogo também foi o que chegou mais perto. Dorian, assim como Villette, tinha uma singularidade, por ser um Legado que foi recrutado para o Instituto Trapaça por Infiltração. Mas, ao passo que Villette podia arrombar qualquer fechadura, Dorian usava tecnologia.

Naquele caso, ele roubou um laser e uma luva de sucção da aula de Tecno-lógica e fez um buraco do seu tamanho na janela oeste. Ele passou com facilidade e pousou suavemente lá dentro — o primeiro Trombadinha a fazer isso. Mas Dorian cometeu um erro fatal: ele tinha esquecido que sua luva de sucção ainda segurava a placa de vidro circular. Quando desligou a sucção, a placa caiu e se espatifou, os pedaços deslizando pelo chão do escritório e acionando os sensores de movimento que estavam apontados para a janela oeste, a janela leste e a porta. Os Jardineiros o pegaram em segundos.

Dorian chegou perto, e Gabriel sentiu pena dele. Mas não *muita*.

Gabriel colhiera informações importantes com todos os fracassos recentes dos outros Trombadinhas em suas tentativas de Invasão, mas descobrira uma coisa particularmente importante com Dimitri.

Não havia sensor de movimento protegendo a chaminé.

*

Faltavam dez minutos para a biblioteca fechar e as palavras nos arquivos dos ex-alunos começavam a se embaralhar. Gabriel fechou o arquivo de Freddie Lonergan e bocejou. Ele o colocou de volta na estante e pegou o seguinte.

Marie-Elise enfiou a cabeça pela porta.

— Pensei ter ouvido você aqui. É domingo à noite, Gabriel. Você não tem nada melhor para fazer além de vasculhar esses arquivos antigos e chatos?

— Não — disse Gabriel honestamente. Ele não usava a voz havia horas e ela saiu como um coaxar.

Os olhos da bibliotecária se voltaram para a estante ao lado dele.

— Olha a bagunça que você fez. — Ela suspirou e fechou a porta.
— Você geralmente é muito bom em manter as coisas organizadas. Alguma coisa errada? — Ela foi até a estante e começou a arrumar os arquivos.

— Estou cansado — admitiu ele.

As horas passadas na biblioteca e as noites inteiras que passara espiando a clareira do escritório estavam começando a afetá-lo. Ao virar as páginas, seus dedos normalmente ágeis pareciam desajeitados e...

Gabriel sentou-se ereto, um nome saltando diante dele.

— Federico Guerrero!

A bibliotecária derrubou o arquivo que segurava e se virou.

— Olha só o que você me fez fazer. — Havia uma estranha selvageria, até mesmo raiva, em seus olhos. Mas logo derreteu e ficou apenas bondade. — Sinto muito, Gabriel. Você me assustou...

— Desculpe — disse ele, de repente bem acordado. — Mas eu... Acho que encontrei...

Seu coração disparou. Sim, lá estava, em Codinomes Conhecidos: *Federico Guerrero*. Nenhuma foto. Gabriel virou o arquivo e leu o nome no canto superior esquerdo.

— Luciano Lopes — disse ele em voz alta.

Seria esse o... verdadeiro nome do meu pai?

Gabriel leu o arquivo de trás para a frente, memorizando cada palavra. Então se levantou e colocou-o de volta na estante.

— Desculpe, tenho que ir.

Ele precisava contar a alguém. Não, não *a alguém*. A Penelope. Ele precisava contar a Penelope.

Gabriel saiu da sala, correu pela biblioteca vazia e desceu a escada. Ele fervilhava de energia. Quando chegou ao andar inferior, estava sem fôlego.

Que horas são? Onde ela deve estar agora? Vai saber!

Gabriel irrompeu na sala comunal dos Trombadinhas, todo bagunçado e suado. Todos ergueram os olhares de seus livros, de seus

jogos ou de suas conversas. Por um momento, não houve nenhum som além do crepitar suave do fogo na lareira. Então:

— Você não deveria estar em cima de uma árvore em algum lugar, Avery? Está na hora.

Era Decome, a luz bruxuleante do fogo fazia com que suas feições ficassem ainda mais angulosas.

Gabriel o ignorou, os olhos varrendo a sala comunal.

Amira estava aninhada em um recanto perto da janela, com um livro no colo. Gabriel correu e se ajoelhou ao lado dela.

— Amira, você viu a Penelope? É urgente.

Amira franziu a testa.

— Acho que... ela não quer...

— É sobre outra coisa.

Amira olhou pela porta.

— Ela saiu... tem dez minutos.

— Aon... — Ele se deteve no meio da palavra. Claro. Onde mais Penelope estaria àquela hora?

Gabriel agradeceu a Amira e depois saiu da sala e foi para a linha das árvores. Ele supôs que estivesse frio lá fora — as nuvens de condensação que sua respiração formava enquanto corria lhe diziam isso —, mas ele não sentia; apenas uma raiva incandescente o dominava.

Por que agora?, pensou Gabriel, enquanto se esquivava de um galho baixo. *Por que ela está tentando invadir agora?*

Gabriel chegou à beira da clareira no momento em que uma figura toda vestida de preto se afastava da segurança da linha das árvores e entrava no espaço aberto. Pela maneira como se movia — decidida, mas graciosa —, ele soube que era Penelope Trapaça.

Tarde demais.

Gabriel observou, impotente, enquanto Penelope passava pelas placas de pressão e sensores de movimento. Assim como Gabriel, ela obviamente tinha observado os outros Trombadinhas falharem. Então conhecia o único caminho que a levaria em segurança à construção de

madeira. Uma vez lá, encostou-se na parede. Gabriel pôde vê-la soltar um longo suspiro. Então ela se virou para a fechadura da janela leste, examinando-a.

Não entre aí, há sensores de movimento lá dentro!

Ela espiou pela janela e se afastou, de costas para a parede outra vez.

Bom; ela viu. Gabriel observou Penelope pensando, pensando e pensando. Ela olhou para cima. *Sim, para o telhado.* Gabriel hesitou. Estava mesmo torcendo por ela?

Seus olhos percorreram a borda do telhado, procurando um bom apoio para se pendurar.

Algo pequeno, preto e não totalmente vivo entrou voando na clareira. A câmera-corvo pousou no telhado em silêncio, recolheu as asas e olhou ao redor.

Penelope parecia ter estabelecido uma rota de subida até o telhado. Ela estendeu a mão para seu primeiro apoio.

Se ela subir naquele telhado, será o fim. Gabriel deu um passo à frente. Então se lembrou do que Caspian Trapaça dissera naquele primeiro dia.

O fracasso recorrente humilha até o mais arrogante. Então deixe-a falhar.

Penelope quisera aquilo: seguir sozinha, provar seu valor ao pai. Gabriel a alertara de que não era possível vencer sozinho. Nem mesmo para ela. Mas Penelope o havia ignorado. Como sempre. Ele deveria deixá-la falhar e vencer a Invasão com Ade, Ede e Amira.

Era isso que *deveria* fazer.

Antes que Penelope pudesse subir pela parede, Gabriel estava lá, com a mão em sua boca e um dedo nos próprios lábios. Ela congelou, os olhos arregalados. Gabriel apontou com a cabeça na direção do telhado e lentamente conduziu os dois para a parede. Ele tirou a mão da boca de Penelope, inclinou-se e pegou uma pedra.

Gabriel apontou para o lugar de onde eles tinham vindo, onde placas de pressão e sensores de movimento ocultos estavam

esperando, e sussurrou:

— Você consegue nos tirar daqui?

Penelope assentiu.

Gabriel ergueu os olhos, esperou um momento e depois atirou a pedra na direção oposta. Atingiu uma árvore e o estalo ecoou pela clareira. Uma pequena figura preta decolou do telhado e mergulhou na linha das árvores.

Gabriel e Penelope trocaram um olhar e depois correram. Eles saltaram sobre placas de pressão e desviaram dos sensores de movimento tão rápido que Gabriel perdeu o controle dos próprios pés. A fileira das árvores os engoliu, mas eles não pararam de correr até chegarem ao alojamento.

Penelope se virou, fervendo de raiva.

— Eu não precisava ser *salva*.

— Eu sei — disse Gabriel, relaxando contra a parede. — Não foi por isso que apareci.

Penelope se empertigou um pouco.

— Então... por que você apareceu?

— Queria te contar uma coisa. — Gabriel sorriu. — Acho que encontrei meu pai.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO



A primavera chegou sem avisar. No final da semana, flores silvestres desabrocharam na floresta ao redor do Instituto Trapaça, na base das árvores e ao longo das margens do lago, enchendo o ar com um perfume inebriante e doce que animava algumas pessoas e acabava com outras.

— Não — disse Ade, cambaleando pela floresta, os olhos vermelhos e inchados. — Rinite alérgica não é brincadeira. Ed, você está bem?

Ede estava meio metro atrás, com os olhos bem fechados e as mãos estendidas à frente.

— Não consigo ver nada, cara. — Ele olhou ao redor. — Gabe. Gabe!

— Estou bem aqui — respondeu Gabriel, pegando seu pulso e o virando na direção certa.

— Acho que o plano vai ter que esperar — disse Ede. — Pelo menos até que a gente consiga enxergar de novo.

— De qualquer forma, ainda não estamos prontos — admitiu Gabriel. — Precisamos...

— Já faz uma semana — interrompeu Ade, afastando-se de uma árvore que ousou bloquear seu caminho. — Ela não quer se juntar a nós. É simples.

— Eu ainda acho...

— Penelope disse não em, tipo, setenta e oito idiomas, Gabe — interrompeu Ede. — Ela quer vencer sozinha. Vamos apenas chamar Ji-a.

Ade balançou a cabeça.

— Você salvou ela de ser pega e *ainda assim* ela não se juntou a nós. Então vamos desistir dela. De qualquer forma, Ji-a é perfeita para isso.

Gabriel suspirou. Eles provavelmente estavam certos. Já fazia mais de uma semana desde a noite em que tinha salvado Penelope e ela mal disse uma palavra a ele desde então. Quando dizia, era sempre sobre o pai dele e o que Gabriel estava planejando fazer para encontrá-lo. Nunca sobre a Invasão. Sempre que a Invasão era mencionada por pessoas ao redor deles, ela sorria e assentia, mas não dizia nada. Era como se tivesse apagado de sua memória todos os vestígios do que havia acontecido naquela noite.

Que maravilha deve ser poder esquecer, pensou Gabriel enquanto caminhavam penosamente os últimos passos até o sr. Sisman e seus jardins em miniatura.

O cabelo lilás do extravagante professor estava preso em um rabo de cavalo frouxo, as unhas pintadas de um marrom uniforme para combinar com sua túnica.

— Certo, meus queridos! Hoje é um dia muito importante. A primavera está chegando e, como disse certa vez o grande escritor Leon Tolstói: *Na primavera, no final do dia, você deve cheirar a terra*. Jardinagem é o...

— Na verdade, senhor — interrompeu Penelope —, foi Margaret Atwood quem disse isso. Tolstói disse: *A primavera é o tempo de*

planos e projetos.

Ela evitou intencionalmente o olhar de Gabriel.

Planos e projetos. Hum.

— Sim, muito bem, Tolstói era esperto. Temos certeza de que ele não disse as duas coisas? — Antes que Penelope pudesse responder, o sr. Sisman continuou: — Todos vocês fizeram um trabalho incrível cuidando de seus jardins durante um inverno muito desafiador. Alguns jardins se saíram melhor; outros, um pouco pior.

Os olhos do sr. Sisman deslizaram para o canteiro de Ade e Ede, que agora era pouco mais do que um cemitério de flores. Podia ser porque as flores que plantaram não eram resistentes o bastante e foram devastadas pela geada e pela neve. Ou, mais provavelmente, porque foram negligenciadas até a morte.

— O que vocês têm diante de vocês agora — continuou o sr. Sisman — é um reflexo direto do cuidado e do esforço que dedicaram. Vocês deveriam estar muito orgulhosos de si mesmos.

Villette girou uma pá na mão.

— Então quem venceu, senhor?

As sobrancelhas do sr. Sisman se arquearam.

— Quem venceu? Minha querida, não há vencedores e perdedores na jardinagem.

Penelope também pareceu chateada com isso.

— Mas... qual jardim é o seu favorito?

O sr. Sisman deu aquela sua risada de desenho animado.

— O meu, é claro. O seu jardim, se bem cuidado, é um reflexo da sua personalidade. Então, como o meu poderia não ser o meu favorito?

— Então tudo isso — disse Villette, gesticulando com a pá — foi por nada?

— Por *nada*? — ecoou o sr. Sisman, indignado. — Minha querida, você criou um autorretrato em forma de flora. Foi preciso muita paciência e disciplina!

Era verdade que cada jardim se assemelhava ao seu jardineiro. Gabriel não tinha notado isso antes, mas agora estava perfeitamente claro. O de Villette era selvagem e luminoso, com flores silvestres e ervas daninhas crescendo ao lado de campânulas e papoulas. O de Penelope estava cheio de flores como rosas e margaridas, todas podadas com perfeição e organizadas em cachos por cor. A maioria das flores que cresciam em seu jardim tinham espinhos ou folhas pontiagudas, o que era bastante apropriado.

Amira escolhera flores pequenas e de cores vivas, mas só as plantou no meio do canteiro, deixando trinta centímetros de terra entre ele e seu vizinho. Algumas de suas flores produziam sementes, que eram levadas pelo vento e lançadas para o céu.

O de Decome era composto pela flora mais vistosa, mas nada prática. Nenhuma planta ali estava acostumada ao clima da charneca e, portanto, foram todas destruídas pelo frio rigoroso daquele inverno. As poucas flores que restaram estavam organizadas em três fileiras alinhadas, mas lamentáveis. Não era justo julgar os canteiros dos gêmeos porque, bem, tudo estava morto.

— Então, na verdade, estivemos apenas *jardinando* todo esse tempo — declarou Villette. — Como exatamente isso vai ajudar a nos tornarmos criminosos melhores?

O sr. Sisman hesitou.

— Não é óbvio? — Ele olhou em volta e viu, pela perplexidade coletiva, que não era nada óbvio. — Bom, *hoje* é regar, alimentar e podar. Mas *amanhã* será pesquisar, planejar e preparar. Todos os bons criminosos valorizam a paciência e a disciplina acima de tudo. Como diz o famoso ditado: “Os bandidos impacientes muitas vezes são chamados por outro nome: presidiários.”

Villette cruzou os braços, mas ficou em silêncio.

— No entanto, se eu tivesse que escolher um favorito diferente do meu... — começou o sr. Sisman. Penelope imediatamente se animou. — Seria o jardim de alguém que me surpreendeu. Para um velho

trapaceiro como eu, isso é uma raridade. Gabriel Avery, por favor, junte-se a mim ao lado do seu jardim.

Gabriel hesitou.

— Eu, senhor?

— Sim, sim. Não precisa ficar nervoso. Venha aqui.

Então Gabriel foi. O rosto de Penelope se fechou como uma nuvem de tempestade.

O sr. Sisman colocou a mão no ombro de Gabriel. Quando ele falou, Gabriel sentiu cheiro de bala.

— Todos os outros da sua turma escolheram plantar flores. Mas você plantou legumes e verduras. Por quê?

— Porque era isso que minha avó sempre fazia — explicou Gabriel. Quando ele olhou para cima, o sr. Sisman e a 1B estavam em silêncio, esperando por mais. — Aonde quer que fôssemos, Vovó sempre plantava legumes e verduras. Às vezes no jardim, se tivéssemos um, às vezes num vaso no peitoril da janela.

Para o caso de passarmos fome, era o que ela dizia. Mas Gabriel não ia contar essa parte para a turma.

— Então nós os cozinávamos.

O sr. Sisman sorriu enfim e, com grande dificuldade, abaixou-se e cavou no canteiro de Gabriel. Ele puxou uma pequena cenoura e mostrou-a para a turma.

— Vejam! Não é maravilhoso? — Ele olhava para aquilo extasiado. — As flores são lindas, sem dúvida. Mas não se comparam aos legumes e às verduras. Por quê? Bem, se você vai dedicar meses ou anos para nutrir um jardim, certifique-se de que ele irá nutri-lo de volta. — O professor piscou, quebrando o feitiço. — É exatamente a mesma coisa em suas atividades criminosas. Paciência e disciplina não servirão de nada se você não obtiver nada. — Ele pegou a mão de Gabriel e colocou nela a pequena cenoura. — Pode não parecer muito, sr. Avery. Ouso dizer que você poderia comê-la inteira com uma única mordida. — O sr. Sisman apontou para o restante da 1B. — Mas ainda é uma mordida a mais do que qualquer outra pessoa terá hoje.

*

— Vai lá — disse Ade, dando uma cotovelada nas costelas de Gabriel enquanto eles voltavam pela floresta até a gôndola. — Ji-a está bem ali! Fale com ela.

Ji-a estava bem na frente, caminhando ao lado de Lulu e Dorian, mas parecendo bastante desconfortável. Todos sabiam que Lulu e Dorian se gostavam, mas em vez de admitir isso, preferiam caminhar um lado a lado em silêncio. Alguns alunos da 1B achavam isso fofo, a maioria achava estranho.

A maioria, é claro, estava certa. *Era* estranho.

— Você vai fazer um favor a ela — insistiu Ede, observando Lulu e Dorian com o rosto todo franzido, como se sentisse dor —, afastando-a daqueles dois. Teremos cinco anos disso? *Deles*?

— Provavelmente — opinou Gabriel. — Eles não podem terminar se nunca conversam.

Os gêmeos riram. Então arregalaram os olhos.

— Ei, ela está ficando para trás — apontou Ade.

— Ela não aguenta mais — acrescentou Ede. — Eu não a culpo. Vai lá!

Eles o empurraram para a frente. Gabriel engoliu em seco e se aproximou.

— Ji-a?

Ela se virou e o viu.

— Hum?

— Posso te perguntar uma coisa?

Ela diminuiu o passo para ficar no mesmo ritmo que ele.

— É sobre aqueles dois? Porque não ouvi nada. — Ela fez uma pausa. — Na verdade, não há *nada* para ouvir. — Ji-a abriu um sorriso com covinhas.

— Não — respondeu Gabriel, com uma risada. — Não é sobre eles. — Ele baixou a voz: — É sobre a Invasão.

Ji-a franziu as sobrancelhas escuras.

— A Invasão?

Gabriel assentiu.

— Eu quero perguntar...

Uma pessoa se enfiou entre eles.

— Do que estamos falando? — perguntou Penelope.

— Gabriel estava prestes a me fazer uma pergunta...

— É mesmo? — interrompeu Penelope. — Bom, se é a pergunta que eu acho que é, ele já me perguntou e eu disse sim, então não acho que ele vá precisar de você. Sem ofensa.

Mas pelo olhar dela, o que Penelope realmente queria dizer era: *Sim, com ofensa, e muita.*

— Você disse... *sim*? — perguntou Gabriel, enquanto Ji-a olhava para eles, confusa.

— Só depois de muita insistência de sua parte e de eu pensar muito.
— Penelope inclinou a cabeça e sorriu. — Mas sim, no fim eu concordei.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS



-Não, isso não vai acontecer — afirmou Ade, categórico.

Era depois do jantar e Gabriel, Ade, Ede, Penelope e Amira formavam um círculo fechado ao lado da clareira do escritório.

— Você disse não... em uns vinte idiomas!

— Eu... mudei de ideia — rebateu Penelope.

Ede bufou.

— Você ouviu que íamos convidar Ji-a. Foi isso que aconteceu. Muito simples.

— Isso não é verdade — protestou Penelope.

É um pouco verdade, pensou Gabriel. Mas, em vez de dizer isso, virou-se para Penelope e perguntou:

— Então por quê?

Ela olhou para o escritório banhado pela luz fraca do sol poente.

— Tudo o que fiz na última semana foi vigiar este lugar. Vi um Trombadinha atrás do outro falhar. — Ela olhou para Gabriel. — Você estava certo. É impossível invadir sozinho. Mas juntos...

Gabriel assentiu.

— Acho que conseguimos.

Penelope se animou.

— Então, como vamos fazer? Se eu fosse tentar de novo, deslizaria por aquele galho, cairia no telhado e desceria pela chaminé. Teria que ser tarde o bastante para que os tijolos do interior da chaminé tivessem esfriado, mas é a única entrada que não é coberta pelos detectores de movimento.

Então ela tinha percebido isso. Gabriel assentiu.

— Exatamente. Mas é Amira quem vai fazer essa parte. Não você.

Penelope estremeceu.

— Espere aí. Sou excelente em Criminástica.

— Você é — admitiu Gabriel. — Mas Amira é melhor.

— Ele não está errado — disse Ade.

Amira mordeu o lábio.

— Eu?

Gabriel assentiu.

— Só precisamos que um de nós entre, e você é a melhor em Criminástica. Tem que ser você.

Penelope cerrou as mãos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Por que *você* é o líder, hein? Sou muito mais adequada do que você para liderar este bando.

Os gêmeos riram. Gabriel podia ver pelos seus olhos o que estavam pensando: *Eu avisei.*

Gabriel tinha escondido a verdade o ano todo. Havia cometido um deslize uma vez, com Caspian, e isso lhe custara incontáveis pontos. Mas aqueles eram seus amigos. Não os rivais que ele achou que se tornariam. Então ele respirou fundo e disse as palavras que havia contido por muito tempo:

— Eu... me lembro bem das coisas. Bem demais, na verdade. Lembro cada detalhe de cada conversa, de cada aula, de cada matéria. Eu não tento, só meio que... acontece. Então... sim. — Ele pigarreou.

— Isso significa que posso fechar os olhos e ver cada centímetro daquele escritório na minha cabeça. Também significa que posso me lembrar de cada detalhe de cada tentativa frustrada de Invasão dos Trombadinhas. E cada detalhe daqueles que quase conseguiram. Então...

Quando seus colegas de turma nas antigas escolas descobriam sobre sua memória, antes de se afastarem, todos achavam que era a coisa mais legal do mundo. Mas ali aconteceu algo completamente diferente. Não havia surpresa, alegria nem mesmo descrença nos rostos de seus amigos. Em vez disso, os quatro se entreolharam e depois apertaram o círculo ao redor de Gabriel, dando-lhe tapinhas no ombro.

— Nossa, isso é difícil, cara — disse Ade.

— Terrível — acrescentou Penelope.

— Que sombrio — comentou Ede.

Amira assentiu em solidariedade silenciosa.

Então Gabriel entendeu. Ele simplesmente *soube* que aqueles quatro também já tinham sofrido. Porque, para aqueles que tiveram vidas difíceis, uma memória perfeita não era uma bênção. Era uma maldição.

Depois de um momento, Penelope se afastou. Ela hesitou e, por um instante, Gabriel achou que a menina ia contar a eles sobre a mãe. Mas, em vez disso, ela disse:

— Então suponho que os gêmeos vão cuidar da tecnologia. Se Amira vai tomar a frente da invasão e você está elaborando o plano...

— Ela acrescentou um pequeno revirar de olhos ao dizer isso. — O que eu vou fazer?

— Usar seu ponto forte — respondeu Gabriel.

Penelope franziu a testa.

— Não seja ridículo. Tudo se enquadra em “meu ponto forte”.

Foi a vez de os gêmeos revirarem os olhos. Gabriel a encarou como se dissesse “*é sério?*”.

Penelope suspirou.

— Tá. E qual exatamente é meu ponto forte?

Gabriel sorriu.

— *Essa* é a pergunta certa.

*

Durante toda aquela semana, o bando recém-formado se reuniu depois do jantar nas árvores ao redor da clareira e planejou sua Invasão. Quando a noite caía e eles se separavam, Gabriel ia direto para a biblioteca. Ele tinha encontrado o arquivo de seu pai. Agora precisava encontrar o de sua mãe. Com seus nomes verdadeiros, um mundo totalmente novo se abriria para ele. Um mundo em que os Irmãos Crime poderiam navegar melhor do que qualquer um.

Eles ainda não haviam tido sorte com o nome de seu pai, mas isso não era surpreendente. Todos os ex-alunos do Instituto Trapaça aprendiam a desaparecer. Mas os gêmeos conseguiram melhorar o áudio daquela conversa que interceptaram. A má notícia era que, quanto mais claro ficava o som, mais parecia o sr. Velasquez. Pelo menos para Gabriel. Os gêmeos estavam bem menos convencidos.

— Esse cara tem sotaque espanhol — disse Ade. — Assim como Velasquez. Mas é *só isso*. As vozes são totalmente diferentes. Não confunda alhos com baralhos.

— Bugalhos, cara — Ede entrou na conversa. — O ditado é alhos com *bugalhos*.

Ade franziu a testa.

— Por que seria alhos e bugalhos?

— Por que seria alhos e baralhos...

E assim começou mais uma briga Okoro.

*

O bando convocou uma reunião de emergência naquele domingo à noite, após a tentativa de Invasão de Mona Moriarty. Na noite

anterior, a Legado tinha conseguido contornar toda a segurança externa, descer pela chaminé e chegar até a pegar uma bolinha de gude na mesa de Sussurro antes que o alarme disparasse. Embora ela não tivesse conseguido, ainda havia chegado perto demais para o gosto deles.

— Se tivesse sido eu — disse Penelope, sentada em um galho baixo no limite da clareira do escritório —, nunca teria escolhido a bolinha de gude da Sussurro. Ela passa o dia todo girando-as na mão para exercitar os dedos. São muito preciosas para ela. Eu sabia que ela as protegeria de alguma forma.

Ainda estavam apenas Penelope e Gabriel. Os gêmeos, como sempre, estavam atrasados. Mas Amira também não tinha chegado, e isso era incomum.

— O que você pretendia roubar, então?

— Algo pequeno da mesa da Sussurro. Não do meu pai.

— Por quê?

Penelope suspirou.

— Se estiver faltando alguma coisa, ele *vai* notar.

— Porque ele é como eu?

Penelope assentiu, sombria.

— Imagine ter um pai que nunca esquece nada que você fez de errado. Que pode trazer o assunto à tona e humilhar você sempre que quiser. Mas está tudo bem, *porque se espera muito de um Trapaça*. — Ela suspirou. — Até demais.

— Significa que ele também se lembra de todas as coisas boas que você fez.

Penelope riu ironicamente.

— Seria realmente de se pensar que sim, não é? Mas claro que não. Quando quer, meu pai é tão bom em esquecer quanto em lembrar. Melhor, na verdade. Mamãe se foi há três anos e ele não disse o nome dela nenhuma vez.

A mão de Penelope foi inconscientemente até a fita violeta em seu cabelo.

— Foi sua mãe que te deu isso? É por isso que você a usa o tempo todo?

Penelope assentiu.

— Quando ela me vir de novo, mesmo que não reconheça meu rosto, vai reconhecer isto.

Me conte sobre ela, Penelope. Confie em mim, como eu confiei em você.

Ela pareceu voltar a si.

— Mas enfim. Como você descobriu? Sobre a memória do meu pai?

— Foi algo que ele disse há algum tempo.

A maioria acharia que é uma dádiva, sabe. Ter uma memória que nunca falha. Mas não é, certo? Quando Caspian disse essas palavras, Gabriel soube que eles compartilhavam uma maldição.

— E mesmo sabendo disso, você ainda acha que é possível roubar dele? — perguntou Penelope.

— Sim, mas é o fato de ele acreditar que *não é* que vai encaixar a última peça do nosso plano. Essa é a sua parte.

— *Qual é* a parte dela no plano? — perguntou Ade, atrasado como sempre. Ede estava apenas um passo atrás.

Gabriel olhou para a esquerda e para a direita e depois contou aos gêmeos o papel de Penelope.

— Ah! — exclamou Ede, de olhos arregalados, encarando Penelope. — Então tudo depende de você, Legado. Acha que vai funcionar?

Penelope entrelaçou os dedos, esticou os braços e sorriu, sem qualquer vestígio de dúvida agora que os gêmeos haviam chegado.

— Trabalhei nisso a semana toda. Vai funcionar. É com o restante de vocês que estou preocupada.

Ade sorriu.

— Não precisa se preocupar com a gente. Sorrateira está toda configurada e pronta para uso. Assim que Amira tiver alguns dias para praticar...

— Não — soou uma voz vindo de cima. Houve um farfalhar e Amira pousou ao lado deles silenciosamente. — Ouvi Villette falando agorinha. Ela vai... invadir amanhã à noite.

Ade bufou. Ede chutou uma árvore com força. Penelope fechou a cara, então olhou para cima.

— Vocês não acham...

— Que seu pai contou a Villette o melhor jeito de entrar? — interrompeu Gabriel. — É exatamente o que eu acho.

Penelope trincou os dentes e olhou bem nos olhos dele.

— Não podemos deixá-la entrar primeiro.

— Não, não podemos — concordou Gabriel. — É por isso que vamos agir hoje à noite.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

Toda segunda-feira, desde que a segunda fase da Invasão foi anunciada, os codiretores reuniam os Trombadinhas do lado de fora de seu escritório e lhes davam um relatório de todos aqueles que haviam sido eliminados nos sete dias anteriores. A julgar pelos olhares de pura alegria que exibiam naquelas reuniões de dez minutos, esse era o ponto alto da semana dos dois. Para Gabriel e todos os outros Trombadinhas, era um verdadeiro sofrimento.

Aquela segunda-feira não começou diferente.

— Mais quatro de vocês foram pegos esta semana — anunciou Sussurro, toda contente. Ela usava um terninho folgado roxo, e, nos olhos, sombra combinando. Seus brincos pen-drives de madrepérola brilhavam na fraca luz do sol da manhã. — Três pelos Jardineiros e um por Orwell.

A câmara-corvo, que ela batizara de Orwell, estava em seu ombro, imóvel.

— Sim, bom trabalho — disse Caspian, acenando com a cabeça para os Jardineiros, um homem e duas mulheres, que estavam de guarda atrás dos Trombadinhas reunidos.

— Agora estamos chegando à parte boa — prosseguiu Sussurro, segurando um cartão. — A chamada da vergonha. Sophia Nordstrom. Sim, você mesma. Venha aqui para a frente. Ah, desfaça essa cara feia, por favor. Nós vamos celebrar e homenagear quando vocês fizerem algo certo, mas vamos chamar sua atenção quando falharem. O justo é o justo.

Os Trombadinhas abriram passagem e a Legado de pele clara da 1C avançou. Ela ficou ao lado de Sussurro, a cabeça baixa de vergonha.

Gabriel olhou para Villette, parada bem à frente dele, observando com um sorriso especialmente doentio e angelical, como se soubesse muito bem que entraria no escritório dos diretores naquela noite. Só que...

Esse sorriso vai morrer em breve.

— Javier Serrano — chamou Sussurro. — Para a frente. Takumo Kiyosaki e Rathi Khan, vocês também. — Todos os três se esgueiraram por entre a multidão, os ombros caídos. — Ora, vamos, levantem a cabeça. Vocês falharam, tudo bem, mas pelo menos tentaram. Ainda vão falhar muito mais nos próximos quatro anos. Não há nada de errado nisso. Mas nos reservamos o direito de envergonhá-los quando acontecer. Não é, Trapaça?

Caspian se remexeu, inquieto.

— Eu não colocaria as coisas *desse jeito*, diretora. Mas concordo que é importante destacar igualmente os sucessos e os fracassos. A humildade é amiga do bandido. Se vocês aprenderem agora que o fracasso não é apenas possível, mas *provável*, serão menos descuidados em suas futuras atividades criminosas.

— Ouviram isso? — perguntou Sussurro aos quatro Trombadinhas envergonhados ao lado dela. — Lembrem-se de como se sentem e deixem que isso se torne combustível para a próxima vez. Já estive nesse mesmo lugar centenas de vezes. Nos sentimos um lixo, não é?

Todos os quatro olharam para ela, e Gabriel soube o que estavam pensando: *a maior hacker viva já esteve onde estou agora? Sério?*

— Mas sempre que estive nessa situação — continuou Sussurro —, olhei para o que tinha feito de errado e nunca mais cometi o mesmo erro. — Ela deu uma piscadela para eles. — Agora, vão embora. Considerem-se devidamente envergonhados.

Caspian se endireitou ao lado dela.

— Agora, restam apenas duas semanas para...

Gabriel levantou a mão, interrompendo Caspian no meio da frase. O homem de cabelos grisalhos franziu os lábios.

— Sim, Gabriel? Quer fazer uma pergunta?

Os olhos de todos os Trombadinhas reunidos se voltaram para ele.

— Não, senhor. — O coração de Gabriel estava acelerado. — Não é uma pergunta. É outra coisa.

Caspian assentiu.

— Muito bem. O que é?

— Ontem à noite, pouco depois das 3h da manhã, nós roubamos algo do seu escritório.

A clareira caiu em silêncio.

Os codiretores trocaram um olhar perplexo. Então Caspian soltou uma risada.

— Impossível. Verifiquei minuciosamente esta manhã e não estava faltando nada.

Gabriel tentou controlar as mãos trêmulas.

— Está sim, senhor.

Sussurro deu risada.

— O Trapaça não se engana com essas coisas, Gabriel. Vocês têm provas?

— Nós temos.

O sorriso de Caspian desapareceu. Ele cruzou os braços, levando uma das mãos ao queixo.

— Quem são *nós*?

Ade, Ede, Amira e Penelope se postaram ao lado dele.

Por um momento, Caspian ficou sem palavras, os olhos primeiro fixos na filha e depois se deslocando para Amira e os gêmeos.

— Méritos e Legados... trabalhando *juntos*. O que é isso?

— Ade, Ede — falou Sussurro, também angustiada, mas pelo motivo exatamente oposto. — Ele está falando a verdade?

— Sim — respondeu Ade. — Está, senhorita.

— Posso provar agora? — perguntou Gabriel.

Caspian assentiu, os olhos outra vez fixos em Penelope.

Ede entregou a ele algo pequeno e quadrado, embrulhado num tecido branco. Gabriel respirou fundo e o desembulhou, revelando um quadro de Matisse.

O quadro de Caspian Trapaça.

Os Trombadinhas arquejaram.

O rosto de Caspian sequer vacilou.

— É falso. O original está pendurado lá dentro. Eu o vi ainda agora.

— Não, senhor — insistiu Gabriel. — Este é o original.

Caspian se virou e desapareceu dentro do escritório. Quando voltou, tinha um quadro idêntico nas mãos e o mostrou aos Trombadinhas.

— Como eu disse, este é o original. Eu não...

Ele parou, subitamente distraído com alguma coisa atrás do quadro. Ele leu uma vez. Duas vezes. Três vezes. Então seus olhos se arregalaram.

Ele olhou para a filha.

— Você *falsificou* isto?

Penelope o encarou. Ela estava ereta, desafiadora. Orgulhosa.

— Sim, senhor.

Caspian ficou olhando por um longo momento.

— É absolutamente... extraordinário.

Foi tudo que Caspian Trapaça disse, mas foi o suficiente para fazer lágrimas brotarem nos olhos de Penelope.

— E vocês dois? — perguntou Sussurro, apontando para os gêmeos. — O que vocês fizeram?

Estranho, pensou Gabriel, *quase parece que ela está orgulhosa deles*.

Ade e Ede trocaram um sorriso e, pegando Amira, andaram no meio da multidão, com Sorrateira na mão.

— Temos tudo filmado — declarou Ade.

Ede apontou para cada Trombadinha enquanto passava.

— Observem com atenção, pessoal. Podem aprender uma coisinha ou outra aqui.

Gabriel os seguia afastado, sorrindo. Era o momento deles.

Ade e Ede colocaram Sorrateira de frente para o lado sombreado do escritório. Quando apertaram um botão, um feixe de luz saiu do dispositivo, projetando um quadrado na lateral do prédio.

Os Trombadinhas assistiram em silêncio enquanto um vídeo começava a ser reproduzido. Uma pequena figura vestida de preto apareceu, agachada em um galho de árvore, com algo debaixo do braço. Amira. Ela caminhou na ponta dos pés ao longo do galho saliente e desceu para o telhado. Num piscar de olhos, percorreu toda sua extensão e se encostou na chaminé. Olhando para dentro, depois colocando a mão nos tijolos para confirmar que estavam frios o bastante, ela passou uma corda em volta da base da chaminé e, com a mão livre trabalhando a uma velocidade imperscrutável, desceu.

Tudo levou menos de trinta segundos.

Enquanto Amira estava dentro do escritório, outra figura pousou no telhado — pequena, rígida e parecida com um corvo. Orwell olhou em volta seguindo o mesmo padrão de sempre: leste, oeste, norte, sul. Então se deslocou na direção da chaminé para espiar lá dentro, mas, antes que pudesse entrar, uma *terceira* figura entrou em cena. Sorrateira pousou atrás da câmara-corvo. Segundos depois, ativou seu pulso eletromagnético e Orwell caiu de lado. Sorrateira levantou voo e desapareceu.

— Então foi por isso que Orwell apresentou um mau funcionamento por dois minutos ontem à noite — disse Sussurro,

lançando aos gêmeos um olhar de admiração. — Inteligente, rapazes. Se demorasse mais, eu saberia que algo estava errado.

Um minuto depois, Amira colocou a cabeça para fora da chaminé. Ao ver Orwell deitado de lado, se içou para fora, com o quadro verdadeiro debaixo do braço, saltou para o galho e saiu de cena na ponta dos pés.

Duas fileiras à frente, Villette praguejou baixinho.

O quadrado ficou branco, mas Caspian ficou olhando para ele por um minuto inteiro. Então ele respirou fundo e se virou.

— Gabriel Avery, Amira Dhawan, Ade Okoro, Ede Okoro e Penelope Trapaça, vocês conseguiram invadir o local escolhido este ano, que era protegido pelo mesmo sistema de segurança do Museu DAM, na Holanda, de onde nossa célebre ex-aluna Maravel roubou a Tapeçaria Geger. — Ele mexeu o queixo como se dizer aquelas palavras doesse. — Cada um de vocês receberá cinquenta pontos.

Ade e Ede tentaram um “toca aqui” animado, enquanto Penelope e Amira gritaram e se abraçaram.

— Além disso — continuou Caspian —, cada um de vocês ganha o direito de me fazer uma única pergunta. Uma que devo responder com sinceridade, desde que respondê-la não coloque o Instituto Trapaça ou seus ex-alunos em perigo.

Ele encarou um por um e, pela primeira vez desde que Gabriel havia chegado ao Instituto Trapaça, viu raiva de verdade nos olhos do diretor.

— Aconselho vocês a usarem-na com sabedoria.



CAPÍTULO TRINTA E OITO



Quando Gabriel entrou no escritório do diretor, mais tarde naquela noite, Caspian estava sentado à sua mesa, olhando para o canto onde o verdadeiro Matisse estava pendurado outra vez. Sem dizer uma palavra, fez um gesto para Gabriel se aproximar.

— Senhor — disse Gabriel, sentando-se na poltrona de couro em frente ao diretor. — Gostaria de fazer minha pergunta.

Caspian assentiu distraidamente.

— Hum. Tenho mesmo várias perguntas que gostaria de lhe fazer, começando por: como conseguiu convencer outros quatro alunos a se juntarem a você?

— Eu lhes contei a verdade. Sobre tudo. Como seria impossível invadir este lugar sozinho. Sobre mim e minha memória.

Caspian se virou devagar.

— A verdade sobre você? Tem certeza de que *sabe* a verdade sobre você, Gabriel Avery?

Era exatamente por isso que Gabriel estava ali.

— Acho que não. É por isso que eu...

Caspian ergueu a mão.

— Antes, tenho mais perguntas. Como você conseguiu convencer minha filha a ter um papel menor do que o da srta. Dhawan?

— Ela não foi menor em nada, senhor — afirmou Gabriel. — Amira é a melhor em Criminástica do nosso ano. Talvez de toda a escola. Penelope sabe disso. — Gabriel deu de ombros. — E Penelope é a melhor do ano em Falsificação. Simplesmente fazia sentido.

— Trocar os quadros foi muito inteligente. — As palavras saíram mais como uma acusação do que como um elogio. — De onde veio essa ideia?

— Do senhor — respondeu Gabriel honestamente. Então repetiu para Caspian suas próprias palavras: — *Só o bandido mais habilidoso pode roubar sem que seu alvo perceba que algo está faltando.*

Caspian assentiu.

— As pessoas ficam felizes em ouvir conselhos, mas raramente dão ouvidos a eles. Suponho que eu deveria ficar feliz por alguém ter feito isso pela primeira vez.

— Villette não ouviu bem o bastante, senhor? — perguntou Gabriel.

Os olhos de Caspian se estreitaram.

— O que está sugerindo?

— Nada, senhor. Só percebi que vocês dois tinham muito a dizer um ao outro este ano. Eu me perguntei se talvez o senhor não vá ser o tutor dela no próximo ano.

Caspian riu.

— Certamente não. Lamento, mas a razão pela qual Villette e eu temos conversado com frequência é confidencial. Posso garantir, porém, que não tem nada a ver com trapaça. Do lado de fora destes muros, Gabriel Avery, o Submundo está em ebulição. Villette entende isso melhor do que a maioria. Isso é tudo que lhe direi sobre o

assunto. — O diretor alisou o cabelo grisalho. — Agora me diga: o que veio perguntar?

Gabriel respirou fundo.

— Sei que o senhor não me recrutou para o Instituto Trapaça só porque sou um bom batedor de carteiras. Penelope me disse que você nunca recrutou ninguém pessoalmente. Em vinte anos. Eu fui o único. E acho que sei por quê. — Gabriel se inclinou para a frente. — Você me recrutou por causa dos meus pais, não foi?

O rosto de Caspian ficou inexpressivo, ilegível. Mas onde sua pele encontrava o colarinho, um músculo se contraiu.

— Eu não o recrutei pessoalmente porque você é um bom batedor de carteiras. Eu o recrutei porque você é um batedor de carteiras *excepcional*. Talvez o melhor da sua idade que eu já...

— Luciano Lopes — interrompeu Gabriel.

Caspian se encolheu.

— Prefiro que não diga esse nome neste escritório.

— Esse é o nome do meu pai — explicou Gabriel, com a raiva crescendo. — Mas você já sabe disso. Como? *Como* você poderia saber disso, se nem eu sabia?

— Pela segurança do Instituto Trapaça e de todos os seus ex-alunos, não posso responder a sua...

Gabriel se levantou e bateu sua moeda na mesa de Caspian.

— Foi isso, não foi? É a única coisa que tenho deles. A pessoa da rede de ex-alunos que estava me observando, seja quem for, viu isso e lhe contou. Então você foi ver com seus próprios olhos. — Gabriel pegou a moeda e a estendeu para Caspian, mostrando o lado carbonizado. — O que é isso realmente? — Havia desespero em sua voz.

As mãos de Caspian tremiam.

— Gabriel, você não quer abrir esse...

— Eu *preciso* saber!

Caspian olhou para ele por um longo momento. Então suspirou, a tensão deixando seu corpo. Quando encontrou os olhos de Gabriel

outra vez, ele também parecia desesperado.

— Isso é uma Marca. É o único símbolo conhecido dos Inomináveis.

Gabriel sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

— O que... Não. Meus pais... eles não estavam com os *Inomináveis*.

— Receio que sim. Eles ainda estão, Gabriel. — Caspian se inclinou e arrancou a moeda da mão frouxa de Gabriel. — Eu já tinha visto fotos delas, mas a sua foi a primeira que vi pessoalmente. É bem apropriado. Um símbolo feio para uma organização feia. — Ele largou a Marca. — Assim que soube da moeda pelo meu contato, começamos a investigar você. Com Sussurro ao meu lado, não foi difícil. Ela mapeou toda a sua vida em alguns minutos. E quando vi que você tinha sido abandonado no mesmo hotel em que Federico Guerrero e Isabella Cortes, seus codinomes, se hospedaram antes de desaparecerem... Bem, fiquei desconfiado. E quando vi você na estação de Ponte Rochosa, não tive dúvidas. — Caspian examinou Gabriel com atenção. — São os olhos.

Gabriel caiu na poltrona outra vez.

— Mas por que... por que você me queria aqui?

Caspian abriu a gaveta e tirou um porta-retratos com moldura prateada. Lentamente, ele se virou para revelar uma mulher linda, com longos cabelos ondulados e pele marrom como a de Penelope. Ela estava sozinha e sorrindo, com a mão estendida como se quisesse bloquear a câmera. Gabriel já tinha visto o rosto dela uma vez, projetado na parede em sua primeira aula de História da Bandidagem — uma das nove que conseguiram chegar ao Nível Um. Caspian passou o polegar pela foto com carinho.

— A mãe de Penelope. Ela foi sequestrada pelos Inomináveis há três anos.

Gabriel olhou para a foto, a cabeça girando.

— Por quê? O que eles queriam?

Caspian balançou a cabeça.

— Nada. Eles nunca pediram nada. Simplesmente a levaram. Para provar que podiam me vencer.

Então Gabriel entendeu.

— Então eu sou... uma isca?

Caspian encontrou seu olhar, inabalável.

— Eu não estava mentindo quando disse que você é o melhor batedor de carteiras da sua idade que já vi. Mas sim, você também é uma isca. Eu espalhei a notícia sobre você no Submundo meses atrás. Você, Gabriel Avery, é famoso. Tenho certeza de que, a essa altura, seus pais já estão sabendo. E eles virão atrás de você.

Então Gabriel se lembrou das vozes da mulher e do homem na gravação. *Sr. Velasquez*. De repente, ele estava de pé.

— A menos que eles não tenham ficado sabendo porque *já* estavam aqui. Disfarçados.

Gabriel se virou, abriu a porta e então correu.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE



Gabriel escancarou a porta da sala do sr. Velasquez e entrou.
O professor de Pulos do Gatuno ergueu o olhar de sua mesa, atordado.

— Gabriel. Está tarde. Você deveria estar na cama.

Gabriel apenas ficou parado, encarando o professor.

O sr. Velasquez girou na cadeira.

— Ouvi dizer que você invadiu o escritório dos diretores. É por isso que está aqui? Porque não conseguiu esperar até de manhã para se exhibir...

— Luciano Lopes — disse Gabriel.

O professor ficou rígido.

— Como você conhece esse nome?

— Eu sei muito mais do que isso — afirmou Gabriel, atravessando a sala.

O sr. Velasquez fechou o livro que estava lendo.

— Por que quer saber sobre ele?

— *Ele?* — Gabriel deu uma risada. — Gravamos toda a conversa.

Gabriel mantinha o gravador escondido no bolso desde que ouvira a gravação, mas agora ele o puxou e apertou o play. O sr. Velasquez olhou fixamente para o aparelho enquanto as vozes voltavam a falar.

A gravação parou.

— Essa é a sua voz. — Gabriel guardou o gravador no bolso. — E depois de tudo que o diretor Trapaça acabou de me contar, tenho certeza de que esse homem é Luciano Lopes.

O sr. Velasquez piscou, como se tivesse saído do torpor.

— Você tem razão. Essa é a voz do Luciano.

Foi a vez de Gabriel enrijecer, prendendo a respiração.

O sr. Velasquez acrescentou baixinho:

— Mas eu não sou Luciano Lopes.

— Essa voz é...

— Não sou eu, Gabriel.

O professor pegou o telefone, desbloqueou-o e apertou o botão gravar. Então repetiu cada frase que o homem tinha dito na gravação. Quando terminou, reproduziu o arquivo. E sua voz era... não era nada parecida com a da primeira gravação.

Gabriel caiu contra a parede, como se suas pernas tivessem perdido toda a força.

O sr. Velasquez suspirou.

— Acho que sei a resposta para esta pergunta. Mas o que você tem a ver com Luciano Lopes?

Gabriel pensou que havia descoberto tudo. Achou que finalmente tinha encontrado algo em sua vida que era *verdade*. Ele queria que o sr. Velasquez fosse Luciano Lopes porque então poderia puxar o fio daquela única verdade até desvendar quem de fato era Gabriel Avery. Mas agora...

— Ele é meu pai.

O sr. Velasquez assentiu devagar.

— Entendo. — Ele soltou um longo suspiro. — Em que ano você nasceu, Gabriel?

Demorou muito até que Gabriel respondesse.

— 2009. Não sei a data exata. Algum momento entre outubro e novembro, é o que a Vovó acha. — Ele deu de ombros. — Eu escolhi 31 de outubro.

— Estive em minha cidade natal durante os anos de 2008 e 2009 inteiros — declarou o sr. Velasquez. — Para me esconder depois de um trabalho que deu errado. Tenho provas, para o caso de não acreditar em mim.

Gabriel balançou a cabeça.

— Não preciso de provas. Não é a sua voz. Percebo agora. — Gabriel encolheu os joelhos contra o peito. — Ninguém mais no Instituto Trapaça se encaixa. Então, mesmo que ele tenha estado aqui, agora se foi.

— Essa foi a única razão para você ter suspeitado de mim? Minha voz?

— Não — admitiu Gabriel. — As pessoas também disseram que nós somos... muito parecidos.

Aquilo abalou o comportamento sério do sr. Velasquez, e ele riu.

— Bem, estou lisonjeado. Mas você está em uma escola onde ensinamos os alunos a se tornarem quem quiserem. Me dê cinco minutos na aula do sr. Khan e posso me passar pelo Caspian.

Gabriel assentiu.

— Mas você me ajudou. Mesmo fora da aula. Se você fosse ele, isso faria sentido. Mas você não é. Então... por quê?

O sr. Velasquez olhou para ele por um longo momento, depois se levantou, contornou a mesa e deslizou pela parede ao lado de Gabriel.

— Porque você é talentoso, Gabriel. — Ele sorriu gentilmente. — E porque você é ávido por aprender. — Ele esticou as pernas. — Além disso, nós, Méritos, precisamos nos unir. — Os olhos do professor se arregalaram. — Ah, mas você não é um Mérito, é? Não se você for filho de Luciano.

Isso ainda não tinha passado pela cabeça de Gabriel. Mesmo agora, ele estava exausto demais para reagir.

— Você se lembra daquele garoto de quem lhe falei, o melhor batedor de carteiras que já vi?

Gabriel assentiu. *Mas ele fez todas as escolhas erradas. Se meteu com as pessoas erradas. E aquele coração bom se tornou mau.*

— Era o Luciano. Eu não o conhecia bem. Ele estava três anos abaixo de mim. — O sr. Velasquez parou. — Gostaria de saber? Posso parar se...

— Não — interrompeu Gabriel, sentando-se mais ereto. — Quero saber.

O professor assentiu.

— Bem, ele era um Mérito. Muito tímido quando era Trombadinha. Então foi colocado em uma nova turma como Malfeitor. Foi assim que conheceu Adria Vivas. Depois disso, se tornaram inseparáveis. Quando me formei, eles eram a melhor dupla que a escola já tinha visto. Ele era o mestre da Infiltração e ela era conhecida como Camaleoa.

Gabriel sentou-se ainda mais ereto, a energia inundando seu corpo outra vez. *Adria Vivas*. Ele não tinha ouvido esse nome antes. Mas sabia onde poderia procurar...

— Desculpe, senhor — disse Gabriel, levantando-se rapidamente. — Preciso verificar uma coisa.



CAPÍTULO QUARENTA



Gabriel irrompeu na biblioteca. Estava deserta, exceto por um pequeno grupo de Robins no canto mais distante.

Gabriel olhou para o relógio. *Dez minutos para fechar.* Ele olhou em volta, tentando localizar Marie-Elise. Não vendo nenhum sinal dela, correu pela área principal e abriu a porta da seção de ex-alunos. O cheiro familiar de poeira nova e cola velha o invadiu quando ele fechou a porta e passou correndo pelos arquivos.

S, T, U... V.

Adria Vivas, repetiu mentalmente enquanto começava a vasculhar as pastas. *Adria Vivas.*

Quando encontrou *Fedor Voronin*, ele parou. Então começou de novo, desta vez mais devagar. E mais uma vez, com ainda mais atenção.

— Não está aqui — disse Gabriel em voz alta. — Por que não está aqui?

— Talvez eu saiba por quê — respondeu uma voz atrás dele.

Gabriel se virou e viu a bibliotecária encostada na porta, o arquivo identificado como *Adria Vivas* na mão. Ele engoliu em seco.

— Por que... por que você está com isso?

A bibliotecária riu.

— Não posso? Afinal, é o meu arquivo.

Gabriel congelou.

— Mas Marie-Elise, você é...

Ela pôs a mão em concha na orelha.

— Uma bibliotecária? Hum. Mas as pessoas realmente não *veem* os bibliotecários. Eles apenas estão lá, os gentis e inofensivos guardiões das histórias.

Então ele percebeu. A conversa que Ade e Ede tinham gravado. As palavras da mulher: *Não se preocupe comigo. Estou de volta em casa.*

Para os ex-alunos, o Instituto Trapaça *era* sua casa.

Não era o homem que estava disfarçado, era a mulher.

Gabriel examinou o rosto de Adria Vivas. Como acontecera com o sr. Khan naquele primeiro dia da aula de Farsa, algo em seus olhos estava diferente agora. Na penumbra da seção de ex-alunos, seus olhos verdadeiros brilhavam. Verdes em vez de âmbar. Frios em vez de calorosos. Seu sorriso característico também havia desaparecido. Ela estava parada ali, alta e calma. E perigosa.

— Essas luvas que você usa — disse Gabriel, olhando para as luvas finas e pretas em suas mãos, com poeira salpicando as pontas dos dedos do material geralmente imaculado. — Não são por causa dos livros, não é? São para impedir que você deixe suas impressões digitais por toda parte.

— Bem, Trapaça tem o péssimo hábito de colocar os Jardineiros para fazer varreduras aleatórias de impressões digitais no Instituto Trapaça. Para evitar que pessoas estranhas se passem por funcionários. Eu não poderia permitir que as impressões digitais da infame Adria Vivas aparecessem na biblioteca, não é? — Ela riu. — É claro que as varreduras só funcionam se o “estranho” não souber delas. — Ela tirou uma luva. — Além disso, elas ajudaram a cobrir

isto. — Ao contrário da pele surpreendentemente branca de seu rosto e pescoço, sua mão era marrom-clara. Assim como a de Gabriel.

Ele deu um passo para trás.

— Por que... Por que está aqui?

— Não vim por sua causa, se é isso que o preocupa — respondeu ela. Até sua voz estava diferente agora. Mais baixa e rouca. — Eu vim pelos Robins, como seu amigo Leon. Bom garoto. Talvez um pouco confiante demais. — Ela sorriu. — Estávamos com falta de pessoal e, como você pode imaginar, não é exatamente fácil recrutar novos talentos quando todo o Submundo pensa que seu bando é composto de sequestradores e assassinos. Sentimos que a abordagem pessoal seria muito mais... persuasiva. — Ela apontou para Gabriel. — Você foi só uma feliz coincidência. Em mais de um sentido. — Ela levou a mão à boca num gesto teatral. — Não pude resistir.

— Ouvimos você conversando com um homem. Ele parecia estar preso, então achei que era ele quem estava disfarçado no Instituto Trapaça.

Ela inclinou a cabeça.

— Vocês ouviram, é? Aposto que foram aqueles gêmeos com quem você sempre anda. Inteligentes e intrometidos, aqueles dois. Características que, juntas, podem causar sérios problemas. — Ela sorriu. — Eu não me preocuparia. Luce não está preso em lugar nenhum. Ele está preparando um longo golpe. Você ficará sabendo pelas notícias em breve. Ou talvez não, se tudo correr bem.

As mãos de Gabriel tremiam.

— Todas as noites que estive aqui, você se sentava comigo, me trazia comida, bebida, me levava até a porta na hora de fechar... e nunca disse nada.

Ela deu de ombros e se aproximou um passo.

— Eu não sabia quem você era. Meu bando provavelmente tentou me enviar uma mensagem sobre você, mas só consegui entrar em contato com eles três vezes em um ano.

Ela deu outro passo.

— Tudo o que eu sabia era que esse garotinho doce e ingênuo estava procurando alguém que ele não tinha nenhuma esperança de encontrar. — Seu rosto ficou sombrio. — Então você encontrou o arquivo do Luciano. O choque de ouvir o nome dele... Aquilo me assustou. — Gabriel se lembrou da bibliotecária derrubando seu arquivo, da selvageria incomum em seus olhos. — Então pensei a respeito. Sobre *você*. — Adria observou Gabriel. — Você é mesmo igualzinho a Luce antes de eu fazer ele se soltar. Estranho, não é? Nenhum contato por catorze anos e ainda assim posso ver nós dois em você. Suponho que seja por isso que sempre acreditei mais na natureza do que na criação. A verdade é que quem somos é decidido no momento em que nascemos. É por isso que você acabou aqui, um bandido, como seus pais corruptos.

A cabeça de Gabriel latejava.

— Eu não *machuco* as pessoas. Só roubo porque preciso. Não sou como vocês e os Inomináveis.

Sua mãe se aproximou um passo.

— Sabe, lamento profundamente não ter dado um nome à nossa organização. Ter o Trapaça e todos os seus ex-aluninhos nos chamando de *Inomináveis* é muito pior do que qualquer nome que poderíamos ter imaginado. Se temos um nome significa que, por definição, não somos inomináveis. Não é? Ou estou equivocada? — Ela descartou a pergunta com um aceno. — Não importa. O que estou dizendo é que seu lugar é com a gente. Era o que você queria, não era? Nos encontrar. Todas essas longas noites nesta biblioteca foram por isso, não foram?

— Eu queria encontrar vocês, mas não para me juntar a vocês. Para perguntar *por quê*. — Gabriel estremeceu. — Por que vocês... me abandonaram?

Sua mãe resmungou.

— Você ainda está mesmo ressentido por isso? Foi há tanto tempo. Não podemos passar uma borracha por cima desse erro e seguir em frente?

Gabriel não conseguia falar. *Ainda ressentido por isso*. Como se não tivesse sido nada.

— Olha — disse Adria, dando mais um passo à frente, seu tom se suavizando. — Eu já fiz o que vim fazer aqui. Vou embora esta noite. Esta é sua única chance. Você não quer saber a verdade sobre nós, Luce e eu? Sobre você? Você nem sabe seu nome verdadeiro. — Ela deu outro passo lento. — Podemos te contar *tudo*. Somos os únicos que podem.

Gabriel sentiu-se dar meio passo em direção à mãe, atraído pelo poder de suas palavras. Ela estava certa: ele queria a verdade mais do que praticamente qualquer outra coisa. Adria Vivas e Luciano Lopes tinham as respostas para todas as perguntas que ele já se fizera. Bastaria dizer “ok”.

Mas agora que ela estava diante dele com aqueles olhos verdes cruéis, essas perguntas haviam desaparecido, restando apenas duas.

Sou mesmo capaz de deixar a Vovó para trás depois de tudo que ela fez por mim?

E os meus amigos?

Gabriel deu um passo para trás.

— Não posso.

Adria cerrou os dentes.

— Não *quer* saber a verdade sobre aquela noite? Não *quer* saber o verdadeiro motivo pelo qual foi deixado naquele hotel?

Eu quero. Eu quero!

— Venha comigo e contaremos tudo.

Adria estendeu a mão de pele marrom. Gabriel olhou para ela. Todas as respostas que ele sempre quis estavam ali, guardadas naquela mão que parecia igual a sua. Tudo o que ele precisava fazer era pegá-la...

Gabriel ergueu os olhos.

— Eu não vou com você.

— Essa é a escolha errada — disse sua mãe, dando mais um passo à frente e segurando o pulso dele com força.

— Ei, Gabe — gritou uma voz familiar no salão principal da biblioteca. — Onde você está?

— Ade! — gritou Gabriel. A mãe tapou sua boca com a mão, mas ele a mordeu e se soltou. — Estou aqui!

— Eu deveria saber que você estaria... — Penelope congelou ao abrir a porta e ver a cena à sua frente. — O que...

— Fique onde está — avisou Adria. Em uma das mãos, ela segurava seu arquivo. Na outra, um isqueiro. — Se derem mais um passo, vou acender isto.

Penelope recuou.

— Não! Todo o ar será sugado em segundos. Você vai sufocar.

— E ele também — afirmou Adria, apontando com a cabeça para Gabriel. — Então o que vai acontecer é o seguinte: eu vou embora. Se alguém tentar me impedir, se alguém ao menos fungar, vou acender uma pequena fogueira. Está claro?

Penelope empurrou Ade e Ede para trás. Amira também.

— Sim, tudo bem! Apenas... não faça isso.

Enquanto a mãe se encaminhava para a porta, Gabriel se espremeu contra a estante. Se ela incendiasse aquele arquivo, a única opção dele seria subir para os tubos de ventilação no teto.

Adria Vivas chegou à porta, o isqueiro agora aceso e erguido para o papel. Penelope e os outros haviam recuado tanto que ele não conseguia mais vê-los. Então sua mãe se virou.

— Até nossa próxima reunião de família. — Ela piscou. — Agora, respire fundo.

O arquivo pegou fogo.

Um alarme soou acima, e a porta interna fez um barulho e começou a se fechar. Um rugido ensurdecedor se seguiu quando o ar foi sugado pela ventilação, junto com papéis e pastas. Em meio ao barulho e ao turbilhão de páginas, Gabriel começou a subir, mas membros agitados perto da porta chamaram sua atenção.

Todos os quatro amigos estavam bloqueando a porta, braços e pernas lutando contra o poder esmagador dela. Mas aquilo era

impossível. Como eles poderiam...

Então ele viu, preso na base da porta. Sorrateira.

Gabriel saiu correndo. Eles estavam gritando, o incitando a correr mais rápido. Mas seu peito estava pesado. O ar havia sido sugado da sala, fazendo estrelas cintilarem nas bordas de sua visão.

Então mãos o pegaram, puxaram e arrastaram pela pequena abertura.

Eles caíram amontoados no chão da biblioteca. Houve um ruído nauseante de metal sendo amassado, os gêmeos desesperados gritando “Sorrateira!”, e então a porta se fechou.

Gabriel se esforçou para ficar de pé, murmurou um agradecimento rouco para os amigos e olhou para a entrada da biblioteca. Os Jardineiros já entravam correndo, mas...

Onde ela está?

Gabriel disparou novamente, as pernas pesadas, a visão ainda turva. Passou correndo pelos Jardineiros e desceu as escadas, tropeçando a cada poucos passos. Então estava do lado de fora e conseguiu respirar outra vez. A cada respiração, suas pernas ficavam mais firmes e seu ritmo acelerava.

Uma trilha de roupas descartadas levava até as árvores, então ele a seguiu.

Ele ultrapassou a linha das árvores e parou na beira do lago. A vinte metros de distância, uma figura cortava o lago calmo e plano com movimentos suaves e poderosos. A mãe dele. Uma segunda figura esperava em um jet ski. Ele era alto e usava uma roupa de mergulho preta, com o rosto coberto, exceto os olhos.

Aqueles eram os olhos de Gabriel.

Foi Amira quem chegou primeiro ao seu lado. Depois Penelope.

A mãe subiu na traseira do jet ski e se virou para a ilha. A maquiagem pálida havia desaparecido, revelando seu verdadeiro rosto de pele marrom-clara e com uma pinta distinta acima do lábio. Ao vê-lo, ela abriu um sorriso estranho. Quase como se estivesse orgulhosa por ele ter saído vivo. Os olhos cor de âmbar do homem também se

detiveram nele, só por um momento. Como se estivesse memorizando o rosto de Gabriel, tentando de alguma forma entender que tipo de vida a criança que ele abandonou tivera.

Então eles se viraram e atravessaram o lago, desaparecendo na escuridão.

— *Quem* eram aqueles dois? — perguntou Penelope, sem fôlego.

Gabriel olhou para o arquivo chamuscado, mas ainda intacto, em sua mão.

— Meus pais.



CAPÍTULO QUARENTA E UM

A pedido de Ade e Ede, eles fizeram um velório para Sorrateira. Penelope ficou especialmente irritada com isso.

— Vocês vão reconstruir ele...

— *Ela* — interrompeu Ade. — Tenha algum respeito pelos esmagados, por favor.

— Você vai reconstruir *ela* usando as mesmas peças, de qualquer maneira. Por que estamos perdendo o almoço por causa dessa bobagem?

— Sorrateira deu a vida por Gabe — declarou Ede, indignado. — Como você pode ser tão cruel com ela, hein? Ela era feita de metal, mas é você que é um robô, Penelope Trapaça!

— Pode me chamar do que quiser — retrucou Penelope. — Mas, se eu não conseguir minha bolonhesa, vou derreter Sorrateira e entregá-la à sra. Chaves para fazer um cadeado. Como *ela* se sentiria com isso?

Isso meio que encerrou o velório.

*

A notícia de que Adria Vivas havia se infiltrado no Instituto Trapaça chegou aos professores, porém a mais ninguém. Só o bando de Gabriel e os Jardineiros tinham visto alguma coisa, e era melhor assim. Yuri Malenko, um dos melhores rastreadores que Instituto Trapaça já produziu, era Jardineiro naquele ano, então Caspian o enviou atrás dos pais de Gabriel. Nas duas últimas semanas do semestre, o dobro de Jardineiros rondava o terreno à noite.

Caspian interrogou Gabriel, que contou tudo o que sabia. Nada era útil. Sua mãe havia se infiltrado na escola para recrutar os Robins mais talentosos. Ela soubera de Gabriel por puro acaso. Não havia muito mais que Gabriel pudesse dizer. Ele não sabia *como* ela havia se infiltrado, embora tivesse simulado com sucesso uma bibliotecária que estava no Instituto Trapaça havia quase dez anos. Afinal, ela era conhecida como Camaleoa por um motivo. Ou talvez sua mãe estivesse certa quando disse que ninguém realmente presta atenção nos bibliotecários.

Gabriel havia atualizado os outros quatro, enquanto estavam sentados de pernas cruzadas na clareira que haviam conquistado. Ninguém falou por vários minutos.

Então Ade, diplomático como sempre, disse:

— Então seus pais estão com os *Inomináveis*?

Gabriel confirmou. Ele e Amira trocaram um olhar. Ela era a única que entendia o que ele estava sentindo.

— Ah — disse Ede. — Isso é meio assustador, mas... também meio insano. — Penelope lançou a ele um olhar furioso. — Mas principalmente assustador.

— Mas isso ainda não acabou, não é? — perguntou Penelope ao grupo. — Os pais de Gabriel estão com os Inomináveis. O irmão de Amira também. Vocês dois gravaram as vozes deles, então eles virão atrás de vocês...

— Espere aí — interrompeu Ade. — Isso foi um acidente. Eles não podem ficar bravos com isso. Podem? — Os irmãos trocaram um olhar preocupado.

— E minha... — Penelope olhou para Gabriel. Ele assentiu de forma encorajadora. — Minha mãe foi sequestrada pelos Inomináveis há três anos. — Ela não esperou pelas reações. — Portanto, precisamos descobrir tudo sobre eles.

— Ah, finalmente ela falou! — disse Ade com um suspiro teatral.

— Achei que estaríamos todos grisalhos e enrugados quando ela admitisse — acrescentou Ede.

Ade cutucou o irmão de brincadeira.

— Acho que isso significa que ela gosta da gente agora. Ou pelo menos não nos *abomina*, nos *detesta* ou, você sabe, qualquer outra coisa que uma pessoa de quarenta anos poderia dizer.

— Todos vocês sabiam? — perguntou Penelope, parecendo mais surpresa do que zangada.

Ade, Ede e até Amira assentiram.

— Eu e Ed ouvimos falar sobre isso no início do semestre. Quando você instala escutas por toda a escola, ouve coisas. Não quisemos dizer nada porque, você sabe... — Ade deu de ombros.

Penelope se virou para Amira, que corou.

— Eu ouvi os Jardineiros conversando sobre isso enquanto estava sentada em uma árvore.

Gabriel começou a notar que o inglês de Amira havia melhorado na presença do bando, e isso o fez questionar se ela havia fingido que não era fluente para que os outros a subestimassem. Ou, pelo menos, para que não a incomodassem. Não era algo que ele fosse mencionar para a prodígio da Criminástica, mas ficou feliz com a ideia de que Amira estava relaxando e sendo ela mesma perto deles.

Penelope cutucou Gabriel no ombro com força.

— E você?

— Ade e Ede me contaram — admitiu Gabriel. — Mas agora todos nós sabemos e podemos te ajudar.

Então algo aconteceu com Penelope. Foi uma mudança muito sutil. Provavelmente apenas Gabriel, cuja maldita memória o fazia lembrar de cada detalhe de Penelope Trapaça, notou. Seus ombros relaxaram, seus olhos escuros suavizaram e ela soltou um leve suspiro. Como se compartilhar o fardo de seu segredo a tivesse deixado mais leve. E então, com a voz trêmula, ela fez uma pergunta que Gabriel nunca sonhou que ela faria:

— Vocês realmente me ajudariam?

— Quer dizer — começou Ade —, todos nós queremos saber mais sobre os Inomináveis, então não estaríamos apenas ajudando *você*... Ai!

Gabriel afastou o cotovelo das costelas de Ade e sorriu para Penelope.

— Claro que sim.

— Talvez tenhamos que quebrar algumas regras — observou Ede.

— Espiar por aí — acrescentou Ade, esfregando as costelas e olhando para Gabriel.

— Ir até áreas do Instituto Trapaça que não deveríamos visitar — concluiu Gabriel. — Você vai ficar bem com isso?

Penelope assentiu com firmeza.

— Pela mamãe, qualquer coisa.

Gabriel assentiu.

— Que bom. — Ele se levantou. — Mas agora, srta. Trapaça, você precisa reivindicar sua Copa Criminal.

No fim, Penelope venceu Gabriel por dois pontos, o que não doeu tanto quanto ele pensou que doeria. Gabriel tinha vencido a Invasão e feito sua pergunta a Caspian, o que o levou à verdade sobre seus pais. Isso bastava. Além do mais, vencer a Copa Criminal significava tudo para Penelope. Então ele bateu nos ombros dos gêmeos:

— Ano que vem será nossa.

Ade e Ede se empolgaram.

— Já escrevi meu discurso de aceitação — revelou Ede. — É assim: Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe. Se não fosse

pela venda do *jollof* dela, não teríamos sido capazes de atualizar Sorrateira e...

Ade o chutou na canela.

— Não há discurso. Desculpe, Ed. E, como seu irmão mais velho, terei que ganhar primeiro. Você sabe, para dar o exemplo.

Foi a vez de as meninas se empolgarem.

— Com licença, rapazes — disse Penelope. — Tenho uma Copa Criminal para reivindicar e meu braço-direito vem comigo.

— Isso é mesmo muito arrogante para alguém que teria perdido por quase *cinquenta pontos* se não a tivéssemos gentilmente aceitado em nosso bando — observou Ede. — Que tal um “obrigada”, hein?

— É muito difícil ensinar classe às pessoas, Ed — comentou Ade, de braços cruzados. — Ou a pessoa tem, ou não tem.

Amira deu de ombros de forma brincalhona.

— Boa sorte... no próximo ano.

Os gêmeos se entreolharam.

— Acabamos de ser zoados? — perguntou Ade.

— Acho que sim, Ad — disse Ede. — Acho que devemos proibir as duas de comprar nosso *jollof* por isso.

Com isso, as meninas se viraram e foram embora, gargalhando.

*

Depois daquele dia na biblioteca, Gabriel começou a dormir como um bebê. Não sabia exatamente por quê, mas imaginou que fosse porque agora sabia de onde tinha vindo e não queria ser parte daquilo. Adria Vivas e Luciano Lopes não eram sua família. Ele já tinha a única família de que precisava esperando por ele em um pequeno apartamento, em cima de um pequeno café, numa pequena aldeia a apenas uma curta viagem de trem de distância.

Os cinco deixaram o Instituto Trapaça ao nascer do sol de um sábado. Como sempre, os Trombadinhas faziam viagens escalonadas. Os gêmeos e Amira pegaram o trem de 7h36. O trem partiu enquanto

eles ainda gritavam promessas de reconstruir Sorrateira e voltar com o dobro de mochilas de *jollof* no próximo semestre. Amira apenas sorriu e acenou.

Penelope esperou o de 9h02 com Gabriel. Ela contou todos os seus planos para o verão, que consistiam basicamente em dominar um novo (mas muito antigo) método de escultura, praticar mergulho livre no lago e aprender coreano com fluência suficiente para insultar Ji-a sem se meter em encrencas.

Gabriel apenas ouviu. Ele não tinha nenhum plano para o verão, o que era simplesmente perfeito.

O trem chegou e Gabriel embarcou. Ele se sentou perto da janela e a abriu.

— Se estiver a fim de fazer uma visita, pode ir a Ponte Rochosa quando quiser.

Penelope arqueou as sobrancelhas, surpresa.

— Sério?

— Não espere uma mansão em uma ilha particular nem nada do tipo. Mas, sim, claro que pode.

Penelope sorriu.

— Tá bom, eu vou.

O trem se afastou de Charneca Central e de Penelope.

A viagem foi terrivelmente lenta, mas quando o trem enfim parou em Ponte Rochosa, Gabriel saltou e foi até o Café do Benson. O sino tilintou, dando-lhe as boas-vindas quando ele entrou. O lugar tinha cheiro de bacon, café e lar.

Vovó estava no balcão, com o rosto vermelho e sorrindo para um cliente. Então ela o viu.

— Meu querido! Ah, venha. Entre e sente-se. — Ela o abraçou e o conduziu escada acima antes que Harry pudesse dizer uma palavra. — Quer água? Chá?

— Água, por favor — respondeu Gabriel, caindo no sofá muito confortável. Tudo no apartamento estava maravilhosamente igual.

Vovó voltou com a água e sentou-se ao lado dele, radiante.

— Bem, vá em frente. Conte-me tudo. Aconteceu alguma coisa interessante neste semestre?

Gabriel fez que não com a cabeça.

— Interessante? Ah, na verdade, não. Estou muito feliz por estar em casa.

Vovó bateu palmas.

— Isso me lembra uma coisa. — Ela se abaixou, abriu a gaveta da mesinha de centro e tirou um cartão-postal. — Chegou isto aqui para você.

Gabriel pegou o cartão e o virou. Ficou de queixo caído. Na frente, havia uma fotografia de uma matilha de lobos empoleirada em uma pedra que se estendia sobre uma floresta densa, com os focinhos virados para cima, uivando para a lua.

Gabriel virou o cartão e leu a única linha escrita no verso.

SOZINHO, VOCÊ PODE SE TORNAR EXCEPCIONAL; JUNTOS, VOCÊS
PODEM SE TORNAR INVENCÍVEIS.

Então o alívio tomou conta de Gabriel. *Leon está vivo*. Só podia ser de Leon. Aquilo foi exatamente o que havia dito a Gabriel na noite em que uivaram juntos para a lua. Mas isso significava... Será que estava querendo dizer que *sabia* que se juntaria aos Inomináveis? Que não fora sequestrado ou enganado para se juntar a eles? Que tinha *escolhido* isso?

— É de um amigo seu? — perguntou Vovó, se aproximando.

— Um amigo? — Gabriel hesitou. — Eu... não sei.

— Não sabe se é de um amigo ou não?

Não, não é isso, pensou Gabriel. *Se Leon realmente escolheu se juntar aos Inomináveis, então ele não é meu amigo. Ele é meu inimigo.*

Mas, em vez disso, falou:

— Não reconheço a letra, só isso.

— Bem, de qualquer forma, é uma coisa estranha de se escrever, não é? — Vovó se levantou e tirou a chaleira barulhenta do fogão. — *Sozinho, você pode se tornar excepcional; juntos, vocês podem se tornar invencíveis.* — Ela estalou os dedos. — Ah! Talvez seja uma jogada publicitária. Eles estão ficando mais astutos, meu garoto. Outro dia mesmo...

As palavras da Vovó se tornaram um ruído ao fundo quando o olhar de Gabriel pousou novamente no cartão-postal. Havia outra mensagem ali, ele percebeu. Esta mensagem, porém, não foi escrita e nem precisava ser: o próprio cartão-postal dizia isso com bastante clareza.

Os Inomináveis sabiam onde Gabriel morava.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer de coração a cada pessoa que trabalhou na produção deste livro. Atuando nesta área há quatro anos, sei que publicar um livro é um verdadeiro esforço coletivo. Agradeço demais a todos vocês.

Quero deixar um agradecimento especial, porém, à minha ex-agente Josephine Hayes, que apostou em mim e no meu pequeno bando de ladrões, e ao meu atual agente, Jordan Lees, que pegou o bastão de Jo com perfeição e tem sido um farol e meu defensor número um desde então.

Também sou sinceramente grato a Lena McCauley e Nazima Abdillahi, minhas sempre entusiasmadas editoras, que têm uma paciência sem fim, por me ajudarem a transformar esta história em sua melhor versão possível. Saber que trabalharei com vocês em mais livros do Instituto Trapaça é extremamente emocionante.

A bela arte deste livro vem do incrivelmente talentoso Euan Cook, que criou uma capa cativante e mágica. Você deu vida à minha história e nunca poderei agradecer o suficiente por isso.

A Cheyenne Kotch, sem a qual eu não teria tido a ideia desta escola de crimes. A Emmanuel Antwi Bawuah e Lateef Jinadu, cujas personalidades posso ter (ligeiramente) copiado para Ade e Ede. A Peter O'Boyle, Sebastian Streeting, Alex Satterfield, Niall Smith e Theo Mefsut, cujo apoio durante esse processo foi de um valor imensurável. E para o Círculo do Caos: Lilidh Kendrick, Jasmine Horsey e Allegra Le Fanu, sua ascensão meteórica continua a me inspirar. A todos os meus amigos — sou grato por vocês existirem. E aos encantadores Annie e Alec, que leram e amaram o livro muito antes de qualquer

outra pessoa — sempre guardarei com carinho as cartas que me enviaram.

Por fim, à minha família, que tanta coisa me deu. Minha avó, Mary Williams, me deu o amor por histórias e sempre incentivou minha imaginação. Minha mãe, Jenny Arcanjo, me deu autoconfiança e amor pelas palavras. Meu irmão, Marcus Arcanjo, me deu uma sede insaciável de aprendizado (e várias cicatrizes). O companheiro de minha mãe, Mark Paine, me deu seu entusiasmo contagiante e uma crença nessa série que nunca vacilou — prometo que verei o que posso fazer para lhe conseguir uma participação especial na adaptação para a TV. E meu avô, Bryn Williams, que, quando mais precisei, me deu toda sua atenção e apoio inabalável. Sem eles, eu não estaria escrevendo meus agradecimentos no final de um livro publicado. Mas como estou, tenho a sorte de poder dizer: obrigado por tudo.

Título Original
CROOKHAVEN
The School for Thieves

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2023 por Hodder and Stoughton.

Copyright do texto © J.J. Arcanjo, 2023
Copyright ilustração © Euan Cook, 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou sob qualquer outra forma sem a prévia autorização do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MANOELA ALVES

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: setembro, 2024.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A698e

Arcanjo, J. J.

Escola de ladrões [recurso eletrônico] / J. J. Arcanjo ; ilustração Euan Cook ;
tradução Rachel Agavino. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2024.
recurso digital (Instituto trapaça ; 1)

Tradução de: Crookhaven the school for thieves

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5595-296-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Cook, Euan. II. Agavino, Rachel. III.
Título.

24-92720

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

08/07/2024 12/07/2024

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

O AUTOR

J. J. ARCANJO é um escritor luso-britânico que cresceu entre Algarve e Devon. É formado em Criminologia e Psicologia pela Aberystwyth University e tem mestrado em Escrita Criativa e Edição pela City University, de Londres. Atualmente trabalha no departamento editorial da Bloomsbury Publishing. Já publicou dois romances policiais para adultos. *Escola de ladrões* é sua estreia com o público infantojuvenil.

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Mapa](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e um](#)

[Capítulo Vinte e dois](#)

[Capítulo Vinte e três](#)

[Capítulo Vinte e quatro](#)

[Capítulo Vinte e cinco](#)

[Capítulo Vinte e seis](#)

[Capítulo Vinte e sete](#)
[Capítulo Vinte e oito](#)
[Capítulo Vinte e nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e um](#)
[Capítulo Trinta e dois](#)
[Capítulo Trinta e três](#)
[Capítulo Trinta e quatro](#)
[Capítulo Trinta e cinco](#)
[Capítulo Trinta e seis](#)
[Capítulo Trinta e sete](#)
[Capítulo Trinta e oito](#)
[Capítulo Trinta e nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e um](#)
[Agradecimentos](#)
[Créditos](#)
[O Autor](#)